UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

CELCIANE ALVES VASCONCELOS

**Estudo semântico-lexical do vocabulário setecentista
em Paranaguá**

VERSÃO CORRIGIDA

v. 1

São Paulo
2013

CELCIANE ALVES VASCONCELOS

**Estudo semântico-lexical do vocabulário setecentista
em Paranaguá**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Filologia e Língua Portuguesa da
Universidade de São Paulo, como requisito para a
obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo
Santiago Almeida

VERSÃO CORRIGIDA

v. 1

São Paulo
2013

VASCONCELOS, Celciane Alves. **Estudo semântico-lexical do vocabulário setecentista em Paranaguá.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Aprovado em: 11/03/2013

Banca Examinadora

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (Presidente) Instituição: FFLCH – USP

Assinatura: _____

Prof. Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin (Titular) Instituição: FFLCH – USP

Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Valéria Aderson de Mello Vargas (Titular) Instituição: FFLCH – USP

Assinatura: _____

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera (Titular) Instituição: UEL – Externo

Assinatura: _____

Profa. Dra. Joyce Elaine de Almeida Baronas (Titular) Instituição UEL – Externo

Assinatura: _____

*Dedico aos meus filhos Bruno e à minha bebê nascitura,
são inspiração e razão de todo meu esforço e dedicação,
mamãe vos ama.*

AGRADECIMENTOS

A Deus que derramou sua benção sobre mim, me concedendo paz de espírito e muita força de vontade, para que eu pudesse continuar sempre firme e forte nos meus propósitos.

À Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa concedida durante o doutoramento, ajuda mais que imprescindível para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Ao paciente e sábio professor Mourivaldo por toda orientação, aprendizado, amizade e confiança que depositou em meu trabalho. A você, só tenho a agradecer, obrigada.

À professora Vanderci pela dedicada participação em minha pesquisa, pelos sábios e férteis ensinamentos e pelo incentivo e apoio em momentos incertos e duvidosos.

À professora Joyce pela prontidão em aceitar fazer parte da banca de qualificação e defesa, e também pelas contribuições e instruções que só favoreceram ao enriquecimento deste trabalho.

À Fabiane, uma pessoa muito querida, que demonstrou ser uma companheira fiel nos momentos em que mais precisei. Deixou todos seus afazeres só para me acompanhar durante minha primeira viagem de pesquisa de campo. Sabia que com esta atitude me faria sentir mais segura.

Ao Ênnio, que tanto contribuiu com suas prontas e confiáveis respostas e sugestões quanto à leitura e interpretação dos manuscritos.

Ao Cláudio, outro querido amigo, com sua tranquilidade e competência colocou-se à minha disposição para ajudar no tratamento do *corpus* oral, ferramenta indispensável para a visualização e análise dos dados.

Aos meus colegas do projeto PHPP e da sala de pesquisa 169 da UEL, principalmente à Lidiane e à Rebeca, que se dispuseram a me acompanhar e a me ajudar para a realização das entrevistas no município de Paranaguá.

Aos informantes e colaboradores diretos e indiretos de Paranaguá, agradeço pelos dados fornecidos que serviram de base para a feitura desta tese.

À Kika por sua imensurável competência profissional durante a revisão e formatação da tese. Dedicção e responsabilidade são uma das qualidades que resumem o produto final de seu trabalho.

À minha querida amiga Débora, que gentilmente, por inúmeras vezes, me ofereceu pouso para que eu pudesse pernoitar e descansar das longas viagens a São Paulo.

Ao meu amado e companheiro Wagner, que por tantas vezes abdicou de seu lazer para me levar ou buscar na rodoviária e no aeroporto; ficar ao meu lado, trazendo-me água, café e lanchinho, e também me proporcionando massagens aliviadoras nos momentos em que as dores nas costas imperavam.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, em especial à minha mãe, pelo cuidado e zelo com que se dedicou ao netinho Bruno, nos momentos em que precisei me ausentar.

E, especialmente, ao meu filhinho Bruno, por entender, mesmo tão pequeno, que a mamãe precisava ficar horas a fio em silêncio, dedicando-se à tese.

“As coisas mudam no devagar depressa dos tempos”
João Guimarães Rosa

RESUMO

VASCONCELOS, Celciane Alves. **Estudo semântico-lexical do vocabulário setecentista em Paranaguá**. 2013. 604 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013. 2 v.

O objetivo geral desta tese é fazer um estudo do léxico no município de Paranaguá-PR, propondo uma discussão sobre manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso de lexias extraídas de fontes manuscritas setecentistas, datadas da mesma localidade. Para a realização deste estudo são utilizados, além dos documentos manuscritos digitalizados, dicionários da Língua Portuguesa e material oral. A base teórico-metodológica que norteia esta pesquisa é a da Dialetoлогия, mas aproxima-se também das utilizadas em pesquisas filológicas (edição de documentos), sociolinguísticas (pesquisa de campo e análise das lexias considerando células sociais) e lexicográficas (elaboração do glossário). Os objetivos específicos são: (i) traçar o panorama histórico da área estudada para auxiliar na compreensão dos aspectos socioculturais, (ii) fazer a edição semidiplomática, acompanhada da reprodução *fac-similar* dos documentos manuscritos, servindo de base para a caracterização do estado da língua setecentista; (iii) elaborar o glossário visando apresentar a definição dos itens lexicais selecionados com acepções e abonações extraídas do *corpus* escrito; (iv) investigar as lexias selecionadas por meio dos dados orais coletados com auxílio do questionário semântico-lexical, adotando para a seleção dos informantes as variáveis sociais: faixa etária, sexo, naturalidade e grau de escolaridade; e, por fim, (v) verificar, a partir das lexias testadas, o grau de manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso, em relação às acepções registradas nos documentos em questão. Tomando por base a análise do contexto de fala dos informantes de Paranaguá, constatou-se que há, no geral, a tendência ao desuso das lexias extraídas do *corpus* escrito, principalmente por parte dos informantes da primeira faixa etária. Em suma, espera-se que os resultados dessa pesquisa possam contribuir e, ao mesmo tempo, fornecer dados confiáveis aos estudos linguísticos sobre o estado de língua escrita no período setecentista e seus ecos na variedade portuguesa falada em Paranaguá e, por extensão, no Brasil.

Palavras-chave: Estudo semântico-lexical. Edição de manuscritos. Dialetoлогия. Manutenção e desuso. Português escrito e falado no Paraná.

ABSTRACT

VASCONCELOS, Celciane Alves. **Lexical-semantic study of Eighteenth Century vocabulary in Paranaguá.** 2013. 604 f. Thesis (Ph.D. in Philology and Portuguese). Faculty of Philosophy, Languages and Arts, and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo. 2013. 2 v.

The overall objective of this thesis is to study the lexicon in the city of Paranaguá-PR, proposing a discussion on maintenance, tendency to maintenance, disuse and tendency to disuse of lexicon extracted from eighteenth-century manuscript sources, dating from the same locality. For this study, in addition to scanned handwritten documents, dictionaries of Portuguese and oral material are used. The theoretical and methodological basis that guides this research is the Dialectology, but also the basis used in philological research (document editing), sociolinguistic research (field research and analysis of lexicon considering social cells) and lexicographic research (preparing the glossary). The specific objectives are: (i) to trace the historical background of the study area to assist in understanding the socio-cultural aspects, (ii) to do the semi-diplomatic editing, followed by facsimile reproduction of the handwritten documents, providing the basis for characterizing the state of eighteenth-century language, (iii) to select the lexicon to be tested in the city of Paranaguá, and, from them, to prepare the glossary seeking to present the definition of lexical items with meanings and accreditations extracted from the written *corpus*, (iv) to collect oral data with the aid of a lexical-semantic questionnaire, adopting for the selection of informants the following social variables: age, sex, place of birth and education level, and finally (v) to verify, from the lexicon tested, the level of maintenance, tendency to maintenance, disuse and tendency to disuse, regarding the meanings recorded in the documents in question. Based on the analysis of the context of the speech of informants from Paranaguá, it was found that, in general, there is a tendency to disuse of lexicon extracted from the written *corpus*, especially by the informants from the first age group. In short, it is expected that the results of this research can contribute and, at the same time, provide reliable data for linguistic studies on the state of written language during the eighteenth century and its echoes on the Portuguese variety spoken in Paranaguá and, by extension, in Brazil.

Keywords: Lexical-semantic study; Manuscripts editing; Dialectology; Maintenance and disuse; Written and spoken Portuguese in Paraná.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Capitanias hereditárias.....	25
Figura 2 –	Vista aérea do município de Paranaguá.....	38
Figura 3 –	Exemplo de tratamento do corpus escrito: listagem dos vocábulos em ordem alfabética, número de frequência e texto transcrito conforme normas exigidas do programa Léxico 3.....	105
Figura 4 –	Exemplo de tratamento do <i>corpus</i> escrito: frequência do vocábulo <i>ballandra</i> e suas ocorrências no documento manuscrito para busca das contextualizações no glossário	106
Figura 5 –	Esquema de enquadramento das variáveis.....	340

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Índice de porcentagem de ocorrência por manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso	338
Gráfico 2 – FAIXA ETÁRIA I: Porcentagem de ocorrência por manutenção	342
Gráfico 3 – FAIXA ETÁRIA I: Porcentagem de ocorrência por desuso	343
Gráfico 4 – FAIXA ETÁRIA I: Porcentagem de ocorrência por NSR.	344
Gráfico 5 – FAIXA ETÁRIA II: Porcentagem de ocorrência por manutenção	345
Gráfico 6 – FAIXA ETÁRIA II: Porcentagem de ocorrência por desuso	346
Gráfico 7 – FAIXA ETÁRIA II: Porcentagem de ocorrência por NSR.	347

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação completa dos documentos manuscritos, com especificação dos fólios, tipologia e datação.....	16
Quadro 2 – Itens lexicais selecionados para análise semântico-lexical.....	107
Quadro 3 – Quadro das variáveis: escolaridade, sexo e faixa etária	115
Quadro 4 – Perfil dos informantes.....	116
Quadro 5 – Distribuição dos itens lexicais por manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso	336
Quadro 6 – Quadro descritivo da porcentagem local das variáveis	341

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CAPÍTULO I – PERCURSO HISTÓRICO: BRASIL COLÔNIA ATÉ MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ	22
2.1	ADMINISTRAÇÃO COLONIAL	23
2.1.1	As Câmaras Municipais	27
2.2	ECONOMIA COLONIAL	30
2.2.1	Cana-de-Açúcar	30
2.2.2	Escravidão Indígena e Negreira	30
2.2.3	Mineração	30
2.2.4	Pecuária	31
2.2.5	Café	32
2.3	EXPANSÃO TERRITORIAL RUMO AO EXTREMO SUL	32
2.4	PARANÁ: SÍNTESE HISTÓRICA	34
2.5	PARANAGUÁ: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO	35
2.5.1	Povoação e Fundação de Paranaguá	36
2.5.2	Capitania de Paranaguá	40
2.5.3	Ouvidoria de Paranaguá	44
2.5.4	Economia de Paranaguá	51
2.5.5	Origem e Desfecho do Colégio dos Jesuítas em Paranaguá	55
2.5.6	Educação em Paranaguá	66
3	CAPÍTULO II – CRITÉRIOS DE EDIÇÃO DE TEXTOS	72
3.1	COMENTÁRIOS PALEOGRÁFICOS DOS MANUSCRITOS	81
3.1.1	Os Reclames	81
3.1.2	Outros Comentários	82
3.2	CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA DO SÉCULO XVIII	83
3.2.1	Ortografia	86
3.2.1.1	Consoantes duplas	87
3.2.1.2	Consoantes etimológicas	93
3.2.1.3	Alógrafos	95
3.2.1.4	Formas antigas	95
3.2.1.5	Abreviaturas	98

3.2.1.6	Numeração	100
3.2.1.7	Nasalidade.....	100
4	CAPÍTULO III – TRATAMENTO DO CORPUS ESCRITO: CRITÉRIO E SELEÇÃO DOS ITENS LEXICAIS	105
5	CAPÍTULO IV – PESQUISA DE CAMPO: PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	111
5.1	NOTAS SOBRE A LOCALIDADE.....	111
5.2	APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL.....	113
5.3	PERFIL DOS INFORMANTES.....	114
5.4	TRABALHO DE CAMPO	116
6	CAPÍTULO V – ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL.....	115
6.1	ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DAS LEXIAS INVESTIGADAS	119
6.2	DISTRIBUIÇÃO DOS ITENS LEXICAIS POR MANUTENÇÃO, TENDÊNCIA À MANUTENÇÃO, DESUSO E TENDÊNCIA AO DESUSO.....	336
6.3	ANÁLISE DAS VARIÁVEIS: FAIXA ETÁRIA, GÊNERO E ESCOLARIDADE.....	339
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	350
	REFERÊNCIAS.....	354
	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	362
	APÊNDICES	365
	ANEXOS	401

Introdução

1 INTRODUÇÃO

A ideia inicial deste trabalho surgiu do projeto interinstitucional *Para a História do Português Brasileiro* – PHPB (coordenado pelo Dr. Ataliba Teixeira de Castilho) e da necessidade de fazer um estudo histórico da língua portuguesa usada no Paraná colonial, tendo como fonte de investigação documentos manuscritos. Atualmente, é desenvolvido, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), o projeto *Para a história do português paranaense: estudos diacrônicos de manuscritos dos séculos XVII a XIX* – PHPP (coordenado pela prof.^a Dr.^a Fabiane Cristina Altino), o qual propõe uma pesquisa sobre a história do português brasileiro, baseada em documentos escritos durante os séculos XVII, XVIII e metade do século XIX, nas antigas vilas que hoje se constituem municípios do Estado do Paraná. O material utilizado pelo PHPP compõe-se de manuscritos conservados no *Arquivo do Estado de São Paulo*¹ e digitalizados em CD-ROM por iniciativa da prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera. Constitui um banco de dados referente a documentos oficiais, a maioria dos quais enviada pela Câmara dos Vereadores dessas primeiras vilas fundadas no litoral da então Capitania de São Vicente – como Paranaguá, Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Vila Nova do Príncipe e Castro – às autoridades maiores, como governadores, bispos e rei. Esta proposta de estudos pautados em registros escritos se justifica pela necessidade de recuperar, o quanto antes, um número significativo de manuscritos, oficiais ou não, à espera de uma edição confiável e de estudos linguístico-filológicos, que possam complementar as pesquisas que hoje buscam lançar luzes à história do português vernáculo brasileiro.

Com o intuito de continuar trilhando os caminhos da história do português brasileiro no Paraná, com ênfase no léxico diacrônico, para esta pesquisa procedeu-se a uma leitura prévia da coleção de manuscritos referentes à vila de Paranaguá, para depois serem selecionados 49 documentos, com um total de 80 fólios, datados entre 1721 a 1800.

Na versão digitalizada, estes manuscritos recebem a sequência numérica de 591 a 676 (quadro 1). Os fólios 618, 619, 626 e 630 foram excluídos por não pertencerem a Paranaguá, e os fólios 643 e 660 são cópias reduplicadas dos documentos 639 e 656, respectivamente. A relação completa dos documentos, com a especificação dos fólios, tipologia e datação é a seguinte:

¹ Encontram-se organizados e em bom estado de conservação.

Quadro 1 – Relação completa dos documentos manuscritos, com especificação dos fólhos, tipologia e datação

Nº. Doc. Banco de Dados UEL	Nº. Doc.	Fólio	Tipologia	Datação
593	01	1r	Carta Oficial	11/Novembro/1721
594	01	1v	Carta Oficial	11/Novembro/1721
595	02	1r	Carta Oficial	14/Novembro/1721
597	03	1r	Carta Oficial	04/Dezembro/1721
598	03	1v	Carta Oficial	04/Dezembro/1721
600	03	2r	Carta Oficial	04/Dezembro/1721
596	04	1r	Carta Oficial	20/Dezembro/1721
599	05	1r	Carta Oficial	20/Dezembro/1721
601	06	1r	Carta Oficial	01/Janeiro/1722
602	07	1r	Carta Oficial	06/Janeiro/1722
603	08	1r	Carta Oficial	12/Janeiro/1722
604	09	1r	Lista	12/Janeiro/1722
605	10	1r	Carta Oficial	17/Março/1722
606	10	1v	Carta Oficial	17/Março/1722
591	11	1r	Carta Oficial	29/Maio/1722
592	11	1v	Carta Oficial	29/Março/1722
607	12	1r	Carta Oficial	25/Agosto/1722
608	12	1v	Carta Oficial	25/Agosto/1722
609	13	1r	Carta Oficial	09/Dezembro/1723
612	14	1r	Carta Oficial	04/Fevereiro/1725
613	14	1v	Carta Oficial	04/Fevereiro/1715
614	15	1r	Carta Oficial	04/Fevereiro/1725
615	16	1r	Carta Oficial	05/Novembro/1731
616	17	1r	Carta Oficial	23/Agosto/1732
617	18	1r	Carta Oficial	10/Novembro/1732
622	19	1r	Lista	11/Dezembro/1732
620	20	1r	Carta Oficial	29/Dezembro/1732
621	20	1v	Carta Oficial	29/Dezembro/1732
623	21	1r	Carta Oficial	30/Dezembro/1732
610	22	1r	Carta Oficial	04/Março/1734
611	22	1v	Carta Oficial	04/Março/1734
624	23	1r	Carta Oficial	12/Abril/1735
625	24	1r	Carta Oficial	12/Abril/1735
627	25	1r	Carta Oficial	27/Dezembro/1743
628	25	1v	Carta Oficial	27/Dezembro/1743
629	26	1r	Carta Oficial	03/Julho/1762
631	27	1r	Carta Oficial	08/Maio/1767
632	28	1r	Carta Oficial	15/Junho/1767

continua

continuação

Nº. Doc. Banco de Dados UEL	Nº. Doc.	Fólio	Tipologia	Datação
633	29	1r	Carta Oficial	04/Julho/1767
634	30	1r	Carta Oficial	26/Agosto/1769
635	31	1r	Carta Oficial	12/Fevereiro/1785
636	31	1v	Carta Oficial	12/Fevereiro/1785
637	32	1r	Carta Oficial	25/Fevereiro/1785
638	32	1v	Carta Oficial	25/Fevereiro/1785
639	32	2r	Carta Oficial	25/Fevereiro/1785
640	33	1r	Carta Oficial	1785
641	33	1v	Carta Oficial	1785
642	33	2r	Carta Oficial	1785
644	34	1r	Carta Oficial	28/Fevereiro/1789
645	34	1v	Carta Oficial	28/Fevereiro/1789
646	35	1r	Carta Oficial	31/Dezembro/1789
647	36	1r	Carta Oficial	15/Julho/1792
648	36	1v	Carta Oficial	15/Julho/1792
649	37	1r	Carta Oficial	26/Março/1798
650	37	1v	Carta Oficial	26/Março/1798
651	37	2r	Carta Oficial	26/Março/1798
652	38	1r	Carta Oficial	26/Março/1798
653	39	1r	Carta Oficial	29/Maio/1798
654	40	1r	Carta Oficial	03/Novembro/1798
655	40	1v	Carta Oficial	03/Novembro/1798
656	41	1r	Carta Oficial	18/Novembro/1798
657	42	1r	Carta Oficial	18/Novembro/1798
658	42	1v	Carta Oficial	18/Novembro/1798
659	43	1r	Carta Oficial	18/Novembro/1798
661	44	1r	Carta Oficial	23/Fevereiro/1799
662	45	1r	Carta Oficial	14/Maio/1799
663	45	1v	Carta Oficial	14/Maio/1799
664	46	1r	Carta Oficial	14/Maio/1799
665	46	1v	Carta Oficial	14/Maio/1799
666	46	2r	Carta Oficial	14/Maio/1799

continua

continuação

Nº. Doc. Banco de Dados UEL	Nº. Doc.	Fólio	Tipologia	Datação
667	47	1r	Carta Oficial	07/Julho/1800
668	47	1v	Carta Oficial	07/Julho/1800
669	47	2r	Carta Oficial	07/Julho/1800
670	47	2v	Carta Oficial	07/Julho/1800
671	47	3r	Carta Oficial	07/Julho/1800
672	47	3v	Carta Oficial	07/Julho/1800
673	48	1r	Carta Oficial	07/Julho/1800
674	48	1v	Carta Oficial	07/Julho/1800
675	48	2r	Carta Oficial	07/Julho/1800
676	49	1r	Carta Oficial	08/Dezembro/1800

Para fins de esclarecimento, o termo ‘documento’ é entendido neste trabalho como “todo registro material de informação” e, segundo Gonçalves (1998, p. 18), “costumam apresentar elementos característicos comuns: suporte, forma, formato, gênero, espécie, tipo e contexto de produção”. Em um primeiro momento, pode-se asseverar que os documentos em estudo apresentam como *suporte*: papel; *forma*: cópia; *formato*: folha; e *gênero*: documentação textual. Quanto a *espécie* e *tipo*, esses documentos foram classificados como *cartas oficiais* e *lista de itens*, adotando os conceitos de Spina (1987) e Belloto (2002). Os dois autores atribuem ao gênero *carta* as mesmas características, ou seja,

... a carta possui certa padronização: *Protocolo Inicial*: datas tópica e cronológica. Endereçamento. Direção. *Texto e Protocolo Final*: fecho de cortesia, assinatura, nome e cargo do signatário. Questões de caráter oficial ou particular que se desejasse expor ao Rei, quaisquer que fossem os assuntos, desde que não de caráter peditório, eram-lhe dirigidas por meio de carta. (BELOTTO, 2002, p. 52).

Já os documentos 09 e 19 foram classificados como *lista* baseando-se nos conceitos de Belloto (2002, p. 72): “LISTA/LISTAGEM – documento não-diplomático testemunhal de assentamento ou informativo. Rol de nomes ou itens diversos reunidos com uma finalidade específica”.

Em resumo, a tipologia documental dos manuscritos em questão é de cunho administrativo, caracterizada como Cartas Oficiais e Lista de itens, emitidas pela Câmara de Vereança de Paranaguá a autoridades supremas como governadores gerais de São Paulo ou do Rio de Janeiro.

Dando continuidade ao trabalho, este tem por objetivo geral fazer o estudo do léxico no município de Paranaguá-PR, propondo uma discussão sobre manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso de lexias extraídas de fontes manuscritas setecentistas, datadas da mesma localidade. Os objetivos específicos são: (i) traçar o panorama histórico da área estudada para auxiliar na compreensão dos aspectos socioculturais; (ii) fazer a edição semidiplomática, acompanhada da reprodução *fac-similar* dos documentos manuscritos, servindo de base para a caracterização do estado da língua setecentista; (iii) elaborar o glossário visando apresentar a definição dos itens lexicais selecionados com acepções e abonações extraídas do *corpus* escrito; (iv) investigar as lexias selecionadas por meio dos dados orais coletados com auxílio do questionário semântico-lexical, adotando para a seleção dos informantes as variáveis sociais: faixa etária, sexo, naturalidade e grau de escolaridade; e, por fim, (v) verificar, a partir das lexias testadas, o grau de manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso em relação às acepções registradas nos documentos em questão. A base teórico-metodológica que norteia esta pesquisa é a da Dialetologia, mas aproxima-se também das utilizadas em pesquisas filológicas (edição de documentos), lexicográficas (elaboração do glossário) e sociolinguísticas (pesquisa de campo e análise das lexias considerando células sociais).

O presente trabalho está organizado em dois volumes. O primeiro elenca o contexto histórico do *corpus* escrito, descrição e análise do estado da língua setecentista, tratamento dos dados linguísticos, processo da coleta de dados orais, análise semântico-lexical das lexias seletivas e considerações finais. Este volume está assim constituído:

Capítulo I – apresenta a reconstituição de dados históricos sobre formação do Estado do Paraná e do município de Paranaguá, com intuito de contextualizar o período pelo qual passava a região de origem dos documentos manuscritos. Historiadores como Negrão (1934), Viana (1976) e Santos (2001) afirmam que os textos produzidos em determinado período relatam os fatos que aconteceram nesse período e reforçam a questão de que viver da memória desses documentos é retratar os atos e fatos que foram testemunhados.

Capítulo II – discute a importância dos documentos manuscritos como fonte primária para os estudos diacrônicos, apresenta os tipos e critérios de edições e faz uma breve análise

do estado da língua setecentista. A realização de edição de textos é primordial e a viabilização dos estudos diacrônicos da língua depende, principalmente, da realização de edições rigorosas e fidedignas, nas quais as características originais do texto sejam mantidas e, caso necessite de intervenções, que sejam necessárias para garantir a sua inteligibilidade.

Capítulo III – descreve o tratamento do *corpus* escrito, desde o levantamento de frequência, contagem e agrupamento dos vocábulos, com auxílio da ferramenta computacional Léxico 3, até a seleção de 259 vocábulos a serem testados na comunidade de Paranaguá, com o propósito de investigar os traços de manutenção, variação e mudança em relação às acepções registradas nos documentos em questão.

Capítulo IV – após a seleção dos vocábulos, deu-se início à elaboração do questionário semântico-lexical para, em seguida, aplicá-lo em pesquisa de campo com informantes pré-selecionados. O perfil do informante desta pesquisa contemplou indivíduos dos dois sexos, de duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – e de diferentes níveis de escolaridade (completos ou incompletos) – oito com nível fundamental (quatro de 1ª a 4ª séries iniciais e quatro de 5ª a 8ª séries finais), quatro com nível médio e quatro com grau superior. Buscou-se o total de 16 informantes naturais de Paranaguá e com pais de preferência pertencentes à mesma comunidade linguística.

Capítulo V – consiste na confecção de tabelas das ocorrências lexicais, classificação, acepções dos dicionaristas, análise semântico-lexical dos itens selecionados (descritos no capítulo III), a partir da acepção trazida nos documentos manuscritos e análise do contexto de fala dos informantes parnanguaras. Em seguida, apresenta a distribuição dos itens lexicais por manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso, e as análises das variáveis: faixa etária, gênero e escolaridade.

A conclusão encerra o trabalho, seguida das referências, dos apêndices e dos anexos.

O segundo é composto pela edição semidiplomática acompanhada da reprodução *fac-similar* de cada fôlio, em ordem cronológica, com a respectiva transcrição justalinear e pelo glossário de termos setecentistas.

Espera-se que os resultados da análise possam contribuir e, ao mesmo tempo, fornecer dados confiáveis aos estudos linguísticos sobre o estado de língua no período setecentista produzidos no Paraná.

Capítulo I

2 PERCURSO HISTÓRICO: BRASIL COLÔNIA ATÉ MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ

A história do Brasil já foi escrita várias vezes, por estudiosos renomados e à luz de farta documentação. Aqui se apresenta um mero resumo, destinado a dar o fundo histórico da época em que se redigiram os manuscritos do *corpus*. De fato, para quem estuda períodos um tanto recuados da história do idioma, será útil conhecer aspectos da sociedade na qual o idioma era utilizado, pois os acontecimentos históricos auxiliam a compreensão e interpretação de escritos antigos.

Em vista do que foi exposto, apresenta-se a seguir uma síntese da história do Brasil Colonial, a formação do Estado paranaense, focando principalmente a região litorânea – Paranaguá durante o século XVIII, tendo como base os historiadores Abreu, Azevedo, Botelho e Reis, Calmon, Martins, Nascimento Junior, Negrão, Santos, Viana, Wachowicz e Westphalen.

O Brasil quinhentista, antes do sistema de colonização, se caracterizava por uma vastidão territorial com pouquíssimos núcleos de povoamento. Nos anos anteriores à fundação de São Vicente, o máximo de organização que ocorreu foram as *feitorias*, porém não de ordem política/administrativa, e sim de caráter comercial e militar. Alguns historiadores atribuem às feitorias os primeiros embriões de nossas cidades surgidas no litoral brasileiro, nos 30 primeiros anos do século XVI. Mas, segundo Azevedo (1956, p. 9), há certo exagero em afirmar que das feitorias resultaram núcleos de organização político-administrativa e que pouco a pouco foi se convertendo em *aldeamento* ou *povoado*, tornando-se *vila* ou *cidade*. Documentos remotos comprovam que as feitorias foram criadas em alguns pontos do litoral a fim de: (i) servir como ponto de embarque e desembarque das caravelas que buscavam o nosso pau-brasil; (ii) garantir a defesa dos exploradores contra os aborígenes; e (iii) afugentar os navios piratas. Além disso, apresentava função econômica insignificante e extrema precariedade.

Portanto, Portugal inicia seu sistema de colonização, 30 anos depois de sua primeira expedição, chefiada por Pedro Álvares Cabral, quando descobriu a Terra de Santa Cruz, em 24 de abril de 1500. Foi o medo de perder a posse sobre a extensa terra da América, ameaçada pelos estrangeiros que excursionavam pelo Brasil, que fez Portugal

enviar, em 1530, uma expedição chefiada por Martim Afonso de Souza² ao Brasil. Segundo Abreu (1963, p. 63), dentre essas pessoas estava também seu irmão: “anuncia-lhe el-rei a resolução de demarcar a costa, de Pernambuco ao rio da Prata, e doá-la em capitanias de cinquenta léguas: a de Martim teria cem; seu irmão Pero Lopes seria um dos donatários”. A missão de Martim Afonso era combater os piratas franceses, fazer um reconhecimento da costa brasileira e indicar os melhores locais para iniciar o povoamento. Seus poderes são definidos em cartas régias³, podendo doar terras, nomear capitães- mores⁴ e oficiais de justiça e, onde for possível, organizar núcleos de povoados.

Em 30 de abril de 1531, depois de deixar soldados no litoral de Pernambuco, Martim Afonso chega à região da Guanabara. Depois, navega até o rio da Prata, que, pelo Tratado de Tordesilhas, está em território espanhol. Mesmo assim, manda uma de suas naus navegar rio acima, para explorar o interior, e toma posse da região em nome de Dom João III.

Ao retornar do Prata, Martim Afonso aporta na região de São Vicente, que já é um centro de comércio de índios escravizados. Com a ajuda de João Ramalho⁵, funda a vila de São Vicente, a primeira oficialmente criada na colônia, em 22 de janeiro de 1532.

2.1 ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

Sem dinheiro para bancar os custos de um processo de colonização centralizado, Dom João III cria um novo plano com o objetivo de abranger todo o território e às custas de

² Martim Afonso de Souza (1500-1571), filho de nobres portugueses, vive na corte desde muito jovem. Estuda matemática, cosmografia e navegação. É nomeado pajem do duque de Bragança e, mais tarde, do infante dom João, o príncipe herdeiro. Ao subir ao trono, dom João III garante a Martim Afonso posições de prestígio. Recebe o comando da primeira expedição colonizadora ao Brasil e, quando a colônia é dividida em capitanias, é nomeado donatário de São Vicente e do Rio de Janeiro. Em 1533, é nomeado capitão-mor do mar das Índias. Provido de muitos prestígios, é nomeado vice-rei das Índias por dom João III, em 1542. O fim de sua carreira é controverso. Alguns historiadores dizem que Martim Afonso volta a Portugal em 1545 e assume um lugar no Conselho de Estado, onde fica até morrer. Outros afirmam que ele é chamado de volta a Portugal sob acusação de desvio de dinheiro da Coroa e enriquecimento ilícito, mantendo-se afastado da vida pública até morrer.

³ Documento expedido diretamente pelo rei e por ele assinado que continha determinação específica para uma autoridade (BOTELHO; REIS, 2008, p. 41).

⁴ Patente dos primeiros governadores das capitanias. [...]. No período colonial, sua função era manter a paz na localidade, vigiando estranhos e prendendo criminosos. Havia diversas autoridades coloniais nas vilas, como o juiz ordinário; mas, em algumas localidades, a autoridade máxima era o capitão-mor (BOTELHO; REIS, 2008, p. 37).

⁵ Naufrágio acontecido entre os anos de 1512 e 1515, na costa de S. Vicente, de um navio português que vinha demandar a costa do Brasil, do qual escaparam os portugueses Antônio Rodrigues e o bacharel João Ramalho (SANTOS, 2001, p. 14).

seus ocupantes – adota o modelo das capitanias⁶ (já experimentara com sucesso nas possessões da África). Este fato pode ser confirmado nas palavras de Martins (1995, p. 201):

É ponto geralmente sabido da história do Brasil que o sistema de colonização adotado por Portugal nos seus domínios americanos foi o da divisão da costa do país em capitanias hereditárias, doadas a fidalgos que as pudessem fazer prosperar e defender, como com bom resultado já havia sido feito nas ilhas da Madeira e dos Açores.

Dessa forma, em 1534, são criadas as capitanias hereditárias (figura 1, na página seguinte). Consistia, cada uma delas, na porção de terra doada aos donatários, num total de doze, dentre eles Martin Afonso de Souza, que recebeu a maior fração em recompensa aos serviços prestados.

As capitanias só seriam transmitidas hereditariamente. Cada senhor de terra era senhor absoluto em seu território, tinha poderes para fundar vilas, aplicar a justiça, estipular e arrecadar tributos dos colonos, conceder sesmarias⁷, garantir a defesa da terra e de seus moradores, expulsar os invasores e enviar à Coroa uma parte do que arrecadava.

Dentro deste contexto, as capitanias que interessam ao presente estudo são: a de São Vicente, doada a Martin Affonso de Souza “desde a barra de São Vicente ou de Santos até 12 léguas ao sul da ilha de Cananéia” (MARTINS, 1995, p. 201); e a de Santo Amaro, doada a Pero Lopes de Souza, que “se estendia da Barra de Paranaguá até ao sul da Laguna” (MARTINS, 1995, p. 201). Os donatários das capitanias citadas anteriormente foram:

- 1º Martin Affonso de Souza, de 1534 a 1571 (São Vicente);
- 2º Pero Lopes de Souza, filho de Martin Affonso de Souza, de 1572 a 1586 (Santo Amaro);
- 3º Lopes de Souza, de 1587 a 1610;
- 4º Condessa de Vimieiro (Mariana de Souza Guerra) por cessão feita por Lopo de Souza, filho bastardo de Lopo de Souza e confirmação régia de 22 de outubro de 1621;

⁶ Divisão territorial e administrativa estabelecida no Brasil desde o início da colonização. [...]. Na medida em que uma região era colonizada, criava-se a capitania, nomeando-se o administrador ou o delegado do rei. As capitanias foram designadas de províncias, no Império, e de Estados, na República (BOTELHO; REIS, 2008, p. 35).

⁷ Terra inculta doada ao sesmeiro. O direito de doação era atributo dos capitães donatários e, posteriormente, dos governadores das capitanias da Coroa. [...]. A doação de sesmaria findou apenas em julho de 1822. A palavra sesmaria origina-se de sesmar, repartir (BOTELHO; REIS, 2008, p. 189).

Fonte: Newton de Macedo, 2004 apud São Vicente, s.d.

Figura 1 – Capitânicas hereditárias

- 5º Conde de Monsato, D. Alvaro Pires de Castro e Souza, bisneto de Pero Lopes de Souza, que em 1623 expulsou de São Vicente a condessa de Vimieiro;
- 6º Martin Affonso de Souza, filho de Pero Lopes de Souza, da Capitania de Santo Amaro. A este sucedeu sua irmã;
- 7º D^a Jeronima de Albuquerque Souza. A esta sucedeu sua filha;
- 8º D^a Isabel de Lima de Souza Miranda;
- 9º Lopo de Souza, donatário da Capitania de São Vicente e também da de Santo Amaro por doação por sua prima D. Isabel Miranda;
- 10º D. Sancho de Faro de Souza, 1646;
- 11º Diogo de Faro de Souza, filho de D. Sancho, em 1648;
- 12º 1º Conde da ilha do Príncipe, D. Luiz Carneiro, em 1678;
- 13º 2º Conde da ilha do Príncipe, D. Francisco Luiz Carneiro, filho do precedente, em 1691;
- 14º Marquês de Cascais, D. Luiz Alvaro de Castro e Souza, até 1711. (MARTINS, 1995).

Estes capitães donatários⁸, segundo Abreu (1963, p. 64), “saíram em geral da pequena nobreza, dentre pessoas práticas da Índia, afeitas a viver ao largo da conquista [...]. Muitos nunca vieram ao Brasil, ou desanimaram com o primeiro revés. El-rei cedeu às pessoas a quem doou capitânias alguns dos direitos reais”.

Nessas capitânias, os donatários foram senhores absolutos e deviam obediência apenas ao rei. Tinham autonomia civil e criminal sobre as terras cedidas, recebiam a propriedade sobre dez léguas de terra ao longo da costa e direitos de posse e usufruto sobre a produção do restante da capitania. Podiam fundar vilas, nomear ouvidores⁹ e tabeliães e doar lotes de terra – as sesmarias – aos cristãos que tinham condições de torná-las produtivas.

Com o fracasso das capitânias hereditárias, a Coroa Portuguesa implantou o Governo-Geral¹⁰, cujo representante tinha o poder político para administrar as colônias em nome do rei. Das doze capitânias, só três prosperaram. Mesmo assim, Portugal não estava

⁸ Responsáveis pela administração da capitania hereditária. [...]. O capitão era fiscalizado por funcionários reais, subordinados à Coroa (BOTELHO; REIS, 2008, p. 36).

⁹ Mais alta autoridade judiciária nas capitânias, exercia jurisdição sobre o crime e o civil. De acordo com os regimentos, dirigiam também o policiamento (BOTELHO; REIS, 2008, p. 145).

¹⁰ A criação legal do governo-geral, na verdade, se deu em 1548, pelo Regimento de 17 de dezembro, entretanto, somente em 7 de janeiro de 1549, D. João III nomeou Tomé de Souza como governador-geral, que desembarcou na Bahia em 29 de março (BRAGA, 2008, p. 187).

contente com o resultado obtido pelos donatários, não estava lucrando com a colônia e ainda se sentia ameaçado pelos insistentes estrangeiros contrabandistas. Então, na tentativa de reverter a quadro político-econômico, cria o novo sistema administrativo.

Com o governo-geral, as capitanias fracassadas que não possuíam herdeiros, ou após indenização aos seus donatários, passaram para domínio real, como previsto nos forais. O governador-geral e capitão-mor do Brasil, com poderes outorgados antes dos donatários, tinha por missão aplicar a justiça, garantir a defesa da terra e arrecadar tributos. (BRAGA, 2008, p. 187).

Com o fim da era filipina, Portugal encontra-se falido, sem recursos para se reestruturar. Neste momento, seu principal trunfo é iniciar um sistema de centralização administrativa e política na colônia, concedendo-lhe maior autonomia sobre os concelhos.

Ciente de que os recursos da agricultura não eram suficientes, incentiva algumas bandeiras em busca de ouro. Com este novo plano político e econômico, iniciam-se transformações sociais na estrutura territorial do país.

2.1.1 As Câmaras Municipais

As Câmaras Municipais são instituições antigas herdadas dos colonizadores portugueses. Durante o período colonial, as Câmaras só eram implantadas com a elevação de vilas, concedidas através do Ato Régio. “Criada a vila, a seis léguas uma da outra (no interior do país) e levantando o pelourinho no centro duma praça, estava instalado o município” (TONIOLO, 2007). A primeira vila do Brasil foi fundada por Martim Afonso de Souza, em 1532, quando foi organizado, em São Vicente, o primeiro concelho com a nomeação dos vereadores. Segundo Miranda (2002, p. 56-57), nesta época, as Câmaras Municipais exerciam um número bem maior de funções do que atualmente:

A Câmara Municipal de São Paulo fiscalizava o comércio, cuidava de pesos e medidas, arrematação de contratos para o abastecimento de gêneros essenciais, como o sal e a farinha, cuidava da feitura das leis e da justiça, ocupava-se da defesa da cidade, legislando acerca do fardamento, do pagamento de soldos das companhias de ordenança e das tropas, expedía ordens, além de se ocupar das questões da administração pública. Cabia

ainda à Câmara Municipal tratar dos caminhos e pontes da cidade convocando os moradores para as necessárias construções e reparos.

Além das várias funções exercidas pelas Câmaras Municipais, elas “foram igualmente órgãos fundamentais de representação dos interesses e das demandas dos colonos” (BICALHO, 1998, p. 252).

No período colonial, toda organização jurídica, política e administrativa das casas legislativas municipais fundamentava-se nas Ordenações Manuelinas (1521-1580) e, mais tarde, nas Ordenações Filipinas (1580-1640).

As Ordenações garantiram funções judiciais, administrativas e legislativas às Câmaras. Nas Ordenações é que aparece a figura do vereador, em substituição aos alcaides. Segundo Negrão (1934, p. 79), a administração do município, no começo do século XVII, era composta de três *vereadores* (eram eleitos entre os proprietários de terra e de escravos), dois *juízes ordinários*¹¹ – de eleição popular – ou um de fora – nomeado pela coroa –, um *procurador*, um *tesoureiro* (onde houvesse), senão o procurador acumulava as funções, todos eleitos pelos “homens bons”¹², e os demais oficiais escolhidos pela Câmara, como os *almotacés* (ou fiscais) e os *escrivões*.

Competia aos juízes a aplicação da justiça, julgando as infrações civis e criminais que tivessem conhecimento, aplicando a devida pena, se assim fosse o caso. Eram executadas pelos *alcaides* ou *meirinhos* (oficiais do concelho) as prisões determinadas pelos juízes.

Aos vereadores competia manter a ordem das vilas, aplicando correição e, quando não acatada, criavam-se novas posturas. Também era obrigação deles verificar as contas do procurador e do tesoureiro do ano anterior.

Pode-se afirmar que o procurador era o representante legal do povo junto à Câmara. Cabia a ele as reivindicações populares. Entre as suas funções, competia a ele levar ao

¹¹ Maior autoridade judiciária de vila que não fosse sede de comarca. [...]. Eram eleitos anualmente e não recebiam vencimento fixo. Normalmente, esses juízes eram pessoas sem grande instrução formal no campo do direito, sendo comum pagarem advogados para auxiliá-los nas sentenças (BOTELHO; REIS, 2008, p. 115).

¹² Na seguinte passagem, Macedo (1999) explica com detalhes o que significa ‘homens bons’: “[...] A lei portuguesa exigia no mínimo 30 famílias, ou como diziam na época ‘fogões’, para que uma localidade tivesse autoridades e Câmara Municipal. Esses 30 homens casados tinham que ser proprietários de terras, por isso eram também chamados de ‘homens bons’. Os outros, que não tinham bens, não eram considerados ‘maus’, mas por serem pobres não eram contados como aptos a votar para eleição das autoridades” (MACEDO, 1999, p. 10).

conhecimento do Conselho as demandas e questões da população, fazendo com que esta pudesse ser ouvida pelas autoridades municipais.

O escrivão exercia a função de escriturar todos os documentos, inclusive contábeis, e também tomar nota de todas as decisões da Câmara.

Os almotacés eram funcionários oficiais da administração colonial encarregados de realizar várias funções, tais como: providenciar para que não faltassem alimentos, verificar e conferir medidas e pesos dos gêneros alimentícios, promover a limpeza das ruas, fiscalizar a execução das posturas municipais, etc.. Segundo Botelho e Reis (2008, p. 17), esses funcionários exerciam esses deveres sem receber vencimentos.

Esses oficiais da Câmara Municipal representavam o poder supremo da colônia, tinham força para exercer, em seu território, a voz mais poderosa, “demonstrando assim uma certa tendência ao auto-governo” (BICALHO, 1998).

Pela ineficiência das capitanias, o exercício destas funções tornou-se imprescindível, uma vez que os colonos necessitavam de representantes para suprir suas demandas.

Para Calmon (1961, p. 1281), a Câmara Municipal era a “única instituição de fato existente na Colônia”, por isso a defesa da vida e dos bens eram representadas por estas assembleias.

Pode-se concluir que, no período colonial, a função das Câmaras ia além de cobranças de impostos e de boas condutas, era sinônimo de ordem e defesa a favor do povo.

Naquilo que o povo reivindica, a Câmara agia com o objetivo de defender seus interesses. O povo era a vila, a vila era o município, o município era a câmara, e por fim, esta era a estrela solitária da organização política existente onde o povo se identificava e agasalhava-se. (BRAGA, 2008, p. 192).

2.2 ECONOMIA COLONIAL

2.2.1 Cana-de-Açúcar

O cultivo da cana-de-açúcar é introduzido no Brasil por Martim Afonso de Souza, na Capitania de São Vicente. Seu apogeu ocorre entre 1570 e 1650. Estimativa do final do século XVII indica a existência de 528 engenhos na colônia. O monopólio português sobre o açúcar assegura lucros consideráveis aos senhores de engenho e à Coroa. Esse monopólio acaba quando os holandeses começam a produzir açúcar nas Antilhas, na segunda metade do século XVII.

2.2.2 Escravidão Indígena e Negreira

Até meados do século XVIII, a caça ao índio é um negócio local e os ganhos obtidos com sua venda permanecem nas mãos dos colonos, sem lucros para Portugal. Por isso, a escravização do nativo brasileiro é gradativamente desestimulada pela metrópole e substituída pela escravidão negra. O tráfico negreiro é um dos mais vantajosos negócios do comércio colonial e seus lucros são canalizados para o reino. A primeira leva de escravos negros que chega ao Brasil vem da Guiné, na expedição de Martim Afonso de Souza, em 1530.

2.2.3 Mineração

O chamado “ciclo do ouro” traz uma grande diversificação social para a colônia. Segundo Furtado (1963, p. 94), “O estado de prostração e pobreza em que se encontravam a Metrópole e a colônia explica a extraordinária rapidez com que se desenvolveu a economia do ouro nos primeiros decênios do século XVIII”. Na passagem do século XVII para o XVIII, são descobertas ricas jazidas de ouro no centro-sul do Brasil. A Coroa Portuguesa, sob o

reinado de D. José I, volta toda sua atenção para as terras brasileiras. A região das minas torna-se polo de atração de migrantes: portugueses em busca de fortuna, aventureiros de todas as regiões do Brasil e escravos trazidos do Nordeste.

2.2.4 Pecuária

Os primeiros colonizadores espanhóis assim que chegaram em terras sul-americanas se surpreenderam por não haver aqui nenhum animal doméstico. Após esta constatação, Cristóvão Colombo, em 1494, retorna à América com os primeiros exemplares de cavalos (AGUILERA; VASCONCELOS, 2012, p. 347). Na história do Brasil, segundo Goulart (1964, p.43), somente a partir de 1520, por ordem do Governador do Maranhão, “vieram os primeiros cavalos”.

Durante o período da indústria açucareira, que se estendeu até o século XVII, os bois e cavalos foram empregados com o intuito de produzir força motriz aos engenhos, como também auxiliar no transporte do produto do açúcar .

Como o ciclo da mineração (começo do século XVIII), inicia uma nova fase econômica no Brasil Colônia, principalmente no interior do país. Com o auxílio das tropas cavалares e de muares foi possível desbravar regiões antes inóspitas, surgindo assim, inúmeras vilas que hoje constituem importantes cidades brasileiras. De acordo com Simonsen (1977, p. 187), este novo modelo econômico destacou-se devido à importância da pecuária para o desenvolvimento econômico do país.

Dessa forma, a pecuária é considerada um fator essencial na ocupação e povoamento do interior, se desenvolvendo no vale do rio São Francisco e na região sul da colônia. Muitos proprietários arrendam as regiões mais distantes a pequenos criadores, contribuindo para a formação de novos arraiais. Furtado (1963, p. 98) elucida ainda que, “Ao contrário do que ocorrera no Nordeste, onde se partiu de um vazio econômico para a formação de uma economia pecuária dependente da açucareira, no Sul do país a pecuária preexistiu à mineração”.

2.2.5 Café

O café entrou no Brasil pelo Pará, trazido da Guiana Francesa pelo sargento-mor Francisco de Melo Palheta, em 1723. Durante o século XVIII, seu cultivo limita-se ao nordeste, onde os solos não são adequados. O café chega ao Paraná através de agricultores paulistas que, ao conhecerem a fertilidade da terra roxa, investem nesta plantação. Portanto, a cafeicultura só se desenvolve a partir do século XIX, quando o produto começa a ser cultivado na região Sudeste.

2.3 EXPANSÃO TERRITORIAL RUMO AO EXTREMO SUL

A expansão e ocupação territorial foram consequências de ordem econômica e política, visando aos interesses dos colonos e da Metrópole. Os principais fatores responsáveis pela expansão territorial foram: a busca de mão de obra indígena, a pecuária e a mineração, que resultaram na ocupação de terras para áreas além dos limites do Tratado de Tordesilhas. Essa política de expansão foi estimulada pela Coroa Portuguesa.

Tive como núcleo de irradiação a Capitania de São Vicente, especialmente a cidade de São Paulo. Com o declínio da produção açucareira, a capitania passa a viver de uma economia de subsistência, aprisionando índios para usá-los como mão de obra doméstica, sendo os aldeamentos jesuíticos os alvos principais. Com uma população pobre, o único meio foi procurar recursos fora do território paulista, daí a formação das bandeiras.

Os bandeirantes ingressam, então, numa fase de apresamento maciço, penetrando no sertão, atacando as missões jesuíticas, localizadas na região do Paraná, Paraguai e Rio Grande do Sul, onde milhares de índios trabalhavam na terra ou no pastoreio.

Com o início do tráfico de negros, trazidos por Portugal ao Brasil, há uma mudança do quadro econômico na colônia portuguesa. Os colonos preferem o trabalho do escravo negro, por considerá-lo mais produtivo que o indígena brasileiro. Além disso, os lucros do comércio escravista passam para os portugueses, deixando de ser dos paulistas bandeirantes.

Dessa forma, o apresamento indígena entra em declínio, deixando como resultado a escravidão de milhares de índios, a destruição das missões e a ruptura da linha de Tordesilhas, penetrando em terras espanholas que, mais tarde, seriam incorporadas ao Brasil.

Nesse contexto, a Coroa Portuguesa, ansiosa em aumentar sua arrecadação, incentiva a busca de metais preciosos, prometendo honrarias e privilégios aos que descobrissem minas. Assim, os bandeirantes paulistas, que atravessavam a decadência da preação de índios, devido ao restabelecimento do tráfico negreiro, partem para o interior em busca de metais preciosos.

A expansão em direção ao sul, num primeiro momento, dirige-se por mar para o rio da Prata, porta de entrada para o interior do continente. Uma segunda rota de ocupação parte de Laguna e desce ao sul por terra. Em geral, é feita por paulistas que chegam ao pampa à procura de gado xucro, introduzido na região pelos jesuítas e que se reproduzia em grandes manadas sem donos, quando os religiosos são expulsos do Brasil.

Baseando-se em dados de Aguilera e Vasconcelos (2003), durante os séculos XVII e XVIII, a atividade mineradora, as bandeiras de preação de índios e a criação de gado foram responsáveis pela ocupação do planalto curitibano, tornando indispensável a mão de obra indígena para a realização das três atividades.

No caso da mineração, economicamente falando, esta atividade serviu apenas de origem aos primeiros arraiais, tanto no litoral como no planalto curitibano, embriões das cidades de Paranaguá (1640), Curitiba (1668), Antonina (1714), Bocaiúva do Sul (1710), Morretes (1769) e São José dos Pinhais (1741).

Passado o ciclo do minério, a partir de 1730, outra fase econômica – a da criação e do comércio de gado – vem contribuir para o povoamento do território paranaense, incentivando a conquista de áreas até então desertas ao longo desse caminho, dando origem ao tropeirismo, que propiciou a formação dos núcleos populacionais conhecidos hoje como Lapa (1731), Ponta Grossa (1751), Castro (1751), Palmeira (1819), Jaguariaíva (1823), Rio Negro (1827) e Piraí do Sul (1872).

Em suma, o período colonial começa com a expedição de Martim Afonso de Souza, em 1530, e vai até a Proclamação da Independência por Dom Pedro I, em 7 de setembro de 1822.

2.4 PARANÁ: SÍNTESE HISTÓRICA

As primeiras movimentações de colonizadores no atual território paranaense tiveram início no século XVI, quando diversas expedições estrangeiras percorreram a região à procura de madeira de lei, embora não existisse ali pau-brasil. No século XVII, portugueses e paulistas começaram a ocupar a região, a partir da descoberta de ouro e da procura de índios para o trabalho escravo. A mineração, no entanto, foi relegada a segundo plano pelos colonizadores, que se dirigiram em maior número às terras de Minas Gerais. Azevedo (1956, p. 47), ao traçar a geografia das vilas no período setecentista, observa que “no século XVIII, a ‘Região Sul’ assistiu à criação de apenas 20 novas vilas, isto é, bem menos da metade do total registrado no Leste, que foi de 48”. Segundo este autor, a Região Sul não possuía nenhuma riqueza econômica que justificasse a manutenção do ritmo anterior de seu crescimento demográfico e urbano. Por este motivo, “deslocara-se para o Leste brasileiro o eixo econômico, social e demográfico da então Colônia, graças ao ciclo do ouro e das pedras preciosas [...]”. (AZEVEDO, 1956, p. 47).

Macedo (1999, p. 16) comenta que a extinção da Capitania de Paranaguá, “tem sua origem no desinteresse do Marquês de Cascais pelas nossas terras, a partir do desaparecimento dos veios de ouro”. Deste momento em diante, ocorre a transferência da história jurídica do ‘nosso território’ para os anais de São Paulo. A soma desses fatores retardou a ocupação definitiva da área paranaense, que pertenceu à província de São Paulo até meados do século XIX, com sua economia baseada na pecuária.

Portanto, até o século XVIII, existiam apenas cinco vilas na Região Sul: Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá (1653), Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba (1693), Vila Nova de São Luís de Guaratuba (1771), Antonina (1797) e Castro (1798). (AZEVEDO, 1956).

Atualmente, o território paranaense concentra sua economia no setor agroindustrial. É um dos Estados brasileiros de maior expressão na produção agrícola. Suas “características geográficas, aliadas à fertilidade de suas terras, fazem com que o seu desenvolvimento econômico se processe através de seu interior” (MAACK, 1981, p. 82).

Já o litoral paranaense, de pequena dimensão – o 2º menor do país –, pode ser considerado, de acordo com uma visão desenvolvimentista, como “uma zona de passagem ou uma porta para o oceano” (MAACK, 1981, p. 82). Essa escassa proporção da costa

paranaense é mais detalhada por Nascimento Junior (1980a, p. 35): “Tão pequeno é o litoral paranaense que, de uma elevação de poucos metros, pode-se avistar montanhas de um e de outro Estado”¹³.

O esteiro paranaense constitui cinco baías: Paranaguá, Antonina, Laranjeira, Pinheiros e Ibupeva, “formando todas em conjunto e sem solução de continuidade, a mais vasta extensão interior de águas, um verdadeiro Mediterrâneo, em cujas margens poderiam assentar numerosos portos” (NASCIMENTO JUNIOR, 1980a, p. 35).

Portanto, a conquista do Estado do Paraná se deu através de Paranaguá, quando os primeiros colonizadores ali se fixaram, surgindo assim, o primeiro núcleo de povoamento: Vila Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá.

2.5 PARANAGUÁ: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Quando se leem os manuscritos, verifica-se a ausência de certas informações específicas que dificultam a compreensão do conteúdo de cada um deles. Por isso, fez-se necessário encontrar maiores detalhes que esclarecessem o assunto dos documentos manuscritos de Paranaguá durante o século XVIII. Por meio das várias literaturas consultadas, foi possível reconstituir o contexto histórico- social dessa cidade, que, como já se fez referência, surgiu devido às minas de ouro. Portugal sempre almejou encontrar ouro em terras brasileiras, por isso, ao ter notícia de minérios na região litorânea do Paraná, incentiva a política de povoamento, que daí em diante só cresceu. Entretanto, formado o arraial, as famílias *de bem que seguem a doutrina cristã*, reivindicam a presença de padres, bem como de educação e cultura para seus filhos. Em meio a este contexto, os parnanguaras solicitam a presença dos padres jesuítas, prometendo-lhes a construção de um colégio, residência, dinheiro e propriedade para o estabelecimento da agricultura.

Os documentos aqui editados, em sua maior parte, requerem à autoridade suprema da época – com maior frequência ao governador-geral das Capitanias e, em outros casos, ao Rei de Portugal –, maior segurança na vila, melhores condições de vida, construção do colégio e fixação dos padres da Companhia de Jesus.

¹³ Refere-se aos Estados vizinhos São Paulo e Santa Catarina.

Assim, este subitem apresenta uma síntese das informações coletadas nos livros de história, tendo como diretriz básica o conteúdo dos manuscritos, procurando esclarecê-los e, simultaneamente, lançar luz aos textos das obras históricas consultadas, inserindo excertos dos manuscritos para ilustrar os pontos históricos.

2.5.1 Povoação e Fundação de Paranaguá

Domingos Peneda, fundando a Aldeia de Paranaguá, lançou a “semente” da civilização, do labor e do progresso. Ela foi boa; vingou e deu frutos. Mas o solo indígena também foi dadivoso. Ambos se completaram – terra e semente – numa união fraterna e indissolúvel!... (VIANA, 1976, p. 13)

O estudo das origens confusas da sociedade brasileira, nos primeiros e esparsos núcleos de povoamento do litoral nos dois primeiros séculos da descoberta, oferece apenas uma pálida ideia do que seriam esses agrupamentos humanos, isolados e distanciados uns dos outros por dezenas ou centenas de léguas entre si, mantendo rara comunicação (AZEVEDO, 1956). Este fato pode ser corroborado numa passagem do manuscrito que segue:

[Doc.01, fol. 1r, 11/novembro/1721]

Excelentissimo Senhor

Aos 11 de outubro recebemos a carta de Vossa Excelencia, com a qual nos fazia a honrra e muita de notesiarnos a decisaõ, que Sua Magestade que Deos guarde foi seruido fazer das Capi=tanias de Sam Paullo, e agregar esta Villa ao Gouerno de Vossa Excelencia. Bem se deixa ver a Real benignidade de Sua Magestade em=querer fauoreçer, e amparar a estes seus vassallos, que pella distançia dos Senhores Generais não podiaõ ser tambem ouuidos, nos seus requerimentos como o seram, agora de Vossa Excelencia, como sua Ilustre fidalgia nos está asegutando.

Longe da metrópole, só a espaços distanciados de meses, recebiam notícias por uma ou outra caravela desgarrada das frotas e que em *arribada*¹⁴ ou em serviço do Rei visitava as povoações da costa. Tais núcleos deviam constituir, por efeito desse isolamento, redutos dentro dos quais a necessidade de defesa contra tantos inimigos era a única determinante da união de indivíduos corajosos. Pedidos constantes eram enviados a autoridades da época, suplicando auxílio e ajuda para a defesa das vilas:

[Doc.12, fol.1r, 25/Agosto/1722]

[...] E nella tambem
demos a *Vossa Excelentissima* em como esta
Terra tem tres barras abertas por
onde emtram embarcassonins, e
por huã navios de alto bordo como
o tem experimentado estava
sem mais fortificaçaõ, ou de
fenssam *que* os moradores della com
a âvulssam de suas proprias pesso
as, com *que* acodem aos rebates a de
fender o impeto dos varios estran-
geiros. Pella qual experauamos
segunda resoluçam de *Vossa Excelentissima*;
e como thê o presente a nam temos
tido, Resoluemonos a mandar –
este proprio com esta a *Vossa Excelentissima*
pondonos com ella aos seus pés,
para que queira compadecersse deste
povo, e moradores desta *Villa*, a que
nam seja jente della por [ser]
com portos abertos e sem for-
tificaçam alguã. O *que* espe

[Doc.12, fol.1v, 25/Agosto/1722]

Experamos da benignidade
de *Vossa Excelentissima*, e em sermos bem
sucedidos no *que* lhe Representa
mos nestas suplicas.

Assim sendo, a história de Paranaguá, à luz de documentos, começa com a ação de Gabriel de Lara, que promoveu o povoamento, a agremiação dos selvagens restantes das preações às atividades dos povoadores, o descobrimento e exploração do ouro, a organização

¹⁴ Arribada significa: *Náut.* Entrada em porto a que não se destinava o navio, por causa de um temporal ou qualquer outro imprevisto (CALDAS AULETE, 1948).

social e a sua fundação política e administrativa. Entre as cidades do Paraná, Paranaguá merece um destaque todo especial, dadas as circunstâncias como foi fundada e, principalmente, quanto aos fatores sociais, econômicos, culturais e religiosos.

Fonte: Prefeitura de Paranaguá. <<http://www.paranagua.pr.gov.br/conteudo/a-cidade/historia>>.

Figura 2 – Vista aérea do município de Paranaguá

Segundo alguns historiadores, a descoberta da costa paranaense data de 1531, quando chegou a Cananéia a expedição de Martim Afonso de Sousa, cuja missão era percorrer e explorar a costa brasileira até o rio da Prata.

Receosos de ataques dos índios Carijó¹⁵, que habitavam o continente, esses moradores se estabeleceram na ilha do Cotinga, formando um arraial. O historiador Antônio Vieira dos Santos

... calcula que a região do litoral contava então com seis a oito mil índios. Não foram, entretanto, estes comerciantes ou preadores de índios que iniciaram o povoamento permanente no litoral, [...] foi somente com a notícia do descobrimento de ouro, nos ribeirões da baía de Paranaguá, que para aí se dirigiu grande número de habitantes vindos de Santos, São Vicente, Cananéia, São Paulo e até do Rio de Janeiro, atraídos pelo alvoroço levantado com o descobrimento. (WACHOWICZ, 1967, p. 26).

¹⁵ A nação dos índios Carijó ocupava habitantes desde os montes da Juréia, ou desde Cananéia, e povoavam toda a costa até a Ilha de Santa Catarina. Dos aborígenes foram os Carijó os mais afáveis e por isso os primeiros apreendidos pelos Vicentistas (SANTOS, 2001, p. 12).

Depois de alguns anos, esses colonos tiveram maior afinidade com os aborígenes, a ponto de passarem suas habitações para terra firme, às margens do rio Taquaré, conhecido atualmente como Itiberê. Hoje, neste local, situa-se a cidade de Paranaguá.

Acredita-se que, de 1560 em diante, os primeiros povoadores, alojados na Ilha da Cotinga, foram se arriscando a pisar a terra firme e a subir os rios de nossa baía, à medida que iam negociando com os índios Carijó. Dentre estes pioneiros, Domingos Peneda¹⁶ foi a pessoa de maior destaque:

No ano de 1550 (metade do século XVI), Domingos Peneda, Diogo de Unhate, velho bandeirante e outros aventureiros, chegam às praias de Ararapira e Superagüi, e em plena baía, ficam extasiados ante tamanha beleza. Principiam logo a construir as primeiras habitações e fundam assim um núcleo ao sopé do morro. [...] Fundado o primeiro ‘arraial’, trataram de conquistar a amizade da tribo ‘carijó’, que habitava toda a margem esquerda do rio ‘Taquaré’. Foi nessa histórica e secular ‘Cotinga’ de nossos ancestrais que surgiu o primeiro povoado de brancos, nele chantando-se o marco civilizador da terra paranaense [...]. Acontece, porém, que a terra habitada por essa valente tribo, já possuía o gracioso nome de ‘Pernagoá’ (grande mar redondo), dado pela raça audaz. Nome que, com os anos, sofreu a corruptela de Paranaguá (Pernagoá – Parnagoá – Parnaguá – Paranaguá). (VIANA, 1976, p. 11).

Essa aldeia, já então de brancos e de índios, foi fundada durante a época da exploração das minas. O afluxo de habitantes oriundos das vilas e povoações do norte do país, atraídos pelo progresso da mineração, atingiu seu maior êxito por volta do ano de 1640. A existência de ouro naquele local despertou interesses da coroa portuguesa e acirrou a disputa pela posse da capitania entre os herdeiros de Martim Afonso de Souza. Com relação a esta contenda, o historiador Wachowicz (1967) comenta que, quando Dom João III dividiu o Brasil em capitanias hereditárias, o litoral paranaense pertenceu aos dois irmãos donatários: Martim Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza. Ao primeiro coube a Capitania de São Vicente e ao segundo a de Sant’Anna. Nenhum dos dois irmãos interessou-se seriamente pelo progresso de suas capitanias. Após a morte desses donatários, surgiu o problema de herança do lado de Pero Lopes de Souza. De um lado D. Mariana de Souza, Condessa de Vimieiro, e seu marido, Diogo Vaz de Escobar, o *Conde da ilha do Príncipe*; de outro Luís Álvares de

¹⁶ PENEDA não foi um Juiz formado; pouco estudo teve; apenas um homem rude. Todavia, procurou manter a Justiça, a seu modo, é verdade numa povoação ainda sem Leis e sem controle administrativo. Foi mau; implacável mesmo. Contudo, era a única solução para lidar com o gentio e mesmo com a massa ignara... Em tais circunstâncias, qualquer outro faria assim (VIANA, 1976, p. 12).

Castro e Souza, *o Conde de Monsato*, conhecido como Marquês de Cascais. O Conde da ilha do Príncipe, inconformado por ter perdido a causa na justiça, transferiu a sede de sua Capitania para Itanhaém, no litoral paulista. Ambas as facções continuaram disputando a posse das terras, que constituem hoje o litoral do Paraná.

Em meio a essa disputa, o Marquês de Cascais, a fim de organizar e defender seus interesses na Capitania de Paranaguá, nomeou Gabriel de Lara como capitão-mor¹⁷. Segundo Correa (1972, p. 221),

Gabriel de Lara, homem de largas vistas, tratou de conquistar a simpatia dos Penedas – família de maior preponderância –, casando-se com Brígida Gonçalves Peneda, [...] e, desde logo, passou a adquirir prestígio político, desempenhando em nossa terra um notável papel histórico, ocupando as mais eminentes posições.

Como foi citado anteriormente, Gabriel de Lara, nomeado, mais tarde, capitão, logrou impor-se aos paranaenses e aos governadores da capitania como legítimo representante da terra, conseguindo imprimir um cunho civilizador ao povoado, tanto é que, em 1646, consegue a ereção do pelourinho e sua nomeação para o cargo de capitão povoador¹⁸ e sesmeiro¹⁹ da Vila de Paranaguá. Por essas ações grandiosas, Lara tem um papel de destaque dentro da história de Paranaguá, pois conseguiu fazer o que Penedas, de certa forma, não fez: proporcionar o progresso desta vila.

2.5.2 Capitania de Paranaguá

A Capitania de Nossa Senhora de Paranaguá foi criada pelo Marquês de Cascais, sucessor hereditário de Pero Lopes de Souza. Este, na qualidade de herdeiro, conferiu plenos poderes a Gabriel de Lara, tornando-o administrador de todos os seus interesses, lugar-tenente e procurador, capitão- mor, ouvidor e alcaide-mor.

¹⁷ *Mor* é forma sincopada da palavra maior. *Capitão-mor* era a maior autoridade local, porque representava o Governo Imperial e/ou o maior interessado. Este era um cargo indicado, enquanto que o *Capitão povoador* era eleito pelos moradores do povoado (STECA; FLORES, 2002, p. 4).

¹⁸ Pessoa encarregada, nos tempos coloniais, de povoar uma região (WACHOWICZ, 1967, p. 38).

¹⁹ *Sesmeiro* era o nome dado ao recebedor de terras do Capitão Donatário (STECA; FLORES, 2002, p. 4).

A Carta Régia de D. João III, de 21 de janeiro de 1535, que fez doação a Pero Lopes de Souza, das 80 léguas de terra, autorizava-o e a todos os seus sucessores a criar vilas em toda e qualquer povoação. O Pelourinho, símbolo da criação da Vila, foi erigido em Paranaguá por Gabriel de Lara em 1646, portanto, dois anos antes da Ordem Régia que mandava criar a Justiça e proceder à eleição das autoridades locais. Em 1654, a Câmara deu posse da Vila a Diogo Vaz de Escobar, governador da Capitania de Itanhaém, assim reconhecendo ser a localidade pertencente ao conde da ilha do Príncipe, mas, em 1656, empossou a Simão Dias de Moura, igualmente governador da dita capitania, porém representante do Marquês de Cascais, que mantinha com o Conde acirrada demanda pela sucessão nos direitos do primitivo donatário da parte meridional da Capitania de Santo Amaro. Naturalmente, as disputas entre os herdeiros dos donatários foram a causa de tal demora, pois, do contrário, para essa instalação não seria necessária Ordem Régia, por ser atribuição privativa dos donatários e seus sucessores. Talvez esta seja uma explicação ao comentário de Martins (1995, p. 205): “A Capitania de Paranaguá [...] não passou de uma unidade de segunda ordem entre as demais capitanias e esteve sempre subordinada ao governo geral do Rio de Janeiro e depois ao de São Paulo”.

A respeito dos capitães povoadores, estes tinham grandes poderes no começo do século XVII. Não se limitavam ao comando e governo militares, suas atribuições eram tanto de ordem militar como civil. Administravam os povos da sua jurisdição de forma quase absoluta. Comenta o historiador Francisco Negrão (1926, p. 108, grifos do autor):

Foi ao Capitão povoador Gabriel de Lara que o povo paranaguense recorreu, em 1646, solicitando a criação da justiça e da administração da Vila. Foi ao Capitão Gabriel de Lara que o Ouvidor Geral do Brasil, dr. Manoel Pereira Franco, escreveu, enviando a Carta Régia de 29 de Julho de 1648, autorizando-o a proceder à eleição das primeiras autoridades da villa de Paranaguá. Em virtude dessa autorização, Gabriel de Lara convocou o povo ‘*alimpar e apurar*’ – e com o seu resultado se conformou e deu posse aos eleitos a 7 de Janeiro de 1649.

Com o intuito de conhecer os capitães-mores da Capitania de Paranaguá, segue abaixo uma lista contendo os nomes e mais algumas informações que se julgam importantes. Apresentam-se em ordem cronológica desde sua criação, em 1660, até sua incorporação à Coroa, em 1711:

1º capitão *Gabriel de Lara* – nomeado alcaide-mor, capitão-mor e ouvidor e provedor da Capitania de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, pelo Marquês de Cascais, de

quem foi procurador, lugar-tenente e sesmeiro. Natural de São Paulo e filho de Diogo de Lara e de Antonia de Oliveira, faleceu em dezembro de 1682, em Paranaguá, ainda em exercício do seu cargo de capitão-mor;

2º capitão *Tomaz Fernandes de Oliveira* – de simples soldado foi promovido a alferes, tenente e capitão da Companhia de Infantaria de Ioloro-Angola. Com a morte de Gabriel de Lara, foi elevado ao cargo de capitão-mor, assumindo-o em 1º de janeiro de 1683 até maio de 1689;

3º capitão *Martins Leme* – capitão-mor e lugar-tenente do Marquês de Cascais. Mesmo com idade já avançada, conservou-se no Governo, em Curitiba, até sua morte em 1697;

4º capitão *Gaspar Teixeira de Azevedo* – por patente de 7 de maio de 1689, confirmada a 20 de novembro de 1690, foi nomeado, por D. Pedro, II capitão-mor das minas da Capitania de Paranaguá. Exerceu o cargo de 1689 até sua morte, em 1712;

5º capitão *Francisco da Silva Magalhães* – por patente de 31 de dezembro de 1692, foi nomeado capitão-mor. Exerceu o cargo até sua morte, em 1707. Foi nomeado também ouvidor por Lei, em junho de 1682;

6º capitão *João Rodrigues de França* – foi nomeado capitão-mor por patente de 6 de dezembro de 1707, passada por D. Fernando de Mascarenhas e confirmada por D. João em 19 de janeiro de 1711. Exerceu o cargo até sua morte, em 1715. Foi o último capitão-mor, lugar-tenente e sesmeiro do donatário Marquês de Cascais, por ter este, em 1711, vendido a sua capitania à Coroa²⁰;

7º sargento-mor *Antonio Garcia* – por patente de 20 de março de 1716 até setembro de 1717, exerceu cargo de capitão-mor. Foi nomeado por D. Francisco de Távora, governador e capitão-general da Capitania do Rio de Janeiro;

8º mestre de campo *André Gonçalves Pinheiro* – por patente de 17 de setembro de 1717, passada por Antonio de Brito Freire de Menezes, governador do Rio de Janeiro, foi nomeado capitão-mor. O posto militar de mestre de campo era equivalente ao de coronel. Foi, também, provedor dos quintos reais da Casa de Fundição de Paranaguá;

9º coronel *Anastacio de Freitas Trancoso* – era coronel-comandante do Regimento de Ordenanças da Capitania de Paranaguá e seus distritos. Exerceu por algum tempo o cargo de capitão-mor e o de governador. Em 1732, recebeu, do Conde de Sarzedas, a ordem de efetuar a prisão de toda e qualquer pessoa que passasse em Paranaguá

²⁰ A extinção da Capitania de Paranaguá foi devido ao desinteresse do Marquês de Cascais, quando por escritura de venda e quitação, de 11 de setembro de 1711, vende a Capitania de Paranaguá à Coroa Portuguesa, pelo preço de 40 mil cruzados, mais 4 mil cruzados de luvas (MACEDO, 1999, p. 16).

vinda das minas de Cuiabá, devendo confiscar-lhe todo o ouro que houvesse em seu poder. Faleceu no ano de 1742;

10º capitão *D. João Francisco Laynes* – nomeado capitão-mor pela Câmara, tomou posse em 22 de junho de 1743;

11º capitão *Antonio de Souza Pereira* – faleceu no dia 24 de agosto de 1779;

12º capitão *Antonio Ferreira Mathoso* – foi nomeado por patente de 5 de setembro de 1763. Exerceu o cargo até março de 1766. Foi procurador dos bens do confisco dos padres da Companhia de Jesus;

13º capitão *Manoel Nunes de Lima* – foi nomeado pela Câmara em vereança e pelo seu sogro, sargento-mor Domingues Cardozo de Lima, a cargo de capitão-mor, por patente de 15 de dezembro de 1765. Faleceu neste mesmo ano;

14º capitão *José Carneiro dos Santos* – tomou posse do cargo em 8 de outubro de 1766. Em 29 de janeiro de 1789, obteve segunda patente de capitão-mor;

15º capitão *Manoel Antonio Pereira* – foi nomeado em março de 1815 e tomou posse em 22 de abril do mesmo ano. Foi o último capitão-mor de Paranaguá, por ter sido extinto esse cargo em 1833 e criado o de Prefeito.

De acordo com Negrão (1934), com a extinção da Capitania de Paranaguá, os capitães- mores passaram a ser nomeados trienalmente. A curta duração de sua gestão tornou o cargo mais acessível a muitos cidadãos, diminuindo, assim, o prestígio dos capitães-mores, pois, finalizado o seu mandato, estes voltavam às suas antigas profissões. O povo paranaense ficou, portanto, sujeito à jurisdição do governo de São Paulo, a partir de 1711.

Porém, em 9 de maio de 1748, por provisão Régia, as comarcas de São Paulo e a de Paranaguá foram anexadas à Capitania do Rio de Janeiro. A partir desta data, constantes conflitos de jurisdição se estabeleceram. Segundo Negrão (1934, p. 135), este fato desencadeou o declínio da então extinta Capitania de Paranaguá: “A anarquia invadiu a administração e a justiça entrou a perecer, retardada pela distancia em que ficava da sede do Governo. Entorpecido o progresso da antiga Capitania de Paranaguá, as energias de seus habitantes começaram a desfalecer”.

Em 1765, por Carta Régia, foi restaurado o governo de São Paulo, ficando a Capitania de São Paulo no seu antigo Estado, sendo nomeado para governador e capitão general D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Matheus.

Para o historiador Francisco Negrão (1934), a extinção do governo de São Paulo durante quase duas décadas foi um “grave erro político do Governo português” (NEGRÃO,

1934, p. 135), pois a grande extensão territorial dessa região, que fazia “fronteira meridional com os castelhanos do Prata, dos hespanhões do Paraguay e parte das antigas reduções jesuíticas” (NEGRÃO, 1934, p. 135), ficou completamente abandonada, e “desse erro, hábil e geitosamente se aproveitaram os nossos vizinhos, que acabaram ocupando grande parte do novo território” (NEGRÃO, 1934, p. 135). Deste episódio, Negrão (1934) conclui que o interesse da Coroa Portuguesa era somente a exploração do ouro, pouco importando o progresso e expansão do Brasil Colônia:

Só ao ouro dava a Metropole importancia; extintas as minas de S. Paulo e de Paranaguá, e descobertas as Minas Geraes e Cuyabá, extinguiu-se o Governo daquelas Capitânicas e creou-se o destas ultimas.

Era este o criterio politico do Governo lusitano, critério prejudicial ao Brasil, e de que se soube aproveitar a Corôa castelhana com visivel habilidade.

2.5.3 Ouvidoria de Paranaguá

De acordo com documentos históricos, desde a instalação da divisão territorial em capitânicas hereditárias, no Brasil, ouvidores eram indicados pelo Rei de Portugal para exercerem as suas atribuições juntamente com os governadores gerais.

Os ouvidores possuíam o poder de lavrar e promulgar leis, estabelecer Câmaras de Vereadores, atuar como comissários de justiça e, principalmente, ouvir reclamações e reivindicações da população sobre improbidades e desmandos administrativos por parte dos servidores do governo.

Nessa hierarquia, o ouvidor era a segunda autoridade da capitania. Seus poderes incluíam as ações novas, tanto do lugar onde estava a outro extremo de todo o território da capitania, exercendo, dessa forma, a Justiça de 1ª e 2ª instâncias, juntamente com os juizes. Além disso, exerciam também função administrativa, mas, de modo similar, junto ao capitão, como um Secretário de Estado.

Paranaguá, primeiro município fundado no Paraná, foi transformado pelo Marquês de Cascais em capitania na data de 8 de março de 1655, ocasião em que a Câmara Municipal deu posse a Gabriel de Lara para as funções de ouvidor, alcaide-mor e capitão-mor, cargo que ocupou até sua morte.

Até 1700, havia só um ouvidor para as Capitanias do Rio de Janeiro, São Vicente e Espírito Santo, e por provisão régia de D. Pedro II de Portugal. Em 22 de junho de 1700, foi criada uma ouvidoria geral para as Capitanias do Sul, ficando o ouvidor estabelecido em São Paulo (SANTOS, 2001). Em 1719, Rafael Pires Pardinho foi nomeado ouvidor geral para as Capitanias do Sul. Em suas andanças, ele percebeu que era impossível ao ouvidor de São Paulo fazer uma boa distribuição da Justiça em todo o território sob sua jurisdição.

Após percorrer algumas vilas, Pardinho demonstrou ao Conselho Ultramarino a necessidade de desmembrar parte da Ouvidoria de São Paulo e criar uma nova, com sede em Paranaguá.

Em Paranaguá, o ouvidor baixou 77 provimentos entre fevereiro e junho de 1721, os quais tratavam da constituição e organização da Vila, concessões de terras, economia, índios e escravos, ordem jurídica, defesa da Vila e culto divino. Os provimentos de Paranaguá foram confirmados pelo Rei, em 10 de janeiro de 1724, passando a ter força de lei.

A Ouvidoria de Paranaguá foi instalada em 24 de agosto de 1724 e,

... em 12 de novembro de 1725, foi feita a divisão das duas Capitanias, ficando a de Paranaguá com jurisdição sobre as vilas da costa do mar: de Iguaçu, Cananéia, São Francisco, ilha de Santa Catarina, Laguna, e até o Rio da Prata, e as vilas da serra acima de Nossa Senhora dos Pinhais de Curitiba até o lugar das Furnas. (SANTOS, 2001).

Antonio Alves Lanha Peixoto foi nomeado o primeiro ouvidor pós-capitania, empossado em 24 de agosto de 1724, mas, até novembro daquele ano, ainda não havia tomado posse, face às diversas atribuições que lhe foram ordenadas pelo capitão general da Capitania de São Paulo.

Antes dessa época, os ouvidores eram nomeados por um ano, por provisões dos tenentes gerais governadores gerais e as nomeações interinas feitas pelos capitães-mores.

Em 20 de novembro de 1749, foi criada a Ouvidoria de Santa Catarina e, dessa forma, foi dividido o imenso território sob o domínio de Paranaguá.

Foram criadas várias comarcas em 1812 e, pelo alvará de 12 de março daquele ano, deu-se a transferência da sede da comarca de Paranaguá para a Vila de Curitiba, alegando-se a sua maior proximidade ao Registro das Tropas, às margens do rio Iguaçu (MACEDO, 1999, p. 19).

O ouvidor da Comarca do Sul residia, inicialmente, em Paranaguá, mas, por um decreto em fevereiro de 1812, recebeu ordem de se fixar em Curitiba. A cidade tornou-se, então, a verdadeira sede da Comarca do Sul, com a denominação de Comarca de Paranaguá e Curitiba, “sem dúvida para não despertar a rivalidade dos habitantes do litoral” (MACEDO, 1999, p. 20). Este ato foi executado pelo ouvidor João de Medeiros. Dessa forma, o desenvolvimento econômico que começara a se fazer sentir em Curitiba pode ser citado entre as razões para a transferência da sede da comarca.

A Ouvidoria de Paranaguá foi extinta em 29 de novembro de 1832. De acordo com Negrão (1926), foram ouvidores, com sede em Paranaguá até 1812, e em Curitiba até 1832, os seguintes magistrados:

1. **Dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto:** nomeado e empossado no dia 24 de agosto de 1724, erigiu Vila a povoação de Desterro (atual Florianópolis) a 26 de março de 1725. Em maio de 1730, foi morto pelos índios paiaguás na embocadura do Rio Jaguari, em Mato Grosso;
2. **Dr. Antonio dos Santos Soares:** tomou posse em 7 de julho de 1730. Era natural de Portugal, tendo sido Juiz de fora de Olivença e servido até 1734. Casou-se em Paranaguá com Joana Rodrigues de França, filha do capitão-mor João Rodrigues de França;
3. **Dr. Manoel dos Santos Lobato:** nomeado em 4 de maio de 1734, era natural de Portugal e foi Juiz de fora. Foi casado em Paranaguá com Antonia da Cruz França, neta do capitão-mor João Rodrigues de França e enteada do ouvidor Antonio dos Santos Soares;
4. **Dr. Gaspar da Rocha Pereira:** serviu de 1741 a 1743;
5. **Dr. Manoel Tavares de Siqueira:** serviu de 1744 a 1748. Ex-Juiz de fora da Vila de Redondo, na Província do Alentejo, em Portugal. Era um nome literário em evidência, tendo sido secretário da *Academia dos Seletos*, fundada no Rio de Janeiro em 1752;
6. **Dr. Antonio da Silva Pires Mello Porto Carreiro:** serviu durante o ano de 1755. Da comarca, no seu tempo, foi desmembrada Santa Catarina, a 1º de junho de 1750, quando o Dr. Manoel José de Faria tomou posse da nova comarca ali criada pela Carta Régia de 20 de novembro de 1749. Até 1755, há vestígios seus na Ouvidoria de Paranaguá, mas já não era ouvidor em 1757;

7. **Dr. Jerônimo Ribeiro de Magalhães:** serviu de 1756 a 1760. Tornou-se despótico e vingativo, pelo que sofreu forte acusação do povo e Câmaras Municipais. Quando preso, foi mandado para Lisboa, morrendo nas prisões de Limoeiro;
8. **Dr. Antonio Barbosa de Matos Coutinho:** serviu de 1777 a 1783. Em 1777, era ouvidor de Paranaguá. Em 1779, fez correição na Vila de Iguape;
9. **Dr. Francisco Leandro de Toledo Rendom:** nomeado em 2 de abril de 1783. Era irmão do tenente general José Arouche de Toledo Rendom, primeiro diretor do Curso Jurídico de São Paulo, e de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, desembargador do Paço Conselheiro de Fazenda, sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa e alcaide- mor da Vila de Paranaguá por despacho de 22 de janeiro de 1820;
10. **Dr. Manoel Lopes Branco e Silva:** foi nomeado por provisão régia em 12 de outubro de 1789. Era natural de Portugal, onde foi casado em primeiras núpcias com Maria Lúcia de Menezes. Do seu primeiro matrimônio teve, além de outros filhos, Maria Joana, casada com o capitão José Francisco Cardoso de Menezes; Isabel Branco, casada com o coronel Luciano Carneiro Lobo; do seu segundo matrimônio teve o filho capitão Joaquim Matheus Branco, que foi desembargador;
11. **Dr. João Batista dos Guimarães Peixoto:** nomeado em 1799. Era pernambucano. Por fazer uma péssima administração da justiça, foi denunciado e suspenso do cargo em 1802, tendo fugido para não ser preso;
12. **Dr. Antônio de Carvalho Fontes Henrique Pereira:** tomou posse do cargo de ouvidor a 9 de fevereiro de 1804. Tomou parte na vereança de Iguape em que se tratou do refazimento da igreja matriz. Serviu de 1804 a 1807;
13. **Dr. Antonio Ribeiro de Carvalho:** de 1807 serviu até 1810;
14. **Dr. João de Medeiros Gomes:** em 1810 foi nomeado. Mais tarde foi desembargador e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Este, por carta régia de 19 de fevereiro de 1812, transferiu a sede da ouvidoria para Curitiba. Em 1822 era ouvidor em Itu;
15. **Dr. José Carlos Pereira de Almeida Torres:** seguiu no ano de 1822, passando depois a Visconde de Macaé. Era natural da Bahia. Em virtude de representação do povo contra ele, foi suspenso do cargo em 1822. Foi presidente de São Paulo e Ministro de Estado;
16. **Dr. José Wernech Ribeiro de Aguiar:** último ouvidor da comarca, tomou posse em 26 de julho de 1824, servindo até 1826. Em Curitiba, casou com Ana Eufrásia de Sá Sotto Maior, a 21 de julho de 1825, filha do coronel Ignacio de Sá Sotto Maior, o velho.

Foi nomeado desembargador da Relação da Bahia, por decreto de 26 de julho de 1826.

Com a extinção das ouvidorias, foi a antiga capitania elevada à 5ª Comarca de São Paulo, sendo nomeado seu primeiro Juiz de Direito, em 20 de abril de 1833, o Dr. José Antonio Pimenta Bueno, que, mais tarde, foi Marquês de São Vicente.

Conforme Negrão (1926, p. 147), o último Juiz de Direito da 5ª Comarca de São Paulo foi o Dr. Antonio Francisco de Azevedo, nomeado por decreto de 6 de agosto de 1847, servindo até 1853, quando se deu a emancipação política da 5ª Comarca, que passou a constituir a Província do Paraná.

Os historiadores Cardoso e Westphalen (1986) alegam que um dos motivos da emancipação político-administrativa do Paraná foi a tensão causada pelos movimentos revolucionários Farroupilha (1835) e Liberal de Sorocaba (1842), pelos quais os paranaenses possuíam grandes interesses.

Houve temor que os paranaenses, apoiando os dois movimentos revolucionários, permitissem a sua junção. Por isso, o Presidente de São Paulo, Barão de Monte Alegre, confiou a João da Silva Machado, tropeiro muito bem relacionado com os paranaenses, a tarefa de evitar essa aliança. De fato, havia simpatias, principalmente nos Campos Gerais, pela causa liberal. (CARDOSO; WESTPHALEN, 1986, p. 56).

Assim, a emancipação foi prometida aos paranaenses, em troca de sua neutralidade com relação aos ideais revolucionários. Um primeiro projeto foi apresentado em 1843, mas, como contrariava os interesses paulistas, não teve andamento. Após muitas reivindicações, finalmente foi criada a Província do Paraná, em 19 de dezembro de 1853, sendo instalada pelo seu primeiro presidente, Zacarias de Góes e Vasconcellos.

Ainda com relação à ouvidoria em Paranaguá, houve um fato curioso e que merece ser comentado, sobre o ouvidor Dr. Antônio Barbosa de Matos Coutinho, 8º na sucessão de ouvidores em Paranaguá: Nascimento Junior (1980b), em seu artigo *O despotismo dum ouvidor*, dá detalhes de sua personalidade desde o início de sua nomeação até a substituição do seu cargo pelo Dr. Francisco Leandro de Toledo Rendon.

Eis os fatos: o Dr. Antônio Barbosa de Matos Coutinho foi nomeado por provisão régia de 8 de abril de 1772 ao cargo de ouvidor geral e corregedor da Comarca de Paranaguá, trazendo em sua companhia um sobrinho, o Dr. Antônio Vidal Lage de Barbosa, que estava à procura de emprego. Segundo consta, este ouvidor possuía um espírito colérico, iniciando de

imediatamente divergência com outras autoridades locais e até mesmo com a sociedade que o acolhera. Para piorar a situação, utilizou de sua influência, na qualidade de ouvidor geral, para nomear seu sobrinho ao cargo de Juiz de Órfãos, que na época estava vago. O provimento desta vaga só poderia ser feito pela Câmara Municipal, o que causou protesto por parte de alguns vereadores. Entretanto, os desentendimentos não param por aí: na tentativa de se reaproximar dos vereadores, começa uma perseguição contra os comerciantes do então povoado de Morretes (negando licença para abertura de novas casas de negócio), com intuito de impedir seu desenvolvimento, que contrariava os interesses de Paranaguá. Interferiu também no conserto da estrada da Serra, prejudicando a comunicação com Curitiba pelo morro do Cadeado. Estes feitos acabaram por denegrir ainda mais a sua imagem. Até o povo parnanguara, aderindo à hostilidade aos Barbosas (tio e sobrinho), aproveitou o Sábado de Aleluia de 1785, para expô-los ao ridículo, apresentando dois judas trajados com vestes e fisionomias muito parecidas com as do ouvidor e de seu sobrinho. Os Barbosas ficaram possesos, interpretando o ato como um desacato à autoridade, iniciando, assim, uma severa perseguição contra o vereador mais velho da Câmara, José Joaquim Pinto de Castro, acusando-o de ter fornecido as vestes que foram colocadas nos bonecos. Na verdade, tal acusação foi um pretexto: o que realmente o motivou foi uma discussão política que gerou profunda inimizade entre o vereador e o ouvidor geral.

Na sede de vingança, tio e sobrinho formularam uma denúncia contra o vereador ao capital-general de São Paulo, da qual resultou, dias depois, a ordem de prisão do vereador, sendo encarcerado primeiro na fortaleza da Barra e, depois, numa das enxovias da Cadeia Velha. A indignação popular foi grande, motivando a Câmara, em 30 de junho de 1785²¹, a prestar queixas contra o ouvidor geral e seu sobrinho, pedindo suas exonerações. Portanto, no dia 21 de julho de 1785, o novo ouvidor tomou posse, anulando o processo intentado contra Pinto de Castro, colocando-o em liberdade.

Na citação a seguir, constata-se que Santos (2001, p. 175) também faz alusão à figura do ouvidor geral Antônio Barbosa de Matos Coutinho como um sujeito tirano e cheio de ardis:

²¹ Segundo Nascimento Junior (1980, p. 268), desde 17 de julho de 1783, o Dr. Francisco Leandro de Toledo Rendon se achava nomeado para substituir o Dr. Antonio Barbosa de Matos Coutinho. Sobre o mesmo fato, acrescenta: “ao que parece sem grande desejo ou pressa de assumir o cargo, aqui aparecendo dois anos depois, precisamente no mais aceso da guerra ao seu antecessor”. Tal passagem explica a datação de posse do ouvidor Antonio Barbosa de Matos Coutinho, registrada por Francisco Negrão (1926).

... a terra pondo e dispondo com despótico domínio queixando-se do Vereador mais velho José Joaquim Pinto de Castro que à ordem do mesmo General foi preso na fortaleza e dali conduzido à enxovia da cadeia, formando-lhe o mesmo Ouvidor culpa com falsas testemunhas, somente por capricho de sua paixão.

No *corpus* deste trabalho, há um documento oficial, datado de 25 de fevereiro de 1785, redigido pelo ouvidor Antônio Barbosa de Matos Coutinho, o qual acusa o vereador José Joaquim Pinto de Castro de ser um ‘rábula’ e ‘perturbador’ da paz, na vila de Paranaguá, por isso ordena sua prisão na Fortaleza da Barra.

[Doc.32, fol.1v, 25/Fevereiro/1785]

[...] Eu conheci muitos annos esta camera pacifica; porem depois que aquelle Rabula se fes dominante aconselhando os he a mais inquietude de toda a capitania. Deixaraõ de arrematar o contrato da Corte por intereces particulares, fizeraõ a arrematação da serca a custa dos bens do concelho, contra a despozição dos Provimientos aprovados por Sua Magestade e otras obras que não pertenciaõ a sua destribuicaõ; e porque temem que em correição serão punidos deraõ de tudo conta a Sua Magestade per concelho de Jose Joaquim, segurando lhes que estando affecto a Sua Magestade não pode o Corregedor tomar conhecimento. Estes factos me obrigarão a prende lo na Fortaleza da Barra, porque estou certo que sessa tudo, e tudo fica Logo em pas; porque quando Vossa Excelencia o castigou conteves se muito tempo, e só agora depois de vereador principiou no va perturbação: porque elle so tem ardil para fomentar novidades, e inquietaçoens. A que dava occasião o persua dirse que com a minha retirada me portaria froixamente, emquanto não xega meo sucessor, porem eu não [d]evo deixar de fazer a minha obrigação ate o ultimo instante, asim Como não deixo da pedir sempre a Deus Continue a Vossa Excelencia sempre,

[Doc.32, fol.2r, 25/Fevereiro/1785]

Saude perfeita, e que o guarde e felicite por muitos anos.
Parnagua 25 de Fevereiro de 1785.
Beija as maons de Vossa. Excelencia

Seu mais humilde subdito, e mais atento Criado
Antonio Barboza de Mattos Coitinho

Num primeiro momento, lendo este documento isoladamente de seu contexto histórico, tem-se a impressão de ter sido o ouvidor geral vítima das artimanhas do vereador

José Joaquim Pinto de Castro. Mas, buscando entender o contexto dos personagens envolvidos em tal documento, verifica-se que a situação é oposta: o ardiloso e ‘rábula’ desta história é o próprio Dr. Antonio Barbosa de Matos Coutinho, pois, levando em consideração as passagens descritas pelos historiadores anteriormente citados, constata-se que a figura deste ouvidor está associada à de um déspota rancoroso que, utilizando-se de seu poder e influência política, procurava beneficiar a si próprio, julgando-se no direito de punir àqueles que iam contra os seus interesses.

Neste excerto histórico, tanto o ouvidor geral como seu sobrinho, exemplo de políticos corruptos, foram exonerados de seus cargos, depois de constatado abuso de poder. Portanto, assim que o ouvidor e seu sobrinho foram deportados à Portugal, esse episódio dramático tem seu fim.

2.5.4 Economia de Paranaguá

*O ouro foi, seguramente,
o melhor fator do povoamento,
aliás, bem rápido, da nossa costa marítima.*
(B.I.H.G.E.P, 1972, p. 49)

Desde o descobrimento do Brasil, encontrar metais preciosos sempre foi o objetivo maior da Metrópole portuguesa. Inicialmente, os indícios desses metais preciosos eram escassos. Por isso, o governo português abriu mão do monopólio e estimulou o descobrimento das minas, concedendo-as aos seus descobridores.

Saboya Côrtes (1972), em seu artigo *Paranaguá, berço da civilização paranaense*, registra uma passagem escrita por Pedro Joaquim Castro Correa e Silva, na qual declara:

Demonstrei, que Pernagoá foi aonde na America Portuguesa se descobrirão as primeiras minas de ouro que tiveram o credito de grandiosas, enquanto se não atrahirão a maior parte dos seus mineiros das abundancias dos ouros que se descobrirão nas minas gerais, ficando sempre Pernaguá até o dia de hoje, com huma mineração actual, arbitrio dos seus povos. [...] podem tão bem mostrar a antiguidade de seu estabelecimento, pois das suas minas as primeiras que aparecerão no Brazil e tirarão tantas porções de ouro e copiózas riquezas que ela ofereceo ao seu soberano, o Sr. Rey Dom Pedro

Segundo ainda no tempo em que governava o Reyno como Príncipe Regente. (CÔRTEZ, 1972, p. 236-237).

Como ilustra o documento e elucida Martins (1995, p. 220), “dentre as regiões onde primeiro apareceram notícias de minas de ouro e que mais esperanças despertaram de grandes êxitos, figurou Paranaguá”.

Embora, em meados do século XVI, portugueses e espanhóis praticassem, em solo brasileiro, o tráfico de escravos indígenas, a grande economia inicia-se no século XVII, com a exploração aurífera do litoral e do planalto. Antes dessa época, a mineração não tinha sido iniciada em nenhuma parte do Brasil.

Segundo Steca e Flores (2002), com a descoberta do ouro nos ribeirões que deságuam na baía de Paranaguá, considerável fluxo populacional, provindo das regiões de Santos, São Vicente, Cananéia, São Paulo e Rio de Janeiro, dirigiu-se para aquela área. A finalidade era explorar o metal precioso e, para isso, fazia-se necessária muita mão de obra. O ouro de aluvião, encontrado no leito dos rios, requeria muito trabalho, e só a mão de obra escrava poderia viabilizar a exploração. Portanto, esse tipo de exploração era muito dispendioso e o retorno nem sempre compensador. Porém, em decorrência desse fator, ocorreu a integração dessa economia regional à economia colonial que, por sua vez, também era sustentada pelo trabalho escravo.

Diante das informações existentes, construiu-se em Paranaguá a primeira Casa de Fundição do Ouro no Brasil. O governador-geral do Sul do Brasil, Duarte Corrêa Vasqueannes, expediu Eleodoro Ébano Pereira como administrador das minas do Sul, Pedro de Souza Pereira como provedor da Fazenda Real, e Mateus de Leão para delegado em Paranaguá. Gabriel de Lara veio de Iguape com um grupo de companheiros e, diante das riquezas que viu, empenhou-se junto ao Governo Geral do Rio de Janeiro para “Ordem de Povoação e Pelourinho” que, desde 1640, chefiava os seus mineradores. Segundo Martins (1995, p. 222, grifos do autor),

... o próprio fato da presença de autoridades oficiais nas regiões das minas então descobertas, contribuiu para despertar o interesse por esse novo gênero de atividade econômica sertanista e em breve Iguape e Paranaguá se tornaram *‘as povoações mais florescentes da costa, enquanto não foram descobertos os ricos aluviões de Minas Gerais’*.

Côrtes (1972) relata que, ao receber um trabalho histórico do professor Dr. Nélson de Senna, relativo às comemorações do 200º aniversário de Vila Rica, fica surpreso ao saber que os paranaguenses foram os primeiros mineradores dos sertões e montanhas de Cataguazes, iniciando, assim, a famosa “Era do Ouro” nas Minas Gerais e, conseqüentemente, inaugura ali uma nova civilização. Este autor faz um paralelismo entre paranaenses e mineiros, dizendo que estes “possuem os mesmos traços familiares, semelhança de costumes e de aspectos físicos, pela mesma afeição à vida aventureira dos ‘garimpos’ e à rude, mas livre, existência dos que se entregam pelos nossos sertões, à vida agropecuária” (CÔRTES, 1972, p. 241).

Apesar de as minas de ouro terem beneficiado não só a Coroa Portuguesa, mas também a determinada casta da época, a vida dos mineradores não era nada fácil: muitas vezes agrupavam-se em acampamento, formando um arraial, onde moravam em toscas cabanas de pau, cobertas com folhas de palmeira ou capim. Possuíam uma alimentação deficiente, porque poucos se dedicavam à agricultura e à pecuária. Nascimento Junior (1972), em seu artigo *Paranaguá no Continente*, comenta:

Dando em 1721, o Ouvidor Pardinho, os seus Provimentos [...] faz clara referência à situação de anarquia administrativa e judicial em que encontrou a povoação, tanto que providenciou sobre devassas para apuração de crimes atrozes e outras malversações praticadas, por onde se auge a convicção de que se a um século de distância da fundação era aquele o estado de coisas, pior devia ser nas origens, quando nenhuma outra autoridade, além da do donatário, aliás mui frouxa e platônica, pelas muitas léguas que separavam a sede da Capitania das suas povoações, se fazia sentir. (NASCIMENTO JUNIOR, 1972, p. 170).

Com o passar dos tempos, a produção das minas foi ficando economicamente inviável na região. Segundo consta do manuscrito de número 03, esta decadência já acontecia no início do século XVIII:

[Doc.03, fol.1r, 04/dezembro/1721]

No particular das minas foi publicado
nesta *Villa* hi bando do Gouernador *Dom* Bras
Balthazar da silueira em que ordenaua
se naõ lauraçe nas minas Velhas e Sendo
emformado o Gouernador do Rio de Janeiro
Francisco de Tauora do dito bando auisou
a esta Camera por carta sua de 26 de Ju
lho de 1714 annos que esta *villa* estaua sugeita
ao seu Gouerno e que Se no em tanto ouueçe

noua Ordem de sua Magestade que Deos *garde* o fã
ria presente a esta Camera por cuyas

[Doc.03, fol.1v, 04/dezembro/1721]

cuyas rezois nosos antesesores naõ
prohiuiram o faiscar nas ditas minas
velhas do destrito desta *villa*, e al
guns~ moradores e homes de fora andauaõ
laurando nas ditas minas e naõ sa
uemos o rendimento dellas so nos dizem
estam ja tam relauadas que case todos
tem despejado e se aparece algum ouro
nesta *villa* he uindo de Coritiba e por esta
causa tendo notisia o ouuidor Geral [Doutor]
Raphael Pires pardinho [...]

Contudo, o governo português não queria acreditar neste fato, e recorreu, então, a um novo tipo de imposto, a captação e, como salienta Wachowicz (1967, p. 37),

Tal sistema, no Brasil, foi um desastre, principalmente no sul. A situação tornou-se gravíssima quando surgiu mais um impôsto, o chamado ‘donativo dos chapins da Rainha’, que tinha por finalidade angariar fundos para o casamento dos príncipes portugueses.

De qualquer forma, em 1734, as oficinas de fundição de ouro em Paranaguá foram fechadas, porque sua manutenção era mais onerosa do que o lucro que proporcionava.

O esgotamento do ouro no Paraná, associado à descoberta do ouro em Minas Gerais, no século XVIII, provocou a saída dos garimpeiros, atraídos por maiores ganhos. Houve um esvaziamento populacional nas áreas mineradoras paranaenses. Dos que ficaram, uns permaneceram tentando a sorte nas minas, outros procuraram no planalto regiões que permitissem a prática da agricultura, extração da erva-mate e/ou a criação de gado.

Segundo Ladeira (1990), a sociedade parnanguara, atualmente, constitui-se de elementos étnicos e de miscigenação. Centra-se naquela região, uma ‘aristocracia’ pequena, detentora do poder político, índios Guarani e uma grande população mestiça que compõe a maioria das vilas de pescadores. Desse modo, a população formada possui distintas categorias que permanecem nitidamente distanciadas no convívio social, principalmente quando se comparam moradores das ilhas com os do continente. Fatores econômicos também são divergentes. As comunidades isoladas nas ilhotas de Paranaguá desenvolvem uma economia de subsistência: a pesca, aliada às roças, garante o sustento da população. A inexpressividade dessa atividade no âmbito econômico é atribuída a dois fatores: a localização dos portos e a

pequena dimensão do litoral. O desenvolvimento da técnica da pesca artesanal tem contribuído para a fonte de renda, mesmo que escassa, dessa população regional. Por outro lado, pode-se afirmar que a atividade mais significativa de Paranaguá é o Porto D. Pedro II. Situado no interior da baía de Paranaguá²², com condições de atracagem favoráveis, destaca-se entre os maiores portos exportadores de grãos do Brasil. Desde sua existência até os dias de hoje, está ligado aos cinco ciclos econômicos do Paraná: do ouro, da erva-mate, da madeira, do café e diversificações (milho, soja, farelo, algodão, óleos vegetais etc.).

2.5.5 Origem e Desfecho do Colégio dos Jesuítas em Paranaguá

*Falar em Escola ou Colégio, é falar da cultura de um povo.
A mais modesta cidade, por pequena que seja;
interessando-se pelo 'ensino' de seu povo, está dando a
conhecer de que é culta, ou pelo menos, assim o deseja ser.*
(VIANA, 1976, p. 39).

A fundação do colégio dos jesuítas em Paranaguá é relatada por muitos historiadores como um fato que ganhou páginas da história dessa cidade, por isso merece ser analisada à luz do contexto sócio-histórico pertinente ao período em que foram produzidos os documentos manuscritos, *corpus* deste trabalho.

Recuando no tempo, Freitas (1999) assegura que, por volta do século XVI, já se tinha notícia da entrada dos primeiros jesuítas em terras parnanguaras, cuja missão era aproximarem-se dos índios carijó com o propósito de resgatar uns náufragos espanhóis capturados pelos selvagens:

Leonardo Nunes foi o primeiro religioso que percorreu as praias da região de Paranaguá, em 1550, quando da viagem realizada entre São Vicente e Lagoa dos Patos, a fim de conseguir a liberdade de algumas famílias de fidalgos espanhóis que se dirigiam ao rio da Prata e haviam sido aprisionadas pelos índios. (FREITAS, 1999, p. 159).

²² Na realidade, o que se conhece popularmente como baía de Paranaguá é um conjunto de três baías, a de Paranaguá, Antonina e Laranjeiras (município de Guaraqueçaba), todas elas interligadas numa mesma formação geográfica (KRAEMER, 1983, p. 18).

Antes mesmo da instalação da Casa Jesuítica em Paranaguá, Freitas (1999) menciona que já havia uma preocupação em enviar missões volantes à baía de Paranaguá. A primeira Casa de Missão estável para a região foi em São Vicente e, depois, em Cananéia:

Periodicamente, ao tempo de Leonardo Nunes, desta casa de missão de Cananéia, faziam os jesuítas missões entre os Carijó e primitivos povoadores da margem esquerda do rio Taguaré (Itiberê), como a de Pedro Correia e João de Sousa que deveria durar sete anos, porém, ao chegarem até os planaltos, foram flechados e mortos nas fraldas da Serra do Mar, sertões dos Carijó, em 1556.^[23] (FREITAS, 1999, p. 160)

Após esse acontecimento, o padre Leonardo Nunes também desapareceu. Em viagem a Roma, sua nau naufragou e o missionário morreu afogado. E, como consequência, a ação jesuítica, não somente nos sertões de Paranaguá, mas também em todo o litoral sul, fica enfraquecida, sendo retomada 10 anos depois pelos padres José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, a partir do ano de 1566 em diante.

Em 1605, uma nova missão, composta pelos religiosos João Lobato e Jerônimo Rodrigues, é enviada a Paranaguá pelo padre Fernão Cardim. Ermelino de Leão (1926, p. 942) informa que, “entre os anos de 1606 e 1640, os missionários jesuítas, que deviam operar em Paranaguá, resolveram instalar no Superagui, junto ao Varadouro Velho, a primeira casa de Missões no território do atual Paraná”.

Com a ação missionária, os Carijós foram, aos poucos, assimilando a vida civilizada, diminuindo os conflitos entre os índios e a população daquela região. Devido aos benefícios prestados à colonização, os habitantes de Paranaguá sentiram a necessidade da fixação desses padres no povoado, ou seja, de um colégio jesuítico onde eles pudessem não só catequizar os gentios, como também instruir os filhos dos colonos. Entretanto, segundo Nascimento Junior (1929), neste período, o povoamento teve de se contentar com as visitas dos padres da Casa das Missões do Colégio de Jesuítas de São Vicente, regularmente feitas em constantes viagens à costa Sul do país. Essas visitas, conhecidas como ‘missões volantes’,

²³ Sobre este episódio, Leão (1926) e Nascimento Junior (1929) informam que o maior responsável pelo assassinato dos dois jesuítas foi o castelhano Ruy Moschera, que provavelmente se achava em Cananéia ou em Superagui. Por meio de fálacia supôs aos índios serem os religiosos espiões da tribo inimiga dos tupiniquis, urdindo assim uma intriga contra os jesuítas. Amotinados, os Carijó, investiram contra os padres, flechando-os mortalmente.

... agiram em Paranaguá em todo o decurso do século XVII, sem estabelecimento fixo, pois só em começo da seguinte centúria é que a Camara, em sessão de vereança de 3 de Agosto de 1704 e provalvemente em cumprimento de algum voto de 20 annos antes quando assolada a villa pela peste conhecida pelo nome de ‘bicha’, teriam os moradores recorrido á Providencia com a promessa, a Camara, repetimos, tomou a sim o encargo, em nome do povo, de erigir para a Companhia de Jesus uma casa sob o padroado de N. S. das Mercês. (NASCIMENTO JUNIOR, 1929, s/p.).

Baseando-se nos dados do Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Estado do Paraná (1991), o Colégio dos Jesuítas, desde o ano de 1682, representava antigo anseio da população parnanguara, pois, conforme petição da Câmara Municipal de Paranaguá, os seus moradores solicitavam ao Superior Geral da Companhia de Jesus, a residência de padres jesuítas em sua Vila, visando à educação de seus filhos.

Em 1690, a Câmara volta a insistir nessa petição. Unida à representação do povo, solicitou ao Provincial da Companhia de Jesus a vinda de seis padres, com a promessa de construir para eles um colégio e residência à custa do povo, bem como a dar o dinheiro necessário para a aquisição de terras e escravos africanos para seus estabelecimentos agrícolas. Tudo isso prometiam em troca de aulas de ensino primário e de latinidade e, ainda, de religião.

No ano de 1699, a Câmara entregava aos jesuítas seis escrituras de doação e, em agosto de 1704, com a chegada do padre Antônio da Cruz, foi possível concretizar o possível estabelecimento dos religiosos em Paranaguá. Consoante a isso, a Câmara fez a promessa em nome do povo, à Companhia de Jesus, de doar bens e as *alfaias*²⁴ da Capela de Nossa Senhora das Mercês para a fundação do colégio na vila. O cronista Antônio Vieira dos Santos (2001, p. 64) descreve em detalhes todos os bens que foram doados por Antônio Morato²⁵:

À f. 18 do livro 15 de Registros 1689 a 1719, se acha promessa que fez este povo da Vila de Paranaguá à Religião da Companhia de Jesus, para efeito de fundarem convento nesta Vila. A padroeira Nossa Senhora das Mercês, com uma coroa de prata e seus mantos: 2 ornamentos, a saber, um de chamalote carmesim novo e outro de séda pouco usado; 4 castiçais, 2 de latão e 2 de estanho; 1 missal, 1 cálice e 1 patena de prata, 1 alva, toalhas e o mais necessário; 1 Ilha chamada da Cotinga a metade dela, 1 igreja da dita Senhora na forma em que está acabada, a minha pessoa [Antônio Morato]

²⁴ Alfaia: móvel ou adereço de residência como banco, cadeira, bofete, tapete, tapeçaria, entre outros. Designação também de peça ou ornamento utilizado em cerimônia litúrgica (BOTELHO; REIS, 2008, p. 14).

²⁵ Antonio Morato – filho e sucessor do provedor Manuel de Lemos Conde, doador de metade da ilha da Cotinga à Companhia de Jesus.

para servir aos reverendos Padres, no que puder, [...]. Em dinheiro de contado 842\$8240 réis, 100 cabeças de gado vacum, nos Campos de Curitiba, 1 casa com quatro cubículos assobradadas, de pedra e cal à roda, ficando incluída com o muro, todas as terras pertencentes ao Varador, casa para morarem os outros dois Padres, enquanto durar a obra (do Colégio) nos obrigamos a dar cumprimento na forma escrita por nós e nossos sucessores. Paranaguá, em Câmara de agosto de 1704.

As contribuições para a fixação dos jesuítas em Paranaguá não param por aí. De acordo com Westphalen (1902, p. 1), no dia 2 de maio de 1707, “a Câmara Municipal doa aos padres da Companhia, sete mil cruzados para a edificação da igreja, e mais dois currais e quatrocentas cabeças de gado, para a cônica, bem como terras suficientes para o pastoreiro e plantações”.

Portanto, no dia 14 de maio de 1708, chegam à vila de Paranaguá, enviados pelo provincial da Companhia de Jesus João Antônio Andrioni, os padres Antônio da Cruz e Tomás de Aquino, recebidos pela população com grande alegria e debaixo de palio e conduzidos até a igreja matriz, onde cantaram *Te Deum laudamus*. Conforme atestam os historiadores, a fundação do colégio consta a partir desta data, contudo sua construção sofreria embaraços em virtude da lei, que exigia a apresentação do alvará régio para a construção de institutos religiosos em qualquer parte dos domínios portugueses. A obra foi embargada em 3 de fevereiro de 1709, pelo Dr. João Saraiva de Carvalho, ouvidor geral do Sul do Brasil (NASCIMENTO JUNIOR, 1929).

Porém, em 1720, a construção sofreria novo embargo. O ouvidor geral de São Paulo Raphael Pires Pardini, em visita de correição à Vila de Paranaguá e demarcação dos terrenos do Rocio (incluindo a Ilha da Cotinga), não reconheceu as doações feitas por Antonio Morato à Companhia (através do provimento de n.º 60), da metade da ilha da Cotinga e das terras do Varadouro. Neste mesmo provimento, o ouvidor Pardini alega que “tendo sido na Cotinga a sede da primeira povoação, justa não era a cedência dessa ilha aos Jesuítas em prejuízo do patrimônio municipal” (NASCIMENTO JUNIOR, 1929, s/p). Segundo este autor, consta ainda, em tal provimento, a anulação de “outros bens dados de mão beijada à poderosa Ordem para prestar benefícios públicos que, entretanto, ainda não haviam prestado apesar de aqui residirem desde 1708, isto é, há longos doze anos” (NASCIMENTO JUNIOR, 1929, s/p).

No entanto, os parnanguaras não desistem de seus anseios. Conforme se verifica no Doc. 10 (fol.1r/fol/1v), datado em 17 de março de 1722, a Câmara de Paranaguá envia ao rei uma representação pedindo permissão para fundarem o colégio e prosseguimento das obras, e a permanência dos padres na vila:

[Doc.10, fol.1r, 17/Março/1722]

Dous são os motivos *que* emcu
 ulcam alentar ce nossa ouzadia
 a prezenciar lhe a *grande* afliçam
 em que de presente se acha o po=
 vo desta *villa*. O *Primeiro* hê a serteza
 de andar ô Illustre de seu sange
 vinculado as commizeraçonins
para emparo dos *que* athe se arri=
 maõ. O outro a *grande* propençãõ
 que reconhecemos do begnino de
 seu natural que não estranha
 râ valernomos de tam poderosa-
 emtercençãõ *para* o nosso socego-
 e bem de tantas mil Almas que
 compreende esta e as mais *villas*
 circumvezinhas em cazo, *que* os
 Reverendos *Padres* da *Companhia* nos dezampa=
 rem como o intentaõ; e o Reverendo -
Padre Superior se tem despedido nes
 te senado, por ordem *que* tem de seu
 provinssial; por *que* alem de serem
 faltas de sacerdotes, sam os des
 trictos de seus abitadores com-
 intençãõ, de des, ou doze legoas –
 mediando *grandes* Bahyas de muitos ris
 cos de vida, emposiuel o Remedio
 de suas nessecidades, às maýores de
 ligencias de seu vigario, e só os ditos
 Reverendos *Padres* os socorriaõ por esta-
 rem prontos a este grande [servisso]
 de Deos, e faltando elles ficaremos
 viuendo, e morrendo como irracio

[Doc.10, fol.1v, 17/Março/1722]

Irracionais, e nossos Filhos sem
 o emsino conveniente, por *que* as
 nossas possibilidades nam abrangem
 ao dezempenho *que* nos presisa a õ=
 brigaçam pondo os onde alcanssem
 decorozo estado. Vossa *Excelentissima* pello
 sangue de Iesu Christo se dig=
 ne por nestes seus suditos, e ne
 ssas petiçonins os olhos: pois-
 da autoridade de taõ exselco asi=
 lo, e do piadozo, e catolico de seu
 zello, esperamos felix despacho
para a suspençãõ da ida dos ditos *Padres*
 thê ultima Resoluçãõ de aver, o cinaõ

lissenca para a fundação de Collejo
 Nesta villa; e se a nossa fortuna lo=
 grar a dita de meresser a sua inter
 senção para que sua Magestade que Deos
 Guarde a comseda a Divi
 nã a vossa Excelentissima o premio com a vi=
 da que devemos dezejar. a vossa Ex=
 selenssia Deos Guarde muitos annos Pernaguã
 Em Camera 17 de Março de 1722
 Manoel Ferreira do valle
 João Neto mendes
 Francisco da Costa Fartos
 João da uiga de siqjra
 Antonio Rangel

Analisando o contexto desse documento oficial, constata-se a necessidade dos colonos, de haver em sua vila um colégio para instruir o povo, uma vez que a distância percorrida pelos reverendos de uma barra a outra, dificultava a implementação de um ensino regular. A Ordem dos Jesuítas representava a cultura letrada para os habitantes daquela região, quase todos moradores de pequenas vilas como Paranaguá, que em sua grande parte eram analfabetos. Isso explica a necessidade dessa cultura letrada justificada pelo argumento da carência religiosa e dos sacramentos. Desse modo, os padres, e especialmente os jesuítas, eram sempre vistos como ilustres figuras políticas e religiosas.

Voltando ao contexto histórico, verifica-se que a relação entre o ouvidor Pardinho e os padres jesuítas estava estremecida devido ao embargo da obra que constava no provimento de n°. 60. Aparentemente, o ouvidor não era contra a fundação do colégio, no entanto, estava bastante receoso em relação aos bens doados à Companhia de Jesus. Segundo Boutin (2005, p. 188), os jesuítas

... possuíam estabelecimentos agrícolas e criação de gado na barra do Superagüi e Araripe. Metade da ilha da Cotinga e vasto sítio em Morretes e terras no Varadouro. Serra acima, a fazenda da Borda do Campo com criação de gado e lavras de ouro, fazendas em Pitanguí (Ponta Grossa) e no Capivari.

Passadas duas décadas, esse cuidado com a expansão da propriedade dos jesuítas também pode ser entendido a partir de uma representação da Câmara de Paranaguá contra os jesuítas, conforme consta do doc. 25 (fol.1r/fol.1v), datada em 27 de janeiro de 1743,

acusando os padres de avançarem com os pilares do colégio 100 braças de terras num lugar chamado Ribanceira:

[Doc. 25, fol.1r]

Naõ pouco temos est÷mado a boa vinda de *vossa Illustrissima* Deus graça sempre conceruarlhe saude *para* reparação e aumento desta capitania e anos Mandarnos como seus humilde subditos Nesta oCaziaõ se nos offereçe reprezsentar a *vossa Illustrissima* exselinssia *que* os Reverendos Padres da *companhia* de Iesus *que* exsiste nesta *villa* apresentaraõ Ao Juiz ordinario hua portaria de *vossa Illustrissima* por onde ordena se faça refazer dentro em tres dias huns pillares *que* Os mesmos Reverendos Padres tinhaõ fundado em huas braças de chaons~ *que* dizem puçuir Nesta *villa* na paraje ribançeyra Os quais prinçipios Os avia Mandado demu Lir Os nossos Antipaçados, e dandoçe Logo A mesma portaria seo enteyro complimento se achaõ já os mesmos pillares rete ficados como de antes; Mais como este prossedimento em contra em parte O disposto *que* hã sobre este *particular* Nos pare .. sseo dar a *vossa Illustrissima* de tudo Conta emviandolhe as copias emclusas pellas coais Vera *vossa Illustrissima* *que* vindo a esta *villa* o Doutor Dezembargador Raphael Pires Pardinho em corre÷caõ ante Vendo *que* os Reverendos Padres se asenhoreavaõ de sem [brasas de chaons'] em coadra Na Milhor paraje *que* tem esta *villa* para ô seo aumento Proueo sinaõ goardaçe a tal data de chaons~. como da Mesma Copia Consta e os Mesmos Reverendos Padres sem *que* ordinariamente vintillasem A posseção dos tais chaons~ pertenderaõ Leuantar nelles edeffícios afim de se entridozirem Na poçe e com efeito o ffizeraõ dando por prinçipio os referidos pillares O *que* vendo os ditos Nossos anteseçores e o provimento em contrario e ordens~ Reais por onde Sua Magestade *que* Deos guarde auia por confirmados Os tais capitullos como das copias juntas se manifestaõ Atendendo outro sim Os m[esm]os officiaes *que* os Reverendos Padres estauaõ bastante Mente acomodados com outros chaons~ *que* de novo si lhes deo na doação *que* se lhes avia feito da Capella de Nossa Senhora do terço Onde Oie fundaõ seo Collegio e tirem muito

[Doc. 25, fol.1v]

Muitos chaons~ ocupados No lugar e ponta da *villa* onde em the o presente a sistem e atalharem por este fim aver lugar *para* outras relligioins~ su fficientes atendendo outro sim *que* no alvarã por *que* Sua Magestade fo÷ seruido conçeder Licenca *para* a fundação do Collegio mandou nella declarar *que* os Reverendos Padres naõ compraçem nem pe ssuicem mais terras das *que* peçuhiaõ determinaraõ mandar demulir os tais pillares pella referida rezaõ, e nos parece de viaõ os Reverendos Padres deduzir ordinariamente a peçuido e naõ pellos me÷os extraordinarios como portendem em atenção do *que* pedimos e rogamos a *vossa Illustrissima* eexselençia a prouidençia

sobre esta materia por naõ emcontrarmos o disposto e or
dens~ reais e menos conheçaõ os Reverendos Padres e se lhes naõ
faz violleñcia mandando nos a oservar os ditos Cappitulos e ordens
atendendo outro sim o prejuizo que receberã o aumento da pouo-
açãõ com a priuança das sem brasas de chaons em coadra
de que seguirem apoçar os ditos Reverendos Padres de que ficamos es
perando a desizaõ para sauermos o que devemos obrar

Todos ficamos rogando a Deos Guarde a vossa Illustrissima exselen
cia por *muitos* annosPernagoa em camera 27 de janeiro de 17

43

De vossa Illustrissima Exse

Lensia

Senhor General Dom Luiz Mascarenhas

Os menores de seus subditos

Domingos Correa da Silva

Antonio João de Mendonca

Caetano (M Fernandes)

Antonio deSousa Pereira

José (Pires) dinis

Esse documento de 1743 foi endereçado ao general Dom Luis Mascarenhas, e é um exemplo da preocupação das autoridades em relação às terras doadas aos jesuítas em Paranaguá. Em trecho da representação, a Câmara local exige que em, no máximo, dez dias a partir da data da carta, os padres restituissem as terras invadidas e fizessem novas demarcações. O receio que se tinha em Paranaguá em relação aos bens dos padres jesuítas refletia a realidade colonial. Os colonos se preocupavam cada vez mais, e logo também se preocupou a Coroa Portuguesa, com o fortalecimento dos padres, bem como os inúmeros bens materiais que possuíam, além do controle sobre os índios nas reduções.

Na primeira metade do século XVIII, o conflito entre colonos e jesuítas se acirrou e, mais que isso, a administração pública portuguesa também temia o avanço do chamado império jesuítico. A riqueza dos padres começava a incomodar a Coroa Portuguesa, bem como a autonomia das reduções, dos colégios e sua autossuficiência (NASCIMENTO JUNIOR, 1929).

Pode-se explicar, a partir disso, a resistência da Coroa Portuguesa em permitir a fundação de um colégio jesuítico em uma posição militar e economicamente estratégica. O fato indica que, já no início do século XVIII, havia grandes disputas políticas no reino português. Mas, o mais frequente dizia respeito aos bens dos padres inacianos e às riquezas advindas de doações que eles tão bem administravam. A essa fama de bons administradores, Leão (1926, p. 944) comenta que os jesuítas sabiam unir, às funções catequistas, “uma perfeita intuição economica: eram bons gestores dos bens da Companhia e empregavam todos

os esforços para enriquecê-la, cada vez mais, não só no magistério, como nas artes e indústrias”.

Leão (1926), com intuito de reforçar sua opinião sobre a ambição e boa administração dos jesuítas, cita uma observação feita por Saint Hilaire referente ao contraste entre a gestão da Fazenda da Borda do Campo antes e depois do confisco: “Todas as obras dos jesuítas prosperavam; denotavam trabalho e perfeita direção administrativa: as do governo decahiam, arruinavam-se; davam o triste exemplo de desorganização e de defraudação do fisco” (LEÃO, 1926, p. 945).

Quanto à reputação dos jesuítas e ao longo tempo para o estabelecimento efetivo do colégio dos jesuítas, na Vila de Paranaguá, Nascimento Junior (1929, s/p.) nos informa:

Eram os abusos jesuíticos, já há muito em pratica na Europa, que começavam a se implantar no Brasil; e por tel-os constatado é que Pardinho achou conveniente golpear o predomínio aqui manifestado pelos Padres da Companhia, sob aspectos tão pouco recomendáveis.

Somente em 1726, quando ocorre a substituição do ouvidor Pardinho pelo ouvidor geral e corregedor da Ouvidoria de Paranaguá, o Dr. Antonio Álvares Lanhas Peixoto, há o reconhecimento das doações feitas à Companhia de Jesus, pelo Provimento nº. 5. Todavia, o Conselho Ultramarino, ainda receoso, em novembro de 1735, pedia informações sobre a origem do dinheiro para a despesa da fundação do Colégio e sustento dos padres.

Em carta de 28 de março de 1737, a Câmara Municipal prestou as informações solicitadas pelo Conselho Ultramarino, acerca dos recursos com que os padres poderiam contar para a construção e manutenção do Colégio.

Finalmente, depois de tantas petições e de anos passados, a 19 de setembro de 1738, foi mandado passar provisão de licença aos padres da Companhia de Jesus para fundarem o Colégio na Vila de Paranaguá.

Na vereança de 2 de dezembro de 1739, compareceu o Padre Antonio da Cruz, a fim de comunicar que, conseguida a autorização real, os padres desejavam logo iniciar as obras. Assim, em 1740, teve princípio de fato a construção do colégio, cujas obras se prolongaram até 1759.

A data canônica de sua fundação é a de 10 de dezembro de 1752. A transferência dos padres para a sua nova casa, bem como dos serviços religiosos para a nova igreja junto ao

colégio, foi em 1754. Até esta data, os padres viviam em casa alheia e praticavam o culto também em igreja alheia.

A inauguração oficial do colégio e da igreja, contudo, foi realizada somente a 19 de março de 1755, sendo o colégio colocado sob a proteção de Nossa Senhora do Terço e a igreja sob a invocação de Santa Bárbara (WESTPHALEN, 1902).

Mas, apesar da boa vontade do povo em cooperar com esta obra, os jesuítas tiveram pouco tempo para o seu trabalho em Paranaguá. Em 1759, o Marquês de Pombal obteve a “bula do Papa Clemente XIV, na qual declarava extinta a Companhia de Jesus, e tratou de expedir, rapidamente, ordens terminantes para a expulsão e prisão dos padres e confisco de todos os seus bens” (NASCIMENTO JUNIOR, 1929, s/p).

Na opinião de Freitas (1999, p. 164), Pombal fora impulsionado por questões políticas, o qual alega:

... os jesuítas tinham dificultado as tentativas de demarcação, quando os indígenas do Sete Povos das Missões revoltaram-se contra as forças luso-castelhanas, na denominada ‘Guerra Guaranítica’ e que também teriam participado da conspiração, ao lado dos nobres, contra o rei, o poderoso ministro atacou a Companhia de Jesus, providenciando a expulsão dos padres do reino e domínios portugueses, inclusive o Brasil.

Portanto, em 15 de fevereiro de 1761, por ordem do governador-geral do Brasil, vieram a Paranaguá o general Gomes Freire de Andrade, para realizar o confisco dos bens dos jesuítas, e o desembargador Seraphim dos Anjos Pacheco de Abreu, para arrolar tudo o que a Companhia possuía e incorporar à Real Fazenda. Toda essa ação foi desempenhada com muita cautela e sigilo, de modo a evitar manifestações, protestos ou mesmo levantes (WESTPHALEN, 1902).

As fazendas foram a principal preocupação no sequestro dos bens dos jesuítas, sendo vendidas e o dinheiro revertido para a Coroa. Já os bens do colégio e da igreja anexa a ele foram entregues a um capelão, que manteve a conservação dos bens e alfaias e as missas na igreja. O prédio do colégio foi ocupado somente em 1821, por determinação do governo da província de São Paulo para servir de quartel às tropas do coronel governador Miguel Reinardo Bilstein. Ficou nessa situação até o ano de 1832, quando iniciaram os primeiros pedidos para reformas no prédio (WESTPHALEN, 1902).

Em 1838, parte do prédio foi ocupada pela irmandade da Santa Casa de Misericórdia, com o intuito de transformá-lo em um hospital, o que não se concretizou devido aos enormes

gastos para se fazer os reparos necessários. Dois anos depois chegava a autorização para a reforma. No ano de 1841 passou a funcionar, em uma das salas, uma classe primária. A igreja, que havia se tornado ruínas, foi demolida em 1896.

Levando em consideração relatos dos historiadores sobre a política de Pombal, percebe-se, claramente, pontos de vista divergentes. Para alguns, como Viana (1976, p. 41), a Lei Pombalina trouxe

[...] imenso prejuízo da infância e da juventude tão carentes de sadios ensinamentos; depois de 50 anos de labuta e sacrifícios em prol da instrução em nossa terra... [...] Paranaguá sentiu imensamente a saída desses educadores, que tantos benefícios vinham trazendo à nossa gente.

Na visão de Freitas (1999, p. 164), os jesuítas prestaram “indispensáveis e relevantes serviços à coroa portuguesa, não somente em Paranaguá, mas diversas regiões das terras brasileiras, principalmente quanto à catequese e civilização dos índios e a abnegada ação escolar”.

Estes cronistas não deixam de ter razão quando afirmam que os jesuítas foram os principais responsáveis pela assistência espiritual e pela educação dos brancos e gentios, no período colonial. Mas, com a mudança do quadro econômico e político de Portugal e Brasil Colônia, os jesuítas deixam de ser vistos como meros catequistas e passam a incomodar os interesses da Coroa quando esta dá início à política de expansão territorial, com auxílio dos bandeirantes paulistas. Deste posicionamento a favor da ação de Pombal, Negrão (1934, p. 136) é da seguinte opinião:

Felizmente a ascensão ao poder do grande ministro de D. João I – o marquez de Pombal – veio modificar completamente a norma política até então seguida pela metrópole.

Ao restabelecer o Governo de S. Paulo, foi recomendado ao novo Governador nomeado – o Morgado de Matheus, que insuflasse a vaidade dos paulistas e se appellasse para o seu nunca desmentido patriotismo, afim de que viessem prestar a sua Patria os serviços que sempre lhe haviam prestado os seus antepassados, os intrépidos – bandeirantes.

[...] Convem que seja estimulada a vaidade dos Paulistas. Para isso deve o Governador convidar as principaes pessoas da Capitania de S. Paulo, mostrando-lhes os serviços prestados por seus antepassados, nos sertões, nas lutas contra os jesuítas castelhanos, senhores dos indígenas.

Leão (1926, p. 945), mesmo reconhecendo alguns aspectos positivos das obras jesuítas – conforme se constata na passagem: “Não se pode negar a acção educadora, moral e política foi incontestável e mais benéfica do que perniciosa” –, é um tanto crítico quando se refere à função econômica da Companhia de Jesus: “os jesuítas visavam dois fins: um ostensivo – a conquista das almas para o céu e outro oculto, a conquista das riquezas para a Companhia. Eles sabiam o valor do dinheiro: quando não era possível persuadir, fácil lhes era corromper” (LEÃO, 1926, p. 945).

Em suma, não se pode negar que os missionários jesuítas desempenharam um importante papel educacional no Brasil Colônia, tanto com a catequese dos gentios quanto com a instrução dos filhos dos cristãos. Como os interesses da Companhia de Jesus se estenderam além do âmbito religioso, passando a atuar também em assuntos relacionados à política e à economia, a Coroa Portuguesa sente-se ameaçada pelo processo de fortalecimento das instituições jesuíticas, e os expulsa do território brasileiro, sob o pretexto de representarem um atraso na sociedade colonial, passando, assim, o sistema educacional para a responsabilidade da administração colonial.

2.5.6 Educação em Paranaguá

Com a expulsão dos jesuítas de solo brasileiro, a situação precária do atendimento educacional no Paraná é sentida durante todo o período setecentista, pois “o pouco que se tinha devia-se à ação dos jesuítas e desde as medidas pombalinas de laicização do ensino o povo da 5ª Comarca ficou basicamente desprovido de educação pública” (TRINDADE; ANDREAZZA, 2003, p. 408).

De acordo com Ribeiro Filho (1967, p. 137-138), foram enviados à Vila de Paranaguá, ainda no final do século XVIII, apenas dois mestres-régios²⁶. Em vereança de 26 de julho de 1783, a Câmara representou à rainha D. Maria I, sobre a necessidade de haver um professor régio para o ensino das primeiras letras. A soberana, em consentimento à representação da Câmara, por meio da Provisão Régia de 28 de abril de 1788, nomeou

²⁶ Martins (1995, p. 132) faz uma observação interessante quanto à diferença entre *mestres de ler e escrever* e os *mestres-régios*. Estes “eram mais capacitados e provisionados pela capitania com a confirmação do rei”, enquanto aqueles eram “destinados a ministrar rudimentos educacionais e provisionados por prazos de um ano, pagos pelo subsídio literário”.

Francisco Inácio do Amaral Gurgel, para mestre- régio, na Vila de Paranaguá. Esses dados se confirmam nas palavras de Santos (2001, p. 177):

... fazendo a mercê a Francisco Inácio do Amaral Gurgel do lugar de substituto da escola de ler e escrever e do catecismo na Vila de Paranaguá da Capitania de S. Paulo, no Estado do Brasil, vencendo o ordenado anual de Rs.120\$000 pagos a quartéis adiantados, que se lhe pagarão pelo cofre do subsídio literário. Este professor um dos melhores e mais instruídos que tem havido em Paranaguá; de sua aula sairão ótimos discípulos e muitos tomarão as ordens sacras, outros seguirão várias ciências, e a maior parte se aplicarão ao comércio pelos seus bons talhos de letras e peritos contadores. Ele foi mestre régio na corte de Lisboa, aulista da Real Junta do Comércio da mesma Corte. Acadêmico da Real Academia das Ciências de Sua Majestade, seu lente, examinador desta Comarca e catedrático da literatura, escrita, aritmética, ortografia, gramática portuguesa, catecismo e urbanidade civil.

O conceito do professor Amaral Gurgel era tão elevado que o governador da Capitania de São Paulo, em convite através da carta de 19 de outubro de 1790, ofereceu-lhe a abertura de uma escola na Vila de São Paulo, mas este não aceitou (RIBEIRO FILHO, 1967, p. 139).

Outro professor, José Carlos de Almeida Jordão, foi nomeado em 15 de junho de 1789, por Provisão Régia, para ministrar aulas de Gramática Latina. “Era mestre conceituado, recebendo 300 mil réis anuais de ordenado, pagos pelos Cofres do Subsídio Literário”. (RIBEIRO FILHO, 1967, p. 147).

No começo do século XIX, o cenário educacional em Paranaguá continua decadente. Em vereança de 4 de dezembro de 1820, a Câmara dirigiu uma petição ao rei D. João VI solicitando a nomeação de um professor para o ensino primário, por se encontrar vago o cargo. Ribeiro Filho (1967, p. 148), citando o trecho redigido pela Câmara, expõe o motivo da escassez de professores na vila: “o cargo de Professor vagou não havendo quem o queira ocupar, pois a função que era gratificada com a importância de 120 mil réis anuais, havia sido reduzida para 80 mil réis anuais, pelo governador da Província de São Paulo, João Carlos Augusto Oyenhausen”.

Outros fatores que contribuíram para o quadro deficitário da educação na Província do Paraná foram: (i) a prioridade dos alunos do sexo masculino em detrimento do sexo feminino; e (ii) a distinção das matérias de acordo com o sexo. Segundo Kubo (1986, p. 153), “desde 1821 há menção de ensino para os alunos de sexo masculino em Curitiba e em Paranaguá, desde 1826”. Já as meninas de Curitiba “apenas em 1835, as de Paranaguá em

1836 e nas demais localidades o ensino público feminino terá início nas décadas seguintes”. Havia também diferença de matérias a serem ensinadas nos programas escolares, “aos meninos eram destinadas matérias como geometria e às meninas, apenas a parte da aritmética que habilitava efetuar as quatro operações. Para compensar, elas aprendiam prendas domésticas” (KUBO, 1986, p. 64).

Nesta época, os representantes do Paraná fixados na Província de São Paulo tentavam encaminhar mestres para as vilas paranaenses, mas poucas vezes lograram sucesso. Esta situação educacional era preocupante, uma vez que a carência de estabelecimento de ensino interferia na possibilidade de sua elevação à condição de vila. Consoante a esta situação, Trindade e Andreazza (2003, p. 409-410) exemplificam a “antiquíssima freguesia de São José dos Pinhais, que à época possuía 600 fogos, e não pudera chegar à categoria de villa, pela falta de rudimentos literários dos moradores”. Confrontando esta passagem com os dados do documento que se segue, verifica-se que *Pernagoa*, mesmo com 425 fogos, já havia adquirido sua condição de vila, e a freguesia de São José dos Pinhais, com uma quantidade maior de fogos, ainda lutava por sua elevação. Portanto, pode-se inferir que a arrecadação dos subsídios literários desta freguesia não eram suficientes para custear os honorários dos *mestres de ensino*.

[Doc.19, fol.1r, 11/Dezembro/1732]

Rendimento que tem as Camaras desta	
Comarca de Pernagoa cada hi	
anno	
Com o de 1732, com pouca differença aos de	
mais annos atrasados	
Villa de Pernagoa ... 250\$000 esses aplicados para	
a obra da cadeya, que se acha fazendo, e athe aqui tem	
pago seis mil cruzados, custando a obra treze	
Villa de Coritiba.....	60\$000
Villa de Iguape	35\$000
Villa de Cananeya	25\$000
Villa do Rio de São Francisco.....	27\$000
Villa da Ilha de Santa Catharina	nada
Villa da Laguna	15\$000
Fogos	
Pernagoa	425
Coritiba	218
Iguape	181
Cananeya	122
Rio de São Francisco	144

Ilha de Santa Catharina.....	43
Laguna	96

Em 1827, o império regulamenta oficialmente a educação, com a lei aplicada em 15 de novembro, atribuindo às províncias o poder de legislar sobre o ensino primário, reservando para si o poder sobre o ensino secundário e superior.

As autoridades provinciais, na pretensão de melhorar o precário atendimento escolar, neste período, adota o método Lancaster²⁷, cuja proposta de ensino mútuo foi considerado

... vantajoso não só pelo grande número de alunos que podiam ser instruídos com apenas um mestre, mas também por ser de baixo custo, por apresentar rápidos resultados, por estar mais de acordo com a índole dos alunos e por seu método de castigos e estímulos para o aprendizado. (KUBO, 1986, p. 69-70).

No tocante à instituição de ensino no Paraná, no Relatório Oficial emitido em 15 de julho de 1854, pelo presidente da Província do Paraná, Zacarias de Góes e Vasconcellos, observa-se que a precariedade da educação no estado ainda é preocupante, pois, além da falta de professores capacitados para a função do magistério, há a idade avançada de alguns alunos matriculados no ensino primário. Segundo o documento, na cidade de Paranaguá frequentavam as primeiras séries alunos entre 12 e 14 anos.

Consta ainda deste relatório que os professores não recebiam boas gratificações para as funções que exerciam:

Em um paiz como este, onde qualquer carpinteiro ou pedreiro ganha por dia 2\$000 ou mais, onde a ultima pessoa do povo tem, quando não queira dar-se á outro trabalho, o facil recurso dos heruaes silvestres para tirar quanto baste para suas precisões, querer que hum professor ganhe em alguns lugares menos de 800 rs. diarios, he hum absurdo. (PARANÁ, 1854).

Levando em consideração os dados apresentados anteriormente, pode-se afirmar que grande parte dos problemas atuais advém do sistema precário de ensino, implantado após a expulsão dos jesuítas. Muitos historiadores consideram a política pombalina um retrocesso para a educação brasileira, uma vez que se rompeu toda a estrutura escolar que havia até então. A partir do momento, em que o governo local assume a responsabilidade da educação

²⁷ A aplicação do método de Lancaster no Brasil começou em 1823, inicialmente no Rio de Janeiro, quando o decreto de 1º de março instituiu uma escola de primeiras letras por este método. (KUBO, 1986, p. 70).

no Brasil, a estrutura escolar caminha a passos vagarosos, sentindo uma parca modificação, quando a coroa portuguesa aqui se instala oficialmente.

Uma vez apresentado, neste capítulo, o contexto histórico de Paranaguá, o capítulo seguinte tratará da edição dos manuscritos e dos comentários paleográficos e codicológicos.

Capítulo II

3 CRITÉRIOS DE EDIÇÃO DE TEXTOS

Ao eleger os textos antigos²⁸ como fonte de pesquisa, os estudiosos se deparam com muitas dificuldades, principalmente, as que se referem à forma como está grafado o texto. Por se tratar de uma linguagem escrita diferente da utilizada atualmente, os elementos formais do texto causam estranheza tanto à primeira vista como em um nível mais profundo de análise. Na concepção de Araújo (1985, p. 19), “um dos principais elementos encontrados nos antigos textos, que parecem estranhos e de interpretação complicada ao leitor moderno, é sem dúvida a sua ortografia peculiar”. Por isso, é preciso que o editor tenha um conhecimento prévio das leis fonéticas regentes durante os séculos anteriores.

Além dos aspectos ortográficos, o mesmo autor menciona, ainda, outros problemas que dificultam a compreensão de registros manuscritos: (i) a transposição ao uso contemporâneo de um texto distante há século – inúmeras formas lexicais e construções sintáticas divergem das empregadas atualmente; (ii) as abreviaturas – nem sempre são compreendidas à primeira vista, há muitos casos de variações abreviantes; (iii) os numerais – aparecem representados na forma romana e em minúsculas e a forma arcaica *b* equivale a *v* = 5; (iv) os nomes próprios – encontram-se abreviados e/ou rubricados, de difícil interpretação, e merecendo, dessa forma, uma atenção especial por parte do editor. Corrobora também, neste sentido, o estado de conservação em que o respectivo documento se encontra.

Assim, o texto exige uma adequação para que um número maior de pessoas possa fazer uso deles – linguistas e historiadores, por exemplo. Há que buscar em dicionários etimológicos, gramáticas históricas e bibliografia pertinente todo o aparato necessário para a compreensão do material grafado dos textos.

Merecendo atenção neste sentido, Acioli (1994, p. 1) ressalta a importância dos manuscritos para a reconstituição da história: “O documento manuscrito é considerado a mola-mestra da História. É indiscutível que ele proporciona recursos inestimáveis ao historiador, representando o melhor testemunho do passado, fonte direta de informação básica para o estudo da História.”

²⁸ Entende-se texto antigo no sentido da dificuldade de leitura pelo fato de a escrita antiga apresentar caracteres diferentes dos da escrita atual (ACIOLI, 1994, p. 5).

Seguindo este caminho, há alguns anos a Historiografia tem utilizado fontes pouco exploradas e que passaram a fornecer um leque maior de opções ao pesquisador, tais como *processos judiciais, devassas civis e eclesiásticas, processos-crime, documentos paroquiais, recenseamentos de população*, entre vários outros. Conforme Samara (1986, p. 39), “esse tipo de documentação revelou uma nova ótica para o período colonial, possibilitando a análise de temas inexplorados ou a retomada de outros sob novas perspectivas”.

Preocupado em reconstituir uma “história” ocultada por longos anos, o historiador “deparou-se com uma questão crucial, que lhe exigiu enorme esforço, ou seja, *a busca por documentos*” (SAMARA, 1986, p. 39). Esta tarefa não foi nada fácil, seja pela: (i) desorganização dos acervos e difícil acesso aos documentos manuscritos, (ii) dificuldade proveniente da própria ausência de fontes para alguns temas ou mesmo das limitações oferecidas pela documentação, como naturalmente ocorre em pesquisas desse tipo (SAMARA, 1986).

Esta preocupação em buscar documentos inéditos não coube somente à Historiografia. Muitos linguistas estão “buscando em fontes até então relegadas a segundo plano, quando não ignoradas, textos rigorosamente fiéis ao estado de língua em que foram escritos” (CUNHA; CAMBRAIA; MEGALE, 2001), uma vez que nossas gramáticas e dicionários utiliza[ra]m-se predominantemente de textos literários, privilegiando, assim, uma parcela muito restrita de documentação da língua. As fontes citadas por Cunha, Cambraia e Megale (2001), como os documentos “notariais e jurídicos” e “cartas”, foram bastante produzidas no período colonial, e pouco se sabe de sua existência, a não ser em trabalhos acadêmicos.

Portanto, a preocupação de um linguista vai além da escolha da tipologia. É preciso ter cuidado em verificar se o texto editado adotou critérios de edição, “a fim de assegurar, por um lado, a fidelidade às características lingüísticas do original e, por outro, a adequada compreensão do conteúdo do texto” (CUNHA; CAMBRAIA; MEGALE, 2001).

Um aspecto relevante que merece ser abordado são os diversos tipos de edição de textos. Cambraia (2005) os divide em quatro tipos²⁹ diferenciados com base no *grau de mediação: fac-similar, diplomática, paleográfica e interpretativa*.

²⁹ Essas edições são subdivididas em duas grandes classes: *monotestemunhais* (baseadas em apenas um testemunho de um texto) e *politestemunhais* (baseadas no confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto) (CAMBRAIA, 2005, p. 91). Para esta pesquisa o interesse tem como foco as edições baseadas em apenas um testemunho.

A edição *fac-similar* baseia-se, em princípio, no *grau zero de mediação*, por ser cópia exata de documento manuscrito obtida por meio fotomecânico, eletrônico, xerografia etc.. Segundo este autor, a vantagem dessa edição é “permitir o acesso ao texto de forma praticamente direta, o que confere ao consulente grande autonomia e liberdade na interpretação do testemunho” (CAMBRAIA, 2005, p. 91). Uma década antes, esta opinião já havia sido assinalada por Acioli (1994, p. 1):

Problemas sérios têm sido enfrentados por historiadores que se fiam cegamente nas publicações de textos raros, comuns nos livros e revistas de História. O confronto dos originais com as suas transcrições tem demonstrado quão viciadas são muitas dessas edições, por vários erros de leitura paleográfica. Por isso, julga-se como o melhor processo de divulgação de textos manuscritos as edições em fac-símile por oferecerem, ao pesquisador escrupuloso, oportunidade de análise; este, quando acostumado à prática de leitura do manuscrito, poderá discernir, mesmo numa cópia impressa de um texto, os erros introduzidos na transcrição em consequência da má interpretação na leitura de um documento.

Em contrapartida, a edição *diplomática* vem perdendo espaço, se comparada com as demais edições. Sua transcrição consiste em reproduzir tipograficamente o manuscrito original, como se fosse completa e perfeita cópia da grafia, das abreviações, das ligaduras, de todos os seus sinais e lacunas, inclusive dos erros e das passagens estropiadas, caracterizando-se assim um *grau baixo de mediação* (CAMBRAIA, 2005, p. 93). Esse tipo de edição era bastante produtivo no passado, suprimindo a falta do contato direto com o documento manuscrito. Hoje em dia, este tipo de edição é considerado por alguns transcritores um método obsoleto, pois “com o desenvolvimento das técnicas de reprodução mecânica, essa função praticamente deixou de existir” (CAMBRAIA, 2005, p. 94). Portanto, muitos editores passaram a questionar a função dessa edição dentro do contexto tecnológico no qual estamos inseridos. A esse respeito, Silva Neto (1956, p. 21, grifos do autor) compartilha da seguinte opinião:

Hoje, em virtude dos progressos técnicos da fotografia e da reprodução fac-similada, a transcrição puramente *diplomática* é um atraso, pois com ela ficamos sempre na estreita dependência do critério e da perícia do editor, que, no entanto, pode ler mal e não compreender algumas palavras. [...] Por outro lado, em muitos passos, as edições meramente diplomáticas são deficientes e imperfeitas, já que as tipografias modernas são incapazes de reproduzir certos sinais medievais. Com o atual progresso da técnica só se justifica a edição diplomática quando ela vem ao lado da fac-símile. Dessa

maneira o leitor pode acompanhar e policiar a leitura – o que, todavia, mais parece um exercício paleográfico do que uma tarefa de caráter filológico.

A edição *paleográfica*, também denominada *semidiplomática*, *paradiplomática* ou *diplomático-interpretativa*, apresenta um texto mais compreensível ao leitor não familiarizado com certas características originais de um documento manuscrito. Na tentativa de melhorá-lo, o editor realiza modificações, tais como: divisão das palavras, desdobramento das abreviaturas, inserção ou supressão de elementos por conjectura, etc.. A este processo de reprodução, Cambraia (2005, p. 95) caracteriza como *grau médio de mediação*, pois o editor atua de forma mais interventiva. Este mesmo autor acrescenta que este tipo “tem sido adotado na edição de documentos para o estudo da história da língua portuguesa”, por proporcionar melhor compreensão e identificação dos caracteres escritos e por reproduzir de forma mais fiel possível a escrita original (CAMBRAIA, 2005, p. 95).

Por fim, Cambraia (2005) esclarece que a edição *interpretativa* assemelha-se em alguns pontos à edição *paleográfica* (desenvolvimento de abreviaturas e conjecturas), diferenciando-se sob outros aspectos. O texto passa por um forte processo de uniformização gráfica, compreendendo um *grau máximo de mediação* por parte do editor. Tal procedimento permite apresentar o texto em uma forma acessível a um público amplo (desaparecendo as dificuldades gráficas com a uniformização), além de oferecer ao leitor um texto mais apurado, na medida em que os elementos desconhecidos tornam-se mais inteligíveis (CAMBRAIA, 2005, p. 97).

Cambraia (2005) faz uma ressalva quanto ao termo *crítica* ser atribuído para este tipo de edição. Tal confusão precisa ser revista, pois a edição *interpretativa* baseia-se somente em um testemunho manuscrito, ao contrário da edição *crítica*, que se caracteriza pelo confronto entre vários testemunhos³⁰.

Dentre os tipos de edições apresentados, elegeram-se para este trabalho as edições *fac-similar* e *semidiplomática*, de forma justalinear, de maneira a facilitar o seu cotejo. Assim, a edição *fac-similar* constitui-se da reprodução mecânica ou fotográfica do documento e proporciona ao leitor a análise da escrita do século em que foi redigido o manuscrito (ACIOLI, 1994), ao passo que a edição *semidiplomática*, na tentativa de melhoramento do texto, oferece o preenchimento de lacunas e uniformização de grafias, contribuindo, assim,

³⁰ No livro “Publicação de documentos históricos”, de Emanuel Araújo (1985), tanto os termos *crítica* quanto *interpretativa* servem de exemplo para o mesmo tipo de edição.

para a eliminação de certo grau de dificuldades de leitura por parte dos pesquisadores. Compartilhando desta mesma opinião, Cunha, Cambraia e Megale (2001, p. 8) adotam a transcrição *semidiplomática* justalinear à reprodução do manuscrito (*fac-símile*), assegurando que esta edição “há de ser de primeira utilidade para o levantamento de dados lingüísticos, e para o conhecimento da letra cursiva da época do descobrimento do Brasil” (CUNHA; CAMBRAIA; MEGALE, 2001, p. 8).

Sendo assim, a edição *semidiplomática* apresenta muitas vantagens: dispensa o leitor da árdua tarefa de decifrar as formas gráficas da escrita original dos manuscritos e possibilita a reconstituição histórica da língua, resultando num dos objetivos propostos nesta tese.

Antes de relacionar o elenco das normas de edição, faz-se necessário discorrer, de forma sucinta, sobre algumas noções gerais das áreas de conhecimento da paleografia, diplomática e codicologia.

A *Paleografia*, em linhas gerais, pode ser definida como “o estudo das escritas antigas” (CAMBRAIA, 2005, p. 23). Etimologicamente, é formada pelos radicais gregos *palaio*: antigo e *graphien*: escrita. Várias são as conceituações dadas à Paleografia. Para Blanco (1987, p. 13), “é a ciência que ensina a ler corretamente toda a classe de documentos manuscritos ou impressos, abordando também a origem e evolução da escrita”. Na concepção de Acioli (1994, p. 6), esta área de conhecimento vai além de um simples instrumento de leitura das antigas formas da escrita,

... é a ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e lugar em que foi redigido o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento.

No Brasil, a necessidade desta ciência surge, com maior ênfase, apenas em fins do século XX e início do século XXI. Os estudos paleográficos eram feitos graças à iniciativa particular de alguns historiadores. Como tal ciência tardou nas universidades de Portugal, é bem possível que esta tenha sido a causa dos estudos manuscritos brasileiros não terem sido incluídos no currículo universitário até a primeira metade do século XX, quando a Universidade de São Paulo, em 1952, introduziu a Paleografia como disciplina complementar no curso de História (ACIOLI, 1994).

Segundo Cambraia (2005, p. 24), a Paleografia possibilita, ao pesquisador, condições necessárias para a leitura perfeita de um documento antigo:

- a) classificação da escrita, localização e datação;
- b) descrição sucinta de características da escrita [...];
- c) descrição sucinta do sistema de sinais abreviativos empregado na referida escrita;
- d) descrição dos outros elementos não-alfabéticos existentes e de seu valor geral: números, diacríticos, sinais de pontuação, separação vocabular intralinear e translinear, paragrafação, etc.;
- e) descrição de pontos de dificuldade na leitura e as soluções adotadas.

Mesmo havendo uma vasta bibliografia paleográfica disponível no mercado, obras em língua portuguesa ou voltadas para a escrita latina são raras e geralmente encontradas somente em bibliotecas acadêmicas, pois quase todas se encontram com número de edição esgotadas.

A ciência *Diplomática*³¹ remonta ao século XVII, com a edição *De Re Diplomatica Libri Sex* (1681), de autoria do padre beneditino Jean de Mabillon. Na tentativa de normatizar a maneira pela qual os documentos eram lidos e a forma de se estabelecer autenticidade, nasce a Diplomática com a urgente missão de distinguir os atos escritos falsos dos verdadeiros, valendo-se de técnicas da Paleografia e do Direito Eclesiástico (DIAS; BIVAR, 1986, p. 15).

O campo da Diplomática, por vezes confundido com o da Paleografia, tem com esta a mesma origem em comum: a escrita e o documento. Cambraia (2005, p. 25) esclarece que “as origens da diplomática estão fortemente entrelaçadas com as da paleografia, já que os tratados mais antigos visavam a orientar a avaliação da autenticidade de documentos legais, tanto através de sua escrita quando de sua forma e de seu conteúdo”. Concomitante a este assunto, Acioli (1994, p. 6) salienta ser a Diplomática

... muitas vezes [...] identificada com a Paleografia mas suas tarefas são diferentes. Enquanto esta lê e analisa o documento levando em consideração o seu aspecto exterior (grafia, material, selo), aquela procura avaliar a veracidade dele através de seus caracteres internos (língua, texto), de sua parte formal e alterações que possa ter experimentado através dos séculos.

Portanto, a Diplomática caracteriza-se como a ciência que se preocupa em investigar os caracteres intrínsecos dos documentos, certificando-se da sua autenticidade e veracidade.

³¹ Os procedimentos diplomáticos, com a finalidade de verificar a falsidade dos documentos, são, porém, muito antigos, mas a Diplomática só se constitui como ciência nos fins do séc. XVII e princípios do séc. XVIII. (SPINA, 1977, p. 20).

A *Codicologia* preocupa-se em analisar o material empregado na produção do manuscrito e também em verificar em que condições os documentos se encontram. Em resumo, é uma disciplina que tem por finalidade o “estudo da técnica do livro manuscrito, isto é, do códice”³² (CAMBRAIA, 2005, p. 26).

Segundo Cambraia (2005), modernamente, a Codicologia tem servido de grande utilidade à Crítica Textual, “fornecendo informações ao editor, permitindo-o compreender algumas das razões pelas quais os textos se modificam no processo de sua transmissão”. Além disso, conhecer os processos que envolvem os estudos codicológicos, auxilia na árdua tarefa da descrição dos textos preservados em manuscritos, seja no seu aspecto material, formação, datação, conteúdo e as mãos que o transcreveram, dentre outras aspectualidades.

Portanto, todas essas ciências elucidadas têm como objeto comum a escrita, e são consideradas como complementares e se auxiliam mutuamente.

Retornando ao contexto dos critérios de edição, Santiago-Almeida (2002) comenta que a transcrição de textos antigos exige atenção especial, principalmente quando tais textos se destinam a estudos de caráter linguístico filológico. Para isso, é necessário um refinado tratamento de certos aspectos que, para estudos de outra natureza, poderiam estar em segundo plano. Somente uma transcrição extremamente fidedigna e cuidadosa pode deixar transparente todos os traços linguísticos possíveis de serem analisados nos originais manuscritos. Dessa forma, tanto o êxito do trabalho quanto a solidez dos resultados certamente estão condicionados à qualidade da edição dos textos que estão na base desse estudo linguístico. Em verdade, é a natureza dos textos e, sobretudo, a finalidade da edição que, de certa forma, determina os métodos e normas de transcrição.

Para a edição dos manuscritos do *corpus* foi preciso elaborar algumas normas próprias de transcrições, como também utilizar as normas eleitas para o projeto *Para a História do Português Brasileiro*, apresentadas e discutidas durante o segundo seminário, realizado em Campos do Jordão, no período de 10 a 16 de maio de 1998, pela comissão de pesquisadores composta por Heitor Megale (USP), César Nardelli Cambraia (USP), Gilvan Müller de Oliveira (UFSC), Marcelo Módolo (mestrando USP), Permínio Ferreira (UFBA), Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP), Tânia Lobo (UFBA) e Valdemir Klamt (UFSC).

³² Forma característica do manuscrito em pergaminho, semelhante à do livro moderno, e assim denominada por oposição à forma do rolo. (FERREIRA, 1987).

Dessa forma, decidiu-se aplicar a edição *semidipomática*, com reprodução justalinear e acompanhada do *fac-símile*, que implica os seguintes critérios:

1. As abreviaturas, alfabéticas ou numéricas, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas nas abreviaturas: *Fev.^{ro}* > *Fevereiro*, *9^{bro}* > *Novembro*, obedecendo aos seguintes subcritérios:
 - a. respeitar a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas de quem escreveu, como no caso da ocorrência *munto*, que leva a abreviatura *m.^{to}* a ser transcrita *munto*;
 - b. no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção é pela forma mais próxima da atual, como no caso de ocorrências *Deos* e *Deus*, que levam a abreviatura: *D.^s* a ser transcrita *Deus*;
2. As fronteiras de palavras devem ser estabelecidas ou modernizadas. No entanto, é mantida a grafia dos manuscritos quando, ao contrário, uma palavra é, de maneira sistemática, grafada separadamente. Isto pode ocorrer com os elementos constitutivos de determinadas palavras. Exemplos: *sô mente*, *intro dução*, *taõ bem* ou *tam bem*. Da mesma forma, não se introduz hífen simples (-) ou duplo (=), apóstrofo ou qualquer outro sinal gráfico onde não há;
3. A pontuação original é rigorosamente mantida;
4. A acentuação original (presença ou ausência do diacrítico) também é rigorosamente mantida. Exemplos: *comercio*, *camerâ*, *naõ hâ*, *há*, *he*, *hé*, *hê*;
5. As letras *s* e *z* quando traçadas, por alguns escrivães, de forma idêntica, foram transcritas obedecendo o uso da ortografia atual;
6. O emprego de maiúsculas e minúsculas também é rigorosamente respeitado como se apresenta no original. As variações gráficas resultadas de fatores cursivos não são consideradas relevantes. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução;
7. Os atestados e eventuais equívocos do escriba ou copista, como inversões e duplicações silábicas e repetições de palavras ou frases, são mantidos: *fallecidade*, *fugigiram*, *o gentio Payaguâ Payaguâ*, porém, remetidos para as notas subsequentes, onde se deixa registrado o erro, com indicação da respectiva linha.

Exemplos: 1: *facellidade*, ms: *fallecidade*, 4: *fugiram*, ms: *fugigiram*, 13: *o gentio Payaguá*, ms: *o gentio Payaguá Payaguá*;

8. As supressões feitas pelo escrevente no original também são suprimidas pelo editor, mas, da mesma maneira, são remetidas para as notas subsequentes, onde serão tachadas, com indicação da respectiva linha. Exemplo: 8: *todos os presentes*, ms: *todos ~~ninguém~~ dos presentes*;
9. As variações nos traçados de grafemas não são mantidas pelo editor, mas devem ser remetidas para os comentários paleográficos, com a indicação dos contextos e da linha;
10. Os diferentes registros da mesma palavra ou passagem observados em outra(s) via(s) do manuscrito, quando há, são remetidos em nota de rodapé;
11. As inserções feitas pelo escriba ou copista nas entrelinhas ou nas margens laterais, superior ou inferior entram na edição entre dígrafos < >, no local indicado. Exemplo: *Capitania <e letrados> por nesta haver falar delles*;
12. As intervenções escritas de terceiros no documento original são evidenciadas entre colchetes duplos [[1752]]; os sinais públicos, como carimbos, aparecem nos comentários que compõem a descrição do manuscrito;
13. As leituras por conjectura, sem probabilidade de erros, das lacunas existentes por deterioração do documento, devem vir entre colchetes. Exemplo: *e tambem de que ne[lla se con]cervem para sempre os ditos petrechos*;
14. As lacunas existentes por deterioração do documento, sem possibilidade de lição segura por conjectura ou inferência, são indicadas com *ilegível* sublinhado e entre colchetes. Exemplo: *Como expomos [ilegível] deraõ no Real Decreto de 22 de Mayo de 1753*;
15. As linhas em branco, que parece haver no corpo do texto, não se representa tal fato na transcrição por não ter sido possível determinar com clareza todas as suas ocorrências;
16. Os nomes próprios que constam das assinaturas, quando é incerta sua decifração devem vir entre parênteses. Exemplo: Antonio (M) Fernandes;
17. As linhas, na edição, são numeradas continuamente de cinco em cinco à margem direita da mancha, ou à esquerda do editor;

18. A divisão das linhas do documento original será preservada ao longo do texto (formato justaposição). A mudança de fólio receberá a marcação com o respectivo número na sequência: fól.1r, fól.1v, fól.2r.

A edição semidiplomática e os *fac-símiles* encontram-se no segundo volume desta tese. Constitui esta parte do trabalho: (i) a transcrição dos fólhos, conforme os critérios adotados e elucidados anteriormente; (ii) os *fac-símiles*, distribuídos no corpo do trabalho do lado esquerdo das edições, e as transcrições do lado direito do leitor. No início de cada documento encontra-se uma ficha sucinta contendo: número do documento, composição, tipologia, assunto/resumo, datação e assignatários. Em seguida, quando considerado oportuno, pontos julgados de maior relevância foram esclarecidos em notas de rodapé.

3.1 COMENTÁRIOS PALEOGRÁFICOS DOS MANUSCRITOS

Ciente da importância que a *análise codicológica* apresenta para a verificação da autenticidade de um documento manuscrito, seguem alguns aspectos codicológicos que puderam ser verificados no *corpus* editado deste trabalho.

3.1.1 Os Reclames

O *reclamo* consistia na parte de uma palavra, em palavra inteira ou, ainda, em um grupo de palavras que se colocava, fora da mancha, à direita da margem de pé da página, repetindo o que deveria estar no início da coluna, página ou caderno que se seguiria. Para indicar a ordem dos cadernos, empregava-se a *assinatura*, que consistia de elemento de natureza alfabética ou numérica (CAMBRAIA. 2005, p. 73).

Uso dos reclames em alguns fólhos:

Doc.01, fól.1r, l.30 (de emfermidades) // fól.1v, l.02 (De emfermidades);

Doc.03, fól.1r, l.30 (Cuyas) // fól.1v, l.02 (cuyas);

Doc.10, fól.1r, l.35 (irraccio) // fól.1v, l.01 (Irracionais);

Doc.11, fól.1r, l.33 (pedindo lhe) // fól.1v, l.02 (Pedindolhe);

Doc.12, fól.1r, l.37 (espe) // fól.1v, l.01 (Experamos);

Doc.14, fól.1r, l.31 (a presente) // fól.1v, l.02 (A presente);

Doc.20, fól.1r, l.34 (pa) // fól.1v, l.01 (pagace);

Doc.25, fól.1r, l.35 (*muito*) // fól.1v, l.01 (*Muitos*);

Doc.33, fól.1r, l.28 (*para*) // fól.1v, l.01 (*para*);

Doc.33, fól.1v, l.24 (a vista) // fól.2r, l.01 (A vista);

Doc.36, fól.1r, l.36 (tem=) // fól.1v, l.01 (tempo);

Doc.37, fól.1r, l.36 (que) // fól.1v, l.01 (Que);

Doc.37, fól.1v, l.39 (settecen) // fól.2r, l.01 (Centtos);

Doc.42, fól.1r, l.38 (plan) // fól.1v, l.01 (Plantas);

Doc.45, fól.1r, l.34 (Parnagua) // fól.1v, l.01 (Parnagua);

Doc.46, fól.1r, l.38 (se prinssi) // fól.1v, l.01 (Se principiou);

Doc.46, fól.1v, l.33 (Excelencia) // fól.2r, l.01 (Excelencia);

Doc.47, fól.1r, l.37 (em alguñs annoz) // fól.1v, l.01 (Em alguns annos);

Doc.47, fól.1v, l.37 (do Arros) // fól.2r, l.01 (Do Arros);

Doc.47, fól.2r, l.38 (subci) // fól.2v, l.01 (Subcidio);

Doc.47, fól.2v, l.37 (de cen) // fól.3r, l.01 (De cento);

Doc.47, fól.3r, l.31 (Antonio Manuel) // fól.3v, l.01 (Antonio Manuel);

Doc.48, fól.1r, l.40 (e combina) // fól.1v, l.01 (e Combinados);

Doc.48, fól.1v, l.39 (en cada al) // fól.2r, l.01 (En cada alqueire).

3.1.2 Outros Comentários

- a) Papéis de cores amarela, azul ou marrom, às vezes manchados pela tinta por ser escrito no recto e verso;
- b) Existência de segmentação da margem esquerda e direita;
- c) Nos documentos de número: 01, 03, 07, 08, 11, 13, 15, 33, 34, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 49 e principalmente 10 e 12, verifica-se que o corpo do texto está mais

alinhado para a direita do leitor. Sobre este recurso, Acioli (1994, p. 55) comenta: “É habitual, principalmente às consultas do Conselho Ultramarino, redigi-las quase em coluna, na segunda metade da folha, deixando-se a primeira, à esquerda, para pareceres dos procuradores da coroa ou despachos régios”;

- d) A cor da tinta parece ser ferrogálica (marrom em tons claros e escuros);
- e) Nos fôlios selecionados há um carimbo circular de cor azul escrito em que se lê: Departamento do Arquivo do Estado. Existem ainda, em alguns manuscritos, anotações a lápis do arquivista, indicando a data, a cidade e o código do documento.

Com relação aos *aspectos paleográficos*, observa-se uma caligrafia homogênea, escrita moderna com letra cursiva, tamanho pequeno e tombada para a direita. Alguns fôlios contêm várias abreviaturas, enquanto tais recursos foram usados parcimoniosamente em outros deles. Na pontuação, verifica-se o uso de vírgula, dois pontos, ponto final, hífen ou sinal de igual para separar sílabas e/ou indicar final de linha. Na acentuação, para marcar a nasalidade coocorrem duas formas: o til (~) e um acento com formato de vírgula (´), colocados (na maior parte) na sílaba final do ditongo nasal; o acento circunflexo (^) às vezes é usado com valor de agudo (´). O acento diacrítico usado atualmente como indicador de crase (¨) é representado na maioria das vezes pelo circunflexo.

3.2 CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA DO SÉCULO XVIII

Pinto (1988, p. 15), ao tratar da diacronia do português no Brasil, afirma haver somente duas fontes para a reconstituição do estado da língua portuguesa no século XVIII: “os trabalhos lingüísticos então publicados e os textos literários, em prosa e em verso, dos autores setecentistas, portugueses e brasileiros”. Esta asserção é um tanto questionável, uma vez que se discutiu nesta tese a possibilidade de estudar o estado da língua portuguesa no Brasil por meio de outras fontes que não sejam, especificamente, os textos literários. Vários estudiosos da língua utiliza[ra]m-se de documentos *notariais*, *eclesiásticos*, *cartas*, entre outros, como fontes confiáveis para o estudo paleográfico de séculos anteriores.

Quanto à produção escrita no território brasileiro, Dias e Bivar (1986, p. 18) traçam as seguintes características:

No século XVI, produziu-se no Brasil Colonial documentação caracterizada pela forma eclética de escrita. Assim, persistem documentos com formas gráficas uniformes e elegantes [...], como documentos de escrita rápida e malcuidada, típica de escrivães apressados que não tinham formação caligráfica.

Segundo as autoras, essa tendência irá continuar no século XVII, e a preocupação com o rigor ortográfico será menor ainda. Já no século XVIII, “assiste-se a uma progressiva retomada dos rigores ortográficos e caligráficos, que segue até meados do século XIX, quando a escrita cursiva torna-se similar à atual” (DIAS; BIVAR, 1986, p.18).

Ao contrário das citadas autoras, Pinto (1988, p. 15-16) descreve a situação ortográfica no século XVIII ainda como caótica, e sua causa seria múltipla: “primeira, de natureza teórica, foi a indecisão do ortografista, dividido entre a *tradição* ou o *costume* ortográfico, a etimologia (revalorizada pelo culto das letras e das tradições clássicas) e as *realidades fonéticas* da língua, que presenciava e procurava não ignorar”.

Em relação à periodização que se faz da ortografia portuguesa, é comum os linguistas históricos (COUTINHO, 1967; MELO, 1971; WILLIAMS, 1973) dividi-la em três períodos ou tendências: o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado. O período *fonético* se inicia com os primeiros documentos redigidos em português e vai até o século XVI. Segundo Coutinho (1967, p. 67), “apesar de existir certa flutuação na escrita das palavras, a preocupação fonética aflora a todo instante. Costuma-se dizer que a língua era escrita para o ouvido e não para os olhos, já que, à época, era uma minoria que dominava a leitura”. No período quinhentista se inicia o *etimológico* ou *pseudoetimológico* – caracterizado pelo emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais impropriamente chamados gregos –, que dura até o início do século XX, em 1904, data da publicação da *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, que marca o início do período *simplificado* até nossos dias.

Apesar de Williams (1973, p. 41) afirmar ter sido o século XVIII “período de amargas polêmicas ortográficas; e terminou por predomínio arrasador da ortografia etimológica”, tal corroboração não se constata nos dados analisados nesta tese, apesar de a escrita do *corpus* ser referente ao período setecentista.

No que tange à polêmica sobre o período fonético, atualmente, começam a surgir novas propostas esclarecedoras, as quais refutam o termo ‘escrita fonética’ para definir o período ortográfico entre os séculos XII a XIV. Segundo Cagliari (1994) e Massini-Cagliari (1998), em estudos do português arcaico, há uma crença de que a escrita do português, nessa época, era fonética, ou seja, procurava transcrever fielmente os sons da fala de quem produziu o texto. Os autores argumentam que a falta de uma tradição ortográfica comum até início do século XX, em Portugal, fez com que esse período fosse marcado por um “grande caos ortográfico”. Para eles, então, não se deve ressaltar um período de ortografia fonética para o português antigo, mas salientar que o que ocorria era uma escrita baseada no modelo latino, ou seja, ortográfica, por isso, grande parte dos escribas usava sua intuição no ato de escrever, o que ocasionava muitas confusões ortográficas devido à variação dialetal e ao uso individual que as pessoas faziam das grafias das palavras. Portanto, Massini-Cagliari (1998, p. 177) propõe uma revisão do emprego do termo ‘fonético’³³ atribuído à periodização da ortografia da língua portuguesa, e esclarece que ‘período fonético’ só seria aceitável se considerado em oposição ao ‘período etimológico’:

... quanto [...] ao caráter fonético da escrita nessa época do desenvolvimento da língua, podem ser tomadas como verdadeiras apenas se se fizer a ressalva de que, embora inadequadamente, o termo ‘fonético’ é, nesses casos, usado em oposição a ‘etimológico’ – e não no seu sentido primeiro de ‘transcrição fiel da fala’. Assim procedendo, estaremos nos livrando das armadilhas a que o rótulo pode conduzir, através da utilização de uma terminologia mais adequada.

Depois de precedida por este breve comentário, a proposta desta seção é mostrar o estado de língua em que se encontram os manuscritos, descrevendo os principais elementos linguísticos constantes do *corpus*.

³³ Apesar da autora Massini-Cagliari não ser favorável ao emprego do termo ‘fonético’ atribuído à periodização da ortografia da língua portuguesa, também não sugere qual termo utilizar em seu lugar.

3.2.1 Ortografia

Observa-se que a grafia utilizada nestes textos frequentemente se assemelha à utilizada na atualidade, porém, em alguns pontos (consoantes e vogais duplas, escrita etimológica, arcaísmos etc.), possui características próprias, que se passa a estudar nesta seção. Sabe-se que os fonemas constituem o material sonoro da língua (COUTINHO, 1967) e que, desta maneira, ao grafar os vocábulos, movido por diversos fatores (por exemplo: falta de fixação das normas gramaticais, pressa, equívoco, nível de escolaridade, entre outros), o escriba poderia fazê-lo de forma diferente da que era exigida pelas gramáticas da época.

Dicionaristas como Viana (1904), Morais Silva (1945) e Caldas Aulete (1948) observam que discrepâncias na grafia dos vocábulos podem ocorrer tanto pela flutuação das formas, como pela chamada pseudoetimologia. A ortografia brasileira não segue uma uniformidade em sua história. O pseudoetimologismo teve, segundo Coutinho (1967), grande aceitação no meio letrado e observou-se uma tendência fonética na ortografia. Isto gerou muitas complicações gráficas, sobretudo depois do Renascimento, que proclamava um maior conhecimento dos clássicos gregos. A partir daí, as palavras sofrem uma influência etimológica, apresentando maior número de letras que o necessário para a pronúncia.

Os manuscritos que aqui se encontram transcritos podem ser situados no período pseudoetimológico devido ao período em que foram produzidos. Observa-se, também, a flutuação na ortografia das palavras: no mesmo texto ou pelo mesmo punho, encontra-se a mesma palavra grafada de formas diferentes. No *corpus* do trabalho, o mesmo copista escreve:

a) mesmo documento

Doc.03, fól.1v, l.15: Cappitam / l.26: Capitam;

Doc.10, fól.1r, l.04: São / l.25: Sam;

Doc.10, fól.1r, l.07: de / l.17: di;

Doc.17, fól.1r, l.18: leaes / l.22: Leais;

Doc.22, fól.1r, l.19-20: perços / l.25: preço;

Doc.33, fól.1v, l.17: axaõ / fól.2r, l.05: acha;

Doc.37, fól.1r, l.21: ffeitos / fól.1v, l.27: feito / fól.1r, l.34: Ministtro / fól.1v, l.03: ministro;

Doc.46, fól.1r, l.12: sussistência / l.17: suscestência / l.24: Excelencia / l.25: Excilencia.

b) mesmo punho em documentos diferentes

Doc.01, fól.1r, l.12: tambem / Doc.03, fól.3r, l.11: tanbem;

Doc.01, fól.1v, l.15: Homildes / Doc.03, fól.2r, l.05: Omildes;

Doc.10, fól.1v, l.15: Collejo / Doc.11, fól.1v, l.02: Colegio;

Doc.45, fól.1r, l.21: segundo / Doc.46, fól.1r, l.37: cegundo.

Segundo Williams (1973), a letra *h* foi usada para marcar o hiato entre duas vogais de qualidades diferentes ou para marcar a sílaba tônica da palavra:

Doc.03, fól.1v = l.19: at**h**e / l.24: da**h**i;

Doc.07, fól.1r, l.11: a**h**de;

Doc.10, fól.1v, l.14: Thê;

Doc.11, fól.1r, l.13: pro**h**iuimos;

Doc.15, fól.1r, l.15: ance**h**ar;

Doc.25, fól.1v, l.08: peç**u**hiaõ;

Doc.31, fól.1r, l.27: sa**h**io / Doc.36, fól.1r, l.26: sa**h**em;

Doc.32, fól.1r, l.11: Co**h**ibir / Doc.46, 1v, l.08: Co**h**ibido.

3.2.1.1 Consoantes duplas

Consoantes duplas existiam no latim clássico e podiam ser encontradas no português arcaico e, em geral, só se dobravam consoantes quando tinham valores diferentes das simples. Além do **r** e **s**, as outras que aparecem geminadas são **c**, **f**, **l**, **m**, **n**, **p** e **t**:

a) duplicação do c

Doc.22, fól.1r, l.04: occasiaõ.

Doc.36, fól.1r, l.10: occurrentez

b) duplicação do f

Doc.01, fól.1r, l.18: **offe**çiais;

Doc.15, fól.1r, l.12: **off**icios;

Doc.19, fól.1r, l.08: **diff**erença;

Doc.21, fól.1r = l.11: **eff**eito / l.20: **off**erece;

Doc.25, fól.1v, l.04-05: **Suff**icientes;

Doc.34, fól.1v, l.07: **reffer**ido ;

Doc.36, fól.1r, l.28: **diff**iculdade / fól.1v, l.07: **eff**icacia;

Doc.37, fól.1v, l.02: **ff**azendo / l.06: **ff**izer.

c) duplicação do l

Doc.01, fól.1r = l.06: Sam **Paullo** / l.10: **vassallos**, **pella**;

Doc.02, fól.1r, l.03: **villa**;

Doc.11, fól.1v, l.18: **tiralla**;

Doc.14, fól.1r, l.23: **nullo**

Doc.17, fól.1r, l.03-04: **colloc**amos;

Doc.21, fól.1r = l.14: **pocibill**idades / l.21: **Representallos**;

Doc.22 = fól.1r, l.06-07: **Coll**onia / fól.1v, l.02: **fall**ar;

Doc.25, fól.1r, l.12: **pill**ares;

Doc.31, fól.1r, l.20: **Ill**ustre / l. l.23: **daquelle** / l.26: **elleg**endo.

d) duplicação do m

Doc.10, fól.1r, l.10: **comm**izeraçõins;

Doc.17, fól.1r, l.08: **comm**um;

Doc.33, fól.1r, l.16: **immin**entes / l.18: **Comm**arca.

e) duplicação do n

Doc.01, fól.1r, l.30: **ann**os;

Doc.15, fól.1r, l.03: **senn**ado;

Doc.31, fól.1r, l.14: **innovar**;
 Doc.37, fól.1r, l.11,21,25: **penna**;
 Doc.47, fól.2v, l.10: **melecianna**.

f) duplicação do p

Doc.03, fól.1v, l.15: **Cappitam**;
 Doc.21, fól.1r, l.25: **cappitania**;
 Doc.22, fól.1v, l.06: **cappitulos**;
 Doc.26, fól.1r, l.13: **appareceo** / l.13: **ocuppasaõ**;
 Doc.31, fól.1v, l.03: **supposto**;
 Doc.33, fól.1v, l.12: **applicada** / fól.2r, l.02: **supplicantes**;
 Doc.36, fól.1r, l.09: **Supplicaz**.

g) duplicação do t

Doc.12, fól.1r, l.14: **Remetter**;
 Doc.21, fól.1r = l.09: **Attendido** / l.20: **attender**;
 Doc.22, fól.1r, l.13: **atensão**;
 Doc.37, fól.1r, l.01: **Pettisaõ** / l.01-02: **aprezenttado** / l.02: **dettreminação** / l.05: **Douttor**, **Tenentte** / l.06: **destta** / l.08: **ttem** / l.09-10: **feittos** / l.11-12: **impôstta** / l.12-13: **Suplicantte** / l.13: **Custttuma**, **efeittos** / l.14: **outtros** / l.15-16: **néstta** / l.17: **contta** / l.20: **ttodos** / l.25: **impedimentto** / l.29-30: **mottivos** / l.33: **reprezentta** / l.36: **juntta** / fól.1v, l.12-13: **manttimenttos**.

A troca de **s** por **ss**, **z** ou mesmo **ç** é frequente e acontece pela confusão de sons do fonema /s/ e pelo fato de o sistema ortográfico não se ter firmado ainda naquela época. Segundo Paiva (1988, p. 36) “por volta de 1550, começa a haver confusão entre os fonemas, grafando-se **ç** e **ss** ou **ss** por **ç**; **s** por **z** e vice-versa. Daí as dificuldades que ainda se encontram hoje na grafia de sons semelhantes como **ç** e **ss** e **s** intervocálico e **z**.” (grifos do autor).

Em textos mais antigos, esta diferença existia pelo fato de que, em certas regiões de Portugal, se fazia a distinção de /s/ intervocálico e /z/, /s/ surdo inicial, final de palavra ou sílaba, sonoro quando intervocálico ou antes de consoantes sonoras. A escrita distingue o que

o ouvido, na época, já percebia, entretanto não se havia fixado o uso desta ou daquela letra de forma eficiente para sanar confusões deste tipo. Seguem exemplos:

a) c por s

Doc.22, fól.1r, l.19: venderce / fól.1v, l.11: concelho;

Doc.25, fól.1r, l.06: conceruarlhe;

Doc.22, fól.1r, l.22: concideraçãõ;

Doc.30, fól.1r, l.09: cegundo;

Doc.33, fól.1r, l.16: cegue;

Doc.46, fól.1r, l.30: concervaram / l.37: cegundo / fól.1v, l.14: conceguinte;

Doc.47, fól.1v, l.07: sencivel;

Doc.48, fól.1r, l.39: instruir-ce.

b) c por sc

Doc.36, fól.1r, l.33: crecimento.

c) ç por c, s, sç e ss

Doc.01, fól.1r, l.02: Reçebemos / l.09: fauoreçer / l.16-17: çertidam / l.20: benefício;

Doc.11, fól.1r, l.30: Prouençial; Doc.44, fól.1r, l.14: suçesivos;

Doc.45, fól.1r, l.12: ojtoçentos / l.18: conferência / l.29: pareçe;

Doc.46, fól.1r, l.25: inçinua / fól.1v, l.26: pençam, emporçe; Doc. 36, fól.1r, l.33: creção.

Doc.01, fól.1r, l.21: poçiuel; Doc.25, fól.1v, l.07: compraçem;

Doc.35, fól.1r, l.14: Peçoa;

Doc.46, fól.1r, l.08: foçe / l.19: Profeçor / l.38: dezaçeis.

d) s por c

Doc.03, fól.1v = l.11: notisia / l.26: exersendo;

Doc.04, fól.1r, l.07: Sertificamos;

Doc.07, fól.1r, l.12: Sinco;

Doc.10 = fól.1r, l.08: **serteza** / fól.1v, l.21-22: **Exselenssia**;

Doc.11, fól.1r, l.24: **nesesidade**;

Doc.14, fól.1r, l.09: **Sesar**;

Doc.22, fól.1r, l.10: **seifa**;

Doc.25, fól.1v, l.19: **desizaõ**;

Doc.32, fól.1v, l.12: **serca**;

Doc.33, fól.1v, l.06: **sitado**;

Doc.37, fól.1v, l.11: **merse**;

Doc.41, fól.1r, l.21: **sego**;

Doc.43, fól.1r, l.12: **segueira**;

Doc.46, fól.1r, l.06: **serto** / l.09: **serurgiam**;

Doc.47, fól.3r, l.20: **siencias**.

e) s por ç

Doc.03, fól.1v, l.18: **momeasam**;

Doc.08, fól.1r, l.10: **expediSam**;

Doc.11, fól.1r, l.14: **ComeSam**;

Doc.21, fól.1r, l.18: **fasa**;

Doc.25, fól.1v, l.17: **brasas**;

Doc.26, fól.1r, l.19: **ocuppassaõ** / l.21: **obrigasoens**;

Doc.31, fól.1r, l.20: **presensa**.

f) s por sc

Doc.46, fól.1r, l.20: **desipolos**.

g) s por ss

Doc.02, fól.1r, l.10: **paSa**;

Doc.03, fól.1r, l.13: **aSim** / fól.1v, l.02: **nosos**;

Doc.04, fól.1r, l.14: **aSigna**;

Doc.10, fól.1r = l.29: **emposiuel**;

Doc.11, fól.1r, l.24: nesesidade;

Doc.12, fól.1r, l.11: deseseis;

Doc.13, fól.1r, l.23: Pessoa;

Doc.28, fól.1r, l.12: outrosim;

Doc.37, fól.1v, l.17: Ilostrisimo / l.26: dese;

Doc.41, fól.1r, l.20: emposebelitado;

Doc.44, fól.1r, l.11: poses.

h) sc por c

Doc.39, fól.1r, l.06: falescido;

Doc.42, fól.1v, l.07: felescite;

Doc.47, fól.3r, l.26: felescidade.

i) ss por c

Doc.10, fól.1r, l.24: provinssial / fól.1v = l.05: alcanssem / l.17: meresser / l.21-22: Exsselensia;

Doc.37, fól.1v, l.01: mersses.

j) ss por ç

Doc.12, fól.1r, l.15: embarcassonins / fól.1v, l.07: seruisso;

Doc.21, fól.1r, l.18: fassa;

Doc.31, fól.1r, l.18: fassão;

Doc.32, fól.1v, l.01-02: Prassa;

Doc.35, fól.1r, l.07: nomeassoens;

Doc.40, fól.1v, l.05: rematassaõ.

l) ss por s

Doc.12, fól.1r, l.33: compadecersse;

Doc.16, fól.1r, l.10: ssua;

Doc.48, fól.1v, l.21: subssidio.

m) s por z

fes: Doc.16, fól.1r, l.05 / Doc.23, fól.1r, l.06 / Doc.24, fól.1r, l.07;

ves: Doc.32, fól.1r, l.21 / Doc.46, fól.1r, l.13. Arros: Doc.47, fól.1v, l.37.

n) z por s

Doc.11, fól.1r, l.12: e az outras;

Mezes: Doc.14, fól.1r, l.21 / Doc.45, fól.1r, l.17 / Doc.47, fól.2r, l.22 / Doc.48, fól.1v, l.24.

3.2.1.2 Consoantes etimológicas

A grafia de letras, que não eram pronunciadas no meio de palavra e que, mais tarde, foram abolidas sem nenhum prejuízo para seu perfeito entendimento, era muito comum na época em que os manuscritos foram escritos (século XVII – XVIII). Conforme Coutinho (1967, p. 75),

... o critério adotado pelos que seguem a grafia etimológica é respeitar, tanto quanto possível, as letras originárias da palavra, embora nenhum valor fonético representem. Apesar da influência do latim se fazer sentir em nossa língua, em todo o decurso de sua história, é a partir do século XVI que ela se torna predominante.

Assim, consoantes aparentemente “sem função” fonética são justificadas pela etimologia da palavra, ou por analogia com outras palavras semelhantes.

Said Ali (1964) afirma que a oclusiva *p*, consoante de transição no grupo latino *mpt*, deixou de subsistir desde o momento em que *m* perdia seu valor de consoante labial nasalizando a vogal precedente. Em *prontpos*, *prontpa*, *prontpidão* pode-se confirmar a origem do latim *promptu*, portanto este *p* é etimológico. A palavra *aSigna* vem do latim *assignare*, o grupo consonantal *gn* simplifica-se em *n*. Em *acto* também reside o fundamento da etimologia latina do vocábulo, vem do latim *actum -i*. No processo de evolução fonética do grupo consonantal *-ct*, ocorre a “assimilação da consoante *-c-* ao *-t-* e depois redução dos *-tt-* a

-t-” (COUTINHO, 1967, p. 124). Desse tipo de assimilação, tem-se as seguintes ocorrências no *corpus*: *acteuidade, actual, afecto, dstrictos, Exactamente, factos, objecto e projectos*.

Há também registros de ocorrências de vocábulos pseudoetimológicos nesta fase ortográfica, a saber:

Doc.01, fól.1r, l.10: **vassallos**;

Doc.02, fól.1r, l.05: **pella**;

Doc.27, fól.27, l.20: **votto**;

Doc.31, fól.1r, l.26: **ellegendo**;

Doc.32, fól.1v, l.03: **fallavão**;

Doc.33, fól.1r, l.14: **attentas**;

Doc.37, fól.1r, l.05: **Tenentte** / l.13: **Custtuma** / l.28-29: **mottivos** / fól.1v, l.30: **pusttturas**;

Doc.42, fól.1r, l.13: **volumptaria**;

Doc.47, fól.2r, l.03: **iresoluptos**.

Encontra-se também o verbo *ser* na terceira pessoa do presente do indicativo, frequentemente com [h]: **he** (algumas passagens: Doc.01, fól.1v, l.07; Doc.03, fól.1v, l.10; Doc.09, fól.1r, l.17; Doc.13, fól.1r, l.14; Doc.14, fól.1r, l.23; Doc.15, fól.1r, l.15). Williams (1973) aponta que *he* por *é* ocorria provavelmente, para distinguir o verbo da conjunção *e*.

3.2.1.3 Alógrafos

Outro aspecto interessante são os *alógrafos* (variantes gráficas) existentes nos manuscritos, indicando marcas do português arcaico. Nas cartas encontra-se o [S] longo em posição medial: Doc.01, fól.1r, l.10: **vassalos**, fól.1v = l.09: **notisia**, l.10: **possa**, e raros os casos em posição inicial: Doc.01, fól.1r, l.10: **seus**, l.13: **sua**. Este tipo de [S] difere do maiúsculo inicial: Doc.04, fól.1r, l.16: **Sete**; Doc.08, fól.1r, l.06: **Sua**, l.12: **Seruiço**.

O [R] em posição medial por vezes aparece grafado com formato de curva: Doc.01, fól.1r, l.19: **pRimeiro**; Doc.02, fól.1r, l.12: **pResente**; Doc.03, fól.1v, l.02: **pRohiuiiram**. O [R] final é sempre reto: Doc.03, fól.1r, l.17: **pRouedor**, l.20: **partiCular**, l.21: **Gouernador**. Em

uma leitura desatenta, pode-se confundir o |R| curvo com o |L|, elimina-se a dúvida apenas pelo sentido da palavra.

Outros exemplos de alógrafos nos documentos:

Doc.01, fól.1r, l.20 / doc.13, fól.1r, l.15: vnico;

Doc.13, fól.1r, l.15: vsado;

Doc.47, fól.3v, l.06: vmildes;

Doc.10, fól.1v, l.07: Iesu / Doc.25, fól.1r, l.09: Iesus;

Doc.25, fól.1r, l.35: Oie;

Doc.11, fól.1r, l.10 / Doc.21, fól.1r, l.15: vaj;

Doc.11, fól.1r, l.17: Rej / fól.1v, l.23: Majo;

Doc.13, fól.1r, l.15: mejo / l.17: aJnda;

Doc.14, fól.1v, l.05: escrevj;

Doc.45, fól.1r, l.12: ojtoçentos.

3.2.1.4 Formas antigas

Said Ali (1964) considera que a maior diferença entre o português brasileiro e o de Portugal refere-se à pronúncia e que alguns acreditam ser tais diferenciações todas inovações brasileiras quando, em boa parte, são apenas arcaísmos fonéticos e prosódicos conservados por nós, brasileiros. Isto pode ser explicado pelo fato de a língua portuguesa ter entrado no Brasil em 1500 e conservou-se mais ou menos próxima do que era, principalmente nas áreas que se encontram distantes do centro urbano.

Segundo Coutinho (1967, p. 136), “em algumas palavras, a influência literária restabeleceu o –u depois de consoante velar. Por vezes, conserva-se o –u como mero expediente gráfico”. Os próprios gramáticos indicam a confusão que era gerada ao grafar o fonema, pois, na fala, ele não era pronunciado. Inclusive o próprio Williams (1973) cita este tipo de ocorrência numa lista intitulada *Confusão de grafias*, onde dispõe vários outros termos, entre eles o uso de *qu* por *c*: *cinquo* por *cinco*, e o uso de *c* por *qu* é encontrável, mas raro: *pecena* por *pequena*. Exemplos interessantes ocorrem dentro do texto:

Doc.02, fól.1r,l.05: publice*i* (por publiquei);

Doc.46, fól.1r, l.22: comvocemos (por convoquemos);

Doc.03, fól.1v, l.08: case (por quase) / l.19: porcoanto (por quanto);

Doc.11, fól.1r, l.08: coando (por quando);

Doc.14, fól.1v, l.03: Coatro (por quatro);

Doc.15, fól.1r, l.19: coase (por quase);

Doc.16, fól.1r, l.05: as coais (por as quais);

Doc.25, fól.1r, l.23: coadra (por quadra);

Doc.23, fól.1r, l.07: Comarqua (por comarca).

Estas palavras referem-se mais à problemática de ordem fonética que gráfica. Constata-se, também, a troca do *u* átono de final de palavra por *o*. Exemplos:

Doc.03, fól.1r = l.05: Deos / l.10: partio;

Doc.11, fól.1r, l.33: esCreveo;

Doc.16, fól.1r, l.03: Recebeo;

Doc.22, fól.1v = l.05-06: correo / l.13: seos;

Doc.25, fól.1r, l.24: Proueo.

Ocorrem casos de metátase, que, segundo Coutinho (1967), é o fato em que dois ou mais fonemas trocam de lugar. Exemplos:

Doc.01, fól.1v, l.02: treSeiro;

Doc.21, fól.1r, l.17: detriminará;

Doc.37, fól.1r, l.02: dettreminação / fól.1v, l.37: dettreminado;

Doc.11, fól.1r, l.29: emtreseder;

Doc.22, fól.1r, l.19-20: perços;

Doc.25, fól.1r, l.27: pertenderaõ / fól.1v, l.11: portendem;

Doc.31, fól.1r, l.06: pertende / l.11: perjuizo / l.27: pertendem / fól.1v, l.06: pertendo;

Doc.32, fól.1r, l.06: pertendia / l.12-13: percizas;

Doc.33, fól.1v, l.04: perciza / l.16: percizo;

Doc.37, fól.1v, l.25: porhebirse;

Doc.44, fól.1r, l.05: perterito;

Doc.46, fól.1r, l.05-06: **percizarem** / l.15: **percizam** / fól.1v, l.03: **percionada** / l.13: **percizava**.

Há casos também de alternância entre *e/i* e *o/u*. Há um rebaixamento do *i* e *u* e alçamento do *e* e *o*. Este processo ocorre nos seguintes exemplos:

a) abaixamento: <i> por <e>, <u> por <o>

Doc.01, fól.1r, l.04: notesiarnos / l.18: offeciais;

Doc.03, fól.1r, l.09: emformar / fól.1v, l.04: destrito;

Doc.03, fól.1v, l.10: Coritiba;

Doc.05, fól.1r, l.07: trebutos;

Doc.08, fól.1r, l.16: meLitares;

Doc.08, fól.1r, l.19: Omildes;

Doc.10, fól.1r, l.29: emposiuel / l.30-31: deLigências;

Doc.29, fól.1r, l.06: regestado;

Doc.31, fól.1r, l.08: Logar (por lugar);

Doc.33, fól.1r, l.17: Creador.

b) alçamento: <e> por <i>, <o> por <u>

Doc.01, fól.1r, l.29: inpuSibilidade;

Doc.02, fól.1r, l.08: Rigistado;

Doc.11, fól.1v, l.10: CompRimento (por cumprimento);

Doc.17, fól.1r, l.15-16: disculpará;

Doc.20, fól.1r, l.32-33: dispeza;

Doc.27, fól.1r, l.21: institutu;

Doc.37, fól.1r, l.08: empidido / fól.1v, l.30: pustturas / fól.2r, l.08: comfiri.

3.2.1.5 Abreviaturas

Quanto às abreviaturas, observa-se largo uso em praticamente todos os textos. De acordo com Houaiss (1967), o uso de abreviaturas só se mostra interessante quando se abreviam palavras frequentes no corpo da obra, pois, de outra maneira, pode tornar-se obscuro ou incompreensível, além de ser quase nula a economia que decorre de uma abreviação esporádica. As abreviaturas eram, tal como hoje, grupos de letras que são substituídos por traços, pontos ou linhas (reta, curva ou envolvente) e que contraem grupos maiores de letras – por vezes sílabas inteiras – com a finalidade de diminuir o tempo gasto com a escrita ou economizar o espaço reservado para tal, variando de obra para obra, de autor para autor, em função da frequência de certos vocábulos empregados. Sua profusão se explica em razão da raridade e, conseqüentemente, do custo elevado do material da escrita (SPINA, 1987). Outro fator frisado por Acioli (1994, p. 46) é “a lei do menor esforço, que levava o escriba a abreviar as palavras para dispendir [sic] menos tempo e energia no seu trabalho”. Encontram-se, nestes manuscritos, diversos tipos de abreviatura que, segundo Cambraia (2005), podem ser classificados nas seguintes categorias:

a) suspensão ou apócope – acontece a supressão de elementos finais do vocábulo:

Doc.01, fól.1v, l.10: p. *para*, l.12: q. *quem*, l.14: a. *annos*;

Doc.11, fól.1r, l.09: q *que*;

Doc.16, fól.1r, l.07: vm *vossa mercê*.

b) siglas – consistiam, como ainda hoje se usa, na representação das palavras pela sua inicial maiúscula, acompanhada de ponto:

Doc.01, fól.1v, l.15: V. *Vossa*;

Doc.03, fól.1r, l.21: D. *Dom*;

Doc.06, fól.1r, l.04: D. *Doutor*, l.05: G. *General*;

Doc.09, fól.1r, l.05: S. *Sam*;

Doc.17, fól.1r, l.09: S. *Sua*.

No Doc.11, fól.1r, l.26, constam duas abreviaturas geminadas que indicam plural:

R.R.= *Reverendos* P.P.= *Padres*.

c) contração ou síncope – consiste na supressão de letras intermediárias de uma palavra, permanecendo sempre a terminação. Este tipo de abreviatura foi o mais usado pelos escribas nos manuscritos em questão:

Doc.01, fól.1r, l.10: m.^{to} *mu*ito, l.12: Requerim.^{tos} *Requerim*entos, l.16: l.^o *li*vro, fól.1v, l.08: Seqr.^a *Seque*ira, l.14: nobr.^o *novem*bro;

Doc.03, fól.1r, l.29: g.^{de} *guar*de;

Doc.18, fól.1r, l.05: Ex.^{mo} *Excelentí*ssimo;

Doc.19, fól.19, l.01: Rendim.^{to}.

e) mista – supressão de letras intermediárias com presença de letra final:

Doc.01, fól.1r, l.11: senhres *sen*hores;

Doc.03, fól.1v, l.15: Glz *Gonç*alvez;

Doc.06, fól.1r, l.5: Roiz *Rodriguez*.

f) por sinal – ocorre a supressão das letras e a indicação de um sinal, geralmente sobreposto:

Doc.06, fól.1r, l.04: Vigr' *Vigar*io.

Neste texto estas abreviaturas foram desenvolvidas de acordo com as “Normas para a transcrição de documentos manuscritos para a história do português no Brasil”³⁴, marcando em *itálico* a parte que foi omitida no original. Para as que suscitaram alguma dúvida, recorreu-se ao trabalho de Borges Nunes (1981) e Flexor (1990) onde se eliminaram, praticamente, todas as incertezas.

³⁴ Normas apresentadas e discutidas durante o 2º Seminário do Projeto PHPB realizado em Campos de Jordão, no período de 10 a 16 de maio de 1998, pela comissão de pesquisadores composta por Heitor Megale (USP), César Nardelli Cambraia (USP), Gilvan Müller de Oliveira (UFSC), Marcelo Módolo (USP), Permínio Ferreira (UFBA), Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP), Tânia Lobo (UFBA) e Valdemir Klamt (UFSC).

3.2.1.6 Numeração

Segundo Acioli (1994, p. 51), a numeração por extenso “foi usada, principalmente entre os séculos XIII e XVIII para documentos de chancelaria. Os escrivães da corte, por decreto de Afonso X, foram proibidos de usar letras para substituir nomes de cidades, pessoas, números, etc., escreviam por extenso as quantidades e as datas”.

Os algarismos que constam dos documentos estão, em sua maioria, relacionados à data. Aparecem ora no início: Doc.07, fól.07, l.04-05: “Reçebemos a Carta de *Vossa Excelência* de deZaSete de deZenbro de 1721”; ora no final: Doc.02, fól.1r, l.12-13: “Pernagua 14 de novembro de 1721 *annos*”. Said Ali (1964, p. 86, grifos do autor) esclarece que

escrevendo por extenso os números 16, 17 e 19 o português antigo ora separava os termos componentes, ora os ligava, de acordo com a pronúncia, em uma só palavra, mas sempre interpondo a copulativa e entre a dezena e a unidade. Seria uma questão de princípio o uso desta letra e não de outra; provável é que então, como mais tarde, proferidos os números rapidamente, a pronúncia da conjunção vacilasse entre *e* e *a*. Por lhes soar antes como *a*, alguns quinhentistas e, como mais firmeza, os seiscentistas passaram a escrever *dezaseis*, *dezasete*, *dezanove* em lugar de *dezesseis*, *dezessete*, *dezenove*.

3.2.1.7 Nasalidade

O sistema consonantal nasal do português é representado pelas consoantes m, n e nh, em contextos pós-vocálicos, representados foneticamente por [m],[n],[N].

Segundo Said Ali (1964), o til (~) indica nasalidade quando sobreposto à vogal, que recai sobre o *-o* ou *-e* final, em casos de ditongos *-ao* e *-oe*. A nasalação também pode aparecer com *-m* ou *-n* final. “Com relação à dificuldade da articulação da vogal nasal posta no fim do vocábulo, remediou-se nasalando a vogal que a precedia. Assim originaram-se palavras em n, til ou m” (SAID ALI, 1964, p. 37).

Quanto à grafia das nasais em documentos do século XVIII, observaram-se os seguintes fatos linguísticos:

a) quando se trata de substantivos, atualmente grafados com *ão*, a maioria vem grafada com *am*:

Doc.01, fól.1v, l.07: Joam;

Doc.03, fól.1v: l.15: Cappitam / l.18: momeasam;

Doc.07, fól.1r, l.07: esCriuam;

Doc.10, fól.1r, l.06: afliçam;

Doc.13, fól.1r, l.15: disimulaçam;

Doc.46, fól.1v, l.23: contribuicam;

Doc.48, fól.1v, l.17: arecadassam.

b) quando se trata de desinência número-pessoal e modo-temporal (3ª pessoa do plural do presente e dos pretéritos do indicativo), normalmente é grafada com *-aõ/aô*:

Doc.03, fól.1v, l.05: andauaõ;

Doc.10 = fól.1r, l.21: intentaô / l.32: soccorriaô;

Doc.13, fól.1r, l.12: puZeraõ;

Doc.16, fól.1r, l.04: Acompanhauaõ;

Doc.22, fól.1r, l.11-12: padeciaõ.

c) com til temos o artigo/numeral e pronome:

Doc.03, fól.1r = l.14: huã / l.21: hi;

Doc.12, fól.1r, l.37: alguã;

Doc.22, fól.1r, l.12: algũ.

Como também podem ser grafados sem o til, conforme observação de Paiva (1988, p. 38):

Doc.01, fól.1r, l.23: hum;

Doc.03, fól.1v, l.09: Algun;

Doc.14, fól.1r, l.24: Alguns;

Doc.25 = fól.1r, l.12: huns / l.13: huas.

d) formando a sílaba inicial, o *m* e o *n* alternam-se qualquer que seja o fonema da sílaba seguinte:

Doc.01, fól.1r = l.29: inpu**S**ibilidade / l.30: em**f**ermidade;

Doc.03, fól.1r, l.16: em**t**regar;

Doc.08, fól.1r, l.09: en**b**argo;

Doc.10, fól.1v, l.02: em**s**ino;

Doc.15, fól.1r, l.11-12: em**q**uanto.

e) os ditongos nasais, ou ditongos fonetizados, raramente recebem o til, mas sempre aparecem com o grafema *n* para indicar a nasalidade:

[ans]

Doc.14, fól.1r, l.30: or**ffans**.

[aons]

Doc.25, fól.v, l.17: cha**aons** / Doc.31, fól.1v, l.18: ma**aons**.

[oens]

Doc.26, fól.1r, l.21: obrigaso**oens** / Doc.32, fól.1v, l.03: petiço**oens**, l.23: inquietaço**oens**

Doc.35, fól.1r, l.07: nomeasso**oens** / Doc.36, fól.1r, l.22: determinaço**oens**, fól.1v, l.06: reflexo**oens**.

[oins]

Doc.14, fól.1r, l.16: prouizo**oins** / Doc.27, fól.1r, l.20: profico**oins** / Doc.30, fól.1r, l.10: associaco**oins** / Doc.46, fól.1r, l.06: embarcaco**oins**, l.21-22: Extruco**oins**.

[ons]

Doc.18, fól.03, l.1r: or**fons** / Doc.47, fól.2r, l.19: habitaso**ns**.

Ocorrem nos documentos outros casos de nasalidades: ou sem a marca de nasalidade, ou com acento diacrítico com formato de vírgula:

Doc.12, fól.1r, l.11: homeni**ns**;

Doc.10 = fól.1r, l.10: commizeraconi**ns** / fól.1v, l.09: petiçon**ins** / Doc.12, fól.1r, l.15: embarcassoni**ns**.

Doc.03, fól.1v, l.18: Capitais’;

Doc.25, fól.1r., l.30: ordens’.

O vocábulo *também* normalmente aparece desmembrado, formando dois vocábulos, isto é, grafado separadamente como *tão bem*.

Doc.32, fól.1r, l.15: taõ bem;

Doc.40, fól.1r, l.11: tão bem;

Doc.47, fól.1v, l.26: tao' bem.

Capítulo III

4 TRATAMENTO DO *CORPUS* ESCRITO: CRITÉRIO E SELEÇÃO DOS ITENS LEXICAIS

Finalizada a transcrição e revisão dos 49 documentos manuscritos (total de 80 fôlios), a próxima etapa consiste em analisar a frequência dos vocábulos. Para a análise da frequência, contagem, agrupamento vocábulos e localização das abonações usadas nos verbetes, este trabalho serviu-se de ferramenta computacional: o programa Lécico3, desenvolvido pela equipe YLED-CLA2T, da Universidade de Sorbonne Nouvelle-Paris 3.

Segue abaixo uma pequena amostragem da ferramenta Lécico 3, que serviu de base para o tratamento do *corpus* escrito.

Figura 3 – Exemplo de tratamento do *corpus* escrito: listagem dos vocábulos em ordem alfabética, número de frequência e texto transcrito conforme normas exigidas do programa Lécico 3

Figura 4 – Exemplo de tratamento do *corpus* escrito: frequência do vocábulo *ballandra* e suas ocorrências no documento manuscrito para busca das contextualizações no glossário

O conjunto dos documentos transcritos foi convertido em blocos de textos e aplicados à ferramenta Léxico 3, gerando uma lista de 3.276 (três mil e duzentos e setenta e seis) vocábulos (Apêndice A).

É importante ressaltar que os vocábulos constantes desta lista sofreram alteração apenas de maiúscula para minúscula, uma vez que o programa Léxico 3 reconhece apenas a escrita grafada ou em caixa alta ou em caixa baixa. Para o estudo que envolva a necessidade em pesquisar alternâncias entre maiúscula/minúscula, reportar-se ao segundo volume da tese, onde se encontra a edição semidiplomática, acompanhada dos *fac-símiles*, e que tem também por escopo ‘fornecer dados confiáveis aos estudos linguísticos sobre o estado de língua no período do século XVIII’, caracterizando-se como *corpus* genuíno da tese.

A lista, além de facilitar a leitura e a compreensão dos termos registrados nos documentos manuscritos e apresentar, de modo geral de ‘A a Z’ todos os vocábulos e

suas respectivas variantes lexicais, fornece também dados linguísticos que se constituem num significativo *corpus* diacrônico, acessível a pesquisadores interessados em estudar variantes lexicais de documentos setecentistas produzidos no Paraná.

Quanto ao extenso número de ocorrências de vocábulos constantes da listagem, fez-se necessário um recorte. Como o objetivo desta tese é estudar o léxico setecentista produzido em Paranaguá, optou-se, então, por selecionar para o estudo diacrônico os verbos, substantivos, adjetivos e advérbios, por constituírem a maior parte do inventário vocabular de uma língua. Segundo Martinet (1973), as palavras pertencentes a essas classes gramaticais são consideradas palavras lexicais, por conterem o significado lexical de determinada língua.

Portanto, a seleção dos vocábulos em verbos, substantivos, adjetivos e advérbio resultou numa lista de 1.212 (um mil e duzentos e doze) vocábulos (Apêndice B). É preciso ressaltar que, em manuscritos setecentistas, a ortografia ainda se encontra bastante oscilante, o que representa a ocorrência de variantes ortográficas. Como o objetivo deste trabalho não visa ao estudo dessas variações, elas foram convertidas para a grafia atual, conforme consta dos dicionários contemporâneos (substantivos e adjetivos passaram para a forma masculina e singular e os verbos para o infinitivo).

Partindo para a análise lexical de cada vocábulo listado, verificou-se que a maioria é de uso corrente do nosso dia a dia. Mas, foi possível observar, também, que alguns destes vocábulos, *ou trazem uma acepção diferente da empregada atualmente* – mesmo sendo termos conhecidos entre os usuários da língua portuguesa –, *ou são vocábulos de pouco conhecimento do nosso vernáculo*. Utilizando-se, então, desse critério de seleção, chegou-se a um total de 176 lexias julgadas mais pertinentes ao presente estudo.

Quadro 2 – Itens lexicais selecionados para análise semântico-lexical

VERBOS			
ACAUTELAR	ACOMPANHAR	ACORDAR	ACUDIR
ADMOESTAR	ALENTAR	ANSIAR	APANHAR
APENAR	APOSSAR	ARRIMAR	ARROMBAR
ASSENHOREAR-SE	ASSISTIR	ATALHAR	AVANÇAR A DINHEIRO
AVOCAR	BOTAR	BOTAR PINGOS	BROTAR
CESSAR	COIBIR	COMISERAR-SE	DELIBERAR
DEMITIR	DEPOR	DESPEJAR	EMBARAÇAR
EMPREGAR-SE	ENJEITAR	ERIGIR-SE	ESCUSAR

EXPENDER	FACULTAR	FAISCAR	FELICITAR
FOMENTAR	INCORRER	INTEIRAR	INTENTAR
LANCEAR	LAVRAR	LOGRAR	MEDIANDO
OBRAR	OBVIAR	PATENTEAR	PENDER
PERVERTER	PÔR OS OLHOS	SUBITAR	SUBSCREVER
SUSTAR	VENTILAR	- - - - -	- - - - -
TOTAL: 54			

SUBSTANTIVOS			
ACENO	AGUARDENTE	ALQUEIRE	ALUGADOR
ARBITRAMENTO	ARDIL	ARREMATACÃO	ARROBA
ASILO	ATRAVESSADOR	AULISTA	AVULSÃO/EVULSÃO
BALANDRA	BANDO	BARRA	BOTICA
BRAÇA	BRAÇAME	CAMARISTA	CEIFA
CIRCUITO	CIRCUNVIZINHANÇA	CÔMPUTO	CONJUNTURA
CONSTERNAÇÃO	CULTURA	DATA	DEMÁSIA
DESARRANJO	DESCONSOLAÇÃO	DESMEMBRAÇÃO	DETRIMENTO
DILIGÊNCIA	DISCÍPULO	DITO	EMBARGO
EMOLUMENTO	ENFERMO	ENGENHO	ESTERILIDADE
EXCRETO	EXPEDIÇÃO	FAISQUEIRA	FIEL
FINTA	FOGO	FORTUNA	HABITADOR
IMINENTE	INCONVENIENTE	INCUMBÊNCIA	LAVRA
LÉGUA	LETRA	LIBRA	LONGES
MANTIMENTO	MEIRINHO	MERCÊ/FAZER MERCÊ	MESTRE
MILICIANO	MOLÉSTIA	MOLHADO	NAU
OBSERVÂNCIA	OPULÊNCIA	ORDENAÇÃO	ORDENADO
PARAGEM	PARIDADE	PENÚRIA	PRIVANÇA
PROPINA	RÁBULA	REBATE	RÉDITO
REMÉDIO DA SUA FOME	RIPA	ROSSIO	SEARA
SOLDO	SUMACA	SUSTENTAÇÃO	TABUADO
TABULARIA	VERAS	VIGÁRIO	- - - - -
TOTAL: 87			

ADJETIVO			
ABASTADO	ACOMETIDO	ACOMODADO	AFETO
APONTADO	ASSENTADO	ASSOMBRADO	BRIOSO
CABAL	DE BOA NOTA	DECOROSO	DEPOSTO
DERROGADO	DESCONCERTADO	DILATADO	DIMINUTO
EMBRENHADO	ENFADONHO	FALTO	FINDO
FRÍVOLO	INDECOROSO	IRRESOLUTO	LADINO
LIMITADO	LUZIDO	MÓDICO	OB-REPTÍCIO

OBSEQUIOSO	PERNICIOSO	PERVENCIDO	PRINCIPIADO
PROFITENTE	RELAVADO	- - - - -	- - - - -
TOTAL: 34			

ADVÉRPIO
DEBALDE
TOTAL: 01

Selecionados esses vocábulos, a próxima etapa consiste em testá-los com falantes de Paranaguá, com o objetivo de verificar o grau de manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso em relação às acepções registradas nos documentos em questão. Adotou-se como critério para considerar “traço de manutenção” o fato de a acepção de determinado item lexical estar registrado nas entrevistas com o mesmo valor da acepção documentada nos documentos manuscritos. Estas considerações serão retomadas no quinto capítulo desta tese: *Estudo Semântico-Lexical*.

A busca de acepções nos dicionários de língua portuguesa foi feita para constatar se tal vocábulo já estava registrado, e também para averiguar se o significado condiz com o do *corpus* escrito ou com o do *corpus* oral. A escolha dos dicionários justifica-se pela importância que ocupam no meio acadêmico, e, além disso, pela possibilidade de trabalhar com as obras lexicográficas pertencentes às várias fases da língua portuguesa (desde o séc. XVIII até o séc. XXI): Bluteau (1712-1728), Morais Silva (1813), Cunha (1997), Ferreira (2004) e Houaiss (2007).

Capítulo IV

5 PESQUISA DE CAMPO: PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Para a realização da pesquisa de campo, o presente trabalho valeu-se dos procedimentos metodológicos da Dialetologia, que se estabeleceu como um ramo da Linguística edificada a partir da complexa metodologia de trabalho em campo, visando a busca do registro dos dados linguísticos orais.

No que tange ao procedimento da coleta lexical, a pesquisa dialetológica concentra-se em três fases distintas: o *antes*, o *durante* e o *depois*. A fase *antes* é o momento de definir: (i) quem vai ser entrevistado (os informantes); (ii) o que perguntar (o questionário); e (iii) onde se vai perguntar (as localidades). A fase *durante* é o período dedicado ao trabalho de campo, ou seja, momento da recolha dos dados. E a fase *depois* resume-se na análise e descrição dos dados levantados.

Portanto, como salienta Ferreira e Cardoso (1994, p. 9):

Dialetologia não é ciência de gabinete, por isso o *durante*, às vezes, pode ser até penoso, mas sem dúvida, é o trabalho de campo o melhor livro de dialetologia que se conhece; só quem esteve lá, e pode ser difícil chegar lá, é capaz de lhe dar a sua real dimensão.

Discorre-se, a seguir, sobre os procedimentos metodológicos adotados para a realização do trabalho em campo.

5.1 NOTAS SOBRE A LOCALIDADE³⁵

Paranaguá é a cidade mais antiga do Estado do Paraná. Sua colonização teve início aproximadamente em 1550, primeiramente na Ilha da Cotinga, movida pelo interesse na extração de ouro. Está localizada no litoral paranaense, a uma distância de 91 km da capital do Estado – Curitiba –, fazendo limite ao norte com Antonina e Guaraqueçaba através da Baía de Paranaguá, ao sul com Guaratuba e Matinhos, a leste com Pontal do Paraná e a oeste com

³⁵ Informações sobre o município de Paranaguá foram pesquisadas nos sítios: <www.paranaguá.pr.gov.br> e <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 2 jul. 2012.

Morretes. Segundo dados do censo realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município ocupa uma área de 826,652 quilômetros quadrados, com 140.469 habitantes, sendo 69.306 homens e 71.163 mulheres e um PIB de R\$ 7.107.175.000.00. A densidade demográfica é de 169,92 habitantes por quilômetro quadrado: 135.386 localizados na zona urbana e 5.083 na zona rural. Os habitantes naturais desse município são denominados *parnanguaras*.

Paranaguá situa-se na maior baía do estado paranaense, compondo cerca de 30 ilhas, das quais se destacam: Ilha dos Valadares, Ilha da Cotinga, Ilha do Mel, Ilha das Palmas, Ilha das Cobras, Ilha das Pescas, Ilha do Amparo, Ilha do Teixeira, Ilha de Piaçaguera, Ilha de São Miguel, Ilha Rasa da Cotinga, Ilha Eufrasia, Ilha Ponta do Ubá (anexo A).

O Porto D. Pedro II, de Paranaguá, exerce a principal atividade econômica do município, sendo considerado o maior porto exportador de grãos do país. Destaca-se pela sua importância quanto à escoação de grãos e carga em geral do sul do Brasil e do Mercosul. Foi inaugurado em 1935 e sua existência, até os dias de hoje, está ligada aos cinco ciclos econômicos do Paraná: ciclo do ouro, da erva-mate, da madeira, do café e da diversificação. Outros setores econômicos também contribuem para a renda local, tais como: agricultura, indústria, produção do pescado, pecuária e a silvicultura.

No cenário cultural, Paranaguá destaca-se pelo *fandango*, que é uma prática caiçara, feita de lirismo e humor, que se expressa na batida dos tamancos, nos ritmos, danças e coreografias criadas e recriadas pelos moradores do litoral. O termo *caiçara* é usado, atualmente, para se referir aos moradores que habitam a região, que vai do litoral sul do Rio de Janeiro até o Litoral Norte do Paraná. Historicamente, o *fandango caiçara* começou quando os primeiros europeus ocuparam o litoral. Da miscigenação entre portugueses, índios e negros, aos poucos, foram se formando famílias, adquirindo novas culturas e dançando fandango. Antigamente, os bailes de fandango aconteciam tanto nas cidades como nas áreas rurais, mas, depois de um tempo, essa manifestação passou a acontecer só no litoral, pois as pessoas da cidade achavam que o fandango não era elegante. Em resumo: o fandango é uma manifestação cultural típica do caiçara parnanguara, caracterizada como uma mistura de conhecimento dos povos que habitavam o litoral, e que até hoje acontece pela força da memória e da tradição dos fandangueiros.

5.2 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

A aplicação de questionário em pesquisa de campo tem se tornado um instrumento de coleta de dados cada vez mais frequente, dada a eficácia desse procedimento metodológico em áreas de investigação linguística (AGUILERA; FIGUEIREDO, 2002, p. 9-10). O emprego desse instrumento, segundo Aguilera e Figueiredo (2002, p. 10), tem “assegurado o caráter científico necessário à pesquisa e ainda torna menos complexa a obtenção do registro dos fenômenos lingüísticos que se pretende estudar”.

Para Silva Neto (1957, p. 19), o questionário além de ser uma ferramenta que auxilia o trabalho do inquiridor, oferece também “duas vantagens: a de se poder metodicamente, investigar determinados grupos de designações e auxiliar, portanto, a memória do inquiridor ou dos inquiridores, – e a de ser aplicável a todo o território, conferindo, assim, a possibilidade de se comparar os materiais”.

Com o intuito de coletar dados lexicais no município de Paranaguá, o presente trabalho optou pela pesquisa de campo *in loco* (c.f. SILVA NETO, 1957, p. 18), recolhendo dados de natureza oral, utilizando-se do método direto, na modalidade inquérito. Conforme corroboram Aguilera e Figueiredo (2002, p. 12), é comum, em estudos dessa natureza, a adoção de tal método científico, pois,

Os estudos de cunho léxico são os que mais exigem a utilização de questionários estruturados pela necessidade de homogeneizar os resultados, que só se obtém mediante a elaboração e aplicação de questionário com formulações claras, bem definidas, que não deixem margem à dupla interpretação quanto ao(s) nome(s) dos referentes investigados.

Dessa forma, é necessário destacar que a elaboração do questionário visa somente à investigação lexical, tendo por objetivo o registro da aceção de determinadas lexias, buscando identificar quais dos vocábulos extraídos da documentação setecentista ainda são formas correntes na fala dos parnanguaras.

É importante ressaltar que as questões elaboradas estão diretamente relacionadas à escolha dos itens lexicais selecionados com intuito de verificar o grau de manutenção, tendência à manutenção, e desuso e tendência ao desuso referente às aceções registradas no *corpus* escrito. Assim, a elaboração do questionário semântico-lexical contou com 176 questões divididas em quatro classes gramaticais: verbo, substantivo, adjetivo e advérbio

(Apêndice C). Como um dos objetivos do trabalho era documentar a presença de possíveis traços de manutenção ou desuso, no nível semântico-lexical, na fala em Paranaguá, caso o informante conhecesse o vocábulo, pedia-se ao final de cada questão: “pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?”.

5.3 PERFIL DOS INFORMANTES

Quando se pretende investigar a linguagem de determinada comunidade, é preciso que haja, a partir de pré-requisitos, a seleção do grupo de informantes, considerando fatores de natureza social, como escolaridade, faixa etária e sexo. Esse modelo advém dos métodos empregados pela Dialetoлогия moderna, que tem se beneficiado das contribuições teóricas da Sociolinguística, no tocante aos aspectos extralinguísticos, não separando língua de história e de cultura.

Para a seleção dos informantes, foi adotada a proposta contida no Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001), que consiste nos seguintes critérios: duas faixas etárias (faixa 1: 18-30 e faixa 2: 50-65 anos), contemplando ambos os sexos (masculino e feminino) e naturalidade (nascidos no local e, de preferência, pais pertencentes à mesma comunidade linguística). Quanto à escolaridade, buscou-se investigar uma rede de informantes com diferentes níveis de escolarização (completos ou incompletos), variando desde as primeiras e últimas séries do ensino fundamental (primeiras séries: 1ª a 4ª / últimas séries: 5ª a 8ª), ensino médio e ensino superior. A preocupação por investigar duas faixas etárias e quatro níveis de escolaridade atende ao objetivo do trabalho, que pretende averiguar em qual variável há vestígio de manutenção e de tendência à manutenção de lexias antigas ou se o contato com os meios de comunicação e com a tecnologia tem provocado tendência ao desuso ou o desuso.

A rede de informantes constitui o total de 16 entrevistados (oito homens e oito mulheres), distribuídos igualmente por duas faixas etárias e contemplando os dois sexos.

Quadro 3 – Quadro das variáveis: escolaridade, sexo e faixa etária

Escolaridade		Ensino Fundamental primeiras séries (1ª a 4ª)		Ensino Fundamental últimas séries (5ª a 8ª)		Ensino Médio		Ensino Superior	
Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F
Faixa etária dos informantes	F1	18 - 30		18 - 30		18 - 30		18 - 30	
	F2	50 - 65		50 - 65		50 - 65		50 - 65	

Para o preenchimento dos dados pessoais do informante, adotou-se o modo fichário (Anexo B), modelo aplicado no Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001), tendo por finalidade organizar as informações pessoais do informante. Esses dados registrados nas fichas poderão servir a futuras pesquisas de cunho sociolinguístico, cujo interesse seja estudar as variáveis sociais desse grupo linguístico.

Com o intuito de facilitar a identificação dos informantes no corpo do texto, foram criadas algumas convenções:

F1 e F2 = faixas etárias 1 e 2;

H = informante masculino / M = feminino;

P = ensino primário³⁶ / F = fundamental / M = médio / S = superior; C = ensino completo / I = incompleto.

³⁶ Os informantes de ensino fundamental de primeiras séries (1ª e 4ª) serão identificados como ‘ensino primário’, e os de ensino fundamental de últimas séries (5ª a 8ª) como ‘ensino fundamental’.

Quadro 4 – Perfil dos informantes

Faixa Etária	Nome	Sexo	Escolaridade	Idade	Informante
F1	M.N.P.	masculino	E. Primário/C	29	F1-H-EP
F1	C.R.V.	feminino	E. Primário/C	26	F1-M-EP
F1	M.D.L.S.L.	masculino	E. Fundamental/I	22	F1-H-EF
F1	K.C.M.D.L.	feminino	E. Fundamental/C	29	F1-M-EF
F1	P.M.C.D.S.	masculino	E. Médio/C	24	F1-H-EM
F1	E.C.P.D.O.	feminino	E. Médio/C	24	F1-M-EM
F1	P.E.E.G.	masculino	E. Superior/C	27	F1-H-ES
F1	E.S.D.O.	feminino	E. Superior/I	23	F1-M-ES
F2	G.D.R.	masculino	E. Primário/C	61	F2-H-EP
F2	L.D.N.P.	feminino	E. Primário/C	59	F2-M-EP
F2	A.S.	masculino	E. Fundamental/I	61	F2-H-EF
F2	C.D.S.R.	feminino	E. Fundamental/I	54	F2-M-EF
F2	G.A.S.	masculino	E. Médio/I	50	F2-H-EM
F2	J.A.	feminino	E. Médio/C	54	F2-M-EM
F2	F.W.J.	masculino	E. Superior/C	52	F2-M-ES
F2	I.L.	feminino	E. Superior/C	57	F2-M-ES

5.4 TRABALHO DE CAMPO

As entrevistas com os informantes em Paranaguá foram realizadas em dois momentos: o primeiro em janeiro de 2012, e o segundo em março do mesmo ano. Durante a primeira visita ao município de Paranaguá, a pesquisadora teve certa dificuldade para encontrar informantes que se enquadrassem no perfil da pesquisa. Por não ter tido contato, anteriormente, com moradores, ou funcionários da prefeitura ou de escolas (conhecidos como facilitadores) que pudessem auxiliar na busca do informante ideal, a pesquisadora, em visitas

à Câmara de Vereadores, à Prefeitura e à Secretaria Municipal da Educação e conversando com alguns funcionários, chegou ao contato com algumas pessoas que, aparentemente, se encaixavam no perfil buscado. Ressalta-se ‘aparentemente’, porque, durante a entrevista, descobria-se que o informante: ou morou em outras cidades por mais de 10 anos, ou não tinha a idade entre 18-30 e 50-65 anos, sendo, portanto, necessária a busca por mais informantes, num segundo momento.

Encontrar informantes que tivessem apenas o ensino fundamental das séries iniciais (1ª a 4ª), foi uma tarefa não muito fácil. Em conversa com a Secretária da Educação Municipal, tomou-se conhecimento de que informantes, neste perfil, só seriam encontrados nas comunidades das ilhas locais. Logo, com o auxílio de uma professora que trabalha nestas comunidades, foi possível fazer o deslocamento até a ilha do Amparo e realizar as quatro entrevistas que faltavam.

Finalizadas as 16 entrevistas, procedeu-se às transcrições dos dados orais. Considerando que o estudo prioriza o nível lexical, optou-se pela transcrição grafemática, adotando o modelo proposto pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB³⁷, que visa os seguintes objetivos:

Descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas)

Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outras áreas do conhecimento afins – história, sociologia, antropologia e outras -, de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas.

Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (lingüistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos), aos pesquisadores de áreas afins (história, sociologia, antropologia e outras) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livro-texto para o ensino fundamental e o ensino médio, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

Oferecer aos interessados nos estudos lingüísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundarem o conhecimento da realidade lingüística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001).

³⁷ C.f. Ata da XIII Reunião do Comitê Nacional. Recife, UFPE, 16 e 17 de julho de 2003.

Capítulo V

6 ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL

Ao estudar a língua de uma comunidade, é possível averiguar processos das transformações e mudanças pelos quais essa língua passou no decorrer de sua história. Essas transformações estão diretamente relacionadas à formação histórica de um povo e sua cultura, entendida como atuação do homem sobre o mundo. Das diversas possibilidades de estudo, optou-se pelo nível lexical, uma vez que cada palavra tem o seu significado próprio de acordo com a época, com o grupo social e com o momento em que está sendo utilizada. Conforme assinalam Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7):

... o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.

Apesar de a língua ser um sistema dinâmico suscetível a influências de diversas naturezas, principalmente no que diz respeito ao acervo vocabular, há, em determinados grupos sociolinguísticos, a presença de unidades lexicais que representam momentos diferentes da história da língua, conservadas ao longo do tempo, como é o caso das linguagens regionais (ISQUERDO, 1996, p. 568). Sobre essa questão, elucida:

No caso da Língua Portuguesa falada no Brasil, percebemos que, motivado por determinantes de natureza geo-histórico-cultural, seu léxico reúne termos que revelam tanto a influência da língua do colonizador, em diferentes fases da história, quanto da língua natural de povos nativos habitantes da região. (ISQUERDO, 1996, p. 569).

Cunha (1986), discorrendo sobre o caráter conservador da nossa variante linguística, argumenta:

É, porém, de uma evidência que dispensa maior comprovação o fato de ter a língua portuguesa se desenvolvido no Brasil, durante séculos, em condições socioculturais mais propícias à conservação do que à renovação de suas formas. Tendo vivido mais de trezentos anos sem contato com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, com um número exíguo de escolas, a América Lusitana foi alcançando nesse largo período algumas das etapas que levam os povos aos estados linguísticos paralisantes. Esse imobilismo cultural e, conseqüentemente, idiomático é ainda muito sensível

nas regiões interioranas, onde continuam a existir populações marginalizadas dos próprios acontecimentos históricos. (CUNHA, 1986, p. 202-203).

Porém, estudando o município de Paranaguá, verifica-se a presença de elementos sócio-históricos pertinentes ao que Cunha (1986) considera ser uma condição propícia à conservação de formas linguísticas características da variante portuguesa da época da colonização: (i) localidade litorânea afastada do grande centro; (ii) cidade com características interiorana; (iii) município com mais de 400 anos.

Partindo desse princípio, de que áreas linguísticas afastadas de grandes centros e de colonização remota são passíveis de isolamento, ou até mesmo de estagnação da língua, o presente trabalho espera encontrar, na modalidade oral dos moradores de Paranaguá, vestígios de manutenção de uma variedade do português do tempo de sua colonização.

Assim, investigar o grau de conservação e desuso na variedade oral de uma comunidade linguística, no nível lexical, pressupõe um estudo apurado das unidades lexicais, visto que o léxico de uma língua passa por constantes mutações, como já notara Biderman (2001, p. 179): “o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer”.

Deve-se considerar também que, em meio a essas mudanças, um rol de palavras do léxico geral poderia passar a incorporar uma terminologia específica, como também poderia ocorrer o inverso, um termo pertencente a um domínio especializado ter o seu conceito expandido para a língua cotidiana, adquirindo, com o tempo, outros significados, o que é muito comum hodiernamente, devido à disseminação da ciência em meios de comunicação populares, como jornais impressos e/ou televisivos, e revistas.

Portanto, quando se pretende estudar o léxico de determinado grupo linguístico, busca-se compreender como se dá o processo de aquisição desta ou daquela lexia no conjunto de palavras que forma o seu repertório vocabular e qual seu significado para a constituição histórica da comunidade linguística.

Na pretensão de verificar se o uso de determinado termo é específico ou não de uma comunidade em estudo, pesquisas desta natureza caminha para a análise do léxico em seu contexto de utilização, pois, segundo Leite (2003, p. 28), “não é possível examinar o léxico fora de sua enunciação, a língua tem de ser analisada em relação à sua realidade social”.

Seguindo este raciocínio, Benveniste (1989, p. 100) faz a seguinte asserção:

Os testemunhos que a língua dá deste ponto de vista [do vocabulário] só adquirem seu valor se eles forem ligados entre eles e coordenados à sua referência. Existe aí um mecanismo complexo cujos ensinamentos é preciso interpretar prudentemente. O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram [...]. O que se chama polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de subsumir em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação.

Nesse processo de transformação do léxico, o binômio discurso e enunciadores são agentes participativos e, portanto, devem ser considerados dentro do contexto de elocução. A propósito, Biderman (2001, p. 179) ressalta:

Embora o Léxico seja patrimônio da comunidade lingüística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua [...]. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico.

Ainda sobre essa questão, Biderman (1984, p. 17) elucida que o léxico de uma língua reúne um conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o homem se expressa, se comunica, e é capaz de criar e assimilar novos conhecimentos dentro de sua própria civilização, como também absorver de outras culturas. Por isso, as categorias e denominações linguísticas de alguns itens lexicais podem variar, daí a importância de serem analisadas dentro de seus contextos de produção.

Partindo para a análise do *corpus* oral desta pesquisa, foram levados em consideração alguns critérios, a saber: (i) os 176 itens lexicais foram observados a partir do contexto de uso do enunciado durante as entrevistas; (ii) para cada lexia em estudo comparou-se a acepção buscada (a mesma designação registrada nos documentos manuscritos) com as acepções conhecidas e utilizadas pelos informantes; (iii) a consulta aos dicionários de Bluteau (1712-1728), Morais Silva (1813), Cunha (1997), Ferreira (2004) e Houaiss (2007) foi feita para verificar se determinada lexia consta registrada, e também para averiguar se o significado deste item lexical está registrado com o mesmo valor da acepção do *corpus* escrito ou com o valor do *corpus* oral.

Procedendo às análises, é importante frisar que o objetivo maior deste trabalho é verificar o grau de manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso em relação às acepções registradas no *corpus* escrito. Por conseguinte, considera-se “grau de manutenção” de determinado item lexical, quando ocorrer uma sinonímia entre as acepções buscadas com as acepções empregadas/conhecidas pelos informantes de Paranaguá. Portanto, durante a análise do contexto de fala dos informantes de Paranaguá, considerou-se caso de manutenção quando houve o reconhecimento da lexia e da acepção buscada, por parte de todos os informantes ou quando o reconhecimento se concentrou, em sua maior parte, na primeira faixa etária. Ao contrário, foi considerado caso de desuso quando o informante não reconheceu a lexia, ou a reconhecia, mas com outros significados distintos da acepção buscada. Em alguns casos, o sentido desta lexia era substituído por outro item lexical, o que corresponde, em alguns casos, ao emprego de um homônimo³⁸. Já nos casos de tendência à manutenção ou tendência ao desuso implicou sempre a ocorrência de estágio de variação de significados para um único item lexical, ou seja, além do informante empregar a acepção em estudo, ele também faz uso de outras designações para um único referente. A diferença entre tendência à manutenção e tendência ao desuso está no número de ocorrências quanto ao reconhecimento da lexia e da acepção buscada. Quando houve maior ocorrência de reconhecimento na primeira faixa etária, classificou-se como tendência à manutenção, e quando ocorreu o inverso, o reconhecimento se concentrar na segunda faixa etária, classificou-se como tendência ao desuso.

Na seção a seguir, apresentam-se as tabelas onde se destacam: (i) a lexia em estudo; (ii) o número do documento onde se encontram a lexia e a acepção investigada; (iii) o registro das acepções buscadas; (iv) o contexto de utilização dos itens lexicais conhecidos pelos informantes; (v) a sigla NSR, a qual significa que o informante ‘não soube responder’ a questão referente à lexia investigada; (vi) as acepções dicionarizadas; e por fim (vii) a análise semântico-lexical retomando o contexto de uso da lexia pelo informante, a partir da acepção trazida nos documentos manuscritos. Os itens lexicais foram classificados em: verbos, substantivos, adjetivos e advérbios; e dentro dessa divisão estão alocados em ordem alfabética.

³⁸ Homônimo: “Diz-se de palavra que se escreve e se pronuncia ou só se pronuncia da mesma maneira que outra, mas cujo significado é diferente”. (CALDAS AULETE, 1948).

6.1 ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DAS LEXIAS INVESTIGADAS

VERBOS

1. ACAUTELAR / DOC.37, fôl.1v, l.11-15	
Acepção buscada	Prevenir, precaver.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Conheço como ter cautela do que a gente faz. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: Acautelar vem de cautela.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Acautelar seria como você acolher alguém. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Está acontecendo uma briga, o outro vai lá e acautela, apazigua. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Acautelar é ter cautela. F2-M-ES: Acautelar é a pessoa ser calma.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ACAUTELARSE, Usar de cautela. Acautelarse das ciladas.</p> <p>Morais Silva (1813): ACAUTELAR, v. at. Prevenir, precaver, que não suceda algum danno, ou inconveniente.</p> <p>Cunha (1997): cautela <i>sf.</i> Acautelar ‘prevenir, precaver’ 1562.</p> <p>Ferreira (2004): acautelar 3. Evitar, prevenir.</p> <p>Houaiss (2007): acautelar <i>datação</i> 1531 1 prevenir(-se) contra a ocorrência de um mal, um embaraço, um inconveniente, um dano.</p>
<p>Os dicionaristas pesquisados registram a entrada <i>acautelar</i> com o sentido de ‘ter cautela, prevenir, precaver, evitar algum perigo’. Analisando o seu contexto de utilização pelos informantes de Paranaguá, constata-se que sua ocorrência é escassa. Dez entrevistados disseram desconhecer o item lexical, e outros três informantes (F2-H-EF, F2-H-EM e F2-M-ES) o conhecem com variação de significado: ‘acolher’, ‘apaziguar’ e ‘ser calmo’. Apenas dois informantes de faixas etárias distintas (F1-M-EM / F2-H-ES)</p>	

conhecem o significado da unidade lexical *acautelar* com a acepção buscada ‘prevenir, precaver’, mas consta-se que sua forma lexical está sendo substituída pela locução verbal ‘ter cautela’: F1-M-EM: *Conheço como ter cautela do que a gente faz*. F2-H-ES: *Acautelar é ter cautela*. A informante feminina, da faixa I, do ensino superior, respondeu de forma genérica: ‘*acautelar vem de cautela*’, sem especificar o que seria cautela.

Verificando o contexto de uso desta lexia na fala dos entrevistados, dados apontam indicativo de substituição do item lexical *acautelar* pela locução verbal *ter cautela*, com o mesmo sentido de ‘prevenir, precaver’. No estágio atual de variação, a unidade lexical *acautelar* apresenta **tendência ao desuso**, uma vez que somente dois informantes (um da faixa I e outro da faixa II) ainda empregam *acautelar* como ‘ter cautela’, no sentido da acepção em estudo.

2. ACOMPANHAR / DOC.40, fól.1v, I.03-06

Acepção buscada	Seguir, observar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Acompanhar é chamar alguém pra ir junto com você. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Acompanhar uma pessoa pra determinado local. F1-M-EF: Quando acompanho alguém pra algum lugar. F1-H-EM: Acompanhar de ir junto. F1-M-EM: Quando você acompanha alguém pra um lugar. F1-H-ES: Acompanhar as pessoas: eu vou te acompanhar até a saída. F1-M-ES: Acompanhar no sentido de ir junto.</p> <p>F2-H-EP: Acompanhar aqui é acompanhar uma pessoa quando não conhece um lugar aqui, então acompanha. F2-M-EP: Acompanhar, por exemplo, se eu sair pra algum lugar, e falo: você quer me acompanhar? F2-H-EF: Acompanhar tem vários sentidos: acompanhar de acompanhar mesmo e acompanhar se eu vou supervisionar, acompanhar um trabalho, assim tal. F2-M-EF: Vou acompanhar alguém num médico. F2-H-EM: Quando você não quer ir sozinho, pede pra outra pessoa te acompanhar. F2-M-EM: Quando alguém te acompanha até a escola, vai junto com você. F2-H-ES: Em todos os sentidos acompanhar de estar presente, junto, e acompanhar processo. F2-M-ES: Acompanhar alguém, ir junto.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ACÔMPANHAR, ou Acompanhar. Fazer companhia.</p> <p>Morais Silva (1813): ACOMPANHAR, v. at. Ir em companhia de alguém, por obrigação, obsequio, ou pompa.</p> <p>Cunha (1997): <i>companhia</i> sf. ‘aquilo ou aquele que acompanha’ ‘comitiva, séquito etc.’ Acompanhar XIV.</p> <p>Ferreira (2004): acompanhar 1. Ir em companhia de; fazer companhia a; seguir.</p> <p>Houaiss (2007): acompanhar <i>datação</i> sXIII 16 presenciar, assistir a (esp. algo que é exposto ou apresentado, ou uma sucessão de eventos, episódios, o desenrolar de um fato, história, drama etc.).</p>
<p>O item lexical <i>acompanhar</i> com o sentido de ‘seguir, observar’ esteve presente somente na fala de dois informantes (F2-H-EF e F2-H-ES). Tanto um, como o outro, disseram usar a lexia em vários contextos, inclusive no sentido de ‘observar’: F2-H-EF: ‘<i>acompanhar se eu vou supervisionar, acompanhar um trabalho</i>’; F2-H-ES: ‘<i>Acompanhar processo</i>’. Os demais informantes (sete da faixa I e seis da faixa II) empregam essa lexia somente no sentido de ‘ir junto’, ‘fazer companhia’. A acepção aqui buscada não consta de nenhum dicionarista. Houaiss (2007) registra diversas acepções, e na décima sexta sugere o significado investigado: ‘presenciar, assistir a (esp. algo que é exposto ou apresentado, ou uma sucessão de eventos, episódios, o desenrolar de um fato, história, drama etc.)’. Dessa forma, presume-se que ‘presenciar’ e ‘assistir’ pode ser entendido como ‘acompanhar uma sucessão de eventos e episódios, portanto, por <i>extensão de sentido</i>, infere-se ‘seguir/ observar’ uma sucessão de eventos.</p> <p>Analisando o contexto de utilização do item lexical pelos informantes parnanguaras e a acepção buscada, presume-se que, em dado momento, nesta comunidade linguística, estas acepções começaram a concorrer entre si e, no estágio atual de variação, há indícios do favorecimento da acepção ‘ir junto’, ‘fazer companhia’ em detrimento da acepção documentada no <i>corpus</i> escrito, lembrada apenas por dois informantes da faixa II. Portanto, a unidade lexical <i>acompanhar</i> no sentido de ‘seguir, observar’ aponta tendência ao desuso.</p>	

3. ACORDAR / DOC.48, fól.2r, l.11-15

Acepção buscada	Decidir conjuntamente.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EP: Acordar alguém que tá dormindo.</p> <p>F1-H-EF: Levantar, despertar.</p> <p>F1-M-EF: Quando a gente acorda do sono.</p> <p>F1-H-EM: No sentido de despertar, levantar e de fazer um acordo.</p> <p>F1-M-EM: Acordar do sono.</p>

	<p>F1-H-ES: Acordar de manhã, do sono, acordar pra vida. F1-M-ES: No sentido de acordar, amanhecer, abrir os olhos.</p> <p>F2-H-EP: Acordar aqui chega de manhã cedinho tem que acordar. F2-M-EP: Quando alguém não quer ver as coisas, então a gente diz pra acordar, observar aquilo ali, acordar pra vida. F2-H-EF: Acordar é despertar do sono. F2-M-EF: Acordar em vários sentidos: vou acordar cedo, vou acordar pro mundo, pras coisas. F2-H-EM: De manhã a gente acorda do sono. F2-M-EM: Acordar bem cedo. F2-H-ES: Acordar também, eu acordo de manhã cedo e também eu acordo, do aceitar, do acordo. F2-M-ES: Acordar pra vida, ficar esperta com as coisas: eu tô acordado, não durmo no ponto.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ACORDAR do sono. Acabar de dormir. Acordar a quem dorme. Morais Silva (1813): ACORDAR, v. at.; 7.10. §. Resolver unanimemente. Cunha (1997): <i>acordar</i> vb. ‘resolver, convir, concordar’ XIII. Ferreira (2004): <i>acordar</i> 15. Chegar a um acordo; concordar. Houaiss (2007): ¹<i>acordar</i> <i>datação</i> sXIII 3 decidir ou resolver conjuntamente; levar a efeito a decisão assim tomada.</p>
<p>As definições apresentadas pelos lexicógrafos (com exceção de Bluteau) evidenciam o mesmo sentido da acepção buscada: ‘decidir em conjunto’, ‘chegar a um acordo’, ‘a uma decisão’. Dentre as várias designações empregadas pelos informantes: ‘acordar do sono’, ‘levantar’, ‘despertar’, ‘acordar pra vida’, ‘acordar pro mundo’, ‘ficar esperto’; somente dois informantes (F1-H-EM / F2-H-ES) empregam a lexia <i>acordar</i> (além de outros significados), com o sentido de ‘fazer um acordo’. Portanto, a unidade lexical <i>acordar</i> (do lat. <i>cordátus</i>, <i>a</i>, <i>um</i>) no sentido de ‘fazer acordo’ é desconhecida pela maior parte dos entrevistados. Estes falantes, em seu contexto de uso, empregam o seu homônimo <i>acordar</i> (do lat. <i>accordare</i>) com as acepções ‘despertar do sono’, ‘levantar cedo’, ‘ficar esperto’.</p> <p>Considerando os dados em análise, a unidade lexical <i>acordar</i>, possivelmente, está sendo substituída pela locução verbal ‘fazer acordo’, quando se deseja expressar o sentido de ‘decidir conjuntamente’.</p> <p>Dessa forma, o item lexical <i>acordar</i> com o sentido de ‘fazer acordo’, indica tendência ao desuso, pois foi lembrado apenas por dois informantes de faixas etárias distintas, e em contexto de variação de significado.</p>	

4. ACUDIR / DOC.12, fól.1r, l.23-27	
Acepção buscada	Socorrer, ajudar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Acudir é ajudar alguém que tá precisando. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Acudir é um socorro, uma ajuda. F1-M-EF: Acudir alguém, socorrer. F1-H-EM: Acudir é ajudar uma pessoa. F1-M-EM: Acudir é socorrer. F1-H-ES: Socorrer. F1-M-ES: Acudir no sentido de prestar socorro a alguém.</p> <p>F2-H-EP: Acudir, se uma pessoa ali necessita de uma ajuda tem que ir lá socorrer. F2-M-EP: Acudir é quando uma criança cai, aí vai acudir. F2-H-EF: Acudir é socorrer, salvar. F2-M-EF: Acudir as pessoas. F2-H-EM: Uma criança cai de uma árvore, você vai acudir. F2-M-EM: Quando alguém tá precisando de ajuda, vamos acudir. F2-H-ES: Acudir de ajudar, de auxiliar. F2-M-ES: Acudir é socorrer e ajudar quem precisa.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ACUDIR. Ajudar a alguem. Morais Silva (1813): ACUDIR, v. at. Vir trazer socorro, auxilio, ao que implora. 3.2. §. <i>Acudir-se</i>, ou <i>acudir a alg. coisa ou pessoa</i>; socorrer-se, recorrer a ella. Cunha (1997): <i>acudir</i> vb. ‘vir em socorro de, acorrer’ XIII. Ferreira (2004): <i>acudir</i> 1. Acorrer, ir em socorro, defesa ou proteção de; socorrer; auxiliar. Houaiss (2007): <i>acudir</i> <i>datação</i> 1262 2 servir a ou ter utilidade para; favorecer (alguém em dificuldade); auxiliar, ajudar, socorrer.</p>
<p>Os dicionaristas registraram a entrada <i>acudir</i> evidenciando o mesmo valor atribuído pelos informantes: ‘ajudar alguém’, ‘socorrer’, ‘proteger’, ‘acorrer’. Todos os informantes (com exceção da informante F1-M-EP, que disse desconhecer <i>acudir</i> em todos os seus sentidos) utilizam a lexia <i>acudir</i> com o significado empregado nos documentos manuscritos: ‘socorrer, ajudar’.</p> <p>Analisando o contexto de uso desta unidade lexical com as respostas dos informantes, verifica-se que a acepção buscada é bastante produtiva na fala dos entrevistados, supondo então, tratar-se de um caso de manutenção.</p>	

5. ADMOESTAR / DOC.44, fól.1r, l.06-09	
Acepção buscada	Avisar, advertir, aconselhar
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Admoestar seria atrapalhar, incomodar, julgar. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Quando uma pessoa erra, a outra vai lá exortar, admoestar. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Admoestar só se for pra molestar alguém. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ADMOESTAR, ou Amoestar. Reprehender com brandura.</p> <p>Morais Silva (1813): ADMOESTAR, v. at. Avisar da obrigação, lembrá-la. Dizemos <i>admoestar</i> alguém de alguma coisa. 1.3. §. Avisar, lembrar.</p> <p>Cunha (1997): <i>admoestar</i> vb. ‘aconselhar, advertir’ XVI.</p> <p>Ferreira (2004): <i>admoestar</i> 4. Advertir; lembrar, avisar.</p> <p>Houaiss (2007): <i>admoestar</i> <i>datação</i> sXIV 2 advertir (alguém) de maneira branda (sobre alguma coisa); aconselhar.</p>
<p>A unidade léxica <i>admoestar</i> está registrada por todos os dicionaristas com a mesma acepção buscada ‘avisar, aconselhar, advertir, lembrar’. Dos dezesseis entrevistados, apenas o informante masculino, da faixa II, do ensino médio, utilizou ‘admoestar’ com a acepção mais próxima do sentido empregado nos documentos manuscritos: ‘<i>exortar alguém sobre algum erro</i>’. Quanto à resposta dos outros dois informantes, o contexto uso é totalmente diferente: o informante F2-H-EF conhece <i>admoestar</i> no sentido de ‘atrapalhar, incomodar, julgar’. Já o informante F2-H-ES associou ‘admoestar’ com outro item lexical: ‘molestar’. Analisando os dados em questão, constatou-se que o item lexical <i>admoestar</i> com o sentido da acepção buscada não se encontra mais registrado em contexto de fala dos entrevistados de Paranaguá. Das três ocorrências proferidas pelos informantes da faixa II, o conceito atribuído por eles refere-se a diferentes significados.</p>	

Considerando o contexto de fala dos informantes, presume-se que a acepção buscada, ‘avisar, advertir, aconselhar’, em concorrência com as demais acepções, perdeu forças e deixou de ser utilizada, tendo sido provavelmente substituída por outra lexia para designar o significado em estudo. Quanto aos informantes da faixa I, estes disseram nunca ter ouvido tal lexia, inferindo dessa forma, tratar-se de um caso de desuso.

6. ALENTAR / DOC.10, fól.1r, l.04-08

Acepção buscada	Dar ânimo, encorajar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: O mesmo que consolar alguém. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Alentar aqui é alentar uma pessoa, ela não sabe a gente alerta. F2-M-EP: Conheço só alertar, por exemplo: criança não faça isso, tô alertando. F2-H-EF: Alentar seria acalmar. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: Vamos alentar aquela pessoa, vamos fazer isso pra ela pra animar. F2-H-ES: Dar um alento, dar uma proteção ou proteger. No jurídico se coloca como proteger alguém, dar um alento, proteger. F2-M-ES: Alentar é acalmar alguém quando tá aflita.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ALENTAR. Dar animo. Dar forças ao corpo. Morais Silva (1813): ALENTÁR, v. at. Nutrir, dar vigor ao corpo, brios ao animo. Esforçar: animar. Cunha (1997): alento <i>sm.</i> ‘coragem, ânimo, força’ XVI. Alentar XVI. Ferreira (2004): alentar 1. Dar alento, ânimo, coragem, a; encorajar. Houaiss (2007): alentar <i>datação</i> sXV 1 dar alento a; animar, encorajar.</p>

Mais da metade dos entrevistados disse não conhecer a lexia *alentar*. Das respostas dos sete informantes, averigua-se um considerável índice de variação do significado: ‘alertar’, ‘acalmar’, ‘consolar’, ‘proteger’ e ‘animar’. Somente a informante F2-M-EM emprega o item lexical com a mesma acepção buscada: ‘*Vamos alentar aquela pessoa, vamos fazer*

isso pra ela, pra animar'. Quanto ao registro desta unidade lexical nos dicionários, todos trazem o sentido empregado nos documentos manuscritos: 'dar ânimo, forças, encorajar, animar'.

Analisando o contexto de uso de *alentar* e comparando com a acepção buscada, presume-se tratar de uma lexia com **tendência ao desuso**, visto que apenas uma informante da faixa II reconhece o item lexical com o sentido documentado no *corpus* escrito. A baixa ocorrência registrada na fala dos informantes refere-se a seus homônimos, e não ao mesmo item lexical em estudo.

7. ANSIAR / DOC.15, fôl.1r, L13-17

Acepção buscada	Oprimir, afligir.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Anseia, ansioso pra alguma coisa. F1-M-EF: Quando a pessoa fica ansiosa. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Conheço só ansioso. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: Ansiar no sentido de ansioso.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Quando está ansiosa por alguma coisa, daí às vezes não dá certo, então fica ansiosa. F2-H-EF: Ansiar é uma pessoa que tá ansiosa, querer fazer as coisas rápido, sei lá. F2-M-EF: Vou trocar meu carro esse ano, anseio pra mudar de casa. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Desejo, vontade. F2-M-ES: Quando a pessoa é muito ansiosa.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D. Moraes Silva (1813): ANSIÁR, v, at. Causar ansias. Cunha (1997): <i>ânsia</i> <i>sf.</i> 'aflição, angústia'. Ansiar XIV. Ferreira (2004): ansiar 1. Causar ânsia ou ansiedade a; oprimir, angustiar. Houaiss (2007): ansiar <i>datação</i> sXIV 1 provocar ou sentir ânsia, preocupação ou sofrimento; afligir(-se), angustiar(-se), consumir(-se).</p>

Os lexicógrafos, com exceção de Bluteau, registraram a entrada *ansiar* com a mesma acepção buscada neste estudo: ‘causar ansiedade’, ‘oprimir’, ‘angustiar’, ‘afligir’ e ‘consumir’. Verifica-se que dos nove informantes que conhecem a lexia, sete deles (F1-H-EF, F1-M-EF, F1-M-EM e F1-M-ES / F2-M-EP, F2-H-EF e F2-M-ES) empregam com valor adjetival: *ansioso/ansiosa*. O emprego da forma lexical *ansiar* foi utilizado somente pela informante F2-M-EF: ‘*anseio pra mudar de casa*’, mas analisando o contexto desta lexia empregada no enunciado da informante, o sentido não é o mesmo da acepção buscada, refere-se a outro significado, do qual Houaiss informa, na quarta acepção, tratar-se de *derivação: sentido figurado*: ‘desejar com veemência ou anseio, almejar’. Já o informante F2-H-ES disse empregar o item lexical *ansiar* apenas com o sentido de ‘desejo, vontade’. O mesmo dicionarista informa, na segunda acepção, tratar-se de *derivação: sentido figurado*.

A unidade lexical *ansiar* registrada por Cunha e Houaiss como do séc. XIV comprova tratar-se de uma lexia de uso antigo, enquanto que a forma adjetivada ‘ansioso’, foi fixada quase três séculos depois, em 1589 (HOUAISS, 2007). Desde então, presume-se, pelos dados analisados, que estas duas formas estão concorrendo entre si, havendo indícios do favorecimento da variante ‘estar/ficar ansioso’ em detrimento de *ansiar*. Portanto, a unidade lexical em estudo apresenta **tendência ao desuso**.

8. APANHAR / DOC.13, fól.1r, l.09-13

Acepção buscada	Capturar, pegar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando a gente apanha da mãe e pai e quando a gente pega uma fruta no pé.</p> <p>F1-M-EP: Quando a gente bate nas crianças, elas apanham.</p> <p>F1-H-EF: No sentido de bater, de ser violento, tipo querer agredir uma pessoa. Também apanho uma fruta.</p> <p>F1-M-EF: Conheço no sentido de apanhar de alguém, quando bate e de pegar alguma coisa.</p> <p>F1-H-EM: Apanhar da mãe ou pegar alguma coisa.</p> <p>F1-M-EM: Apanhar quando alguém bate em você.</p> <p>F1-H-ES: No sentido de levar uma surra e pegar as coisas.</p> <p>F1-M-ES: Apanhar de pegar algo ou apanhar de levar surra, nos dois sentidos.</p> <p>F2-H-EP: Apanhar, tem um troço ali a pessoa tem que ir lá apanhar o objeto.</p> <p>F2-M-EP: É quando a gente apanha da mãe e pai. Pra pegar alguma coisa também uso.</p> <p>F2-H-EF: Apanhar seria tipo, ser agredido. Também tem os sentido: apanha ali pra mim tal, de pegar.</p>

	<p>F2-M-EF: Apanhar um objeto que eu deixei em casa.</p> <p>F2-H-EM: Conheço apanhar uma fruta no pé e também, uma criança quando é desobediente, ela apanha dos pais.</p> <p>F2-M-EM: Apanhar de alguém, quando alguém te bate.</p> <p>F2-H-ES: É de pegar.</p> <p>F2-M-ES: Apanhar de alguém e também pegar alguma coisa</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): APANHAR. Alcançar, & prender pessoas, que fogem. <i>Vid.</i> Tomar: tomar na mão.</p> <p>Morais Silva (1813): APANHÁR, v. at. Colher: v. g. apanhar <i>frutos, folha</i>. §. Tomar na mão.</p> <p>Cunha (1997): apanhar vb. ‘colher, recolher, segurar, levantar’ XIV.</p> <p>Ferreira (2004): apanhar 6. Prender, capturar, agarrar.</p> <p>Houaiss (2007): apanhar <i>datação</i> sXIII 1 capturar, recolher, segurar ou tomar posse de (algo), com auxílio das mãos ou de objeto; pegar.</p>
<p>Os dicionaristas registram a entrada <i>apanhar</i> com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘prender, segurar, capturar, pegar’. Analisando o contexto de uso dessa unidade lexical, constata-se que todos os informantes a utilizam no seu dia a dia, porém com significados diferenciados: <i>apanhar</i> de ‘pegar algo’ e <i>apanhar</i> de ‘alguém ser agredido’. Três informantes (F1-M-EP e F1-M-EM / F2-M-EM) utilizam o item lexical somente na acepção de ‘ser agredido por alguém’. E três informantes (F2-H-EP, F2-M-EF e F2-H-ES) empregam <i>apanhar</i> apenas na acepção de ‘pegar um objeto’.</p> <p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>apanhar</i>, observa-se no estágio atual de variação, considerável frequência da ocorrência dos dois significados distintos para um único referente <i>apanhar</i>. Neste cenário linguístico, conclui-se então, que a unidade lexical <i>apanhar</i> no sentido de ‘captura, pegar’, presente em quase todas as respostas dos informantes em Paranaguá, apresenta tendência à manutenção.</p>	

9. APENAR / DOC.22, fól.1r, l-13-14	
Acepção buscada	Obrigar, impor pena.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes:	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Dar pena.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p>

	<p>F2-H-EP: Punir alguém.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Apenar seria de corrigir, de prender.</p> <p>F2-M-EF: NSR.</p> <p>F2-H-EM: NSR.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Apenar é a questão jurídica da pena, quando é apenado ele já tem um processo contra ele com uma decisão, então ele já é apenado. A gente usa muito quando no pró-ingresso, por exemplo, o cidadão é apenado, ele tem uma pena.</p> <p>F2-M-ES: É a mesma coisa que ter pena.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): APENAR. Pôr pena.</p> <p>Morais Silva (1813): APENÁR, v. at. Dar pena, condennar, castigar. §. Obrigar com pena, ou multa, se o obrigado cair em comisso.</p> <p>Cunha (1997): pena¹ <i>sf.</i> ‘castigo, punição, sofrimento’ XIII. No port. med. documenta-se, também, <i>apenar</i> (séc. XV).</p> <p>Ferreira (2004): apenar 1. Condenar a pena; castigar, punir.</p> <p>Houaiss (2007): apenar <i>datação</i> 1459 1 impor pena a; punir, castigar, condenar.</p>
<p>Os dicionaristas registram a entrada <i>apenar</i> com a mesma acepção utilizada pelos informantes parnanguaras: ‘impor pena, punir, castigar, obrigar, condenar’. Dos dezesseis entrevistados, somente quatro informantes (F1-H-EF / F2-H-EP, F2-H-EF e F2-H-ES) reconheceram a lexia <i>apenar</i> empregando-a com o mesmo sentido registrado nos documentos manuscritos. Já a informante F2-M-ES reconheceu com o sentido de ‘ter pena’. Esta acepção não consta dicionarizada por nenhum dos lexicógrafos para a entrada <i>apenar</i>.</p> <p>Embora este item lexical ainda esteja presente na fala de alguns moradores de Paranaguá, observa-se que seu uso é pouco produtivo. Dos onze informantes que desconhecem a lexia <i>apenar</i>, sete são da faixa I. E dos poucos que a utilizam com o sentido de ‘impor pena’, três são da faixa II. Pressupõe-se, dessa forma, que a lexia <i>apenar</i> revela tendência ao desuso.</p>	

10. APOSSAR / DOC.25, fól.1v, l.17-19	
Acepção buscada	Tomar posse, apoderar-se.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: Quando alguém pega alguma coisa da gente e não devolve, ela se apossou daquilo.</p> <p>F1-H-EF: Se apossar de alguma coisa que é dos outros.</p>

	<p>F1-M-EF: Quando alguém se apossa de alguma coisa, de algum objeto que não é seu.</p> <p>F1-H-EM: Apossar de alguma coisa.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: Sentido de tomar posse.</p> <p>F1-M-ES: Tomar posse.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: Apossar de alguma coisa que não é nosso, daí a gente quer se apossar.</p> <p>F2-H-EF: Apossar é de tomar e pegar, se apossar.</p> <p>F2-M-EF: É pegar algo de alguém, que não é da gente.</p> <p>F2-H-EM: Apossar é você pegar alguma coisa que não é tua.</p> <p>F2-M-EM: Vou me apossar daquele terreno que não tem dono.</p> <p>F2-H-ES: Pegar, tomar, tirar de alguém, se apossar, ainda se usa muito.</p> <p>F2-M-ES: Apossar é você querer tomar conta daquilo ali pra você, apoderar, se apossar.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): APOSSARSE. Tomar posse.</p> <p>Morais Silva (1813): APOSSÁR, v. at. Metter de posse. §. <i>Apossar-se:</i> metter-se de posse, senhorear-se, apoderar-se.</p> <p>Cunha (1997): <i>posse</i> <i>sf.</i> Substantivação do lat. <i>posse</i> ‘ser capaz, poder’ apossar XVI.</p> <p>Ferreira (2004): apossar 3. Tomar posse; apoderar-se, conquistar.</p> <p>Houaiss (2007): apossar <i>datação</i> 1567 2 tomar posse de; assenhorar-se.</p>
<p>A unidade lexical <i>apossar</i> está registrada pelos lexicógrafos no sentido de ‘tomar posse, apoderar-se, assenhorar-se’. Estas definições remetem à mesma acepção buscada e às apresentadas pelos informantes. Tanto Cunha como Houaiss trazem seu primeiro registro a partir do século XVI, podendo-se inferir que, apesar de a lexia <i>apossar</i> ter origem remota, sua forma ainda é bastante produtiva na linguagem oral dos informantes. Portanto, há indícios do item lexical ‘<i>apossar</i>’ ser um caso de manutenção.</p>	

11. ARRIMAR / DOC.10, fól.1r, l.08-12

Acepção buscada	Dar apoio, dar suporte.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: NSR.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p>

	<p>F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: É aqui fala apoiar no caso, arrimar não. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Arrimar-se é ajeitar-se, dar um jeito. F2-M-ES: Arrimar é quando você faz alguma frase para rimar.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): ARRIMAR, huma cousa a outra, para que não caya. <i>Vid.</i> Encostar.</p> <p>Morais Silva (1813): ARRIMÁR, v. at. Encostar.</p> <p>Cunha (1997): rima³ <i>sf.</i> ‘ato ou efeito de arrimar-se’. De etimologia obscura arrimar <i>vb.</i> ‘pôr em ordem’ XIV.</p> <p>Ferreira (2004): arrimar 3. Servir de arrimo a; amparar, escorar, sustentar.</p> <p>Houaiss (2007): arrimar <i>datação</i> sXIV 5 usar como arrimo, sustentáculo, sustentação; valer-se, apoiar-se, socorrer-se.</p>
<p>Da acepção buscada: ‘dar apoio, dar suporte’, para o item lexical <i>arrimar</i>, os dicionaristas trazem acepções semelhantes: Bluteau e Moraes Silva definem <i>arrimar</i> como ‘encostar’. Ferreira e Houaiss: ‘servir de arrimo’, ‘usar como arrimo’, no sentido de sustentar/dar sustentação. Portanto, são definições muito próximas da acepção registrada nos documentos manuscritos. Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>arrimar</i>, verifica-se que seu emprego na modalidade oral tem pouca produtividade, haja vista que nenhum dos informantes da faixa I conhece essa forma lexical. Dos oito informantes da faixa II, somente três conhecem a lexia, mas com ressalvas: o informante F2-H-EF afirmou que não fala <i>arrimar</i>, emprega em seu lugar outro item lexical, com o mesmo significado, a forma lexical <i>apoiar</i>. Já a informante F2-M-ES associou o parônimo <i>rimar</i> com <i>arrimar</i>. São unidades lexicais distintas e com significados também diferentes. O único contexto de fala que se aproxima da acepção buscada foi empregado pelo informante F2-H-ES: ‘<i>Arrimar-se é ajeitar-se, dar um jeito</i>’, ou seja, sentido semelhante ao abonado por Cunha: ‘por em ordem’, lexicalizado no séc. XIV.</p> <p>Dessa forma, <i>arrimar</i> é um item lexical desconhecido pela maioria dos entrevistados, principalmente pelos informantes da faixa I, e seu emprego na modalidade oral apresenta <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

12. ARROMBAR / DOC.33, fól.1v, l.18-21	
Acepção buscada	Derrubar, romper.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Arrombar uma casa e entrar. F1-M-EP: Arrombar uma cerca. F1-H-EF: Arrombar uma porta, entrar em determinado lugar que tá fechado. F1-M-EF: Arrombar uma porta. F1-H-EM: Arrombar a porta. F1-M-EM: Quando rouba a tua casa, os ladrões arrombam a porta, janela. F1-H-ES: Arrombar é invadir, estragar. F1-M-ES: Arrombar tipo abrir um lugar com muita força.</p> <p>F2-H-EP: Derrubar uma cerca. F2-M-EP: Arrombar que eu saiba é entrar numa casa, pegar e estourar a porta, é isso arrombar. F2-H-EF: Arrombar de rebentar, destruir, quebrar. No sentido uma porta, uma janela. F2-M-EF: Arrombou a casa, arrombou o armário de alguém. F2-H-EM: Arrombar um supermercado. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Tomar, quebrar, entrar. F2-M-ES: Arrombar uma porta, uma janela.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): ARROMBAR huma porta. Quebralla com grande força, & deitala dentro. Morais Silva (1813): ARROMBÁR, v. at. Fazer buraco, aberta, rombo á força, com tiro, deitando abaixo portas, janellas, forçando. Cunha (1997): rombo² sm. ‘furo, abertura, buraco de grandes proporções’ arrombar XV. Ferreira (2004): arrombar 2. Abrir à força. Houaiss (2007): arrombar datação sXV 2 abrir à força, usando de violência.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>arrombar</i> pelos informantes de Paranaguá, as definições apresentadas por eles evidenciam como traços comuns ‘romper usando muita força’. <i>Arrombar</i> é registrado pelos lexicógrafos com o mesmo sentido da acepção buscada ‘derrubar, ir abaixo, romper’. Dos dezesseis entrevistados, somente o informante F2-H-EM disse desconhecer a lexia <i>arrombar</i>, os demais a empregam em seu contexto de fala cotidianamente. Portanto, a unidade lexical <i>arrombar</i> parece tratar-se de um caso de manutenção.</p>	

13. ASSENHOREAR-SE / DOC.25, fôl.1r, l.21-24	
Acepção buscada	Apossar-se, dominar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Tomar posse, se tornar dono. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): [SENHOREARSE. Fazerse Senhor. Aposarse].</p> <p>Moraes Silva (1813): ASSENHOREÁR, v. at. e netro, Dominar como senhor. §. <i>Assenhorear-se da terra</i>; fazer-se senhor, conquista-la, e dominá-la.</p> <p>Cunha (1997): <i>senhor</i> sm. ‘dono, patrão’ <i>assenhorear</i> vb. ‘senhorear’ XIV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>assenhorear</i> 2. Tornar-se senhor; entrar no domínio; tomar posse; apossar-se; apoderar-se; ensenhorear-se.</p> <p>Houaiss (2007): <i>assenhorear</i> <i>datação</i> 1344 2 tornar-se senhor; apossar-se, apoderar-se.</p>
<p>A entrada <i>assenhorear-se</i> está registrada pelos dicionaristas com o mesmo significado documentado nos manuscritos: ‘apossar-se, dominar’. Esta mesma definição foi obtida da resposta de um único informante F2-H-EF. Os outros quinze informantes disseram não conhecer a lexia em questão.</p> <p>Portanto, como a forma verbal <i>assenhorear-se</i> não é reconhecida por nenhum dos informantes da faixa I, e sua ocorrência esteve presente somente na fala de um informante da faixa II, supõe-se que esta unidade lexical apresenta tendência ao desuso.</p>	

14. ASSISTIR / DOC.25, fól.1v, l.03-05	
Acepção buscada	Residir, permanecer.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Assistir televisão. F1-M-EP: Assistir filme. F1-H-EF: Assistir um teatro, televisão. F1-M-EF: Assistir t.v. F1-H-EM: Assistir de ver uma situação. F1-M-EM: Assistir t.v. F1-H-ES: Assistir televisão ou de socorrer alguém. F1-M-ES: Assistir a televisão.</p> <p>F2-H-EP: Assistir, nós usa a palavra assistir assim: alguém tá enfermo o pessoal vai lá assistir. F2-M-EP: Assistir é quando a gente via assistir uma televisão, um jogo no campo. F2-H-EF: Assistir quando você vê um espetáculo, assistir uma tevê, um filme: E assistir como dar uma assistência pra alguma pessoa, que tá precisando de uma ajuda, aí a gente tá assistindo aquela pessoa. F2-M-EF: Assistir um filme. F2-H-EM: Assistir televisão, assistir filme no cinema. F2-M-EM: Assistir uma televisão, uma palestra. F2-H-ES: Assistir é dar amparo juridicamente, atender. Hoje se você perguntar é assistir um filme, uma novela. F2-M-ES: Assistir uma, televisão, uma ópera.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ASSISTIR. Outras vezes vem a ser o mesmo, que morar.</p> <p>Morais Silva (1813): ASSISTÍR, v. at. §. Morar em alguma casa, lugar.</p> <p>Cunha (1997): <i>assistir</i> vb. ‘estar presente, ver, testemunhar’ ‘ajudar, socorrer’ XVI.</p> <p>Ferreira (2004): <i>assistir</i> 9. Residir, morar; habitar.</p> <p>Houaiss (2007): <i>assistir</i> <i>datação</i> 1593 8 residir, morar.</p>
<p>Da lexia <i>assistir</i> buscou-se a acepção ‘residir, permanecer’ presente nos documentos manuscritos. Das várias acepções registradas pelos dicionaristas, encontra-se lexicalizada a acepção buscada (com exceção de Cunha): ‘morar, residir, habitar’. Analisando o contexto de uso deste item lexical pelos entrevistados de Paranaguá, observa-se o emprego de dois outros significados: <i>assistir</i> sentido de ‘ver’ e ‘<i>assistir</i>’ sentido de ‘ajudar, socorrer’. Na faixa I, o emprego da lexia <i>assistir</i> no sentido de ‘ver’ foi unânime, havendo somente uma variação de significado por parte do informante F1-H-ES. Quanto à faixa II, cinco informantes (F2-M-EP, F2-M-EF, F2-H-EM, F2-M-EM e F2-M-ES) conhecem o termo somente no sentido de ‘ver’, outros dois (F2-H-EF e F2-H-ES) no sentido de ‘ver’</p>	

e ‘ajudar’, e somente o informante F2-H-EP utiliza *assistir* no sentido de ‘ajudar’: ‘*alguém tá enfermo o pessoal vai lá assistir*’. Pelo enunciado do informante F2-H-ES constata-se que o emprego do item lexical *assistir* é quase que exclusivo no sentido de ‘ver’, e que *assistir* no sentido de ‘dar amparo, ajuda, proteção’ é uma forma lexical obsoleta: ‘*Assistir é dar amparo juridicamente, atender. Hoje se você perguntar, é assistir um filme, uma novela*’. Esta assertiva se comprova conforme se verifica sua quase ausência na fala dos informantes da faixa I.

Pela datação do lema *assistir*, Cunha e Houaiss trazem seu registro no século XVI, com várias designações. Em Cunha (1997) não há a acepção no sentido de ‘moradia, residência’, apenas com os outros dois sentidos: ‘ver, testemunhar’ e ‘ajudar, socorrer’. Analisando os dados apresentados, conjectura-se que em algum momento da língua, a lexia *assistir* teve vários sentidos concorrendo entre si, inclusive o da acepção buscada. Considerando as respostas dos informantes com relação à unidade lexical *assistir*, presume-se que a acepção investigada não está mais presente na memória dos falantes parnanguaras, supondo-se, portanto, que tenha caído em **desuso**.

15. ATALHAR / DOC.32, fól.1r, l.06-08	
Acepção buscada	Impedir, estorvar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Atalhar é cortar. F1-M-EF: De atalho, pegar atalho. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: Atalhar caminho no sentido de cortar caminho.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Atalhar usa muito no sítio, vou atalhar por aqui, desviar, atalhar e tal. F2-M-EF: Conheço como cortar o caminho. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Talhar deve ser cortar, de talho. F2-M-ES: Atalhar é no sentido de você pegar um atalho, um caminho mais curto.</p>
Acepções registradas	Bluteau (1712-1728): ATALHAR. Cortar. Não deyxar hir por diante. Atalhar os passos a alguem, para que não chegue a algum lugar.

nos dicionários	<p>Morais Silva (1813): ATALHÁR, v. at. Cortar, interromper, embaraçar, fechar, impedir.</p> <p>Cunha (1997): <i>talhar</i> vb. ‘cortar’ <i>Atalhar</i> vb. ‘talhar’ XIV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>atalhar</i>¹ 7. Embaraçar, estorvar, obstar.</p> <p>Houaiss (2007): <i>atalhar</i> <i>datação</i> sXIII 1 impedir que corra, que ande, que continue, que se propague etc.</p>
<p>Seis informantes (F1-H-EF, F1-M-EF e F1-M-ES / F2-H-EF, F2-M-EF e F2-M-ES) reconheceram a lexia <i>atalhar</i> em seu contexto de uso, evidenciando como traços comuns: ‘encurtar caminho’, ‘cortar caminho’, ‘diminuir caminho’. Quanto ao informante F2-H-ES, o item lexical <i>talhar</i> conhecido por ele, refere-se a outra unidade lexical, cujo sentido é de ‘se machucar, fazer um corte’. Os lexicógrafos (com exceção de Cunha) trazem a acepção de <i>atalhar</i> com o mesmo sentido de ‘interromper, estorvar, impedir que corra, não deixar prosseguir’. Quanto à datação da entrada <i>atalhar</i>, Houaiss a registra no século XIII, enquanto Cunha traz seu primeiro registro um século depois. Por hipótese, presume-se que o item lexical <i>atalhar</i> com o sentido de ‘impedir, estorvar’, tenha ocorrido em algum momento da língua, perdendo o seu registro na modalidade oral conforme se constata por meio das respostas dos entrevistados. Portanto supõe-se que a lexia com o sentido da acepção em estudo, tenha caído em <u>desuso</u>.</p>	

16. AVANÇAR A DINHEIRO / DOC.37, fól.1v, l.20-24	
Acepção buscada	Conceder, dispor.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Avançar a dinheiro seria você dar uma entrada, você vai comprar um negócio, então vou te dar um sinal, vou avançar um sinal. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Pegar pagamento no final do mês. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>

Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): N.D. Moraes Silva (1813): N.D. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): N.D. Houaiss (2007): N.D.
<p>A expressão <i>avançar a dinheiro</i> não está registrada nos dicionários acima e nem possui locuções semelhantes que possam indicar caso de variação lexical. Analisando o contexto de uso, somente dois informantes (F2-H-EF e F2-H-EM) utilizam a locução verbal, mas com sentido diferente da acepção buscada. Considerando que nenhum informante da faixa I conhece a expressão <i>avançar a dinheiro</i>, e somente dois informantes da faixa II a utilizam, mas com outra acepção, presume-se que esta expressão tenha caído em <u>desuso</u>.</p>	

17. AVOCAR / DOC.48, fól.1r, l.24-26	
Acepção buscada	Chamar, invocar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Avocar, invocar, chamar. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Avocar não sei, evocar sim, evoque fulano, evoque sicrano. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Avocar é aquele que dá a chamada, que chama. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: É como evocar, é como solicitar, é como pedir. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): AVOCAR. Chamar. Fazer vir. Avocar a si. Moraes Silva (1813): AVOCÁR, v. at. Chamar; attrahir, fazer vir a si. Cunha (1997): <i>avocar</i> vb. ‘chamar, atrair’ XV. Ferreira (2004): <i>avocar</i> 5. Chamar. Houaiss (2007): <i>avocar</i> 1 chamar, invocar; chamar a si, fazer vir.

Constata-se, pelo contexto de uso, que a lexia *avocar* tem pouca produtividade no contexto de fala, pois, dos dezesseis entrevistados, apenas quatro informantes (um da faixa I e três da faixa II) responderam a questão. Dos poucos informantes que conhecem *avocar*, observa-se que dois (F1-H-EF / F2-H-EM) a empregam com o sentido de ‘invocar, chamar’. Já o informante F2-H-EF foi incisivo ao afirmar que não utiliza *avocar*, em seu lugar prefere o uso do item lexical *evocar*. Mesma preferência, por este item lexical demonstra o informante F2-H-ES

Os lexicógrafos registram a entrada *avocar* com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘chamar, invocar’. Cunha fixa a forma lexical *avocar* no século XV, confirmando ser uma lexia de origem antiga. Em contrapartida, Houaiss registra 1789, enquanto Cunha a lexicaliza somente no século posterior, mais precisamente em 1813. Pelas informações dadas por estes lexicógrafos, e contrastando com o contexto de utilização do item lexical *avocar*, presume-se que esta unidade lexical além de estar concorrendo com a lexia *evocar*, tem apenas uma ocorrência por parte de um informante da faixa I. Supõe-se, então, que *avocar* apresenta **tendência ao desuso**.

18. BOTAR / DOC.44, fól.1r, l.11-12

Acepção buscada	Pôr, colocar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: É colocar, vou colocar esse copo em cima da mesa. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Bota uma coisa ali, pega outra aqui: bota uma xícara, bota os talheres. F1-M-EF: Mudar algo de lugar: pego aqui e boto lá. F1-H-EM: Sentido de colocar alguma coisa, e também a galinha bota ovo. F1-M-EM: A galinha bota os ovos, eu coloco as coisas, eu não boto. F1-H-ES Sentido de colocar. F1-M-ES: Botar, colocar.</p> <p>F2-H-EP: Conheço colocar. F2-M-EP: Eu falo colocar. F2-H-EF: Botar seria colocar, pôr. F2-M-EF: Botar algo em algum lugar. F2-H-EM: Sentido de aves, quando ela bota. F2-M-EM: Hoje eu vou botar frango na panela, no sentido de colocar. F2-H-ES: Pra nós hoje botar é colocar. F2-M-ES: Botar as coisas no lugar.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): BOTAR. Derivase do Francez <i>Bouter</i>, que he deitar fora com força alguma cousa, que està dentro de outra. Botar huma cousa sobre outra.</p> <p>Moraes Silva (1813): BOTÁR, v. at. §. Pôr.</p> <p>Cunha (1997): botar <i>vb.</i> ‘deitar em, lançar fora, pôr, colocar’ XIV.</p> <p>Ferreira (2004): botar¹ 6. Pôr, colocar.</p> <p>Houaiss (2007): ²botar <i>datação</i> sXIV 15 Uso: informal: deslocar (algo) de um local para outro; pôr, colocar.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>botar</i>, verifica tratar-se de uma forma lexical bastante produtiva na fala dos informantes de Paranaguá. Quanto à acepção buscada ‘pôr, colocar’, a maior parte dos entrevistados disse empregar com este mesmo sentido. No caso, dois informantes, F2-H-EP e F2-M-EP, salientaram utilizar somente o item lexical <i>colocar</i>. Já a informante F1-M-EM foi mais taxativa: ‘<i>A galinha bota os ovos, eu coloco as coisas, eu não boto</i>’.</p> <p>A entrada <i>botar</i> com a acepção de ‘pôr, colocar’ está lexicalizada pelos dicionaristas e remonta certa antiguidade em seu registro, segundo Cunha e Houaiss, a partir do século XIV. Este último dicionarista, quando traz a definição dessa unidade lexical, no sentido de ‘pôr e colocar’, documenta ser esta acepção de <i>uso informal</i>.</p> <p>Dessa forma, o emprego deste item lexical, presente na fala da maioria dos informantes com a mesma acepção em estudo, apresenta tendência à manutenção.</p>	

19. BOTAR PINGOS / DOC.42, fól.1r, l.36-38/fól.1v, l.01-04	
Acepção buscada	Impedir que receba chuva densa.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: A gente usa mais botar pingos nos is quando a gente quer, conversar alguma coisa que não foi conversado, arrumar alguma coisa que a pessoa falou e desconversou de novo.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: Só por os pingos nos is.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: Botar pingos nos is.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Assinalar, botar pingos na gramática pra escrever, pontuar, botar um pingos.</p> <p>F2-M-EF: NSR.</p>

	<p>F2-H-EM: NSR.</p> <p>F2-M-EM: Só conheço botar os pingos nos is.</p> <p>F2-H-ES: Colocar as coisas no lugar certo, botar pingos nos is, que deve ser botar pingos, já começam nos is né, fazer a coisa certa.</p> <p>F2-M-ES: Botar os pingos nos is.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D.</p> <p>Morais Silva (1813): N.D.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): N.D.</p> <p>Houaiss (2007): N.D.</p>
<p>A expressão <i>botar pingos</i> foi registrada nos documentos manuscritos com o sentido de ‘impedir que receba chuva densa’. Analisando as respostas dadas pelos informantes, parece ter ocorrido uma relação de sinonímia entre os termos devido à semelhança pela aproximação dos itens lexicais ‘botar pingos’ com a expressão ‘botar os pingos nos is’. Esta é uma expressão popular corriqueira na linguagem dos brasileiros, portanto, não peculiar somente ao grupo de falantes em Paranaguá. Apenas o informante F2-H-EF associou a expressão <i>botar pingos</i> com o ‘ato de assinalar na escrita os pingos em cima dos is’. Quanto ao registro nos dicionários, a expressão <i>botar pingos</i> não é abonada por nenhum dos lexicógrafos.</p> <p>Analisando o contexto de uso por parte dos informantes, pressupõe que, pela falta de registro tanto na modalidade oral como nos dicionários gerais, pode-se deduzir que a expressão <i>botar pingos</i> com o sentido que se encontra nos documentos manuscritos configura caso de <u>desuso</u>.</p>	

20. BROTAR / DOC.32, fól.1r, l.16-18	
Acepção buscada	Resultar, ter como consequência.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando a planta brota.</p> <p>F1-M-EP: Brotar uma árvore.</p> <p>F1-H-EF: Brotar uma planta no jardim.</p> <p>F1-M-EF: Uma planta que bota.</p> <p>F1-H-EM: Brotar uma flor, brotar um fruto.</p> <p>F1-M-EM: Quando planta uma semente, ela vai brotar.</p> <p>F1-H-ES: Planta que brota.</p> <p>F1-M-ES: Brotar feijão, e no sentido de brotar um sentimento, brotar alguma coisa em você, de brotar alguma esperança, a gente usa muito.</p>

	<p>F2-H-EP: Uma planta que vai brotar.</p> <p>F2-M-EP: Brotar é quando uma árvore tá brotando, tá saindo os galhinhos.</p> <p>F2-H-EF: Brotar é crescer.</p> <p>F2-M-EF: Brotar uma planta.</p> <p>F2-H-EM: Sentido de planta, a árvore tá brotando.</p> <p>F2-M-EM: Quando a flor tá brotando.</p> <p>F2-H-ES: Deve ser no sentido de surgir, de aparecer, como de planta brotar.</p> <p>F2-M-ES: Quanto você faz uma plantação, ela vai brotar.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): BROTAR. Diz-se da planta, quando começa a dar folha, ou fruto.</p> <p>Morais Silva (1813): BROTÁR, v. at. Lançar a arvore folha, flores, fruto.</p> <p>Cunha (1997): <i>brotar</i> vb. ‘lançar, produzir (o vegetal) rebentos, ramos, folhas, flores’ XVI.</p> <p>Ferreira (2004): <i>brotar</i> 5. Proceder, derivar, resultar.</p> <p>Houaiss (2007): <i>brotar</i> <i>datação</i> 1552 2.1 Derivação: sentido figurado. provir, originar-se.</p>
<p>Em consulta aos dicionários na procura da acepção ‘resultar, ter como consequência’ para a entrada <i>brotar</i>, somente Ferreira e Houaiss trazem definições próximas à acepção buscada: ‘derivar, resultar, provir, originar-se’. Já Bluteau, Moraes Silva e Cunha apresentam como traços semelhantes ‘planta quando começa a dar folha’. Pelo contexto de uso dos informantes parnanguaras, <i>brotar</i> é empregado com o mesmo sentido registrado pelos dicionaristas Bluteau, Moraes Silva e Cunha. Dos dezesseis informantes, houve apenas um caso de variação de significado por parte da informante F1-M-ES que além de conhecer <i>brotar</i> com o sentido da ‘planta crescer’, conhece também como: ‘<i>brotar um sentimento, brotar alguma coisa em você, de brotar alguma esperança, a gente usa muito</i>’. Este segundo sentido empregado por essa informante decorre da associação entre a característica da planta (nascer e crescer), com o sentimento de se ‘aflorar’, portanto, seu emprego está no <i>sentido figurado</i>.</p> <p>Dessa forma, como a lexia <i>brotar</i> com o sentido de ‘resultar, ter como consequência’, não se encontra mais na linguagem dos informantes parnanguaras, supõe tratar-se de um item lexical em desuso.</p>	

21. CESSAR / DOC.32, fól.1v, l-18-20

Acepção buscada:	Acabar, parar.
Acepção(ões) conhecida(s)	F1-H-EP: NSR.

pelos informantes	<p>F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: De acesso, acessar alguma coisa na internet. F1-M-EF: Cessar é parar. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Cessar um site. F1-H-ES: Parar. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Parar. F2-M-EF: Cessou a chuva, parou. F2-H-EM: Cessou o sangramento, parou o sangramento. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Cessar é como se fosse suspender, parar, cessar, cessa o processo, para o processo de andar. F2-M-ES: Tem uma hora que você tem que cessar um pouco, dar uma acalmada, uma parada.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): CESSAR. Deixar de continuar alguma obra. Morais Silva (1813): CESSÁR, v. n. Parar, descontinuar. Cunha (1997): <i>cessar</i> vb. ‘interromper, acabar, parar’ XIV. Ferreira (2004): <i>cessar</i> 1. Não continuar; interromper-se; acabar, parar. Houaiss (2007): <i>cessar</i> <i>datação</i> 1344 1 dar fim a ou ter fim; deixar de existir; parar.</p>

O item lexical *cessar* no sentido de ‘acabar, parar’ ainda é utilizado por alguns informantes de Paranaguá. Analisando o contexto de uso desta lexia, constata-se que as respostas dos cinco informantes da faixa II (F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) apresentam a mesma acepção buscada neste estudo. Já nas respostas dos entrevistados da faixa I, os informantes F1-M-EF e F1-H-ES utilizam *cessar* no sentido de ‘parar’; enquanto outros dois informantes F1-H-EF e F1-M-EM associam a lexia *cessar* com o parônimo *acessar*, cujo sentido é ‘estabelecer uma conexão, comunicação *on-line*’. Considerando a resposta da informante F1-M-EM, que emprega o termo *cessar* com o sentido de ‘acessar a internet’, demonstra ser um caso de deslocação de sentido e de alteração fonética conhecida como *aférese*, na qual ocorre a supressão do fonema no início da palavra, fenômeno muito comum na língua portuguesa.

Fazendo uso da informação trazida pelos informantes, observa-se que do total de oito informantes da faixa I, houve o reconhecimento da lexia *cessar* com o sentido de ‘parar’ apenas por dois informantes. Os demais não souberam responder ou associaram a outro item lexical. Na faixa II esta unidade lexical também apresentou baixa produtividade, configurando assim um caso de **tendência ao desuso**.

22. COIBIR / DOC.46, fól.1v, l.08-10	
Acepção buscada	Reprimir, impedir, proibir.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Conheço só proibir. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: A gente usa mais pra coisas que a gente almeja: vou coibir aquilo para ter aquele outro, mais para satisfazer. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Impedir que alguém fala alguma coisa. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: De inibir, reprimir.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Proibir, coibir. F2-M-EF: Coibir é envergonhar. F2-H-EM: Quando as pessoas fazem vandalismo, daí a polícia vai coibir com aquele ato de vandalismo. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Proibir, mas que num outro sentido coibir é mais pesado do que o proibir, o coibir é mais censurado, você está coibido, você está proibido, uma repressão, um proibir mais forte né. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): COHIBIR. <i>Vid.</i> Reprimir. Morais Silva (1813): COHIBÍR, v. at. Reprimir, refrear fisicamente ou moralmente. Cunha (1997): coibir <i>vb.</i> ‘reprimir, refrear, impedir’ <i>cohi-</i> 1813. Ferreira (2004): coibir 1. Obstar à continuação de; reprimir, refrear. Houaiss (2007): coibir <i>datação</i> 1661 1 fazer cessar; impedir que continue; refrear, reprimir.</p>
<p>O registro da entrada <i>coibir</i> nos dicionários analisados traz a mesma designação documentada nos manuscritos pesquisados: ‘reprimir, impedir, proibir’. Em análise do contexto de uso pelos informantes parnanguaras, verifica-se que somente a metade conhece a lexia em estudo. A acepção buscada encontra-se presente somente na fala de seis entrevistados (F1-M-EP, F1-H-EM e F1-M-ES / F2-H-EF, F2-H-EM e F2-H-ES). Porém, a informante F1-M-EP salienta que utiliza somente a forma lexical <i>proibir</i>. Para o informante F2-H-ES, o item lexical <i>coibir</i> carrega um sentido mais pesado do que simplesmente o de ‘<i>proibir</i>’: <i>‘Proibir, mas que num outro sentido coibir é mais pesado do que o proibir, o coibir é mais censurado, você está coibido, você está proibido, uma repressão, um proibir mais forte’</i>. Outros dois informantes utilizam a lexia <i>coibir</i> em</p>	

contextos diferentes: o informante F1-H-EF emprega *coibir* como sinônimo de *satisfazer*. Já a informante F2-M-EF diz ser *coibir* sinônimo de *envergonhar*.

Nesta perspectiva, a unidade lexical *coibir* presente na fala de alguns informantes de Paranaguá, com o mesmo sentido empregado nos manuscritos, apresenta indícios de estágio de variação com a forma *proibir*, supondo, então, tratar-se de um caso com tendência à manutenção.

23. COMISERAR-SE / DOC.15, fól.1r, l.17-19	
Acepção buscada	Ter compaixão, ter piedade.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: Ter piedade duma criança, piedade de um animal. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: A palavra comiserar eu não uso, uso mais compadecer. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Conheço comiseração, que é ter compaixão. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): [COMMISERAÇAM. Piedade]. Morais Silva (1813): COMMISERÁR-SE, v. recipr. Ter commiseração de alguém. [COMMISERAÇÃO, s. f. Compaixão, piedade]. Cunha (1997): <i>miséria</i> <i>sf.</i> ‘estado lastimoso, indigência, penúria, avareza’ XV <i>comiserar</i> <i>commiserar</i> 1873. Ferreira (2004): <i>comiserar</i> 1. Inspirar compaixão, piedade, pena, dó. Houaiss (2007): <i>comiserar</i> <i>datação</i> 1576 2 sentir comiseração, piedade; compadecer-se.</p>
<p>Dos dezesseis entrevistados em Paranaguá, somente três informantes (F1-M-EP / F2-H-EF e F2-H-EM) conhecem a lexia <i>comiserar-se</i> no sentido de ‘ter compaixão, piedade’. Além de esta forma lexical ter pouca ocorrência na fala dos parnanguaras, o informante F2-H-EF admite não usar <i>comiserar</i>, emprega em seu lugar a forma lexical <i>compadecer</i>,</p>	

ambos com o mesmo significado. Outro informante (F2-H-EM) disse conhecer somente *comiseração* (única forma registrada por Bluteau), substituindo, assim, o emprego do verbo pela forma substantivada. Morais Silva, Ferreira e Houaiss registram a entrada *comiserar(se)* com a mesma acepção buscada. Interessante que Houaiss informa o ano de 1576 para a datação da unidade léxica *comiserar*, enquanto Cunha traz seu primeiro registro em 1873. O documento manuscrito no qual se encontra o registro desta lexia é datado em 1725, levando a crer que seu emprego já existia antes do século XIX.

Com base nas respostas dos informantes, o item lexical, mesmo com pouca produtividade na fala dos informantes de Paranaguá, principalmente da faixa I, ainda demonstra indícios de concorrer no atual estágio de variação com as variantes *compadecer* e *comiseração*. Presume-se, então, que a unidade lexical *comiserar-se* apresenta tendência ao desuso.

24. DELIBERAR / DOC.47, fól.2v, l.09-12

Acepção buscada	Determinar, resolver, decidir.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É uma coisa deliberada, vou liberar você pra alguma coisa. F1-M-EF: É algo que você tem que liberar. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Delegar funções, determinar. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Deliberar é discutir sobre vários assuntos, sobre isso e aquilo. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: É decidir. F2-M-ES: Liberar algumas coisas assim: vou liberar você mais cedo do serviço.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DELIBERAR. Determinar, resolver.</p> <p>Morais Silva (1813): DELIBERÁR, v. n. §. Resolver, determinar com deliberação, e sobrepensado.</p> <p>Cunha (1997): <i>deliberar</i> vb. ‘decidir, resolver após exame e discussão, premeditar’ XV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>deliberar</i> 3. Decidir, resolver.</p>

	Houaiss (2007): <i>deliberar</i> datação 1260 1 decidir(-se), após reflexão e/ou consultas.
<p>As definições registradas pelos lexicógrafos referem-se à mesma acepção buscada para o item lexical <i>deliberar</i>: ‘determinar, resolver, decidir, discutir’. Analisando o contexto de uso dessa lexia na fala dos entrevistados, verifica-se que é empregado com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito, presente nas respostas de três informantes: F1-H-ES: <i>Delegar funções, determinar</i>; F2-H-EF: <i>Deliberar é discutir sobre vários assuntos</i>; F2-H-ES: <i>É decidir</i>. Outros três informantes (F1-H-EF e F1-M-EF / F2-M-ES) associaram a lexia <i>deliberar</i> com outro item lexical, <i>liberar</i>, porém são unidades lexicais distintas e significados também diferentes.</p> <p>Pela baixa ocorrência da unidade lexical <i>deliberar</i> nas respostas dos entrevistados, e principalmente no que se refere ao emprego da acepção buscada, presume-se que a forma lexical <i>deliberar</i> apresenta tendência ao desuso.</p>	

25. DIMITIR / DOC.48, fól.2r, l.11-13	
Acepção buscada	Deixar, abandonar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando você tá na firma e te demitem, manda você embora. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Você é demitido do trabalho. F1-M-EF: É quando alguém é demitido, mandado embora. F1-H-EM: Perder o emprego. F1-M-EM: Mandar embora do serviço. F1-H-ES: Demitir, é mandar embora. F1-M-ES: Demitir de demissão do trabalho.</p> <p>F2-H-EP: A pessoa fez um troço errado o pessoal demite. É mandado embora. F2-M-EP: Demitir é quando faço algo coisa errada, eu tenho de demitir que tá errado. F2-H-EF: É retirar a pessoa de um recinto, da empresa, do trabalho. F2-M-EF: Foi demitido do emprego. F2-H-EM: O chefe da empresa manda o funcionário embora, demite. F2-M-EM: É quando demitem, manda a gente embora do serviço, do emprego. F2-H-ES: No processo trabalhista é mandar embora. F2-M-ES: Demitir é quando manda embora.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DEMITIR, ou Dimitir. Largar de si. Demitir (Termo militar) Despedir.</p> <p>Morais Silva (1813): DEMITTÍR, v. at. §. Despedir, licenciar.</p> <p>Cunha (1997): <i>demitir</i> vb. ‘destituir do cargo ou emprego, despedir, exonerar’ XIV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>demitir</i> 4. Largar, deixar, depor.</p> <p>Houaiss (2007): <i>demitir</i> <i>datação</i> sXIV 1 pôr de lado; deixar, depor.</p>
<p>Nota-se, pelo contexto de uso da lexia <i>demitir</i> por parte dos entrevistados, ser bastante produtiva em Paranaguá. Porém, as definições apresentadas pelos quinze informantes que reconheceram a forma lexical <i>demitir</i> não é a mesma registrada nos documentos manuscritos. Buscou-se a acepção para este item lexical no sentido de ‘deixar, abandonar’. Este significado não foi registrado em nenhum contexto de fala. A definição empregada pelos informantes foi unânime: <i>demitir</i> no sentido de ‘mandar embora do emprego’, ‘ser demitido do trabalho’. Da acepção buscada, somente Ferreira e Houaiss registraram as definições: ‘largar, deixar, depor, pôr de lado’. Bluteau, Moraes Silva e Cunha trazem o mesmo sentido empregado pelos informantes.</p> <p>Analizando o contexto de uso da unidade lexical <i>demitir</i> e comparando com a acepção em estudo, constata-se que sua ocorrência não foi registrada na fala de nenhum dos entrevistados. Supõe-se que o conceito encontrado nos documentos manuscritos tenha perdido forças com as demais acepções que hoje definem a lexia <i>demitir</i>.</p> <p>Portanto, os informantes reconhecem o item lexical <i>demitir</i>, mas o sentido de ‘deixar, abandonar’ provavelmente foi substituído por outra lexia distinta, configurando, assim, caso de <u>desuso</u>.</p>	

26. DEPOR / DOC.31, fól.1r, l.05-08	
Acepção buscada	Destituir de função, demitir.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando a gente vai depor contra uma pessoa.</p> <p>F1-M-EP: Depor contra uma pessoa.</p> <p>F1-H-EF: Depor de depoimento: vou depor ao seu favor no julgamento.</p> <p>F1-M-EF: Quando vai dar depoimento de alguma coisa.</p> <p>F1-H-EM: No sentido de convocado.</p> <p>F1-M-EM: Depor no tribunal, num julgamento.</p> <p>F1-H-ES: Depor de mandar embora.</p> <p>F1-M-ES: Depor contra ou a favor, na justiça.</p> <p>F2-H-EP: A gente ouve a palavra depor, se tiver um troço de um julgamento, o cara tem que ir lá depor.</p> <p>F2-M-EP: Depor numa causa, numa justiça, isso daí é depor.</p> <p>F2-H-EF: Depor seria você fazer um depoimento, relatar um caso e tal</p>

	<p>que aconteceu, daí você depõe a favor ou contra.</p> <p>F2-M-EF: Depor num processo, você tem que depor na frente do juiz e de um advogado.</p> <p>F2-H-EM: Depor é usado em audiência, num julgamento, você vai depor contra fulano de tal.</p> <p>F2-M-EM: Quando tem julgamento, alguma coisa quando a gente é chamado ao fórum, na delegacia.</p> <p>F2-H-ES: Depor tem a questão do depoente que a pessoa vai depor ou vai falar, e também tem o sentido de depor contra né, falar mal daquilo, daquela pessoa.</p> <p>F2-M-ES: Depor pra mim é quando você é chamada para uma audiência, depor alguma coisa.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DEPOR alguém de hum officio, de huma dignidade. Depor a alguém, & privalo do seu officio.</p> <p>Morais Silva (1813): DEPÓR, v. at. Pôr de parte, deixar, apartar de si alguma coisa. §. <i>Depòr algum Rei, Soberano</i>; despojá-lo do governo, e da soberania.</p> <p>Cunha (1997): depor vb. ‘pôr de lado, despojar de cargo’ <i>despoer</i> XIV.</p> <p>Ferreira (2004): depor 2. Despojar de cargo ou dignidade; destituir.</p> <p>Houaiss (2007): depor <i>datação</i> sXIV 2 destituir de cargo, poder ou dignidade; exonerar.</p>
<p>Observando o contexto de uso da lexia <i>depor</i>, todos os informantes a conhecem com o mesmo sentido de ‘depor em audiência, em julgamento’; salvo o informante F1-H-ES que empregou <i>depor</i> somente no sentido de ‘mandar embora’, portanto, este significado é o mesmo da acepção registrada nos documentos manuscritos. Todos os lexicógrafos pesquisados também registram a entrada <i>depor</i> com o sentido de ‘destituir de função e demitir’. Quanto ao lema <i>depor</i>, Houaiss registra várias designações. Na décima primeira acepção ‘declarar ou testemunhar em âmbito jurídico’, classifica como <i>termo jurídico</i>. Este fato é interessante, pois, das acepções registradas nos dicionários para a unidade léxica <i>depor</i>, a maioria dos informantes, neste contexto de fala, utiliza somente a acepção pertencente ao campo <i>jurídico</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso do item lexical <i>depor</i> com a acepção buscada, sua ocorrência foi verificada apenas na fala de um informante da faixa I. produtividade, se comparada com as respostas dos outros quinze informantes.</p> <p>Considerando os dados em análise, infere-se que tal unidade léxica apresenta <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

27. DESPEJAR / DOC.03, fól.1v, l.04-10	
Acepção buscada	Desocupar, evacuar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Despejar é quando tá sendo despejado de casa. F1-M-EP: Despejar água, comida fora. F1-H-EF: Despejar determinado inquilino que tá no imóvel e ele não pagou, daí ele tá sendo despejado por falta de pagamento de aluguel. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Você jogar alguma coisa, e também uma pessoa tá sendo despejada da casa. F1-M-EM: Quando você não paga aluguel, a pessoa é despejada. F1-H-ES: Despejar: tô despejando terra na caçamba. F1-M-ES: Ser desalojado, ficar sem abrigo, ter que mudar de lugar.</p> <p>F2-H-EP: Já ouvi a palavra despejar quando a pessoa tá numa casa, daí o pessoal da casa vai despejar essa família, pra desocupar a casa. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Despejar, desalojar, tirar a pessoa que não paga o imóvel, ou qualquer lugar assim, que tem que sair dali, então ele é despejado. A pessoa foi despejada da casa. F2-M-EF: Alguém que não pagou o aluguel e foi despejado. F2-H-EM: Despejar água da chaleira. F2-M-EM: Quando o inquilino tem que sair da casa é despejado. F2-H-ES: Despejar no sentido é você colocar alguma coisa no local: vou despejar aqui a areia. F2-M-ES: Despejar pra mim é quando a gente vai despejar tudo o que está pensando, quando tá brigando.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DESPEJAR. Sahir de huma casa, ou de algum outro lugar. Fazer despejar. Quando fazia despejar os hospedes por força.</p> <p>Morais Silva (1813): DESPEJAR, v. at. §. <i>Despejar a gente</i>; fazê-la sair.</p> <p>Cunha (1997): pejar vb. ‘encher, impedir, embaraçar’ XV. Despejar 1500.</p> <p>Ferreira (2004): despejar 2. Desocupar; evacuar.</p> <p>Houaiss (2007): despejar <i>datação</i> 1500 3 deixar de ocupar; desocupar, evacuar.</p>
<p>Analisando o contexto de fala dos entrevistados de Paranaguá, somente dois informantes (F1-M-EF / F2-H-EP) disseram não conhecer a lexia <i>despejar</i>. Dos outro quatorze, nove informantes (F1-H-EP, F1-H-EF, F1-H-EM, F1-M-EM e F1-M-ES / F2-H-EP, F2-H-EF, F2-M-EF e F2-M-EM) empregam o item lexical com o mesmo sentido da</p>	

acepção buscada: ‘desocupar, evacuar’. Quanto à resposta do informante F1-H-EM, além de conhecer o sentido de ‘desocupar, evacuar’, emprega também a forma lexical *despejar* no sentido de ‘jogar alguma coisa fora’. Este outro significado para a lexia *despejar* é utilizado também por mais quatro informantes (F1-M-EP e F1-H-ES / F2-H-EM e F2-H-ES). Apenas a informante F2-M-ES utilizou a unidade lexical *despejar* no sentido figurado: ‘*despejar o que tá pensando, quando tá brigando*’.

Os lexicógrafos registram a entrada *despejar* com a mesma acepção documentada nos manuscritos. A acepção ‘esvaziar, vazar um conteúdo’, Houaiss a classifica como *derivação: sentido figurado*.

Portanto, comparando o contexto de uso da lexia *despejar* com a acepção investigada ‘desocupar, evacuar’, verifica-se que esta unidade lexical foi empregada pela maioria dos entrevistados, apontando **tendência à manutenção**.

28. EMBARAÇAR / DOC.37, fól.1r, l.26-30	
Acepção buscada	Atrapalhar, estorvar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: Cabelo embaraçado a gente vai desembaraçar.</p> <p>F1-H-EF: Conheço só cabelo embaraçado.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: Se a pessoa se atrapalhar, fala que a pessoa se embaraçou.</p> <p>F1-M-EM: Uma situação embaraçosa, que te encabula.</p> <p>F1-H-ES: Ficar envergonhado.</p> <p>F1-M-ES: Embaraçar no sentido de ficar confuso, atrapalhado.</p> <p>F2-H-EP: A pessoa não consegue fazer as coisas.</p> <p>F2-M-EP: Embaraçar quando vou fazer algo e não dá certo, aí eu falo que tô muito embaraçada.</p> <p>F2-H-EF: É você atrapalhar uma pessoa, um negócio, você embaraça, atrapalha, ou um negócio que tá muito difícil de resolver, tá embaraçado.</p> <p>F2-M-EF: Numa situação embaraçosa a pessoa fica chateada.</p> <p>F2-H-EM: Quando você se embaraçou nalguma coisa, se atrapalhou, não consegue fazer, então se embaraçou.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Embaraçar, dificultar. O sentido é esse, o processo pode estar embaraçado, a vida da pessoa pode estar embaraçada.</p> <p>F2-M-ES: Quando você vai falar alguma coisa que você distorce tudo, se enrola, fica tudo atrapalhado.</p>
Acepções registradas	Bluteau (1712-1728): EMBARAÇAR alguem. Causarlhe embaraços com algum negocio.

nos dicionários	<p>Morais Silva (1813): EMBARAÇAR, v. at. Causar embaraço. [EMBARAÇO, s. m. §. fig. Impedimento, obstáculo, dificuldade, que estorva].</p> <p>Cunha (1997): <i>baraço</i> <i>sm.</i> Embaraçar <i>vb.</i> ‘impedir, estorvar’ XV, -<i>razar</i> XVI.</p> <p>Ferreira (2004): embaraçar 1. Pôr embaraço(s) ou impedimento(s) a; impedir, estorvar, tolher.</p> <p>Houaiss (2007): embaraçar <i>datação</i> sXV 1 criar ou sentir embaraço; complicar (-se); atrapalhar(-se).</p>
-----------------	---

Os dicionaristas pesquisados registram a entrada *embaraçar* com o significado: ‘causar embaraço’, ‘obstáculo’, ‘dificuldade’, ‘estorvar’, ‘impedir’, ‘complicar’, ‘atrapalhar’. Analisando o contexto de uso da lexia *embaraçar* pelos entrevistados de Paranaguá, constata-se que nove dos informantes (três da faixa I: F1-H-EM, F1-M-EM e F1-M-ES / seis da faixa II: F2-H-EP, F2-M-EP, F2-H-EF, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) utilizam a lexia *embaraçar* com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘atrapalhar, estorvar’. Três informantes (F1-H-EP e F1-M-EF / F2-M-EM) disseram não conhecer o item lexical, e outros quatro (F1-M-EP, F1-H-EF e F1-H-ES / F2-M-EF) conheceram *embaraçar* com acepções diferentes: ‘cabelo embaraçado’, ‘ficar envergonhado’ e ‘pessoa chateada’. Quanto ao significado ‘cabelo embaraçado’ Ferreira traz na quinta acepção a definição: ‘Emaranhar (1), enlear (fio[s] de lã, cabelo, etc.)’. Cunha, por sua vez, registra na terceira acepção: ‘misturar(-se) desordenadamente’, mas a referência ao traço ‘cabelo’ aparece somente em sua abonação: ‘*com o vento, seu cabelo embaraçou-se*’. O segundo significado ‘ficar envergonhado’, apenas Ferreira o classifica como *sentido figurado*. O significado ‘pessoa chateada’ foi empregado pela informante F2-M-EF no *sentido figurado* quando se referia a uma ‘situação embaraçosa’. Quanto a este *sentido figurado*, Ferreira registra na sexta acepção: ‘Causar embaraço, constrangimento; constranger’.

Analisando o contexto de fala da lexia *embaraçar*, verifica-se que a maioria dos informantes da faixa II ainda a empregam com o sentido da acepção em estudo, mas, por outro lado, dos informantes da faixa I, somente três a reconhecem com o significado de ‘atrapalhar, estorvar’, ocorrendo assim, estágio de variação entre outras designações. Portanto, presume ser um caso de **tendência ao desuso**.

29. EMPREGAR-SE / DOC.17, fól.1r, l.06-09	
Acepção buscada	Servir a alguém, dedicar-se.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando a gente consegue um emprego, daí se emprega.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Vou empregar você em determinada função.</p> <p>F1-M-EF: Quando alguém arranja um emprego.</p> <p>F1-H-EM: É quando uma pessoa conseguiu um emprego.</p>

	<p>F1-M-EM: Conseguir um emprego, empregar-se. F1-H-ES: Empregar a crase. F1-M-ES: Empregar é no sentido de trabalho, emprego, arranjar um emprego.</p> <p>F2-H-EP: A pessoa vai arranjar um emprego. F2-M-EP: É quando a gente vai arranjar um emprego e tá empregada. F2-H-EF: Empregar seria usar alguma coisa pra fazer ou empregar-se no sentido de trabalho também. F2-M-EF: É admitir um funcionário, empregar ele. F2-H-EM: Quando alguém consegue um emprego, se empregou. F2-M-EM: Arranjar um emprego, empregar-se. F2-H-ES: Utilizar. F2-M-ES: Quando você vai pedir um emprego.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): EMPREGAR o tempo em alguma cousa. Entendi, que eu havia de empregar todo o meu tempo em servir os meus amigos nas occasioens, que se offerecião.</p> <p>Morais Silva (1813): EMPREGÁR, v. at. §. Empregar algum officio, ou dignidade em alguem. §. Empregar-se: ocupar-se.</p> <p>Cunha (1997): empregar vb. ‘aplicar, ocupar, dar ocupação remunerada’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): empregar 1. Dar emprego, uso ou aplicação a.</p> <p>Houaiss (2007): empregar <i>datação</i> sXIII 1 fazer uso de; utilizar, aplicar.</p>
<p>Da acepção buscada ‘servir a alguém, dedicar-se’ para a lexia <i>empregar-se</i>, nenhum dos entrevistados a empregou com este sentido. Dos lexicógrafos pesquisados, apenas Bluteau registrou a entrada <i>empregar</i> com o mesmo sentido registrado nos documentos manuscritos: ‘empregar o meu tempo em servir os meus amigos’. Os demais registraram as acepções semelhantes às dos informantes. Analisando o contexto de utilização deste item lexical, constata-se ser bastante produtivo na fala dos entrevistados, haja vista que somente a informante F1-M-EP disse não conhecer essa lexia. As definições de maior ocorrência proferidas pelos informantes referem-se a: ‘conseguir emprego’, ‘arranjar emprego’, ‘ser empregado’, ‘admitir um funcionário’. As outras ocorrências, de baixa produtividade, foram no sentido de: ‘empregar a crase’ (F1-H-ES), ‘utilizar’ (F2-M-ES) e ‘pedir um emprego’ (F2-M-ES).</p> <p>Portanto, analisando o contexto de uso da lexia <i>empregar-se</i>, constatou que seu registro oral denomina outros significados (referentes ao mesmo item lexical), menos a acepção aqui buscada. Dessa forma, conjectura ser um caso de desuso da unidade lexical <i>empregar-se</i> com o sentido registrado no <i>corpus</i> escrito.</p>	

30. ENJEITAR / DOC.11, fól.1r, l.10-14	
Acepção buscada	Rejeitar, recusar, não aceitar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: Enjeitar é ajeitar as coisas. F1-H-EF: Quando a pessoa se ajeita na vida, vai se ajeitar. F1-M-EF: Quando você é enjeitado por alguém, quando você enjeita alguém, eu faço de conta que essa pessoa não existe pra mim. F1-H-EM: Tá se adaptando, tá se arrumando, ou tá recusando. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Rejeitar. F2-M-EP: É quando a gente enjeita alguma coisa, quando não aceita. F2-H-EF: Seria você negar, não aceitar, uma pessoa que oferece uma coisa você enjeita, não quer. F2-M-EF: Enjeitar é não aceitar uma pessoa. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: No sentido que não vai com a cara daquela pessoa, daí enjeita, evita, fica longe. F2-H-ES: Enjeitar é rejeitar, a criança foi enjeitada, a família enjeitou, quer dizer recusou. F2-M-ES: É quando você não gosta de alguém, enjeita, deixa de lado, não aceita.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ENGEITAR. He não admittir o oferecido, & particularmente com algum desdém, & desprezo. Morais Silva (1813): ENGEITÁR, v. at. Não aceitar o que se ofereceu, ou deu. §. Rejeitar o juiz; recusar. Cunha (1997): <i>enjeitar</i> vb. ‘recusar, rechaçar’ <i>eniectar</i> XIII, <i>enyectar</i> XIII, <i>engeitar</i> XIV. Ferreira (2004): <i>enjeitar</i> 1. Não aceitar; recusar; rejeitar. Houaiss (2007): <i>enjeitar</i> <i>datação</i> sXIII 1 não querer; rejeitar, recusar (alguém, algo ou a si mesmo).</p>
<p>Os dicionaristas registram a entrada <i>enjeitar</i> com a mesma acepção utilizada pelos informantes de Paranaguá: ‘rejeitar, recusar, não aceitar’. Dos dezesseis entrevistados, nove informantes (dois da faixa I: F1-M-EF e F1-H-EM /sete da faixa II: F2-H-EP, F2-M-EP, F2-H-EF, F2-M-EF, F2-M-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) empregaram a lexia <i>enjeitar</i> com o mesmo sentido documentado no corpus escrito; cinco (F1-H-EP, F1-M-EF, F1-H-ES e F1-M-ES / F2-H-EM) desconhecem o item lexical <i>enjeitar</i>, e dois informantes (F1-M-EP e F1-H-EF) conhecem apenas o seu parônimo <i>ajeitar</i>, item lexical de significado</p>	

diferente. Já o informante F1-H-EM disse que *enjeitar* pode significar em contextos diferentes tanto ‘se adaptar’ e ‘se arrumar’, como ‘recusar’. Observa-se que este informante, pela proximidade das formas lexicais *enjeitar/ajeitar*, faz confusão ao denominar as unidades léxicas parônimas.

Analisando o contexto de uso da lexia *enjeitar* e comparando com a acepção buscada, constata-se que seu emprego ainda está presente na fala da maioria dos informantes da faixa II, enquanto que dos informantes da faixa I, apenas dois ainda reconheceram *enjeitar*, com o mesmo sentido de ‘rejeitar, recusar, não aceitar’. Portanto, supõe-se que a lexia em estudo apresenta **tendência ao desuso**.

31. ERIGIR / DOC.46, fól.1r, l.26-28	
Acepção buscada	Fundar, elevar, constituir.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Se erguer no caso. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Erigir é o mesmo que levantar, subir. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Quer dizer construir, erigir, montar, constituir. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ERIGIR. Levantar. Erigir huma provincia em Reino.</p> <p>Morais Silva (1813): ERIGIR, v. at. Levantar. §. Elevar.</p> <p>Cunha (1997): <i>erguer</i> vb. ‘levantar, elevar, alçar’ erigir XVI (1500).</p> <p>Ferreira (2004): erigir 3. Fundar, constituir, instituir, criar.</p> <p>Houaiss (2007): erigir <i>datação</i> 1650 4 criar, fundar, instituir.</p>
<p>A unidade lexical <i>erigir</i> foi documentada com baixa frequência na fala dos entrevistados. Somente três informantes (F2-H-EF, F2-H-EM e F2-H-ES) disseram conhecer esta lexia. Quanto à acepção buscada ‘fundar, elevar, constituir’, apenas um</p>	

informante ainda a utiliza em seu contexto de fala: F2-H-ES: ‘*Quer dizer construir, erigir, montar, constituir*’. Os outros dois informantes (F2-H-EF e F2-H-EM) empregam definições com significados próximos da acepção em estudo: ‘erguer’, ‘levantar’, ‘subir’. Esta afirmativa é corroborada nas designações registradas pelos lexicógrafos para a entrada *erigir*: ‘levantar’, ‘elear’, ‘fundar’, ‘constituir’, ‘criar’, ‘instituir’. A semelhança entre essas definições está muito próxima aos traços semânticos [+ elevar, fundar, constituir, elevar].

Presume-se, dessa forma, que *erigir* é um item lexical desconhecido pela maioria dos entrevistados, principalmente pelos informantes da faixa I, que não apresentou nenhuma ocorrência. Supõe-se, pelos dados analisados, que sua utilização na modalidade oral apresenta **tendência ao desuso**

32. ESCUSAR / DOC.33, fól.1v, l.10-13

Acepção buscada	Recusar, dispensar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: Recusar. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: No sentido de recusar. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Se desviar de tal, não aceitar. F2-M-EF: É não aceitar. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Pedir desculpas. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ESCUSAR alguma cousa. Não necessitar muito della.</p> <p>Morais Silva (1813): ESCUSÁR, v. at. <i>Escusar alguma coisa</i>; não necessitar della. §. Não se servir della. §. Dispensar.</p> <p>Cunha (1997): <i>escusar</i> vb. ‘desculpar, perdoar, tolerar’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>escusar</i> 11. Negar-se, recusar-se.</p> <p>Houaiss (2007): <i>escusar</i> <i>datação</i> sXIII 9 recusar-se, negar-se.</p>

Os dicionaristas (com exceção de Cunha) registram o lema *escusar* com a mesma acepção buscada ‘não necessitar’, ‘dispensar’, ‘negar’, ‘recusar’. Dos dezesseis entrevistados, somente quatro informantes (F1-M-EF / F2-H-EP, F2-H-EF e F2-M-EF) utilizam a lexia *escusar* com o mesmo sentido registrado nos documentos manuscritos. Nota-se que o informante F2-H-ES empregou a lexia *escusar* com o significado de ‘pedir desculpas’, a mesma definição registrada por Cunha. No que se refere à etimologia de *escusar*, Cunha informa ter procedência do latim *excūsāre*, registrando-a no séc. XIII.

Embora este item lexical, ainda esteja presente na fala de alguns informantes de Paranaguá, constata-se que seu uso é pouco produtivo, pois, dos onze informantes que desconhecem a unidade lexical *escusar*, sete são da faixa I, e apenas três entrevistados da faixa II a empregaram com o mesmo sentido da acepção em estudo. Com base nestes dados, a lexia *escusar* aponta **tendência ao desuso**.

33. EXPENDER / DOC.46, fól.1v, l.18-20

Acepção buscada	Ter despesas, ter gastos.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Expende é expandir alguma coisa, deixar pra determinada ocasião, prolongar. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Expende seria quando você entrega alguma coisa para alguém. No sentido de gastar seria dispendioso, muito caro, gastei muito. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): EXPENDER. Gastar. Morais Silva (1813): EXPENDÈR, v. at. Despende, gastar. Cunha (1997): <i>expende</i> vb. ‘despende, pagar’ XVI. Ferreira (2004): <i>expende</i> 3. Gastar, despende.</p>

	Houaiss (2007): <i>expendere</i> datação 1537 2 despendere, gastar.
<p>Observa-se, pelo contexto de fala, por parte dos entrevistados, que a lexia <i>expendere</i> tem escassa produtividade, pois, dos dezesseis informantes, somente dois a empregaram, mas em contextos distintos. O informante F1-H-EF emprega a definição ‘expandir alguma coisa, prolongar’ para o item lexical <i>expendere</i>, nota-se pela semelhança entre as formas que este informante associou <i>expendere</i> com o parônimo <i>expandir</i>, portanto, unidades léxicas distintas. Já o informante F2-H-EF utilizou duas designações para denominar o a forma lexical <i>expendere</i>: ‘<i>Expendere seria quando você entrega alguma coisa para alguém</i>’ e ‘<i>No sentido de gastar seria despendioso, muito caro, gastei muito</i>’. Observa-se que, a segunda designação, remete ao mesmo significado registrado no <i>corpus</i> escrito: ‘gastar, despendere’, porém, o informante emprega a forma “<i>dispendioso</i>” que se refere ao verbo <i>despendere</i>, portanto, outra unidade lexical, mas que conserva o mesmo sentido para a acepção buscada. Segundo Cunha e Houaiss, a unidade lexical <i>expendere</i> teve seu primeiro registro a partir do século XVI, enquanto a forma lexical <i>despendere</i> foi datada bem antes, durante o século XIII. A primeira designação informada por este morador de Paranaguá não se encontra lexicalizada por nenhum dos dicionaristas acima, para o lema <i>expendere</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso desta lexia com as respostas dos informantes, constata-se baixa ocorrência presente na fala dos entrevistados, apontando, assim, <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

34. FACULTAR / DOC.37, fól.1r, l.19-21	
Acepção buscada:	Permitir, conceder.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes:	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Sentido de escolher. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Facultar é quando a pessoa decide, é facultativo, se quer ou não quer. Eu aceito ou não aceito, vai de cada um daí no caso, se quiser você faz, se não quiser fica na tua, facultativo, daí no caso. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR.</p>

	F2-H-ES: Facultar é dar um direito a alguma coisa, conceder. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários:	Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): faculdade <i>sf.</i> ‘capacidade, aptidão, direito’. Adapt. do fr. <i>faculté</i> , deriv. do lat. <i>facultas –atis</i> facultar 1858. Ferreira (2004): facultar 2. Pôr à disposição (de); conceder, proporcionar. Houaiss (2007): facultar <i>datação</i> 1858 1 dar permissão (a); facilitar, permitir.
<p>O item lexical <i>facultar</i> não se encontra dicionarizado nem em Bluteau nem em Moraes Silva. Tanto Cunha como Houaiss informam o ano de 1858 como datação da unidade léxica <i>facultar</i>. Mas os documentos manuscritos provam que esta lexia já era empregada desde o ano de 1798, e só no século posterior ocorreu o seu registro. Tal fato explica, também, porque não consta dos dicionários de Bluteau e de Moraes Silva, elaborados em datação anterior à registrada por Cunha e Houaiss. Quanto ao significado, Cunha, Ferreira e Houaiss registram a forma lexical <i>facultar</i> com as definições: ‘direito’, ‘capacidade’, ‘conceder’, ‘proporcionar’, ‘dar permissão’, ‘facilitar’, ‘permitir’. Tratam-se da mesma acepção em estudo. Analisando o contexto de uso de <i>facultar</i>, verifica-se sua baixa produtividade na fala dos entrevistados, uma vez que treze informantes (sete da faixa I e seis da faixa II) disseram desconhecer a lexia <i>facultar</i>. Dos três informantes que ainda empregam o item lexical <i>facultar</i> (F1-H-ES / F2-H-EF e F2-H-ES), apenas o informante F2-H-ES a utiliza com a mesma acepção buscada: ‘<i>Facultar é dar um direito a alguma coisa, conceder</i>’. Os outros dois entrevistados (F1-H-ES e F2-H-EF) a definem com designações muito próximas aos constantes da acepção de <i>facultar</i>: ‘escolher’, ‘decidir’ ‘ser facultativo’.</p> <p>Analisando a unidade lexical <i>facultar</i>, verifica-se que somente três informantes (um da faixa I e dois da faixa II) a empregam em seu contexto de fala, os demais disseram desconhecer a lexia em estudo, revelando, assim, tendência ao desuso.</p>	

35. FAISCAR / DOC.03, fól.1v, l.02-04

Acepção buscada	Garimpar, procurar minerais preciosos em terras anteriormente lavradas.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Conheço só faísca. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Tá soltando faísca. F1-M-EM: NSR.

	<p>F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Faiscar seria quem trabalha com mineração, aqueles caras que fazem garimpo, faiscar. F2-M-EF: Faisca de fogo. F2-H-EM: Riscar um fósforo, sai faisca de fogo. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Faiscar é o arriscar. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D. Moraes Silva (1813): FAISCÁR, v. intransit. §. <i>Faiscar nas minas:</i> ajuntar terra dos córregos, e lavála para colher oiro, que vai envolto nella. Cunha (1997): <i>faisca</i> sf. ‘partícula que salta de uma substância cadente’ faiscar XVII. Ferreira (2004): faiscar 3. Bras. Procurar faíscas de ouro, ou procurar diamante, em terras já anteriormente lavradas. Houaiss (2007): Houaiss (2007): faiscar <i>datação</i> 1562 5 Rubrica: termo de garimpo. Regionalismo: Brasil. procurar faíscas de ouro, ou procurar diamante em terras já anteriormente lavradas.</p>
<p>Apesar de a unidade lexical <i>faiscar</i> ter sido registrada por Houaiss em 1562 e por Cunha em 1600, esta forma não se encontra dicionarizado em Bluteau. Em Cunha, não há a definição de <i>faiscar</i>, somente do item lexical <i>faisca</i>. Os documentos manuscritos atestam seu registro em 1721, provando ser uma lexia de origem antiga. Os lexicógrafos Moraes Silva, Ferreira e Houaiss trazem as mesmas designações para a acepção buscada: ‘procurar faisca de ouro ou diamante em terras já lavradas’. Ferreira e Houaiss, por sua vez, classificam esta acepção como um <i>brasileirismo/regionalismo do Brasil</i>. Analisando o contexto de uso da lexia <i>faiscar</i>, somente o informante F2-H-EF a conheceu com o mesmo sentido registrado no <i>corpus</i> escrito: ‘<i>Faiscar seria quem trabalha com mineração, aqueles caras que fazem garimpo, faiscar</i>’. Quatro dos informantes (F1-H-EF e F1-H-EM / F2-M-EF e F2-H-EM) conheceram a lexia <i>faiscar</i> apenas como sinônimo de <i>faisca</i>. Já os informantes da faixa II foram mais específicos: ‘<i>faisca de fogo</i>’. O informante F2-H-ES empregou <i>faiscar</i> no sentido de <i>arriscar</i>, definição não registrada por nenhum dos lexicógrafos acima.</p> <p>Pelo contexto de utilização da unidade lexical <i>faiscar</i>, nota-se que seu emprego na fala dos entrevistados tem pouca ocorrência. Dos dezesseis informantes, dez (seis da faixa I e quatro da faixa II) não souberam dizer o significado da lexia <i>faiscar</i>. Da acepção buscada, somente um informante da faixa II conheceu a lexia em questão, supondo, assim, ser caso de tendência ao desuso.</p>	

36. FELICITAR / DOC.32, fól.2r, l.01	
Acepção buscada	Desejar felicidades.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: Quando alguém faz algo que te agrada, daí você vai felicitar por aquele negócio que fizeram por você. F1-H-EF: Felicitar é quando uma pessoa passou num negócio, num concurso, daí você felicita, parabeniza, felicita. F1-M-EF: Parabenizar. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Felicitar é dar felicitações. F1-M-ES: Quando está fazendo aniversário, venho felicitar você.</p> <p>F2-H-EP: É desejar felicidades. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Felicitar é felicidade, a pessoa tá feliz. F2-M-EF: Dar o parabéns pra alguém. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: Quando alguém ganha alguma coisa, a gente vai lá e felicita. F2-H-ES: Dar os parabéns. F2-M-ES: Felicitar é de desejar felicidades a alguém.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): FELICITAR. Dar Felice successo. Morais Silva (1813): FELICITÁR, v. at. §. Dar o parabem, os emboras. Cunha (1997): <i>feliz</i> <i>adj.</i> 2g. ‘afortunado, próspero, bem combinado, satisfeito, ditoso’ XIV felicitar XVIII. Ferreira (2004): <i>felicitar</i> 2. Dirigir parabéns ou cumprimentos a; congratular, cumprimentar. Houaiss (2007): <i>felicitar</i> <i>datação</i> 1697 2 congratular(-se) com (alguém ou consigo mesmo); aplaudir(-se).</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>felicitar</i>, verifica-se ser esta bastante produtiva na fala dos informantes parnanguaras. Quanto à acepção buscada ‘desejar felicidades’, a maior parte dos entrevistados a reconheceu com este mesmo sentido. Três informantes empregaram as formas lexicais <i>parabenizar</i> (F1-M-EF) e <i>dar os parabéns</i> (F2-M-EF e F2-H-ES) com o mesmo sentido da acepção em estudo, portanto, tratam-se de variantes sinônimas para designar o mesmo item lexical <i>felicitar</i>. Já para o informante F2-H-EF a lexia <i>felicitar</i> seria sinônimo de ‘felicidade’, ‘estar feliz’. Nos dicionários pesquisados, Ferreira traz na primeira acepção do lema <i>felicitar</i> uma definição próxima se comparada com o a acepção atribuída por este informante: ‘Dar a felicidade a; tornar feliz’.</p>	

Os lexicógrafos Bluteau, Morais Silva, Ferreira e Houaiss registraram as definições: ‘dar os parabéns’, ‘dirigir os parabéns ou cumprimentos’, ‘cumprimentar’, ‘congratular’, ‘aplaudir’.

Analisando o contexto de utilização da lexia *felicitar*, constata-se, no estágio atual de variação, a coocorrência das formas lexicais ‘parabenizar’ e ‘dar os parabéns’, porém em pequena proporção se comparada com as respostas dos demais informantes (quatro da faixa I e quatro da faixa II). Dessa forma, a unidade lexical *felicitar* apresenta **tendência à manutenção**

37. FOMENTAR / DOC.32, fól.1v, l.21-23	
Acepção buscada	Causar, provocar, incitar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Fomentar é ter fome. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Fomentar é alimentar algo. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Fomentar seria você criar alguma coisa no serviço, comentar, provocar pra gerar mais coisa, é fomentar uma situação. F2-M-EF: Fomentar eu acho que seria assim: uma coisa que não tem tanta importância e a pessoa fica ali dizendo tem que ser, tem que ser, eu acho que é mais ou menos isso. F2-H-EM: A palavra fomentar é de incentivo a briga, ou discórdia, desordem. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Fomentar seria a ideia de você estar criando alguma coisa, fomentando, dando uma ilusão, fomentar dar uma ajuda e a pessoa acreditar que vai melhorar, então eu estou fomentando. F2-M-ES: Quando a pessoa está brigando, você põe mais lenha na fogueira.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): FOMENTAR. Metaphoricamente. Fomentar a guerra. Prolongar a sua duração.</p> <p>Morais Silva (1813): FOMENTAR, v. at. §. Fomentar a guerra, a amizade, a sedição, paixões, ira, discordia, amor.</p>

	<p>Cunha (1997): fomentar vb. ‘promover o desenvolvimento de’ XVI.</p> <p>Ferreira (2004): fomentar 2. Excitar, incitar.</p> <p>Houaiss (2007): fomentar <i>datação</i> 1522 4 Derivação: sentido figurado: provocar (reação, sentimentos); incitar, instigar.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>fomentar</i> nas respostas dos informantes, constata-se a presença da acepção buscada somente na fala de quatro informantes da faixa II (F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM e F2-M-ES). O informante F2-H-ES reconheceu <i>fomentar</i> com o sentido de ‘criar alguma coisa’, ‘dar uma ilusão’ ‘dar uma ajuda a alguém’. Nos dicionários, o sentido mais próximo a este, para a forma lexical <i>fomentar</i> encontra-se registrado em Cunha e em Ferreira, na primeira acepção: ‘Promover o desenvolvimento, o progresso de; estimular; facilitar’. Já dois informantes (F1-H-EF e F1-H-ES) associaram a definição de <i>fomentar</i> com outros itens lexicais: <i>fome</i> e <i>alimentar</i>. Quanto ao registro da acepção buscada nos dicionários, Bluteau abona ‘fomentar a guerra’ como uma <i>metáfora</i>. Morais Silva amplia sua abonação: ‘fomentar a guerra, a amizade, discórdia, amor’. Estas abonações assemelham-se às respostas dos seguintes informantes: F2-H-EM: ‘<i>A palavra fomentar é de incentivo a briga, ou discórdia, desordem</i>’; F2-M-ES: ‘<i>Quando a pessoa está brigando, você põe mais lenha na fogueira</i>’. Ferreira e Houaiss registram as definições: ‘excitar’, ‘incitar’, ‘provocar’, ‘instigar’. Este último dicionarista classifica essa designação como <i>sentido figurado</i>.</p> <p>Levando em consideração que, dos dezesseis entrevistados, nove informantes (seis da faixa I e três da faixa II) desconhecem a unidade lexical <i>fomentar</i>, e nenhum informante da faixa I reconheceu este item lexical com o sentido da acepção em estudo, presume-se que a lexia <i>fomentar</i> apresenta tendência ao desuso.</p>	

38. INCORRER / DOC.37, fól.1r, l.19-21	
Acepção buscada	Causar, ter como consequência.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Incorrer é ir atrás do que você almeja. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Seria você cometer alguma coisa errada, você incorreu. F2-M-EF: NSR.</p>

	<p>F2-H-EM: Pessoas que vão correr.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Pode ser incorrer no erro, cometer um erro, fazer um erro.</p> <p>F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): [ENCORRER no odio dos homens. Fazerse aborrecer].</p> <p>Morais Silva (1813): INCORRER. Cahir, ficar sujeito.</p> <p>Cunha (1997): <i>correr vb.</i> <i>incorrer vb.</i> ‘ficar incluído, implicado ou comprometido’ <i>en-</i> XIV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>incorrer</i> 3. Ant. Atrair sobre si; cair em.</p> <p>Houaiss (2007): <i>incorrer datação sXIV</i> 4 Estatística: pouco usado: atrair sobre si; causar.</p>
<p>Da acepção buscada: ‘causar, ter como consequência’, para o item lexical <i>incorrer</i>, os dicionaristas registraram várias designações: ‘fazer-se aborrecer’, ‘ficar sujeito’, ‘ficar incluído’, ‘atrair sobre si’, ‘causar’. Dentre essas acepções, somente a definição ‘causar’ registrada em Houaiss, remete ao mesmo sentido da acepção documentada no <i>corpus</i> escrito, porém este lexicógrafo esclarece tratar-se de uma acepção, <i>estatisticamente pouco usada</i>. Esta informação trazida por Houaiss se confirma nas respostas dos entrevistados: dos quatro informantes que reconheceram a lexia <i>incorrer</i>, nenhum a emprega com o mesmo sentido da acepção em estudo: ‘causar, ter como consequência’. Para os informantes FI-H-EF e F2-H-EM <i>incorrer</i> seria o mesmo que ‘correr’. Talvez essa associação ocorra devido à semelhança entre as duas formas lexicais <i>correr/incorrer</i>. Já os informantes F2-H-EF e F2-H-ES empregaram <i>incorrer</i> no sentido de ‘cometer algum erro’. Houaiss registra esta definição na segunda acepção da entrada <i>incorrer</i> com o sentido ‘levar a efeito, incidir em, cometer’.</p> <p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>incorrer</i>, verifica-se que este item lexical tem pouca produtividade na fala dos informantes, pois doze entrevistados (sete da faixa I e cinco da faixa II) não utilizam <i>incorrer</i> em seu dia a dia. Os quatro informantes que ainda a utilizam, empregam outro sentido para a unidade lexical <i>incorrer</i>, supondo, então, tratar-se de uma lexia em <u>desuso</u>.</p>	

39. INTEIRAR / DOC.47, fól.1v, l.01-04

Acepção buscada	Juntar o que falta, completar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: É se interagir.</p> <p>F1-M-EF: Em casa a gente fala inteirar um litro de água.</p>

	<p>F1-H-EM: Inteirar-se sobre algum assunto, tá procurando saber, ou vamos fazer uma intera, cada um dá um pouquinho.</p> <p>F1-M-EM: Você quer inteirar daquilo que tá acontecendo agora, quer ficar dentro do assunto.</p> <p>F1-H-ES: Sentido de completar.</p> <p>F1-M-ES: Inteirar de um assunto, estar por dentro e vou inteirar uma garrafa que tá pela metade, como se fosse colocar mais.</p> <p>F2-H-EP: É completar.</p> <p>F2-M-EP: Às vezes eu falo vou inteirar o leite.</p> <p>F2-H-EF: Inteirar é você ficar a par, saber o que tá acontecendo, por exemplo: tem uma notícia ali e você não sabe, daí você vai lá pra se inteirar e tal, saber. No caso de uma coisa quando não tá completa daí você inteira, seja dinheiro, seja alguma coisa que não tá completa.</p> <p>F2-M-EF: É pra saber de um assunto que você não tem tanto conhecimento e então antes que você sai falando, você vai inteirar do assunto pra saber.</p> <p>F2-H-EM: Completar o litro de água.</p> <p>F2-M-EM: Tem inteirar de algum assunto e também as crianças falam: inteira o leite aí pra mim.</p> <p>F2-H-ES: Inteirar-se é tomar conhecimento, tomar tenência sobre a questão.</p> <p>F2-M-ES: Inteirar é você querer aprender as coisas e também completar um litro de leite.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): INTEIRAR. Fazer, ou tornar a fazer inteiro.</p> <p>Morais Silva (1813): INTEIRÁR, v. at. Fazer inteiro, ajuntando o que falta para a integridade.</p> <p>Cunha (1997): <i>integrar</i> vb. ‘completar’ inteirar XVI.</p> <p>Ferreira (2004): inteirar 1. Tornar inteiro ou completo; completar; perfazer; preencher.</p> <p>Houaiss (2007): inteirar <i>datação</i> 1589 1 tornar inteiro, completar, preencher.</p>
<p>Os dicionaristas registram a entrada <i>inteirar</i> com o mesmo sentido da acepção buscada ‘juntar o que falta, completar’. Analisando o contexto de uso dessa unidade lexical, constatou-se: (i) dos quatorze informantes que reconheceram o item lexical em estudo, cinco (F1-H-EM e F1-M-ES / F2-H-EF, F2-H-EF e F2-M-ES) a utilizam com variação de significados: <i>inteirar</i> no sentido de ‘se interagir, se informar sobre determinado assunto’, e <i>inteirar</i> no sentido de ‘completar, preencher’; (ii) quatro informantes (F1-H-EF e F1-M-EM / F2-M-EF e F2-H-ES) utilizam o item lexical somente no sentido de ‘se interagir, se informar’; e (iii) cinco informantes (F1-M-EF e F1-H-ES / F2-H-EP, F2-M-EP e F2-H-EM) empregam <i>inteirar</i> apenas com o sentido de ‘completar, preencher o que falta’. O informante F1-H-EM empregou uma nova forma lexical para designar o sentido de</p>	

completar: ‘fazer uma intera’. Esse morador informou ser o mesmo sentido de ‘fazer uma vaquinha’.

Analisando o contexto de utilização da lexia *inteirar*, averigua-se, no estágio atual de variação, considerável frequência da ocorrência dos dois significados distintos para o única forma lexical *inteirar*. Neste cenário linguístico, supõe-se, então, que esta unidade lexical no sentido documentado no *corpus* escrito, presente em quase todas as respostas dos informantes em Paranaguá, apresenta **tendência à manutenção**.

40. INTENTAR / DOC.10, fól.1r, l.19-21

Acepção buscada	Pretender fazer algo.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Tentar novamente, coisa que você tentou e não conseguiu, você vai lá intentar de novo. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: A palavra intentar é quando não sabe das coisas, mas vai lá e tenta. F2-M-EP: Quando você quer algo assim, vai tentar conseguir. F2-H-EF: Seria você intentar contra uma pessoa, contra um cachorro, contra um bem que não é teu, tá intentando alguma coisa errada, é intentar. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: É tentar alguma coisa.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): INTENTAR. Ter algum intento. [INTENTO. O que se traz no pensamento, com intenção de o executar].</p> <p>Morais Silva (1813): INTENTÁR, v. at. Cuidar, meditar, projectar, pretender.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): intentar 1. Tentar, tencionar, planejar; projetar.</p> <p>Houaiss (2007): intentar <i>datação</i> 1518 1 ter uma dada intenção; tencionar, planejar, projetar.</p>

A unidade lexical *intentar* está lexicalizada por todos os dicionaristas (com exceção de Cunha) com as seguintes definições: ‘ter algum intento’, ‘ter uma dada intenção’, ‘projetar’, ‘pretender’, ‘tentar’, ‘tencionar’, ‘planejar’. Dos dezesseis entrevistados, apenas o informante F2-H-EF empregou a lexia *intentar* com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘*Seria você intentar contra uma pessoa, contra um cachorro, contra um bem que não é teu, tá intentando alguma coisa errada, é intentar*’. Analisando as respostas dos outros quatro informantes (F1-H-EF / F2-H-EP, F2-M-EP e F2-M-ES) em seu contexto de uso, parece ter ocorrido uma relação de sinonímia entre os itens lexicais *intentar* e *tentar*, devido à semelhança entre essas formas lexicais.

Considerando os dados em questão, constatou-se que o item lexical *intentar* com o sentido da acepção buscada ‘pretender fazer algo’, quase não se encontra mais registrada em contexto de fala dos entrevistados de Paranaguá. Das cinco ocorrências proferidas pelos informantes, apenas uma do informante da faixa II é condizente com a acepção em estudo. Portanto, a lexia *intentar* com o mesmo sentido registrado no *corpus* escrito, apresenta **tendência ao desuso**.

41. LANCEAR / DOC.33, Fól.1v, l.16-19	
Acepção buscada	Ferir com lança.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Lancear é o tipo de pesca que nós pescamos, a gente sai pesca a sardinha a gente dá um lança, é lancear pra nós.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Lancear no sentido de lançar alguma coisa, alancear é jogar e puxar.</p> <p>F1-M-EF: Lancear é quando os pescadores vão pegar peixe, daí vai lancear a rede.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Pra nós aqui lancear é pegar uma rede lancear aquela rede</p> <p>F2-M-EP: Lancear é quando vão caçar peixe, aí vão lancear, jogam a rede é um tipo de lancear. Quando eu cheguei aqui na ilha é que eu fui saber o que era lancear.</p> <p>F2-H-EF: Lancear é mais de pescador, vamos dar um lance de rede, então vamos lancear.</p> <p>F2-M-EF: NSR.</p> <p>F2-H-EM: Lancear está ligado à rede, a pesca. É jogar a rede, espichar ela no mar.</p>

	<p>F2-M-EM: Lancear aqui em Paranaguá é ir pro mar, lancear é jogar a rede. Lança a rede e vem cheia de peixe, daí se fala que hoje o lance foi bom.</p> <p>F2-H-ES: NSR.</p> <p>F2-M-ES: Lancear é lançar a rede, lançar o anzol, a vara.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ALANCEAR. Ferir com lança.</p> <p>Morais Silva (1813): LANCEÁR, v. at. Ferir com lança.</p> <p>Cunha (1997): lança <i>sf.</i> ‘arma ofensiva’ XIII. Lancear XVI.</p> <p>Ferreira (2004): lancear¹ 1. Ferir com lança, alancear.</p> <p>Houaiss (2007): lancear¹ <i>datação</i> 1597, m.q. <i>alancear</i>. [<i>alancear</i> 1 ferir(-se) com lança, golpear(-se)]</p> <p>Ferreira: lancear². Bras. Pescar com rede.</p> <p>Houaiss: lancear² <i>datação</i> 1899 Regionalismo: Pará. Pescar com arrasto.</p>
<p>Dos dezesseis entrevistados, nove dos informantes (três da faixa I e seis da faixa II) empregam o termo ‘lancear’ com o sentido relacionado à atividade da pesca, conforme atestam os seguintes informantes: F2-H-EF: ‘<i>Lancear é mais de pescador, vamos dar um lance de rede, então vamos lancear</i>’; F2-M-EP: ‘<i>Lancear é quando vão caçar peixe, aí vão lancear, jogam a rede é um tipo de lancear. Quando eu cheguei aqui na ilha é que eu fui saber o que era lancear</i>’. Nos dicionários de Ferreira e Houaiss constam duas entradas para <i>lancear</i>. Na primeira consta da definição de ‘ferir com lança, alancear’ evidenciando o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito. Esta acepção também consta de Bluteau e de Moraes Silva. Houaiss, por sua vez, remete o consulente à variante lexical <i>alancear</i>, cujo significado é o mesmo. Na segunda entrada de <i>lancear</i> consta o significado ‘pescar com rede’, que, por sua vez, foi empregado pelos nove informantes de Paranaguá. Ferreira marca como <i>brasileirismo</i> e Houaiss como <i>regionalismo do Pará</i>. A marca dialetal informada por este dicionarista infere-se ser exclusiva da região do Pará, portanto a ocorrência, de certa forma significativa, da lexia <i>lancear</i> com o sentido de ‘pescar com rede’ no contexto de fala da região de Paranaguá, presume ser, talvez, uma marca dialetal de região litorânea, onde há a atividade da pesca.</p> <p>Portanto, levando em consideração que os informantes parnanguaras reconheceram outro item lexical, no caso o homônimo de <i>lancear</i>, pressupõe-se que a unidade léxica com o sentido de ‘ferir com lança’, configura um caso de desuso.</p>	

42. LAVRAR / DOC.03, fól.1v, l.04-07

Acepção buscada	Explorar, trabalhar em minas.
Acepção(ões) conhecida(s)	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Só conheço lavar.</p>

pelos informantes	<p>F1-M-EF: Lavrar se fala na roça, lavrar é trabalhar, plantar. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Lavrar uma ata. F1-H-ES: É trabalhar. F1-M-ES: Trabalhar de lavrador.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Minha sogra falava, ela lidava muito na terra, mas eu num falo. F2-H-EF: Lavrar é mais pra agricultura, lavrar a terra, preparar o solo. F2-M-EF: Lavrar um documento no cartório. F2-H-EM: Pegar na enxada e carpir o chão. F2-M-EM: É trabalhar na roça. F2-H-ES: Lavrar é quando você registra, lavrou a área, lavrou a ata, de lavrar. F2-M-ES: Conheço como lavoura.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): LAVRAR. Pedras que se podem lavar. Lavrar hũ diamante bruto.</p> <p>Morais Silva (1813): LAVRÁR, v. at. §. Trabalhar. §. <i>Lavrar as minas:</i> beneficiar.</p> <p>Cunha (1997): labor, lavor <i>sm.</i> ‘trabalho, faina’ lavar XIII.</p> <p>Ferreira (2004): lavar 5. Explorar (minas).</p> <p>Houaiss (2007): lavar <i>datação</i> sXIII 7 Derivação: sentido figurado. explorar (terreno de mineração).</p>

Da lexia *lavar* buscou-se a acepção ‘explorar, trabalhar em minas’, presente nos documentos manuscritos. A acepção buscada encontra-se registrada em Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss: ‘lavar um diamante’, ‘trabalhar, lavar em minas’, ‘explorar minas ou terreno de mineração’. Esta última acepção é classificada por Houaiss como *derivação: sentido figurado*. Analisando o contexto de uso da lexia *lavar* com as respostas dos entrevistados de Paranaguá, verifica-se que o significado ‘explorar, trabalhar em minas’ não ocorreu na fala de nenhum dos informantes. Os registros orais apontam variação entre três significados: (i) ‘lavar’, (ii) ‘trabalhar na roça (serviço pesado)’, e (iii) ‘redigir, escrever uma ata’. Apenas o informante F1-H-EF associou a forma parônima de *lavar* com *lavar*, itens lexicais e significados distintos. Oito informantes (três da faixa I e cinco da faixa II) utilizam o segundo sentido; e três informantes (um da faixa I e dois da faixa II) empregam o terceiro significado.

Analisando os dados orais, observa-se que a unidade lexical *lavar* tem maior ocorrência com o sentido de ‘trabalhar no campo, roça’. Como em Paranaguá a extração de ouro deixou de existir desde o século XVII, a lexia *lavar* com o sentido de ‘explorar minas’ também deixou de ser usada em contexto de fala por parte dos informantes de Paranaguá. Conjectura-se que, em algum momento da língua, essa unidade lexical tenha tido vários sentidos coocorrendo entre si, inclusive o da acepção buscada. Portanto,

considerando as respostas dos informantes, o item lexical *lavrare* com o sentido de ‘explorar minas’ caiu em **desuso**.

43. LOGRAR / DOC.10, fól.1v, l.16-19	
Acepção buscada	Estar de posse, conseguir.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Você vai trabalha e a pessoa não te paga, ela te logra. F1-H-ES: Você tá me logrando, no sentido de passar a perna. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: É aqui a gente usa a palavra lograr, às vezes um quer lograr outro. F2-M-EP: Lograr é quando alguém pega algum dinheiro, alguma coisa assim, que seja de outro, aí esse quer lograr a pessoa. F2-H-EF: Lograr tem dois sentidos: lograr de enganar e lograr de ter êxito. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Tentar passar uma coisa que não é verdade, é mentira, eu te engano. F2-M-EM: Lograr é quando você quer tirar proveito de alguma pessoa. F2-H-ES: Lograr é enganar ou conseguir um êxito, logrou um êxito. F2-M-ES: É coisa ruim, é enganar a pessoa, passar a perna, enganar a pessoa.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): LOGRAR alguma cousa. Estar de posse, & ter o uso della.</p> <p>Morais Silva (1813): LOGRÁR, v. at. §. fig. Estar possuindo, gozar. §. Conseguir, e gozar.</p> <p>Cunha (1997): <i>lograr</i> vb. ‘obter, alcançar’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>lograr</i> 3. Conseguir, alcançar.</p> <p>Houaiss (2007): <i>lograr</i> <i>datação</i> sXIV 1 conseguir, alcançar (algo); obter (algo) a que se tem direito ou que se deseja.</p>
Observando o contexto de uso da lexia <i>lograr</i> certifica-se que pouco mais da metade dos entrevistados (dois da faixa I e sete da faixa II) a utiliza com o significado de ‘enganar, trapacear’, porém apresentam definições diferentes da acepção	

registrada nos documentos manuscritos: ‘estar de posse, conseguir’. Sete informantes (seis da faixa I e um da faixa II) disseram não conhecer a forma lexical *lograr*, e dois informantes (F2-H- EF e F2-H-ES) reconheceram com outro sentido: ‘ter/conseguir êxito’. Os lexicógrafos registram as mesmas acepções buscadas neste estudo.

Analisando o contexto de uso da unidade lexical *lograr* e comparando com a acepção buscada, constatou-se a não ocorrência por parte dos entrevistados. Supõe-se que o sentido encontrado nos documentos manuscritos tenha perdido forças com as demais acepções que hoje definem a unidade léxica *lograr*, configurando, assim, um caso de desuso.

44. MEDIANDO / DOC.10, fól.1r, l.25-29

Acepção buscada	Estar próximo, entre.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Mediando é medir. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Mediando você tá fazendo papel de juiz, entre duas partes, três partes tal daí você tá mediando pra não deixar um lado só, você vai mediar, é um mediador. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Mediando quer dizer que você fica controlando, duas pessoas discutindo e você tá mediando uma questão, um assunto. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): [MEDIAR. Estar no meyo de duas cousas, unindo-as huma com outra]. Morais Silva (1813): [MEDIÁR, v. n. Estar no meyo de duas coisas]. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): [mediar 3. Ficar no meio de dois pontos; distar]. Houaiss (2007): [mediar 3 estar entre (duas coisas), situar-se entre (dois extremos)].</p>

A lexia *mediando* não consta do registro de nenhum dos lexicógrafos acima. As definições apresentadas por eles referem-se à entrada *mediar*: ‘estar no meio’, ‘ficar no meio’, ‘situar-se entre’. Pelo contexto de uso, essa unidade lexical tem baixa produtividade por parte dos entrevistados. Treze informantes (sete da faixa I e seis da faixa II) disseram não conhecer a forma lexical *mediando*. O informante F1-H-EF associou *mediando* e *medir* pela semelhança das formas, portanto são itens lexicais e significados distintos. Dois informantes (F2-H-EF e F2-H-ES) empregaram a lexia *mediando* com o mesmo sentido de: ‘mediar uma questão, um assunto’, ‘fazer papel de juiz, de mediador’. Na verdade, essas definições referem-se ao item lexical *mediar*, e não à lexia *mediando*, registrada nos documentos manuscritos com o sentido de ‘estar perto de algum lugar’. Como a maioria dos informantes desconhece a unidade lexical *mediando*, principalmente da faixa I, configura-se um caso de **desuso**.

45. OBRAR / DOC.25, fól.1v, l.18-19

Acepção buscada	Executar, realizar, produzir.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Obrar é quando tô fazendo uma obra. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Obrar seria construir, fazer alguma coisa, fazer alguma obra no caso trabalhar, usa nesse sentido. F2-M-EF: Aqui seria no sentido de obrar uma casa. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: Pra nós é quem trabalha na obra, serviço pesado. F2-H-ES: Obrar Dom Pedro fazia muito, Dom João VI também fazia muito, não é de fazer obra, é de cagar mesmo. F2-M-ES: Obrar pra mim é ir ao banheiro.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): OBRAR. Fazer qualquer acção. Morais Silva (1813): OBRÁR, v. at. Fazer. Cunha (1997): obra <i>sf.</i> ‘construção, trabalho, produção’ XIII. obrar XIII.</p>

	<p>Ferreira (2004): obrar 1. Converter em obra; fazer, executar, praticar, realizar.</p> <p>Houaiss (2007): <i>obrar</i> <i>datação sXIII</i> 1 exercer um ofício; realizar uma ação; trabalhar, agir.</p>
<p>Os lexicógrafos registram a entrada <i>obrar</i> com a mesma acepção buscada: ‘executar, realizar, produzir’. Dos dezesseis entrevistados, somente quatro informantes (F1-H-EF / F2-H-EF, F2-M-EF e F2-M-EM) utilizaram a lexia <i>obrar</i> com o mesmo sentido registrado no <i>corpus</i> escrito. Outros dois informantes (F2-H-ES e F2-M-ES) reconheceram <i>obrar</i> apenas como sinônimo de <i>defecar</i>. Embora <i>obrar</i> ainda esteja presente na fala de alguns informantes parnanguaras, constata-se que seu uso é pouco produtivo, pois, dos dezesseis entrevistados, dez informantes (sete da faixa I e três da faixa II) disseram desconhecer a unidade lexical <i>obrar</i>. Dos poucos que ainda a utilizam, somente três a reconheceram com o mesmo sentido da acepção em estudo (um da faixa I e dois da II). Esses dados apontam que a unidade lexical <i>obrar</i> revela tendência ao desuso.</p>	

46. OBVIAR / DOC.08, fól.1r, l.10-13	
Acepção buscada	Opor, contrapor, obstar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É uma coisa óbvia. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Obviar é você fazer alguma coisa que não tem outro jeito, é aquilo mesmo, é óbvio aquilo ali. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: O que é óbvio, verdadeiro.</p>
Acepções registradas	<p>Bluteau (1712-1728): OBVIAR. Prevenir.</p> <p>Morais Silva (1813): OBVIÁR, v. at. Prevenir, atalhar antecipadamente o mal, que há-de vir.</p>

nos dicionários:	<p>Cunha (1997): obviar <i>vb.</i> ‘remediar, obstar, desviar’ XVI.</p> <p>Ferreira (2004): obviar 2. Obstar, resistir, opor-se.</p> <p>Houaiss (2007): obviar <i>datação</i> 1582 2 apresentar oposição; resistir, opor-se.</p>
<p>Os lexicógrafos Cunha, Ferreira e Houaiss registraram as definições: ‘obstar’, ‘opor-se’, ‘apresentar oposição’ para a entrada <i>obviar</i>. Já Bluteau e Moraes Silva registraram designações diferentes da acepção buscada. Dos dezesseis entrevistados, apenas três informantes (F1-H-EF / F2-H-EF e F2-M-ES) responderam que conhecem o item lexical <i>obviar</i>, mas, analisando o contexto de fala, verifica tratar-se do emprego de outra lexia, no caso <i>óbvio</i> com o valor de ‘verdadeiro’.</p> <p>Levando em consideração os dados orais, constatou-se que a unidade lexical <i>obviar</i> com o sentido documentado no <i>corpus</i> escrito não está mais presente na fala dos entrevistados, configurando um caso de desuso.</p>	

47. PATENTEAR / DOC.46, fól.1r, l.24-25	
Acepção buscada	Manifestar, evidenciar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: NSR.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: Você inventa um produto e vai patentear ele.</p> <p>F1-M-EM: Uma pessoa que sobe de cargo.</p> <p>F1-H-ES: Patentear minha invenção.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Patentear é você inventar alguma coisa, e patentear para que outro não pegue sua ideia.</p> <p>F2-M-EF: Você cria alguma coisa e vai ter que registrar, vai patentear, daí quer dizer registrar.</p> <p>F2-H-EM: NSR.</p> <p>F2-M-EM: Quando uma pessoa inventa uma fórmula de um remédio, ou música, aí tem que patentear a autoria dela.</p> <p>F2-H-ES: Patentear é registrar.</p> <p>F2-M-ES: Patentear é quando a pessoa inventa alguma coisa e precisa registrar.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): PATENTEAR. Manifestar. Expor à vista.</p> <p>Morais Silva (1813): PATENTEÁR, v. at. Fazer patente; publico; manifestar.</p> <p>Cunha (1997): <i>patente</i> <i>adj.</i> 2g. ‘franqueado, acessível, evidente’ <i>patente</i> XV patente 1813.</p> <p>Ferreira (2004): patente 1. Tornar patente, manifesto; franquear, mostrar, evidenciar.</p> <p>Houaiss (2007): patente <i>datação</i> 1789 1 tornar(-se) manifesto, evidente; mostrar.</p>
<p>Quanto ao reconhecimento do item lexical <i>patente</i>, a metade dos informantes reconheceu essa lexia, mas não com o mesmo sentido da acepção buscada ‘manifestar, evidenciar’. Do total de dezesseis entrevistados, sete informantes (F1-H-EM e F1-H-ES / F2-H-EF, F2-M-EF, F2-M-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) empregaram a lexia <i>patente</i> com o sentido de ‘registrar’. Esta acepção encontra-se registrada por Ferreira e Cunha com a definição: ‘registrar com(o) patente’. Comparando a resposta da informante F1-M-EM, verifica-se que esta atribuiu um significado diferente para a forma lexical <i>patente</i>: ‘Uma pessoa que sobe de cargo’. Nos dicionários pesquisados não consta o registro essa definição. Com relação à acepção buscada, os lexicógrafos (com exceção de Cunha) registraram: ‘fazer patente’, ‘manifestar’, ‘mostrar’, ‘evidenciar’, ‘tornar-se manifesto’.</p> <p>Quanto à datação, Cunha fixa a entrada <i>patente</i> registrada somente em 1813. Houaiss a registra no século anterior, em 1789. A unidade lexical <i>patente</i> consta do documento manuscrito de 1799. Como a lexia <i>patente</i> já consta do registro de Bluteau, supõe-se que esta forma lexical já existia bem antes da datação registrada por Houaiss.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>patente</i> e comparando o emprego de sua acepção por parte dos informantes, constata-se que o significado ‘manifestar, evidenciar’ não se faz presente na modalidade oral dos entrevistados em Paranaguá, configurando, assim, caso de desuso.</p>	

48. PENDER / DOC.47, fól.1v, l.30-33	
Acepção buscada	Depender, estar sujeito.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: Quando a gente entra na canoa, fala assim: não pende senão a gente vai cair na água, daí se pender dizem que cai na água.</p> <p>F1-H-EF: Você tá penso, tá mais de um lado, mais de outro, você tá penso com alguma coisa. Você tá muito pensativo naquilo que vai fazer. Você fica em cima do muro.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: Tá pendendo assim, tem que negociar. A pessoa começa a pender, tá pendendo pro meu lado.</p>

	<p>F1-M-EM: Pender pro lado errado ou pro lado certo. Você vai pender pra lá ou vai pender pra cá.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: Pender, pender pro lado de cá, pro lado de lá. Pender algo.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: Pender é quando uma coisa que tá meio falsa, daí eu falo ela vai pender, no sentido de cair.</p> <p>F2-H-EF: Pender é no caso você tem duas linhas, daí um pessoal tem uma tendência, o outro tem outra tendência, aí você opina: ou você pende praquela, ou você pende pra esse.</p> <p>F2-M-EF: Minha sogra fala: você só pende para esse lado.</p> <p>F2-H-EM: Pender aqui pra nós é quando você tá no mar, daí de repente a canoa pende.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Pender quer dizer ficar de um lado ou de outro, pender uma situação, um ponto de vista.</p> <p>F2-M-ES: Pender é você ficar pendendo em alguma coisa, como que se diz? Eu vou fazer uma prova, mas não sei fazer, vou ficar pendendo nisso daí.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): PENDER. Dependere.</p> <p>Morais Silva (1813): PENDÈR, v. n. §. Dependere.</p> <p>Cunha (1997): <i>pendência</i> <i>sf.</i> ‘qualidade do que está pendente’ pender XIV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>pender</i> 5. Dependere.</p> <p>Houaiss (2007): <i>pender</i> <i>datação</i> sXIV 7 Estar sujeito a; depender de.</p>
<p>A entrada <i>pender</i> está lexicalizada em Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss com a mesma acepção buscada: ‘dependere, estar sujeito’. Do total de dezesseis entrevistados, onze informantes (cinco da faixa I e seis da faixa II) disseram conhecer a lexia, mas somente o informante F2-H-ES utilizou <i>pender</i> com a acepção mais próxima do sentido empregado nos documentos manuscritos: ‘<i>Pender é você ficar pendendo em alguma coisa, como que se diz? Eu vou fazer uma prova, mas não sei fazer, vou ficar pendendo nisso daí</i>’. Infere-se, portanto, por meio deste exemplo, alguém que fez a prova ficará dependendo do resultado da mesma para saber se será aprovado ou não. Quanto à respostas dos outros dez informantes, o contexto de uso é diferente da acepção em estudo: (i) quatro informantes (F1-M-EP e F1-M-ES / F2-M-EP e F2-H-EM) utilizaram a lexia <i>pender</i> com o sentido de ‘inclinare’, ‘descair’, e (ii) os outros seis (F1-H-EF, F1-H-EM e F1-M-EM / F2-H-EF, F2-M-EF e F2-H-ES) a empregaram no sentido de ‘ter tendência, propensão, preferência’.</p> <p>Analisando os dados em questão, constatou-se que o item lexical <i>pender</i> com o sentido da acepção buscada não se encontra mais registrada em contexto de fala dos entrevistados</p>	

de Paranaguá. Das dez ocorrências proferidas pelos informantes, o significado atribuído por eles refere-se a outros itens lexicais.

Considerando o contexto de fala dos informantes, presume-se que a acepção buscada ‘depende, estar sujeito’ em concorrência com demais acepções, perdeu forças e deixou de ser utilizada, tendo sido provavelmente substituída por outra lexia para designar o significado em estudo. Conjectura-se, dessa forma, tratar-se de um caso de lexia em **desuso**

49. PERVERTER / DOC.45, fól.1r, l.23-28

Acepção buscada:	Efetuar alteração, sofrer mudança.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Pervertido, uma pessoa perversa. F1-M-EF: Perverter é a mesma coisa que pervertido. F1-H-EM: Conheço só perversão. F1-M-EM: Conheço pervertido, é uma pessoa que não pensa pra falar, solta qualquer coisa. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: Perverter de pervertido, no sentido ruim.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: É quando uma pessoa vem da perversidade, vem da perversão, uma coisa errada, perverter. F2-M-EF: Perverter no meu ver é uma pessoa muito certinha e de repente ele se transforma. F2-H-EM: É muito usado quando uma mocinha certinha e uma outra que errada, quer levar ela pro caminho da maldição, perversão. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Perverter quer dizer que sai do sentido legal, do que a lei determina e ele passa a exercer uma atividade que não seja legal, perverteu-se. Se utilizava muito com a meninas, quando elas viravam prostitutas, elas ficaram pervertidas. F2-M-ES: Perverter é perversidade, fazer perversão.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): PERVERTER, he o contrario de converter. Perverter alguém com maos exemplos, conselhos, ou documentos, he ser causa de que se aparte do caminho da virtude, ou da verdade.</p> <p>Morais Silva (1813): PERVERTÈR, v. at. §. Perverter a ordem; alterando-a para má: perverter as leis da natureza, as ordens, etc.</p>

	<p>Cunha (1997): <i>perversão</i> sf. ‘ato ou efeito de perverter’ ‘corrupção’ <i>perverter</i> XVI.</p> <p>Ferreira (2004): <i>perverter</i> 2. Realizar mudança, alteração, em; alterar, transtornar.</p> <p>Houaiss (2007): <i>perverter</i> <i>datação</i> sXIV 2 efetuar alteração em; mudar.</p>
<p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>perverter</i> presente na fala dos informantes de Paranaguá, constata-se que sua ocorrência é bastante produtiva. Porém, dos dezesseis entrevistados, dez informantes (cinco da faixa I e cinco da faixa II) reconheceram o item lexical <i>perverter</i> apenas com o sentido de ‘tornar perverso ou mau; corromper, depravar, desmoralizar’, que se encontra lexicalizado em Bluteau, Ferreira e Houaiss na primeira acepção da unidade lexical <i>perverter</i>. Estes informantes empregaram os seguintes significados: ‘pessoa perversa’, ‘pessoa se transforma’, ‘pervertido’, ‘perversidade’, ‘perversão’, ‘fazer perversão’, ‘caminho da maldição’. A acepção investigada ‘efetuar alteração, sofrer mudança’ encontra-se lexicalizada em Moraes Silva, Cunha, Ferreira e Houaiss. Analisando os dados apresentados, c o n s t a t a -s e que, no contexto de fala dos informantes parnanguaras, o item lexical <i>perverter</i> deixou de ser usado com o sentido da acepção em estudo, porém é bastante produtivo quando empregado com outros significados. Portanto, a unidade lexical configura um caso de desuso.</p>	

50. PÔR OS OLHOS / DOC.22, fól.1v, l.12-14

Acepção buscada	Cuidar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: É quando a gente cobiça as coisas dos outros.</p> <p>F1-M-EP: Põe os olhos em alguém, ficar olhando.</p> <p>F1-H-EF: Pôr os olhos é cobiçar as coisas que é do outro, querer se apossar daquilo que não é seu.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: No sentido de cobiçar e ver.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: Pôr os olhos em alguém, em algo, alguma coisa.</p> <p>F2-H-EP: Pôr os olhos é você tem um troço assim, o cara chega e põe os olhos. Os olhos gordos.</p> <p>F2-M-EP: Pôr os olhos nas crianças pra que elas não caem, não se machuca.</p> <p>F2-H-EF: Pôr os olhos, seria você ter alguma coisa e a pessoa ficar admirando ou querendo ter também.</p> <p>F2-M-EF: É ficar olhando alguma coisa, cuidando.</p> <p>F2-H-EM: É cuidar de alguém.</p>

	<p>F2-M-EM: Pôr os olhos em alguém é se interessar por ela.</p> <p>F2-H-ES: Olhar, prestar atenção.</p> <p>F2-M-ES: No sentido de cobiçar e cuidar de alguém.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D.</p> <p>Morais Silva (1813): N.D.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): N.D.</p> <p>Houaiss (2007): N.D.</p>
<p>A expressão <i>pôr os olhos</i> não está lexicalizada em nenhum dos dicionários pesquisados. Mas, analisando o seu contexto de uso, verifica-se ser esta expressão bastante produtiva na fala dos informantes parnanguaras. Dos dezesseis entrevistados, somente três informantes da faixa I (F1-M-EF, F1-M-EM e F1-H-ES) disseram desconhecer a expressão. Quanto à acepção buscada, apenas cinco informantes da faixa II (F2-M-EP, F2-M-EF, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) ainda utilizam <i>pôr os olhos</i> com o sentido de ‘cuidar’, ‘ficar atento’. O informante F2-M-ES, além de utilizar o mesmo sentido em estudo para a expressão <i>pôr os olhos</i>, a emprega também com o conceito ‘de cobiçar’. Esta designação foi a mais produtiva, se comparada com as demais acepções reconhecidas pelos entrevistados: seis informantes (três da faixa I e três da faixa II) a utilizam em seu dia a dia. Já o sentido de ‘ficar olhando alguém ou algo’ é empregado por três informantes femininas: F1-M-EP e F1-M-ES / F2-M-EM.</p> <p>Considerando que somente cinco informantes da faixa II ainda empregam a locução verbal <i>pôr os olhos</i> com o mesmo sentido da acepção documentada no <i>corpus</i> escrito, e nenhum informante da faixa I a reconhece com este sentido, presume-se que esta expressão apresenta tendência ao desuso.</p>	

51. SUBITAR / DOC.31, f6l.1v, l.05-08

Acepção buscada	Ir a baixo, derrubar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: NSR.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p>

	F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): súbito <i>adj.</i> Do lat. <i>subitus</i> , part. pass. de <i>subīre</i> ‘pôr debaixo de’. Ferreira (2004): N.D. Houaiss (2007): [subit- antepositivo, ver ² i- . ² i- 14. v. lat. <i>subèò, is</i> propriamente ‘ir para baixo de’].
<p>O caso da lexia <i>subitar</i> é pertinente por não constar seu registro nem da modalidade oral, por parte dos informantes de Paranaguá, nem dos dicionários pesquisados. Porém foram encontrados rastros da acepção buscada ‘ir a baixo, derrubar’ em Cunha e em Houaiss. O primeiro registra o lema <i>súbito</i> de origem lat. <i>subitus</i>, particípio passado de <i>subire</i> com o sentido de ‘pôr debaixo de’. O segundo apresenta somente como antepositivo ‘subit-’ e remete a ²i-, que, por sua vez, na décima quarta acepção tem o valor de ‘ir pra baixo’.</p> <p>Portanto, como não há seu registro nem na modalidade oral nem nos dicionários pesquisados, pressupõe-se que a unidade lexical <i>subitar</i> tenha caído em desuso.</p>	

52. SUBSCREVER / DOC.28, fól.1r, l.13-15

Acepção buscada	Aprovar, aceitar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: Subscrever é reescrever algo, escreve novamente. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Seria a pessoa que escreve e você dá o teu ok, subscreve. F2-M-EF: Copiar alguma coisa de alguém.

	<p>F2-H-EM: Aquilo que escreveu e vai escrever de novo.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: É quando escreve embaixo.</p> <p>F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): SUBSCREVER, ou Sobscrever. Escrever hũa cousa debayxo de outra.</p> <p>Morais Silva (1813): SUBSCREVER, v. at. Escrever debaixo de outras palavras; subscrever o <i>seu nome</i>.</p> <p>Cunha (1997): <i>escrever vb.</i> ‘redigir, exprimir-se por escrito, gravar’ Subscrever <i>sobscriber</i> XIII.</p> <p>Ferreira (2004): subscrever 3. Aceitar ou aprovar escrito, julgamento, opinião.</p> <p>Houaiss (2007): subscrever <i>datação</i> 1261 2 Derivação: por extensão de sentido: estar ou pôr-se de acordo; aceitar, aprovar, anuir.</p>
<p>Analisando o contexto de uso do item lexical <i>subscrever</i>, constata-se baixa produtividade presente na fala dos entrevistados. Dos dezesseis entrevistados, onze informantes (sete da faixa I e quatro da faixa II) disseram não conhecer a lexia <i>subscrever</i>, e os cinco que ainda reconhecem a unidade lexical a empregam com variação de significados. Para os informantes F1-M-ES e F2-H-EM, <i>subscrever</i> é o mesmo que ‘reescrever, escrever novamente’. A informante F2-M-EF a define como ‘<i>Copiar alguma coisa de alguém</i>’. Estas duas acepções não se encontram registradas em nenhum dos dicionários pesquisados para o item lexical <i>subscrever</i>. Já o informante F2-H-ES emprega a mesma acepção registrada em Bluteau e em Moraes Silva: ‘<i>subscrever é quando escreve embaixo</i>’. Quanto à acepção em estudo, somente o informante F2-H-EF a utiliza em seu contexto de fala: ‘<i>Seria a pessoa que escreve e você dá o teu ok, subscreve</i>’. Dos lexicógrafos, apenas Ferreira e Houaiss registram as designações com o mesmo sentido documentado nos manuscritos: ‘aprovar, aceitar’. Este último dicionarista documenta que esta designação é uma <i>derivação por extensão de sentido</i>.</p> <p>Considerando o contexto de uso desta lexia na fala dos entrevistados, verifica-se sua baixa produtividade, principalmente por parte dos informantes da faixa I. A respeito da acepção buscada, somente um informante da faixa II ainda a reconhece na forma lexical <i>subscrever</i>. Dessa forma, supõe tratar-se de uma lexia com tendência ao desuso.</p>	

53. SUSTAR / DOC.48, fól.2r, l.15-19	
Acepção buscada	Parar, interromper, suspender.
Acepção(ões) conhecida(s)	<p>F1-H-EP: Conheço só sustar o cheque.</p> <p>F1-M-EP: Conheço como assustar, de dar susto.</p>

pelos informantes	<p>F1-H-EF: Sustar é assustar com determinada coisa. F1-M-EF: Cheque sustado, quando manda cancelar. F1-H-EM: Conheço sustar o cheque, pro banco não compensar. F1-M-EM: Sustar alguém, dar susto. F1-H-ES: Conheço no sentido de cancelar o cheque, não seguir avante. F1-M-ES: Só conheço sustar um cheque, suspender a transação, outro sentido não uso.</p> <p>F2-H-EP: Assusta as pessoas, fazer brincadeira. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Sustar é parar, tipo um cheque, você retirar, uma coisa que foi colocada e você sustou, daí a pessoa não recebe, no caso do cheque e tal. F2-M-EF: Tipo um cheque que você deu e pagou por uma coisa que não funcionou, aí susta o cheque. F2-H-EM: Suspender. F2-M-EM: Conheço como sustar o cheque. F2-H-ES: Sustar é suspender, se susta o processo, se susta o cheque. Usa assim, ainda hoje. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): sustar, substar <i>vb.</i> ‘fazer parar, interromper’ <i>sustar</i> XIX. Ferreira (2004): sustar 1. Fazer parar; interromper, suspender. Houaiss (2007): sustar <i>datação</i> 1817-1819 fazer parar ou parar; suspender(-se), interromper(-se).</p>

Analizando o contexto de uso da lexia *sustar*, constata-se ser bastante produtiva na fala dos informantes parnanguaras, porém, a maior parte dos entrevistados reconhece nesta unidade léxica o sentido de ‘parar’, ‘interromper’ correlacionada com o item lexical ‘cheque’. Dessa forma, *sustar* para os entrevistados é sinônimo de ‘parar/ interromper um cheque’. Essa informação é atestada na fala dos seguintes informantes: F1-H-EP: ‘Conheço só sustar o cheque’; F1-M-EF: ‘Cheque sustado, quando manda cancelar’; F1-H-EM: ‘Conheço sustar o cheque, pro banco não compensar’; F1-H-ES: ‘Conheço no sentido de cancelar o cheque, não seguir avante’; F1-M-ES: ‘Só conheço sustar um cheque, suspender a transação, outro sentido não uso’; F2-M-EF: ‘Tipo um cheque que você deu e pagou por uma coisa que não funcionou, aí susta o cheque’; F2-M-EM: ‘Conheço como sustar o cheque’. Logo, os informantes F2-H-EF, F2-H-EM e F2-H-ES responderam que *sustar* é sinônimo apenas de ‘parar’, ‘suspender’, e complementaram com exemplo: ‘sustar um cheque’, ‘sustar um processo’. O informante F2-H-ES informa, por sua vez, ser a lexia *sustar* no sentido de ‘suspender’ bastante produtiva na fala dos parnanguaras. Outros quatro informantes (F1-M-EP, F1-H-EF e F1-M-EM / F2-H-EP)

associaram o parônimo *assustar* com *sustar*, devido à semelhança entre essas formas lexicais, no entanto, são unidades léxicas distintas e com significados também diferentes. Não há o registro do termo *sustar* nos dicionários de Bluteau e Morais Silva. Nos demais dicionaristas consta da acepção buscada. Segundo Cunha e Ferreira, esta unidade léxica teve sua primeira entrada a partir do séc. XIX. Segundo Houaiss, especificamente em 1817-1819. O documento manuscrito datado em 1800, atesta ser o uso desta lexia anterior à datação informada pelos dicionaristas citados.

Analisando o contexto de utilização da lexia *sustar*, nota-se que seu emprego na fala dos informantes da faixa I e da faixa II é produtivo. Apesar de a maioria dos informantes empregar *sustar o cheque*, em seu contexto de fala, averigua-se que o sentido empregado com o acréscimo da forma lexical ‘cheque’, não altera o sentido documentado nos *corpus* escrito, pois se trata de uma variante sinônima. Portanto, há indícios desta unidade lexical ser um caso de **manutenção**.

54. VENTILAR / DOC.25, fôl.1r, l.25-27

Acepção buscada	Discutir, debater um assunto, levantar hipóteses.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Ventilar de arejar ar. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Abrir a janela pra ventilar o ar. F1-M-EM: Ventilar de ventilador. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: O ventilador, eu deixo aí na frente pra ventilar a gente. F2-H-EF: Ventilar seria você abrir uma janela, ligar um ventilador, fazer alguma coisa que ventile o espaço. F2-M-EF: Ventilar é um lugar arejado. F2-H-EM: Tá ligado a um espaço físico, quando tá muito quente, daí você liga o ventilador, ventilar. F2-M-EM: Abro a janela pra ventilar. F2-H-ES: Tem do ventilador e ventilou-se quer dizer que se falou sobre um assunto, mas não se sabe ao certo se é verdade, é um termo duvidoso, ventilou-se. F2-M-ES: Ventilar é estar num lugar arejado.</p>
Acepções registradas	Bluteau (1712-1728): VENTILAR. Tratar hũa materia conferindo, ou disputando. Ventilar huma questão.

nos dicionários	<p>Moraes Silva (1813): VENTILÁR, v. at. §. <i>Ventilar a questão</i>, discutir.</p> <p>Cunha (1997): vento <i>sm.</i> ventilar <i>vb.</i> ‘introduzir vento a, renovar o ar de’ XVI.</p> <p>Ferreira (2004): ventilar 5. Agitar, debater, discutir.</p> <p>Houaiss (2007): ventilar <i>datação</i> sXV 7 Derivação: sentido figurado: examinar ou investigar de modo livre e aberto; discutir, debater.</p>
-----------------	--

Em consulta aos dicionários na procura da acepção ‘discutir, debater um assunto, levantar hipóteses’ para o item lexical *ventilar*, todos os lexicógrafos (com exceção de Cunha) trazem as designações semelhantes à acepção buscada: ‘discutir, debater um assunto, levantar hipóteses’. Houaiss assinala ser esta acepção uma *derivação: sentido figurado*. Analisando o contexto de uso, o informante F2-H-ES foi o único que ainda reconhece na lexia *ventilar* o sentido documentado no *corpus* escrito. Porém, em sua resposta, ele também associa a forma lexical *ventilar* ao objeto *ventilador*, cuja função é ventilar. A designação ‘arejar’ para a lexia *ventilar* foi a mais produtiva nas respostas dos informantes. Dos dezesseis entrevistados, dez informantes (três da faixa I e sete da faixa II) utilizam apenas com esse significado (com exceção do informante F2-H-ES).

Dessa forma, como a lexia *ventilar* com o sentido de ‘discutir, debater um assunto, levantar hipóteses’, não se encontra mais na linguagem dos informantes da faixa I, supõe-se ser uma unidade lexical com **tendência ao desuso**.

SUBSTANTIVOS

55. ACENO / DOC.36, fól.1r, l.21-24	
Acepção buscada	Sinal, gesto.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Aceno é acenar, dar tchau.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: Acenar pra uma pessoa. Acenar indicando alguma coisa. Fazendo sinal a distância.</p> <p>F1-M-EM: Acenar para ser visto, dar um aceno, um sinal.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: Conheço acenar.</p> <p>F2-H-EP: Acenar pra pessoa.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Seria um sinal, ou com a cabeça ou com a mão, um oi, um sinal.</p>

	<p>F2-M-EF: Dar um tchau.</p> <p>F2-H-EM: Sentido de cumprimentação.</p> <p>F2-M-EM: Vou dar um aceno pra'quela pessoa, vou acenar pra ela.</p> <p>F2-H-ES: Aceno de acenar, mas dentro do processo aceno ele tem o sentido de que tem algo que apoia. "Acena-se que vai ser possível ser feito". Há uma possibilidade que seja feita, há um aceno.</p> <p>F2-M-ES: É quando alguém passa e te cumprimenta.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ACENO, Acêno. Sinal, que se dà com a cabeça, olhos, ou mãos.</p> <p>Morais Silva (1813): ACENO, s. m. Sinal do olhos, cabeça, ou mãos, para darmos a entender alguma coisa; qualquer leve indicio, ou sinal dos conceitos, da vontade.</p> <p>Cunha (1997): acenar <i>vb.</i> 'fazer acenos, sinais' aceno XV.</p> <p>Ferreira (2004): aceno 1. Movimento da cabeça, dos olhos ou das mãos, para exprimir idéias; gesto, sinal.</p> <p>Houaiss (2007): aceno <i>datação</i> sXV 1.1 sinal que se faz com a cabeça, os olhos, as mãos etc. para dar a conhecer o que se deseja; gesto.</p>
<p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>aceno</i>, verifica-se ser esta bastante produtiva na fala dos informantes parnanguaras. Quanto à acepção buscada 'sinal, gesto', a maior parte dos entrevistados a empregam com este mesmo sentido. Sete informantes (F1-H-EF, F1-H-EM- F1-M-EM e F1-M-ES / F2-H-EP, F2-M-EM e F2-H-ES) empregam em suas respostas as formas lexicais <i>aceno</i> e <i>acena</i> que correspondem ao mesmo valor de 'sinal' e 'gesto', portanto se tratam de variantes sinônimas cujo significado é o mesmo. O informante F2-H-ES, além de conhecer a lexia <i>aceno</i> com o sentido 'de acenar', traz uma informação nova quanto à definição deste item lexical: 'mas dentro do processo <i>aceno</i>, ele tem o sentido de que tem algo que apoia. "Acena-se que vai ser possível ser feito". Há uma possibilidade que seja feita, há um <i>aceno</i>'. Com relação ao emprego do item lexical <i>aceno</i> exemplificado por este informante, em nenhum dos dicionários pesquisados consta tal designação. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registram as acepções: 'gesto', 'movimento da cabeça, dos olhos, das mãos'.</p> <p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>aceno</i>, verifica-se no estágio atual de variação, a coocorrência com a forma lexical <i>acenar</i>, porém seu emprego na fala dos informantes refere-se ao mesmo sentido atribuído à unidade lexical <i>aceno</i>. Conjectura-se dessa forma, ser uma lexia com tendência à manutenção.</p>	

56. AGUARDENTE / DOC.46, fól.1r, l.35-37	
Acepção buscada	Bebida de teor alcoólico.
Acepção(ões) conhecida(s)	<p>F1-H-EP: É a pinga.</p> <p>F1-M-EP: Eu falo cachaça.</p>

pelos informantes	<p>F1-H-EF: Aguardente pra nós é cachaça, pinga. F1-M-EF: Cachaça. F1-H-EM: É pinga. F1-M-EM: Aguardente é pinga, cachaça, água que passarinho não bebe. F1-H-ES: Cachaça. F1-M-ES: Cachaça.</p> <p>F2-H-EP: Aguardente é uma bebida aqui. F2-M-EP: Aguardente é uma bebida de tomar, bebida de álcool. F2-H-EF: A pinga que eu conheço, uma bebida de álcool, uma aguardente. F2-M-EF: É cachaça. F2-H-EM: Pra nós é a bebida, cachaça. F2-M-EM: Aguardente pra nós é cachaça. F2-H-ES: É pinga. F2-M-ES: Aguardente é caipirinha com limão.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): AGOARDENTE. He vinho destilado até ficar a sexta parte.</p> <p>Morais Silva (1813): AGUARDÈNTE, s. f. Licor espirituoso do vinho, grãos, succo de canna, borras de assucar.</p> <p>Cunha (1997): água <i>sf.</i> ‘líquido incolor, inodoro e insípido, essencial à vida’ aguardente XVI.</p> <p>Ferreira (2004): aguardente 1. Bebida de elevado teor alcoólico (40% a 60%), que se obtém por destilação de inúmeros frutos, cereais, raízes, sementes, tubérculos, etc.</p> <p>Houaiss (2007): aguardente <i>datação</i> sXV bebida de teor alcoólico elevado, obtida pela destilação do caldo da cana-de-açúcar, do vinho, do bagaço de uvas, de cereais, raízes, tubérculos, frutos e outros produtos vegetais doces, depois de fermentados.</p>
<p>Da lexia <i>aguardente</i>, a maioria dos informantes a denomina por ‘cachaça’ e ‘pinga’. Todos os informantes da faixa I apresentaram essas variantes lexicais ‘cachaça’ e ‘pinga’ para a resposta desta questão. Os informantes da faixa II (F2-H-EP, F2-M-EP e F2-H-EF) definiram <i>aguardente</i> como ‘uma bebida de álcool’. E a informante F2-M-ES associou o conteúdo <i>aguardente</i> com um tipo de bebida conhecida como ‘caipirinha’. Os outros quatro informantes (F2-M-EF, F2-H-EM, F2-M-EM e F2-H-ES) utilizaram as variantes ‘pinga’ e ‘cachaça’ para definir o item lexical <i>aguardente</i>. As acepções ‘vinho destilado’, ‘licor espirituoso de vinho’, ‘bebida de elevador teor alcoólico’, ‘bebida obtida por meio de destilação de vários ingredientes’ presentes nas definições dos lexicógrafos (com exceção de Cunha) referem-se, de certa forma, ao modo de preparo dessa bebida de teor alcoólico, presentes na acepção da entrada <i>aguardente</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>aguardente</i> nas respostas dos informantes de Paranaguá, nota-se que seu emprego está perdendo forças para as variantes concorrentes</p>	

‘pinga’ e ‘cachaça’, pois estes itens lexicais apresentam o mesmo valor da acepção em estudo: ‘bebida de teor alcoólico’. Portanto, presume-se ser *aguardente* um caso de **tendência ao desuso**.

57. ALQUEIRE / DOC.47, fôl.2r, l.01-03	
Acepção buscada	Unidade de medida agrária.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Conheço o alqueire de terra. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: Alqueire é de terra, mas aqui em Paranguá quase ninguém fala alqueire. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: É metragem. Alqueire é uma medida igual hectare, só que uma é maior que a outra. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: É medida de terra. F2-M-EP: Eu não uso, mas minha sogra fala alqueire de terra. F2-H-EF: Alqueire é mais pra terra, na colônia fala, trata como alqueire, não sei se é 10, 100 metros quadrados, numa fazenda mede em alqueire ou hectare. F2-M-EF: Alqueire é quando se mede as terras numa fazenda, lá tem tantos alqueires. F2-H-EM: Alqueire é um lugar de marcação de terra onde vai comprar. F2-M-EM: Fazem colheita de 5 alqueires de farinha, de arroz. Aqui em Paranguá é um tipo de medida. F2-H-ES: É uma medição de terra. F2-M-ES: Alqueires é quando tem uma fazenda.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ALQUEIRE. Medida de todo o genero de grãos. Morais Silva (1813): ALQUEIRE, s. m. Medida de grãos: <i>seis alqueires</i> fazem um saco. Cunha (1997): <i>alqueire sm.</i> ‘medida de área’ XIII. Ferreira (2004): <i>alqueire</i> 2. Bras. Unidade de medida de superfície agrária equivalente em MG, RJ e GO a 10.000 braças quadradas (4, 84 hectares), e em SP a 5.000 braças quadradas (2, 42 hectares). Houaiss (2007): <i>alqueire datação</i> 1111 2 Rubrica: metrologia. Regionalismo: Brasil: unidade de medida de superfície agrária.</p>

Analisando o contexto de uso da lexia *alqueire*, verifica tratar-se de um item lexical bastante produtiva na fala dos informantes de Paranaguá. Quanto à acepção buscada ‘unidade de medida agrária’, a maior parte dos entrevistados (três da faixa I e cinco da faixa II) a emprega com este mesmo sentido. Porém, há quatro ocorrências a se comentar: (i) a informante F1-M-EF reconhece que a forma léxica *alqueire* tem relação com o campo semântico *terra*, mas adverte que ‘em Paranaguá quase ninguém fala *alqueire*’; (ii) já a informante F2-M-EP foi incisiva ao afirmar que não usa a lexia *alqueire*, mas sabe que se refere à *terra* porque sua ‘sogra fala’; (iii) o informante F2-H-EM atribuiu à lexia *alqueire* o mesmo valor de ‘um lugar de marcação de terra’; enquanto que (iv) o informante F2-H-ES associou *alqueire* à fazenda, inferindo, dessa forma, ser a fazenda um lugar onde tem uma grande extensão de terra. Logo *alqueire*, segundo este informante, relaciona-se ao campo semântico *terra*.

A entrada *alqueire* com a definição de ‘unidade de medida agrária’ encontra-se lexicalizado por Cunha, Ferreira e Houaiss. Em Bluteau e Morais Silva o item lexical *alqueire* designa ‘medida de gênero de grãos’. Ferreira classifica esta acepção como *brasileirismo* e Houaiss como *Regionalismo do Brasil*, pertencente ao campo da metrologia.

O emprego deste item lexical, presente na fala da maioria dos informantes com a mesma acepção em estudo, portanto, apresenta **tendência à manutenção**.

58. ALUGADOR / DOC.47, fôl.2r, l.20-24

Acepção buscada	Pessoa que aluga, locatário, locador.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Alugador é aquele que aluga pra mim, aluga uma casa, essas coisas que tem pra alugar.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Pessoa que aluga, que engana, que leva um papo pra enganar. Tem também o alugador de um imóvel.</p> <p>F1-M-EF: É alguém que aluga a casa, aquele que coloca pra alugar.</p> <p>F1-H-EM: Na praia tem as cadeiras pra alugar, daí tem o alugador de cadeira.</p> <p>F1-M-EM: Quem aluga um imóvel é um alugador.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: Alugador é no lugar de locador, locatário.</p> <p>F2-H-EP: É um inquilino.</p> <p>F2-M-EP: Alugador quando a gente aluga um imóvel.</p> <p>F2-H-EF: Alugador seria o cara que trabalha na imobiliária, locador no caso. É o locador.</p> <p>F2-M-EF: Conheço só inquilino.</p>

	<p>F2-H-EM: Quando alguém vai alugar alguma coisa, uma moradia, vive de aluguel, ele é alugador.</p> <p>F2-M-EM: As crianças deixam a gente de cabeça quente: aquele ali é um alugador, vive alugando a gente.</p> <p>F2-H-ES: Conheço só locatário.</p> <p>F2-M-ES: Alugador é a pessoa que aluga alguma coisa.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ALUGADOR. O que toma por aluguel. O que dá em aluguel.</p> <p>Morais Silva (1813): ALUGADOR, s. m. O que dá á coisa por aluguel. V. <i>Alugador</i> da casa. §. O que recebe a coisa para usar della por certo preço, se diz hoje <i>alugador</i>, e se dizia <i>alugueiro</i>.</p> <p>Cunha (1997): alugar vb. ‘ceder (ou tomar) mediante pagamento, por algum tempo, um imóvel, um objeto etc’ ‘arrendar’ alugador XIII.</p> <p>Ferreira (2004): alugador 1. Aquele que aluga. 2. V. <i>locatário</i>.</p> <p>Houaiss (2007): alugador <i>datação</i> sXIII que ou o que aluga 1 que ou o que dá algo em aluguel; locador.</p>
<p>O registro da entrada <i>alugador</i> nos dicionários analisados (com exceção de Cunha) traz a mesma acepção documentada no <i>corpus</i> escrito ‘pessoa que aluga’, ‘locatário’, ‘locador’. Analisando o contexto de uso da lexia <i>alugador</i> e comparando com a acepção buscada, certifica-se que seu emprego ainda está presente na fala da maioria dos informantes (seis da faixa I e seis da faixa II). Quanto à variação de significado, a informante F2-M-EM empregou <i>alugar</i> no sentido de ‘enganar’ e no sentido de ‘alugar um imóvel’. Já a informante F2-M-EM atribuiu à lexia <i>alugar</i> somente o valor de ‘incomodar’, ‘tomar o tempo de alguém’. Houaiss assinala ser esta última acepção como um <i>regionalismo brasileiro de uso informal</i>. Esteve presente no enunciado dos informantes (F1-M-ES / F2-H-EF e F2-H-ES) as variantes lexicais ‘locador’ e ‘locatário’ cujo significado é mesmo do item lexical <i>alugador</i>. Para o informante F2-H-EP, a unidade lexical ‘inquilino’ é um sinônimo de <i>alugador</i>. Os dicionários pesquisados registram a entrada ‘inquilino’ com o mesmo valor semântico de ‘locatário’, ‘locador’. Mas, para a informante F2-M-EF, a única forma lexical reconhecida foi ‘inquilino’, que disse desconhecer <i>alugador</i> para definir a acepção ‘pessoa que aluga’.</p> <p>Neste contexto de uso da unidade lexical <i>alugador</i>, verifica-se que mesmo em estágio atual de variação com as formas lexicais ‘locador’ e ‘locatário’, sua ocorrência é bastante produtiva na modalidade oral, visto que doze informantes (seis da faixa I e seis da faixa II) reconheceram <i>alugador</i> com o mesmo sentido empregado no <i>corpus</i> escrito. Dessa forma, a lexia <i>alugador</i> apresenta tendência à manutenção.</p>	

59. ARBITRAMENTO / DOC.20, fôl.1v, l.02-06

Acepção buscada	Decisão, julgamento.
-----------------	----------------------

Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: No futebol tem o arbitramento, o juiz dita as regras do jogo. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: Conheço só o livre arbítrio.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Arbitramento seria uma pessoa que opina, se tá certo, se tá errado, age como árbitro, como juiz. F2-M-EF: Seria alguém que corrige, tipo o juiz. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: Quando decide, determina o final, é como de juiz, árbitro. F2-H-ES: Arbitramento tem no jogo, o juiz de futebol. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ARBITRAMENTO. <i>Vid.</i> Arbitrio. [ARBITRIO, juízo dos que foraõ nomeados arbitros he hum negocio].</p> <p>Morais Silva (1813): ARBITRAMÈNTRO, s. m. O juízo, sentença do Juiz arbitro.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): arbitramento 1. V. <i>arbitragem</i>. [arbitragem 2. O julgamento, decisão ou veredicto de árbitro(s); arbítrio].</p> <p>Houaiss (2007): arbitramento <i>datação</i> 1600 1 Rubrica: termo jurídico: parecer de avaliação feita por peritos de coisa ou fato; decisão decorrente de arbitragem.</p>
<p>A entrada <i>arbitramento</i> consta do registro dos lexicógrafos pesquisados (com exceção de Cunha). No entanto, Bluteau remete o consulente à variante lexical ‘arbítrio’, enquanto que Ferreira remete à variante ‘arbitragem’. As definições registradas por Ferreira e Houaiss remetem à mesma acepção em estudo ‘decisão, julgamento’. Este último dicionarista informa ser o item lexical <i>arbitramento</i> um termo específico do campo <i>jurídico</i>. Analisando o contexto de uso da lexia <i>arbitramento</i>, constata-se nas respostas a não ocorrência da acepção documentada no <i>corpus</i> escrito. Os informantes F1-M-EM / F2-M-EM e F2-H-ES associaram a forma lexical <i>arbitramento</i> com o jogo de futebol. Para os informantes F2-H-EF e F2-M-EF <i>arbitramento</i> é uma espécie de juiz, cuja função é corrigir. E a informante F2-M-ES empregou apenas o ‘livre arbítrio’, cujo significado, neste contexto em estudo, não apresenta relação com o item lexical <i>arbitramento</i>.</p> <p>A ausência de respostas por parte de dez informantes (seis da faixa I e quatro da faixa II) indica ser esta unidade lexical pouco produtiva no contexto de fala dos entrevistados.</p>	

Dos seis informantes (dois da faixa I e quatro da faixa II) que reconheceram a unidade lexical *arbitramento*, nenhum empregou o sentido da acepção investigada, presumindo-se, assim, ser um caso de **desuso**.

60. ARDIL / DOC.32, fól.1v, l.21-23	
Acepção buscada	Astúcia, cilada, visa iludir.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Ardil é ardiloso, no caso assim, a pessoa é esperta, tenta ser melhor que os outros. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Uma pessoa sagaz, má. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Safado. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ARDIL, em lingoa Franceza val o mesmo, que valente, animoso.</p> <p>Morais Silva (1813): ARDIL, s. m. O mesmo que ardileza. [ARDILEZA, s. f. Manha, astucia].</p> <p>Cunha (1997): <i>ardil sm.</i> ‘astúcia, manha, estratagema’ 1572.</p> <p>Ferreira (2004): <i>ardil</i> 1. Meio astucioso a que se recorre para burlar alguém; estratagema, ardileza.</p> <p>Houaiss (2007): <i>ardil datação sXV</i> 2 ação que visa iludir, lograr (pessoa ou animal); armação, cilada.</p>
<p>Analisando as respostas dos entrevistados, constata-se que a lexia <i>ardil</i> tem baixa frequência no contexto de fala dos parnanguaras. Os três informantes que reconheceram a unidade lexical <i>ardil</i>, a empregaram com valores adjetivais distintos: F2-H-EF: ‘<i>Ardil é ardiloso, um a pessoa é esperta</i>’; F2-H-EM: ‘<i>Uma pessoa sagaz, má</i>’; e F2-H-ES: ‘<i>Safado</i>’. Com relação à acepção buscada, Moraes Silva, Cunha, Ferreira e Houaiss</p>	

registram os significados: ‘astúcia’, ‘manha’, ‘estratagema’, ‘ardileza’, ‘armação’, ‘cilada’, ‘visa iludir’. Bluteau atribui à entrada *ardil* o mesmo sentido de ‘valente’, ‘animoso’.

Portanto, considerando os dados orais em questão, nota-se que nenhum informante da faixa I faz uso da unidade lexical *ardil*. A baixa ocorrência presente ainda na fala dos informantes da faixa II apresenta um sentido próximo ao que se encontra registrado nos documentos manuscritos, mas não o mesmo. Dessa forma, a lexia em questão, configura tratar-se de um caso de desuso.

61. ARREMATAÇÃO / DOC.32, fól.1v, l.11-14	
Acepção buscada	Finalização, conclusão.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Arrematar algo, finalizar, concluir. F1-M-EF: Arrematar o gado. F1-H-EM: Leilão, arrematar alguma coisa. Uma pessoa que comprou, deu o lance maior pra comprar, finalizar o lance. F1-M-EM: Você põe um leilão alguma coisa e arremata. F1-H-ES: Conheço arremate só, no sentido de acabamento, o fim. F1-M-ES: Arrematar algo, finalizar.</p> <p>F2-H-EP: Arrematação de leilão, vai lá e arremata. F2-M-EP: Arrematação quando a gente vai arrematar alguma coisa, é o final. F2-H-EF: Arrematação no caso de um leilão, ou um lote, ou um pessoal tem um negócio lá pra vender, várias pessoas querem comprar, mas aí chega um e arremata, compra tudo. Tem no sentido também que o serviço não tava bem feito e daí ele foi lá e arrumou, arrematou. F2-M-EF: Num salão de costura, ela arremata a roupa, termina, dá o acabamento. F2-H-EM: Um leilão. F2-M-EM: Os evangélicos dizem que Deus vai fazer uma arrematação aqui na Terra, só para os escolhidos de Deus. F2-H-ES: Quando você arremata uma propriedade que esteja em leilão, então arrematou. F2-M-ES: Num leilão você arremata uma casa, um quadro.</p>
Acepções registradas	Bluteau (1712-1728): ARREMATAÇAM. Chamase assim, porque he o Remate, & o fim dos lanços, nas vendas, que se fazem por mandado

nos dicionários	<p>do julgador; ou também, se chama Arrematação, porque se faz acabado o termo dos pregoens.</p> <p>Morais Silva (1813): ARREMATAÇÃO, s. f. A acção de arrematar. [ARREMATÁR, v. at. Pôr o remate].</p> <p>Cunha (1997): <i>rematar</i> vb. ‘dar remate, concluir, completar’ Arrematação XVI.</p> <p>Ferreira (2004): <i>arrematar</i> 1. Ato ou efeito de arrematar².</p> <p>Houaiss (2007): <i>arrematar</i> <i>datação</i> 1562 1 ato ou efeito de arrematar. [arrematar 1 dar ou alcançar remate, finalização; concluir, acabar, rematar].</p>
<p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>arrematação</i>, verifica-se ser bastante produtiva na fala dos informantes parnanguaras. Quanto à acepção buscada ‘finalização, conclusão’, a maior parte dos entrevistados a emprega com este mesmo sentido. Os informantes F1-H-EF, F1-M-ES e F1-H-ES / F2-M-EP e F2-M-EF utilizam a lexia <i>arrematação</i> com o sentido de ‘finalização’, ‘conclusão’, ‘dar o acabamento’, ‘fim’, enquanto oito informantes (três da faixa I e cinco da faixa II) associaram o valor de ‘concluir’ e ‘finalizar’ aos itens lexicais: ‘arrematação de leilão’, ‘arremate de leilão’, ‘arrematar o gado’, ‘leilão’. Quanto à forma lexical <i>leilão</i>, observa-se que, nos dicionários pesquisados, as designações ‘venda pública’, ‘objetos arrematados’ e ‘arrematação’ estão presentes na definição da lexia <i>arrematação</i>, o que justifica, dessa forma, a associação das formas lexicais <i>arrematação</i> e <i>leilão</i>. Apenas uma informante (F2-M-EM) relacionou o item lexical <i>arrematação</i> ao campo semântico da <i>religião</i>: ‘Deus vai fazer uma arrematação aqui na Terra’. Provavelmente, essa informante tenha associado <i>arrematação</i> com a forma lexical <i>arrematar</i>, que é parônimo de <i>arrebatar</i>, registrado por Houaiss como ‘levar, carregar consigo pelos ares’. O lema <i>arrematação</i> encontra-se lexicalizado somente em Bluteau e em Moraes Silva. Em Ferreira e em Houaiss a designação ‘ato ou efeito de arrematar’ refere-se à entrada <i>arrematar</i>.</p> <p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>arrematação</i>, nota-se que seu emprego na fala dos informantes da faixa I e da faixa II é bem produtivo. Apesar de a maioria dos informantes empregar ‘arrematação de leilão’ em seu contexto de fala, observa-se que o sentido empregado nesta expressão é o mesmo documentado nos <i>corpus</i> escrito. Portanto, há indícios de <u>manutenção</u>.</p>	

62. ARROBA / DOC.22, fól.1r, l.20-23

Acepção buscada	Unidade de medida de peso.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Arroba da internet.</p> <p>F1-M-EF: Arroba de gado, o peso do gado.</p>

	<p>F1-H-EM: Conheço só arroba de internet. F1-M-EM: Arroba de internet. F1-H-ES: Arroba do gado, arroba da internet. F1-M-ES: Arroba de internet.</p> <p>F2-H-EP: Arroba aqui é como se fosse um corte de boi, chama de arroba. Tem também o peso do algodão, pesa uma arroba, um quilo. F2-M-EP: Só conheço arroba da internet. F2-H-EF: Arroba é peso de boi. F2-M-EF: Arroba é quilo, num frigorífico tem tantas arrobas de carne. F2-H-EM: Arroba conheço da tecnologia, internet. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Arroba é medição de quilo, mas não se usa muito hoje. F2-M-ES: Arroba é quando conta as cabeças de gado.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ARROBA. Peso de trinta, & dous arrateis. Morais Silva (1813): ARRÒBA, s. f. Peso de trinta e dois arrateis. Cunha (1997): <i>arroba</i> <i>sf.</i> ‘antiga medida de peso correspondente a, aproximadamente, 15 quilos’ XIV. Ferreira (2004): <i>arroba</i> 2. Unidade ainda usada no Brasil, como medida de peso de produtos agropecuários, equivalente a 15kg. Houaiss (2007): <i>arroba</i> <i>datação</i> 1188-1230 1 Rubrica: metrologia: antiga unidade de medida de peso que corresponde a 32 arráteis (cerca de 14,7 kg).</p>
<p>As definições registradas pelos lexicógrafos para a entrada <i>arroba</i> evidenciam os traços comuns: ‘peso’, ‘medida de peso’ e ‘unidade de medida de peso’. Analisando o contexto de uso dessa unidade lexical, constata-se que a maioria dos informantes a utiliza, porém com variação de significados: ‘peso de gado e de algodão’, ‘arroba da internet’, ‘corte de boi’ e ‘contagem de cabeça de boi’. Da acepção buscada ‘unidade de medida de peso’, apenas quatro informantes (F1-M-EF / F2-H-EF, F2-M-EF e F2-H-ES) a empregaram com este mesmo sentido. Dois informantes masculinos utilizaram a lexia <i>arroba</i> com variação de significados: F1-H-ES: ‘medida de peso’ e ‘arroba da internet’; F2-H-EP: ‘medida de peso’ e ‘corte de boi’. E seis informantes (quatro da faixa I e dois da faixa II) conhecem somente <i>arroba</i> com o valor de ‘arroba da internet’. A unidade lexical <i>arroba</i> designando ‘sinal gráfico usado nos endereços de correio eletrônico’, teve sua entrada fixada por Cunha no século XX.</p> <p>Analisando o contexto de utilização desse item lexical, constata-se, no estágio atual de variação, considerável frequência da ocorrência dos dois significados distintos (‘peso de gado e de algodão’ e ‘arroba da internet’) para a única forma lexical: <i>arroba</i>. Mas, quando se leva em consideração a baixa ocorrência da acepção ‘medida de peso’ atribuída à lexia <i>arroba</i> por parte dos informantes da faixa I, pressupõe tratar-se de um caso de tendência ao desuso.</p>	

63. ASILO / DOC.10, fól.1v, l.09-12	
Acepção buscada	Proteção, amparo.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Onde coloca os idosos. F1-M-EP: Asilo é onde põem os velhos. F1-H-EF: Asilo é um lugar onde coloca os idosos. F1-M-EF: Asilo onde coloca pessoas que ficam sozinhas. F1-H-EM: Asilo de idosos e de você dar asilo a uma pessoa que necessitada, você acolhe. F1-M-EM: Asilo é pra idosos. F1-H-ES: Casa de idosos. Também como refúgio. F1-M-ES: Asilo lugar que abriga idosos.</p> <p>F2-H-EP: Asilo é uma casa de gente idosa. F2-M-EP: Só conheço onde ficam os idosos. F2-H-EF: Asilo seria uma casa beneficente para idoso. Ou numa parte política, seria você sair do seu país e ficar em outro, ficar asilado. Seria esses dois tipos. F2-M-EF: Tem onde ficam os velhinhos e também quando uma pessoa não tem onde ficar, eu dou asilo a ele. F2-H-EM: Lugar onde as pessoas vão quando têm uma certa idade ou não possui parentes. F2-M-EM: Asilo é abrigo de velho, de idoso. E também de dar asilo pra alguém, moradia. F2-H-ES: Tem dois sentidos é onde hoje a gente coloca as pessoas mais velhas e dar asilo, dar proteção. F2-M-ES: Onde que põe as pessoas idosas.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ASYLO, ou Azylo. Era hum lugar de refugio, do qual ninguem podia tirar os que se acolhessem a elle, sem ofender os Deoses, & à Religiaõ.</p> <p>Morais Silva (1813): ASÍLO, s. m. §. fig. Refugio, abrigo, acolheita.</p> <p>Cunha (1997): <i>asilo</i> <i>sm.</i> ‘guarida, proteção, abrigo’ XVII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>asilo</i> 3. P. ext. Guarida, abrigo, proteção.</p> <p>Houaiss (2007): ¹<i>asilo</i> <i>datação</i> 1623 ² Derivação: por extensão de sentido: proteção, amparo, segurança.</p>
<p>Os dicionaristas registraram a entrada <i>asilo</i> com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘proteção, amparo’. Analisando o contexto de uso dessa unidade lexical, constata-se que todos os informantes a utilizam no seu dia a dia, porém com significados diferenciados: <i>asilo</i> no sentido de ‘lugar onde acolhem pessoas idosas’, e <i>asilo</i> no sentido de ‘acolhimento’, ‘refúgio’, ‘proteção’. Onze informantes (seis da faixa I e cinco da faixa II) utilizaram o item lexical somente na acepção de ‘lugar onde acolhem pessoas idosas’, e</p>	

quatro informantes (F1-H-EM e F1-H-ES / F2-M-EM e F2-H-ES), além dessa definição, empregaram também o sentido da acepção buscada ‘acolher’, ‘proteção’ e ‘amparo’. O informante F2-H-EF atribuiu à lexia *asilo* os valores: ‘lugar beneficente para idoso’ e ‘asilado’. Quanto à definição ‘asilado’, este informante explica ser referente ao campo *político*, no qual ‘uma pessoa sai de seu país e fica asilada em outro’. Em consulta aos dicionários pesquisados, não consta dessa acepção para as formas lexicais *asilo* e *asilar*. Acredita-se que pela semelhança entre as formas *asilado* e *exilado*, este informante tenha feito a associação entre as formas e significados que são próximos.

Analisando o contexto de utilização do item lexical *asilo* pelos informantes parnanguaras e a acepção em estudo, presume-se que, num dado momento nesta comunidade linguística, estas acepções começaram a coocorrer entre si e, no estágio atual de variação, há indícios do favorecimento da acepção ‘lugar onde acolhem pessoas idosas’ em detrimento da acepção documentada no *corpus* escrito, lembrada apenas por quatro informantes (dois da faixa I e dois da faixa II) e com variação de significado. Portanto, a unidade lexical *asilo* no sentido de ‘proteção e amparo’ aponta **tendência ao desuso**.

64. ATRAVESSADOR / DOC.37, fôl.1v, l.24-31

Acepção buscada	Pessoa que compra e revende com grande margem de lucro.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Conheço por atravessador aquele que comprou um pescado nosso, vai lá pra frente, já atravessa pro outro lado, esse é o que compra e revende.</p> <p>F1-M-EP: Quando alguém atravessa o rio de um lado para o outro, ele é atravessador de barco.</p> <p>F1-H-EF: NSR.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: Quem atravessa mercadorias, é chamado de atravessador.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: É o cara que explora os outros. Ele compra e revende pensando em lucro.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Atravessador é a pessoa que compra aqui e já revende lá na frente, a gente chama de atravessador, você comprou aqui e já vende lá na frente é como chama o atravessador.</p> <p>F2-M-EP: A pessoa que compra e revende é atravessador.</p> <p>F2-H-EF: Atravessador é o que compra do produtor e depois repassa pros outros a parte comercial. Ele compra do produtor e repassa por outro preço pra outro vendedor, ou ele vende, então ele é atravessador, essa parte é mais comercial, atravessador.</p>

	<p>F2-M-EF: Atravessador, aquele que compra por um preço e vende por um outro muito mais alto.</p> <p>F2-H-EM: Aquele que compra a mercadoria e vai vender. Tipo aqui no litoral temos o pescador, vende pro mascate, daí o cara mascate vende pra Curitiba, São Paulo. Isso se chama atravessador.</p> <p>F2-M-EM: Atravessador é quem atravessa alguma coisa ilegal.</p> <p>F2-H-ES: Atravessador, isso tem ainda, usa, é aquele que compra e vende o produto. O que antigamente se falava, eu acho muito bonito, o mercador, o mercantilismo. É pejorativo o termo atravessador.</p> <p>F2-M-ES: Atravessador pra mim é assim, que compra uma coisa errada e vende, passa pra frente pra ter lucro,</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): [ATRAVESSAR mercadorias. Comprallas para as revender. Comprallas barato, para as vender caro].</p> <p>Morais Silva (1813): ATRAVERSADOR, s. m. O que compra toda a mercadoria, ou viveres, para regatear, e vender a seu arbítrio elle só.</p> <p>Cunha (1997): <i>través sm.</i> Atravessador 1844 Atravessar vb. ‘pôr ao través’ ‘transpor’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): atravessador 3. Bras. Amaz. Aquele que compra mercadorias por preço baixo para revendê-las com grande lucro.</p> <p>Houaiss (2007): atravessador <i>datação</i> 1628 3 Regionalismo: Amazônia: que ou o que compra e revende com grande margem de lucro (diz-se de negociante).</p>
<p>A lexia <i>atravessador</i> é bastante produtiva no contexto de fala dos informantes parnanguaras. Houve somente quatro casos de ausência de respostas (F1-H-EF, F1-M-EF, F1-M-EM e F1-M-ES). Dos dezesseis entrevistados, onze informantes (três da faixa I e oito da faixa II) reconhecem o item lexical <i>atravessador</i> com o mesmo sentido da acepção buscada ‘pessoa que compra e revende com grande margem de lucro’. Porém, analisando as respostas de alguns informantes, nota-se que a lexia <i>atravessador</i>, com o tempo, ganhou sentido <i>pejorativo</i>, conforme se atesta nos exemplos os seguir: F2-H-ES: ‘<i>Atravessador, isso tem ainda, usa, é aquele que compra e vende o produto. O que antigamente se falava, eu acho muito bonito, o mercador, o mercantilismo. É pejorativo o termo atravessador</i>’; F1-H-ES: ‘<i>É o cara que explora os outros. Ele compra e revende pensando em lucro</i>’; F2-M-ES: ‘<i>Atravessador pra mim é assim, que compra uma coisa errada e vende, passa pra frente pra ter lucro</i>’; F2-M-EM: ‘<i>Atravessador é quem atravessa alguma coisa ilegal</i>’. Já para a informante F1-M-EP <i>atravessador</i> é simplesmente alguém que atravessa o rio de barco, de um lado para o outro. Os lexicógrafos registraram as mesmas designações referentes ao conceito documentado no <i>corpus</i> escrito. Com relação à acepção ‘aquele que compra e revende mercadoria com grande margem de lucro’, Ferreira e Houaiss classificam como <i>brasileirismo/regionalismo da Amazônia</i>. Nota-se, pois, que a marca dialetal atribuída à unidade léxica <i>atravessador</i> pelos lexicógrafos mencionados se encontra registrada também na fala dos informantes de Paranaguá.</p>	

Analisando o contexto de uso da lexia *atravessador*, constata-se ser bastante produtiva na fala dos informantes. Dos dezesseis informantes, onze (três da faixa I e oito da faixa II) ainda empregam a lexia *atravessador* com o mesmo sentido da acepção investigada, apontando, assim, **tendência à manutenção**.

65. AULISTA / DOC.48, fól.1r, l.30-32

Acepção buscada	Professor, aquele que ministra aulas.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Aulista é ter aula. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Seria no caso da educação, uma pessoa que tem as hora-aula, então ele é professor aulista, ele dá aula de manhã, aula a tarde, aula a noite. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): AULÍSTA, s. m. O que aprende em alguma Aula. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): <i>aulista</i> 1. P. us. Pessoa que freqüenta aulas; estudante. Houaiss (2007): <i>aulista</i> <i>datação</i> 1813 Estatística: pouco usado: que ou aquele que freqüenta aulas; aluno, discípulo.</p>
<p>Embora a unidade lexical <i>aulista</i> esteja registrada em Moraes Silva, Ferreira e Houaiss, não consta destes dicionaristas o registro da acepção buscada ‘professor, alguém que ministra aulas’. Esta definição consta de um documento manuscrito datado em 1800, e Houaiss, por sua vez, fixa sua entrada a partir de 1813. Os três dicionaristas citados registraram a mesma acepção para a forma lexical <i>aulista</i>: ‘aluno’, ‘discípulo’, ‘aquele que frequenta aulas’, e assinalam ser um termo <i>pouco usado</i>. Bluteau e Cunha não trazem</p>	

o registra da entrada *aulista*. No caso de Bluteau, a ausência do registro da entrada *aulista* justifica-se por ter sido elaborado um século anterior, se comparado com a datação de Houaiss. Analisando o contexto de uso do item lexical *aulista*, constata-se baixa ocorrência por parte dos entrevistados de Paranaguá. Dos dezesseis informantes, somente dois reconheceram esta lexia, mas com significado distinto da acepção em estudo. O informante F1-H-EF associou a lexia *aulista* com o valor de ‘ter aula’. Já o informante F2-H-EF considerou um professor que tem hora-aula, um professor aulista. Esta acepção não está registrada nos dicionários pesquisados.

Considerando a ausência de resposta de quatorze informantes (sete da faixa I e sete da faixa II) e a não ocorrência da acepção documentada no *corpus* escrito, para a unidade lexical *aulista*, supõe-se ser um caso de **desuso**.

66. AVULSÃO/EVULSÃO / DOC.12, fól.1r, l.23-27

Acepção buscada	Ato de arrancar algo de forma violenta.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Avulsão aqui tem negócio de porto, portuário. Os trabalhadores avulsos. F2-M-EF: Avulsão seria alguém que trabalha por conta própria, avulso. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): avulsão <i>sf.</i> ‘ato de arrancar, de extrair violentamente’ 1858. Ferreira (2004): evulsão 1. Ato de arrancar, de extrair violentamente; avulsão, ablação.</p>

	Houaiss (2007): <i>avulsão</i> datação 1858 1 ato de extrair algo violentamente.
<p>Quanto ao registro das formas lexicais <i>avulsão</i> e <i>evulsão</i>, Ferreira registra <i>evulsão</i> e remete para a variante <i>avulsão</i>, enquanto que, Houaiss registra <i>avulsão</i> e remete para a variante <i>evulsão</i>, ambas com a mesma acepção: ‘ato de arrancar, de extrair violentamente’. Cunha atribuiu esses mesmos valores para a designação da entrada <i>avulsão</i>. Não consta em Bluteau e Morais Silva registro das entradas <i>avulsão</i> e <i>evulsão</i>. Cunha e Houaiss fixam a entrada da forma <i>avulsão</i> a partir de 1858. Talvez esse fato justifique o não registro em Bluteau e Morais Silva, cujas edições são anteriores a esta datação. Curiosamente, a lexia <i>avulsão</i> consta do documento manuscrito datado em 1722, e só um século depois os dicionaristas trazem a sua primeira entrada.</p> <p>Analisando o contexto de uso desse item lexical, constata-se baixa ocorrência por parte dos entrevistados de Paranaguá. Dos dezesseis informantes, somente dois (F2-H-EF e F2-M-EF) reconheceram a lexia <i>avulsão</i>, mas associaram com a forma lexical <i>avulso</i>. Considerando a ausência de resposta de quatorze informantes (oito da faixa I e seis da faixa II) e a não ocorrência da acepção buscada: ‘Ato de arrancar ou extrair algo de forma violenta’, para a unidade lexical <i>avulsão</i>, supõe-se ser um caso de desuso.</p>	

67. BALANDRA / DOC.22, fól.1r, l.05-07	
Acepção buscada	Tipo de embarcação, veleiro de um mastro.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p> <p>Resposta de todos os informantes: desconhecem o termo.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D.</p> <p>Morais Silva (1813): BALÁNDRA, s. f. Embarcação de tilhá, ou coberta, de uma só arvore; serve de transportar mercadorias, ou de andar a corso.</p> <p>Cunha (1997): <i>balandra</i> <i>sf.</i> ‘tipo de embarcação antiga’ 1813.</p> <p>Ferreira (2004): <i>balandra</i> 1. Antiga embarcação, por vezes monóxila, de fundo chato, com coberta, aparelhada com um mastro, e destinada ao transporte de mercadorias ou ao corso.</p> <p>Houaiss (2007): <i>balandra</i> <i>datação</i> 1660 Rubrica: termo de marinha: 1 embarcação a vela, chata e de coberta, feita de um só tronco, us. particularmente nos rios como meio de transporte, ou <i>armada em corso</i>, ou seja, preparada para atacar e perseguir o tráfico mercante do inimigo.</p>
<p>Dos dezesseis entrevistados, todos disseram desconhecer a lexia <i>balandra</i>. Quanto à datação da unidade lexical <i>balandra</i> parece não haver um consenso entre os registros dos dicionaristas pesquisados. Mesmo tendo sua entrada fixada por Houaiss em 1660, <i>balandra</i> não consta do registro de Bluteau. Cunha, por sua vez, fixa a entrada <i>balandra</i> a partir de 1813, e, se comparada com a datação documentada por Houaiss, seu registro ocorreu quase dois séculos depois. No documento manuscrito de 1734 encontra-se o registro da lexia <i>balandra</i>, pressupondo, dessa forma, que sua ocorrência já existia bem antes da datação informada por Cunha.</p> <p>Considerando os dados analisados, o item lexical <i>balandra</i>, sem nenhuma ocorrência em contexto de fala dos entrevistados, caiu em desuso, talvez por não mais existir este tipo de embarcação no Brasil, restando apenas o seu registro em documentos de fase pretérita, livros de história e alguns dicionários gerais.</p>	

68. BANDO / DOC.03, fól.1r, l.20-22	
Acepção buscada	Pregão, divulgação, proclamação pública.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Um bando de passarinho.</p> <p>F1-M-EP: Bando de passarinho.</p> <p>F1-H-EF: Bando é um grupo: bando de pessoas.</p> <p>F1-M-EF: Bando de gente.</p> <p>F1-H-EM: Um bando de pessoas.</p> <p>F1-M-EM: Bando de ladrão.</p> <p>F1-H-ES: Bando de aves, bando de bandido.</p> <p>F1-M-ES: Bando é uma corja de pessoas juntas.</p> <p>F2-H-EP: Já ouvi falar num bando de passarinho.</p> <p>F2-M-EP: Um bando de passarinho que voa no ar.</p>

	<p>F2-H-EF: Bando já seria o sinônimo de pássaro, de gente.</p> <p>F2-M-EF: Bando de pessoas desocupadas.</p> <p>F2-H-EM: Bando de passarinhos.</p> <p>F2-M-EM: Passou um bando de passarinhos.</p> <p>F2-H-ES: Bando, grupo, pode ser bando de pessoas armadas, bando de pessoas boas.</p> <p>F2-M-ES: Um bando de pessoas na praia, um bando de pessoas fazendo arrastão.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): BANDO. Derivase do antigo vocabulo Alemão <i>Bam</i>, que significa <i>pregão</i>; do <i>Bam</i> dos Alemaens fizeram os Italianos o seu <i>Bandire</i>, o que quer dizer <i>Publicar por bando</i>, como quando se declara publicamente hum decreto, huma ley.</p> <p>Morais Silva (1813): BANDO, s. m. §. <i>Bando</i>: pregão público, pelo qual se faz pública alguma ordem, ou decreto; e se denuncia talvez guerra.</p> <p>Cunha (1997): bando <i>sm.</i> ‘partido, facção’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): bando² 1. P. us. Pregão público; proclamação.</p> <p>Houaiss (2007): ²bando <i>datação</i> sXVII Estatística: pouco usado: anúncio público; proclamação.</p>
<p>Da lexia <i>bando</i> buscou-se a acepção ‘pregão, divulgação, proclamação pública’, presente nos documentos manuscritos. Das várias designações registradas pelos dicionaristas constam: ‘pregão’, ‘publicação por bando’, ‘declaração pública de um decreto’, ‘pregão público’, ‘anúncio público’ e ‘proclamação’. Houaiss assinala a lexia <i>bando</i> com o sentido de ‘pregão, divulgação, proclamação pública’ <i>estatisticamente pouco usada</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso deste item lexical pelos entrevistados de Paranaguá, verifica-se que todos os entrevistados a empregam no seu dia a dia, mas com o significado de ‘grupo de pessoas ou animais’. Esta definição refere-se ao homônimo <i>bando</i> de procedência do lat. tar. <i>bandum</i>, enquanto que a lexia de etim. it. <i>bando</i> no sentido de ‘anúncio público, proclamação, divulgação’ é desconhecida por todos os informantes. Dessa forma, os informantes parnanguaras fazem uso de outro item lexical homônimo de <i>bando</i>, cujos significados são distintos. Portanto, a lexia <i>bando</i> com o sentido da acepção em estudo configura um caso de desuso.</p>	

69. BARRA / DOC.12, fól.1r, l.16-19

Acepção buscada	Entrada estreita de porto.
Acepção(ões) conhecida(s)	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p>

pelos informantes	<p>F1-H-EF: Quando alguma coisa tá difícil: é uma barra!</p> <p>F1-M-EF: Quando você tá passando por um problema, por uma barra.</p> <p>F1-H-EM: Barra de ferro, de chocolate.</p> <p>F1-M-EM: Barra da calça.</p> <p>F1-H-ES: Barra da calça, barra do cais.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Barra é um negócio do mar, barra de rio: aquela barra de rio ali.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Barra daí tem vários sentidos, barra de chocolate, barra de código, barra do mar, por exemplo: aonde o navio passa é barra, dali pra dentro é barra, dali pra fora então é, eles falam no sentido de barra, fora de barra, daquele trecho ali pra fora é mar, alto-mar. Então tá dentro da barra, seria a baía já.</p> <p>F2-M-EF: Tem a barra de ferro, barra portuária.</p> <p>F2-H-EM: Barra aqui tem uma certa altura de mar que é chamada de barra.</p> <p>F2-M-EM: Barra do navio, tipo entrada.</p> <p>F2-H-ES: Aqui se usa entrada da barra e não do porto, que é o canal da Galheta que é a entrada da barra.</p> <p>F2-M-ES: Tem a barra de ferro e a barra do porto, entrada de navio.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): BARRA, he huma entrada de Porto, que por nenhuma outra parte se pode entrar, nem sahir dele, senão por ella.</p> <p>Morais Silva (1813): BÁRRA, s. f. t. de Naut. Entrada para algum porto por entre dois lados de terra firme.</p> <p>Cunha (1997): barra <i>sf.</i> ‘entrada estreita de um porto’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): barra 18. Bras. Foz do rio ou de riacho.</p> <p>Houaiss (2007): barra <i>datação</i> 1175 1 Rubrica: geografia, termo de marinha: entrada de um porto, entre duas porções avançadas de terra firme.</p>
<p>A lexia <i>barra</i> foi lembrada pela maioria dos informantes (cinco da faixa I e sete da faixa II) com vários significados: ‘situação difícil’, ‘passar por um problema’, ‘barra de ferro, de chocolate’, ‘barra da calça’, ‘código de barras’, ‘barra do cais’, ‘barra do mar’, ‘barra portuária’, ‘barra do navio’, ‘entrada da barra’, ‘barra do porto’. Dentre essas designações, os informantes atribuíram algumas específicas ao campo semântico <i>marítimo</i>: ‘barra do cais’, ‘barra do mar’, ‘barra portuária’, ‘barra do navio’, ‘entrada da barra’ e ‘barra do porto’. Estas definições, de certa forma, apresentam certa proximidade de relação com a acepção buscada ‘entrada estreita de porto’. Analisando o contexto de uso da lexia <i>barra</i>, verifica-se que sete informantes da faixa II associaram a forma lexical <i>barra</i> ao sentido de ‘entrada de porto’, enquanto que da faixa I, apenas o informante F1-H-ES reconheceu em <i>barra</i> o sentido relacionado à entrada do porto.</p>	

Dentre as várias designações registradas nos dicionários para a entrada *barra*, os lexicógrafos Bluteau, Morais Silva, Cunha e Houaiss trazem a mesma acepção documentada no *corpus* escrito. Em Ferreira, a designação mais próxima do sentido ‘entrada estreita de porto’ foi registrada na décima oitava acepção, classificada como *brasileirismo*: ‘Foz do rio ou de riacho’.

Considerando os dados orais, verifica-se que as ocorrências mais próximas com o sentido da acepção em estudo, encontram-se no contexto de fala dos informantes da faixa II, presumindo, dessa forma, que a lexia *barra* com o sentido da acepção documentada no *corpus* escrito revela **tendência ao desuso**.

70. BOTICA / DOC.46, f6l.1r, l.09-11

Acepção buscada	Loja de produtos farmacêuticos.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: É farmácia, minha mãe fala até hoje. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Assim o cara abre assim uma venda qualquer chama de botica. Comércio de alguém chama de botica do cara. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Botica seria uma farmácia antiga assim, que vende vários tipos de remédio e tal. Uma farmácia de manipulação, no caso seria botica. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: É farmácia. F2-M-ES: Botica pra mim é uma vasilha para pôr algo, minha mãe de primeiro falava: põe na botica pra mim. Tem também a botica de venda, onde a gente vai lá comprar um fósforo.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): BOTICA do Francez <i>Boutique</i>, que he o nome geral de todas as lojas, em que estão mercancias em venda, & como as drogas preparadas para a conservação da saude, [...] razão era que as lojas, em que se distrubuem estas salutíferas drogas, se chamassem automasticamente <i>Boticas</i>.</p>

	<p>Morais Silva (1813): BOTÍCA, s. f. §. De ordinario se diz <i>botica</i>, por casa onde se vendem remedios, e drogas medicinâes.</p> <p>Cunha (1997): <i>bodega sf.</i> <i>botica sf.</i> ‘farmácia’ <i>bu-</i> XV Divergente de <i>bodega</i>, talvez pelo fr. <i>boutique</i>.</p> <p>Ferreira (2004): <i>botica</i> 1. Desus. Farmácia.</p> <p>Houaiss (2007): <i>botica</i> <i>datação</i> 1460 1.3 Diacronismo: antigo: lugar onde se vendiam remédios e afins; farmácia.</p>
<p>A lexia <i>botica</i> tem pouca produtividade na fala dos informantes parnanguaras. Os cinco informantes que ainda utilizam esta unidade lexical a empregam com variação de significados: ‘farmácia’, ‘venda de comércio’, ‘vasilha’. A acepção buscada ‘loja de produtos farmacêuticos’ encontra-se nas respostas de apenas três informantes (F1-H-ES / F2-H-EF e F2-H-ES). Os outros dois informantes (F2-H-EP e F2-M-ES) reconheceram <i>botica</i> com o valor de ‘venda’ e ‘armazém’. Esta acepção encontra-se registrada em Houaiss na primeira acepção. A informante F2-M-ES além de empregar o sentido de ‘venda’ para a lexia <i>botica</i>, atribui também o valor de objeto: ‘<i>vasilha para pôr algo</i>’. Nos dicionários gerais, esta acepção não se encontra dicionarizada para a entrada <i>botica</i>.</p> <p>As designações registradas pelos lexicógrafos referem-se à mesma acepção investigada. Quanto à acepção ‘lugar onde se vende remédios’ para a entrada <i>botica</i>, Ferreira e Houaiss indicam ser um <i>diacronismo antigo</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso desta lexia e comparando com as respostas dos informantes, constata-se baixa produtividade, principalmente pelos informantes da faixa I, pois dos oito entrevistados dessa faixa etária, sete disseram não conhecer a lexia <i>botica</i>, e apenas um informante (F1-H-ES) que a reconheceu atribuiu o mesmo valor da acepção em estudo. Infere-se dessa forma, ser um caso de tendência ao desuso.</p>	

71. BRAÇA / DOC.25, fól.1r, l.12-13	
Acepção buscada	Medida de extensão.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes:	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Pra nós aqui a rede de pesca, mede com braça. Pra fazer uma rede aqui, eu cobro por braça. F2-M-EP: NSR.</p>

	<p>F2-H-EF: Braça é medida que os pescadores usam, uma braça seria um metro, dois metros, metro e meio, então eles usam pra medir, daí eles usam braça.</p> <p>F2-M-EF: Braça, meu pai falava pra medir.</p> <p>F2-H-EM: Pro cabroco aqui, ele vai fazer a rede e vai medir as braça. Sentido de metragem.</p> <p>F2-M-EM: No sítio ainda se fala, se ouve, quando eles fazem a rede.</p> <p>F2-H-ES: Braça é medida, pode ser também por mar, tantas braças pra chegar.</p> <p>F2-M-ES: Braça é pra medir alguma coisa, uma braçada.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): BRAÇA. Medida, que contem o comprimento dos dous braços abertos, & estendidos, juntamente com a parte do corpo, que està no meyo deles, até à extremidade dos dedos do meyo de cada mão.</p> <p>Morais Silva (1813): BRÁÇA, s. f. Medida longa de 7. pés geometricos, e 10. palmos de craveira.</p> <p>Cunha (1997): <i>braço sm.</i> ‘cada um dos membros superiores do corpo humano’ <i>braça XIII.</i></p> <p>Ferreira (2004): <i>braça</i> 1. Antiga unidade de medida de comprimento equivalente a dez palmos [v. <i>palmo</i> (2)], ou seja, 2,2m.</p> <p>Houaiss (2007): <i>braça datação 1253</i> 1 Rubrica: metrologia: antiga medida (ainda em uso no Brasil), com variações de país para país, equivalente à extensão que vai de um punho ao outro, ou da extremidade de uma mão aberta à outra, ou da ponta de um polegar em abdução ao outro, num adulto com os braços estendidos horizontalmente para os lados (em Portugal e no Brasil, 2,2 m lineares).</p>
<p>A unidade lexical <i>braça</i> com o sentido de ‘medida antiga de extensão’, apesar de ser utilizada por quase todos os informantes da faixa II, não é reconhecida por nenhum dos informantes da faixa I. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registraram a entrada <i>braça</i> com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito. Houaiss informa ser o termo <i>braça</i> referente ao campo da <i>metrologia</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso do item lexical <i>braça</i> na fala dos informantes da faixa II, constata-se ser bastante produtiva. Do ponto de vista diageracional, <i>braça</i> com o valor de ‘medição’ é uma lexia típica de informantes mais velhos, visto que nenhum informante da faixa I reconhece esta unidade lexical. Portanto, <i>braça</i> revela tendência ao desuso.</p>	

72. BRAÇAME / DOC.46, fól.1v, l.08-10	
Acepção buscada	Tipo de madeira para construção de embarcação/navio.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p> <p>Resposta de todos os informantes: desconhecem o termo.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): N.D. Houaiss (2007): N.D.</p>
<p>A lexia <i>braçame</i> não consta dicionarizada por nenhum dos lexicógrafos pesquisados. Nos registros orais também não houve sua ocorrência. Dos dezesseis entrevistados, todos disseram nunca ter ouvido <i>braçame</i>. No contexto do documento manuscrito, a unidade lexical <i>braçame</i> parece referir-se a ‘um tipo de madeira para construção de embarcação/navio’. Em pesquisas a outras fontes, o item lexical <i>braçame</i> encontra-se registrado no poema intitulado “Ensinando navegar”, que faz parte de uma coletânea de poesias publicadas, em 2008, no livro <i>Vaqueiro marajoara: encantarias, chulas e ladainhas</i>, de autoria de Marcos Quinan³⁹. Segue como exemplo a primeira estrofe do poema: ‘Esqueleto de paricá / <u>Braçame</u> de prauíba / Forro de sapucaia / Agrado pra toda vida’. A lexia <i>braçame</i> no contexto do poema “Ensinando navegar” relaciona-se ao</p>	

³⁹ Ver o sítio: <http://parlamaz.tnx.com.br/conteudo.php?pageNum_Pagina=1&sid=246&cid=868&totalRows_Pagina=11>.

campo semântico *navegação*, sugerindo os traços [mar, embarcação, madeira].

Portanto, como não houve o registro desse item lexical no contexto de oralidade dos informantes parnanguaras, configura-se em caso de **desuso**.

73. CAMARISTA / DOC.32, fól.1r, l.22-24	
Acepção buscada	Membro de uma câmara legislativa municipal, função de vereador municipal.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: Camarista é quem trabalha na câmara.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Camarista seria a pessoa que trabalha em hotel será, camareira. F2-M-EF: Pessoa que trabalha no hotel. F2-H-EM: Camarista é quem arruma a cama. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Era vereador. F2-M-ES: Acho que é arrumar a cama.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): CAMARISTA del-Rey. Hoje em Palacio se chamaõ Camaristas os Fidalgos, que servem o officio de Camareiro mór.</p> <p>Morais Silva (1813): CAMARÍSTA, s. m. Oficial do Senado da Camara.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): camarista 1. Vereador municipal.</p> <p>Houaiss (2007): camarista <i>datação</i> 1649 3 Regionalismo: Portugal: membro de uma câmara legislativa municipal.</p>
<p>Para a pergunta sobre o conhecimento ou não da lexia <i>camarista</i>, a informante F1-M-ES respondeu genericamente ‘ser qualquer funcionário que trabalha na câmara’. Já o informante F2-H-ES respondeu: ‘era vereador’. Pelo emprego do verbo no pretérito imperfeito, presume-se pela resposta dada por este informante que, hoje em dia, o item lexical <i>camarista</i> refere-se a outro conceito, e não mais a um ‘membro de uma câmara</p>	

legislativa municipal’. Talvez esse outro significado seja referente à unidade lexical ‘camareiro/camareira’, no sentido de ‘arrumar cama em hotel’, presente nas respostas de quatro informantes (F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM e F2-M-ES). Quanto ao registro nos dicionários pesquisados, assim como Bluteau, Ferreira registra na segunda acepção, da entrada *camarista*, a designação ‘camareiro’. Este mesmo dicionarista registra, na terceira acepção da entrada *camareiro*, a designação ‘empregado que atende o serviço dos quartos e os arruma (em hotéis, navios de passageiros)’, e a classifica como um *brasileirismo*.

Analisando esses dados, supõe-se que esses quatro informantes da faixa II, pela semelhança entre as formas lexicais *camarista* e *camareiro*, tenham associado o mesmo significado para as duas formas distintas. Quanto à acepção buscada, encontra-se lexicalizada em Moraes Silva, Ferreira e Houaiss. Este último dicionarista informa ser a designação ‘membro de uma câmara legislativa municipal’ um *regionalismo de Portugal*. Em Cunha, não há o registro desta entrada.

Considerando o contexto de uso da lexia *camarista*, constata-se baixa produtividade na fala dos informantes de Paranaguá. Dos dezesseis entrevistados, dez informantes (sete da faixa I e três da faixa II) disseram não conhecer o item lexical *camarista*. E os cinco informantes (um da faixa I e quatro da faixa II) que ainda reconhecem essa lexia, não a empregam com o conceito da acepção em estudo. Portanto, a unidade lexical *camarista* com o sentido de ‘vereador municipal’ configura um caso de **desuso**.

74. CEIFA / DOC.22, fól.1r, l.09-11

Acepção buscada	Ato de cortar, colher.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Ceifar é colher alguma coisa: vou ceifar uma soja. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: De cortar, de colher</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Ceifa é o ato de você colher, cortar. F2-M-EF: Colher. F2-H-EM: Plantação de trigo, feijão. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Vem do verbo ceifar que é cortar. F2-M-ES: Ceifa é uma plantação de trigo, de arroz.</p>

Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): N.D.</p> <p>Morais Silva (1813): CEIFA, s. f. Acção, e tempo de ceifar. [CEIFÁR, v. at. Cortar os pães maduros].</p> <p>Cunha (1997): <i>ceifa</i> <i>sf.</i> ‘ação de cortar, segar’ <i>ceypha</i> XV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>ceifa</i> 1. Ato de ceifar; sega. [ceifar 5. Colher].</p> <p>Houaiss (2007): <i>ceifa</i> <i>datação</i> sXIV 1 ação ou efeito de ceifar; aceifa, sega.</p>
<p>A unidade lexical <i>ceifa</i> com o sentido de ‘ato de cortar, colher’ encontra-se presente nas respostas de cinco informantes (F1-H-EF e F1-M-ES / F2-H-EF, F2-M-EF e F2-H-ES). Já os informantes F2-H-EM e F2-M-ES atribuíram à forma lexical <i>ceifa</i> o sentido de ‘plantação de trigo, feijão etc.’. Esta designação não se encontra lexicalizada nos dicionários gerais. Talvez estes informantes tenham associado o sema ‘plantação’ aos traços semânticos [roça, plantação, colheita]. Quanto ao registro da acepção buscada nos dicionários pesquisados, Bluteau não traz o registro da entrada <i>ceifa</i>. Em Cunha, Ferreira e Houaiss a entrada <i>ceifa</i> apresenta o mesmo sentido da acepção em estudo.</p> <p>Analisando o contexto de uso do item lexical <i>ceifar</i>, constata-se baixa produtividade na fala dos entrevistados. Dos dezesseis entrevistados, nove informantes (seis da faixa I e quatro da faixa II) disseram não conhecer a lexia <i>ceifa</i>. E da faixa I, apenas dois informantes ainda a empregam com o sentido de ‘cortar’ e ‘colher’. Portanto, essa lexia revela tendência ao desuso, pela baixa produtividade presente na fala dos informantes da faixa I.</p>	

75. CIRCUITO / DOC.32, fól. 1r, l.22-24	
Acepção buscada	Ao redor, periferia.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Conheço o circuito de carro, corrida.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: Tem o curto-circuito e também de corrida.</p> <p>F1-M-EM: Curto-circuito.</p> <p>F1-H-ES: Conheço no sentido de ao redor.</p> <p>F1-M-ES: Circuito elétrico e também em volta da cidade.</p> <p>F2-H-EP: O cara vai fazer uma ligação de linha, vai fazer um circuito.</p> <p>F2-M-EP: É quando dá um circuito na luz de casa.</p> <p>F2-H-EF: Circuito seria, por exemplo: uma corrida, tem um circuito, seria um roteiro para turismo, vamos supor, um circuito.</p> <p>F2-M-EF: NSR.</p> <p>F2-H-EM: Algo que é redondo, ao redor.</p>

	<p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: É o local, por exemplo: o circuito de Fórmula 1 ou por onde o processo deve tramitar, o circuito de tramitação.</p> <p>F2-M-ES: Conheço como curto circuito, de eletricidade.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): CIRCUITO. O espaço de hum lugar em redoado.</p> <p>Morais Silva (1813): CIRCUITO, s. m. O espaço, ou área circular, em redondo: <i>o circuito da cidade é de tres leguas.</i></p> <p>Cunha (1997): circuito <i>sm.</i> ‘contorno, periferia, circunferência’ XVI.</p> <p>Ferreira (2004): circuito 1. Contorno, periferia, circunferência.</p> <p>Houaiss (2007): circuito 1 linha fechada que limita uma superfície, um espaço; contorno, perímetro.</p>
<p>As definições apresentadas pelos lexicógrafos para a entrada <i>circuito</i> evidenciam o mesmo sentido da acepção buscada ‘ao redor’, ‘periferia’, ‘contorno’, ‘circunferência’. Dentre as várias designações empregadas pelos informantes: ‘curto-circuito’, ‘circuito de carro’, ‘circuito de tramitação do processo’, ‘ao redor, ‘em volta da cidade’; somente três informantes (F1-H-ES e F1-M-ES / F2-H-EM) empregaram o item lexical <i>circuito</i> (além de outros significados) com o valor de ‘ao redor’, ‘periferia’. Seis informantes (F1-H-EM, F1-H-ES e F1-M-ES / F2-H-EP, F2-M-EP e F2-M-ES) associaram a lexia <i>circuito</i> com outro item lexical ‘curto-circuito’ de significado distinto. Quatro informantes (F1-H-EF e F1-H-EM / F2-H-EF e F2-H-ES) utilizaram <i>circuito</i> para designar também ‘corrida e competição de carro’. Houaiss informa ser esta acepção ‘percurso a ser cumprido em certas provas, esp. as automobilísticas e congêneres’, pertencente ao campo semântico <i>esportivo</i>.</p> <p>Considerando os dados em análise, há indícios de que a lexia <i>circuito</i>, com o sentido da acepção buscada, seja esquecida com o passar do tempo, pois somente três informantes (dois da faixa I e um da faixa II) reconheceram nesta unidade lexical a acepção em estudo, revelando, dessa forma, tendência ao desuso.</p>	

76. CIRCUNVIZINHANÇA / DOC.11, fól.1r, l.24-27

Acepção buscada	Arredor de uma povoação.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Algo que está vizinho.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: No sentido de ao redor, circunvizinhança da igreja.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p>

	<p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Seria... tem a zona urbana e tem a metropolitana, daí no caso os bairros em volta, seria a circunvizinhança, no caso daqui tem a Alexandra, Valadares.</p> <p>F2-M-EF: NSR.</p> <p>F2-H-EM: Aquele que tá ao nosso redor.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: É sentido de periferia.</p> <p>F2-M-ES: A gente tem um ônibus aqui que anda circulando pela vizinhança, que circula ao redor, na circunvizinhança.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): [CIRCUNVESINHO. Couda, que está na vizinhança, & nos contornos de outra].</p> <p>Morais Silva (1813): [CIRCUNVISÍNHO, adj. Que está proximamente visinho].</p> <p>Cunha (1997): circunvizinho <i>adj.</i> ‘que está próximo ou em redor’ circunvizinhança <i>circumvisi-</i> 1844.</p> <p>Ferreira (2004): circunvizinhança 2. Arredores de uma povoação; arredores, cercania(s).</p> <p>Houaiss (2007): circunvizinhança <i>datação</i> 1836 território ou população adjacente a um determinado núcleo.</p>
<p>Apesar da lexia <i>circunvizinhança</i> não ser reconhecida por dez entrevistados (seis da faixa I e quatro da faixa II), os seis informantes (F1-H-EF e F1-H-ES / F2-H-EF, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) que responderam a questão a utilizaram com o mesmo sentido da acepção buscada ‘arredor de uma povoação’. Observa-se que o informante F2-H-ES atribuiu o sinônimo de <i>periferia</i> para a unidade lexical <i>circunvizinhança</i>. Em Ferreira esta constatação se confirma, pois, no registro da unidade lexical <i>periferia</i> (na quinta acepção), define como <i>sentido figurado</i> a acepção: ‘contorno, vizinhança, proximidade’. Segundo Houaiss, a unidade lexical <i>circunvizinhança</i> tem sua forma fixada a partir de 1836. Talvez esse fato justifique o não registro em Bluteau e em Moraes Silva, cujas edições são anteriores a esta datação. Porém, Bluteau e Moraes Silva registram a entrada <i>circunvizinho</i> como sinônimo de <i>circunvizinhança</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso deste item lexical, nota-se que seu emprego pelos informantes da faixa I tem pouca produtividade, presumindo tratar-se de uma lexia com <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

77. CÔMPUTO / DOC.48, fôl.2r, l.01-02

Acepção buscada	Soma, conta, resultado.
-----------------	-------------------------

Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Seria a contagem de alguma coisa, voto, material qualquer. Você vai conferir, no final tem que dar o resultado, faz a computação para ver quanto deu o resultado. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Computar vem do computador, estou computando a sua conta. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): COMPUTO. <i>Vid.</i> Computação. [COMPUTAÇAM. Acção de computar. Computo. Conta]. Morais Silva (1813): CÔMPUTO, s. m. Cálculo, conta. Cunha (1997): <i>computar</i> vb. <i>cômputo</i> sm. ‘contagem, cálculo’ XVII. Ferreira (2004): <i>cômputo</i> 3. Cálculo. Houaiss (2007): <i>cômputo</i> <i>datação</i> 1708-1710 1 cálculo, conta, contagem.</p>
<p><i>Cômputo</i> é uma lexia com baixa produtividade na fala dos entrevistados. Dos dezesseis, apenas dois informantes (F2-H-EF e F2-H-ES) empregam este item lexical com o mesmo sentido da acepção buscada ‘soma, conta, resultado’. Os lexicógrafos Moraes Silva, Cunha, Ferreira e Houaiss registraram as designações: ‘cálculo’, ‘conta’, ‘contagem’, para a entrada <i>cômputo</i>. Para Bluteau as formas lexicais <i>cômputo</i> e <i>computação</i> apresentam a mesma definição.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>cômputo</i>, constata-se a ausência de resposta por parte de todos os informantes da faixa I, e apenas duas respostas por parte da faixa II, revelando, dessa forma, <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

78. CONJUNTURA / DOC.43, fól.1r, l.04-07

Acepção buscada	Circunstância, situação.
-----------------	--------------------------

<p>Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes</p>	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Acho que em Paranaguá fala demais essa palavra, no sentido de atual situação. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Conjuntura seria junto, mais ou menos nos termos da lei. E tem também na atual conjuntura das coisas, tudo o que tá acontecendo. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Conjuntura é quadro, a situação, a situação política, os acontecimentos que compõe aquela época. F2-M-ES: NSR.</p>
<p>Acepções registradas nos dicionários</p>	<p>Bluteau (1712-1728): CONJUNTURA. He o estado dos negocios, boa, ou má disposição delles.</p> <p>Morais Silva (1813): CONJUNCTÚRA. V. <i>Conjunção</i>. Ensejo, em que concorrem diversas acções, circunstancias.</p> <p>Cunha (1997): junto <i>adj.</i> ‘unido, pegado, próximo, chegado, anexo’ Do lat. <i>conjunctus</i> –us conjuntura XIII.</p> <p>Ferreira (2004): conjuntura 1. Situação nascida de um encontro de determinadas circunstâncias, e que se considera como o ponto de partida de uma evolução, uma ação, um fato.</p> <p>Houaiss (2007): conjuntura <i>datação</i> sXIII 1 combinação ou concorrência de acontecimentos ou circunstâncias num dado momento; circunstância, situação.</p>
<p>A lexia <i>conjuntura</i> apresentou baixa produtividade no contexto de fala das entrevistas em Paranaguá. Dos dezesseis informantes, treze (sete da faixa I e seis da faixa II) disseram não conhecer o item lexical <i>conjuntura</i>. Quanto à acepção buscada ‘circunstância, situação’, apenas três informantes (F1-H-ES / F2-H-EF e F2-H-ES) a reconheceram. O informante F2-H-EF, além de empregar o sentido ‘circunstância, situação’ para a unidade lexical <i>conjuntura</i>, atribui também o valor de ‘junto’, talvez pela semelhança entre essas formas lexicais: <i>conjuntura/junto</i>. Os lexicógrafos Bluteau, Ferreira e Houaiss registraram o lema <i>conjuntura</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo.</p>	

Analisando o contexto de uso do item lexical *conjuntura*, constata-se baixa produtividade na fala dos informantes, pois, do total de dezesseis entrevistados, apenas um informante da faixa I e dois da faixa II ainda empregam *conjuntura* com o mesmo sentido da acepção investigada, configurando, assim, **tendência ao desuso**.

79. CONSTERNAÇÃO / DOC.22, fól.1r, l.21-25

Acepção buscada	Abatimento, desolação, tristeza.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Quando a pessoa fica constrangida. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Consternação seria você ver um como aconteceu, por exemplo: o vendaval que arrasou as colônias, então você fica consternado com aquilo. F2-M-EF: Alguém que está triste. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): CONSTERNAÇAM, val o mesmo, que grande desalento, & medo, como sucede nas calamidades publicas, ruinas, estragos, & derrotas de exercitos.</p> <p>Morais Silva (1813): CONSTERNAÇÃO, s. f. Grande perturbação, e quebra de animo.</p> <p>Cunha (1997): <i>consternar</i> vb. ‘desalentar’ consternação XVIII.</p> <p>Ferreira (2004): consternação 1. Ato ou efeito de consternar(-se). [consternar 1. Causar funda aflição e abatimento a; lançar em consternação; desalentar.]</p> <p>Houaiss (2007): consternação <i>datação</i> 1683 2 grande tristeza; pesar profundo; contristação, dor, desolação.</p>

Dos dezesseis entrevistados em Paranaguá, três informantes reconheceram a lexia *consternação*, mas apenas dois informantes (F2-H-EF e F2-M-EF) empregam o item lexical *consternação* no sentido de ‘abatimento, desolação, tristeza’. Para o informante F1-H-EF, *consternação* seria sinônimo de ‘uma pessoa constrangida’. Em pesquisa aos dicionários acima, não há o registro dessa acepção para a lexia em questão. Os lexicógrafos registraram a entrada *consternação* com a mesma acepção buscada.

Analisando o contexto de uso do item lexical *consternação*, constata-se baixa produtividade na fala dos informantes, pois apenas dois informantes da faixa II ainda empregam *conjuntura* com o mesmo sentido da acepção investigada, e nenhum informante da faixa I reconheceu-o com o sentido de ‘abatimento, desolação, tristeza’, indicando, assim, **tendência ao desuso**.

80. CULTURA/ DOC.42, fól.1r, l.36-38/fól.1v, l.01-03

Acepção buscada	Plantação, cultivo.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: Cultura é plantação de tomate, cebola.</p> <p>F1-H-EF: Cultura conheço mais pra arte, cultura da cidade.</p> <p>F1-M-EF: Cultura são os costumes de um lugar. Em Paranaguá o barreado é cultura daqui.</p> <p>F1-H-EM: Sentido da própria cultura do local.</p> <p>F1-M-EM: Cultura de plantação.</p> <p>F1-H-ES: Cultura de vegetais, cultura de plantação.</p> <p>F1-M-ES: Como plantação.</p> <p>F2-H-EP: Uso cultura de arroz de milho.</p> <p>F2-M-EP: Cultura é quando você tem uma cultura e sabe mais que os outros.</p> <p>F2-H-EF: Cultura seria o que as pessoas sabem, ou você cultiva alguma coisa, por exemplo: o que você tem na sua propriedade? Ah, eu tenho uma cultura de milho, mandioca.</p> <p>F2-M-EF: Acho que cultura é a nossa cultura que nem aqui em Paranaguá tem fandango, tem outras coisas também.</p> <p>F2-H-EM: Costumes, hábitos, vestimenta, comida, e plantação também.</p> <p>F2-M-EM: É tudo que diz respeito a cidade, as festas da Nossa Senhora do Rocio, do Rosário, dos Navegantes, a linguagem da gente que dizem que é diferente.</p> <p>F2-H-ES: São costumes, tradições de um povo, de um local. Tem também a agricultura, a cultura da soja, a cultura do arroz, produto daí.</p>

	F2-M-ES: Cultura é quando você conversa com uma pessoa que ela tem uma cultura pra falar, se expressa bem.
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): CULTURA. O modo, a arte, a acção de cultivar a terra.</p> <p>Morais Silva (1813): CULTÚRA, s. f. O modo, e arte, o trabalho de cultivar a terra.</p> <p>Cunha (1997): De culto¹ cultura <i>sf.</i> ‘<i>orig.</i> ato, efeito ou modo de cultivar’ ‘<i>ext.</i> civilização’ XVI.</p> <p>Ferreira (2004): cultura 1. Ato, efeito ou modo de cultivar; cultivo.</p> <p>Houaiss (2007): cultura <i>datação</i> sXV 1 Rubrica: agricultura: ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavoura, cultivo.</p>
<p>Dentre as várias designações para a entrada <i>cultura</i>, os lexicógrafos registraram a acepção buscada: ‘plantação, cultivo’. Analisando o contexto de uso dessa unidade lexical, constata-se que praticamente todos os informantes (com exceção do informante F1-H-EP, que disse não saber o significado de <i>cultura</i>) utilizam a lexia <i>cultura</i> no seu dia a dia, porém com variação de significados: ‘pessoa instruída’, ‘costume de um povo’, ‘tradição local’, ‘plantação’, ‘ação de cultivar gêneros alimentícios’. Seis informantes (F1-H-EF, F1-M-EF e F1-H-EM / F2-M-EP, F2-M-EF e F2-M-ES) utilizaram o item lexical somente nas acepções de ‘pessoa instruída’, ‘costume de um povo’, ‘tradição local’. Outros seis informantes (F1-M-EP, F1-M-EM, F1-H-ES e F1-M-ES / F2-H-EP e F2-M-EM) empregaram <i>cultura</i> apenas na acepção de ‘plantação’, ‘ação de cultivar gêneros alimentícios’, e três informantes (F2-H-EF, F2-H-EM e F2-H-ES) atribuíram à unidade lexical os significados apresentados anteriormente.</p> <p>Analisando o contexto de utilização do item lexical <i>cultura</i>, observa-se, no estágio atual de variação, o emprego de diversos significados, tanto por da parte dos informantes da faixa I como da faixa II. Neste cenário linguístico, conclui-se, então, que a unidade lexical <i>cultura</i> no sentido de ‘plantação, cultivo’, presente nas respostas de oito informantes de Paranaguá (quatro da faixa I e quatro da faixa II), apresenta tendência à manutenção.</p>	

81. DATA / DOC.25, fól.1r, l.22-2	
Acepção buscada	Pedaço de terra, faixa de terreno.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Data de nascimento.</p> <p>F1-M-EP: Data de nascimento.</p> <p>F1-H-EF: Conheço data só de calendário.</p> <p>F1-M-EF: Data do pagamento, de um dia importante.</p> <p>F1-H-EM: Data do dia.</p> <p>F1-M-EM: Data comemorativa.</p>

	<p>F1-H-ES: Data só do calendário. F1-M-ES: Data de calendário.</p> <p>F2-H-EP: Data de validade. F2-M-EP: Aquele arroz tem aquela data pra colher, data do aniversário. F2-H-EF: Data é mais lá no norte que fala, quando você tem uma propriedade daí, fala eu tenho uma data, mas aqui no litoral não usa. F2-M-EF: Já faz uma data que eu não ouço isso, faz um tempo. F2-H-EM: Muito usada no sentido de aniversário, pessoal, país, estado. F2-M-EM: Data é todo o dia. F2-H-ES: Data é marcação de terra, mas aqui em Paranaguá não se usa. F2-M-ES: Uma data de aniversário.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DATA. O que se acrescenta a hum papel, para declarar, & assinalar o dia, em que foy escrito.</p> <p>Morais Silva (1813): DÁTA, s. f. O dia do mez, e o anno, em que se fez qualquer carta.</p> <p>Cunha (1997): <i>data</i> <i>sf.</i> ‘tempo assinalado, indicação da época, ano, mês ou dia em que se realizou algum fato’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>data</i> 8. Bras. MG SP PR Porção de terreno com 20 a 22 metros por 40 a 44 metros.</p> <p>Houaiss (2007): ¹<i>data</i> <i>datação</i> sXIII 12 Regionalismo: Minas Gerais, São Paulo, Paraná: terreno retangular de 20 m a 22 m por 40 m a 44 m.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>data</i>, constata-se ser esta bastante produtiva na fala dos entrevistados. Todos os informantes utilizam o item lexical <i>data</i>, mas somente com o conceito de ‘dia do ano’, ‘período de tempo’. Os informantes (F2-H-EF e F2-H-ES) chegaram a identificar na unidade lexical o sentido de ‘propriedade’, ‘marcação de terra’, no entanto, advertiram que no litoral/Paranaguá não é comum o emprego deste significado para a lexia <i>data</i>. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva e Cunha registraram a mesma acepção que os informantes parnanguaras utilizam, enquanto Ferreira (na oitava acepção) e Houaiss (na décima segunda acepção) trazem a designação ‘porção de terreno’, ‘terreno retangular’. O primeiro classifica como <i>brasileirismo</i>, e o segundo como <i>regionalismo</i>. Ambos indicam ser marca dialetal dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Levando em consideração a classificação cunhada por Ferreira e Houaiss, presume-se, em toda região do Paraná há o registro oral da acepção ‘pedação de terra, lote, terreno’ para a forma lexical <i>data</i>.</p> <p>Portanto, por meio dos dados apresentados, essa classificação se torna um tanto questionável, haja vista o não reconhecimento por parte dos informantes parnanguaras, desta acepção. Dessa forma, supõe-se ser um caso de desuso.</p>	

82. DEMASIA / DOC.36, fôl.1v, l.02-04	
Acepção buscada	Abuso, desregramento.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Uma pessoa que fala bastante. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Demasia é coisa que é além, que extrapola. Se você precisa de trinta, daí te dão quarenta, cinquenta, é em demasia, é além do que você precisa no caso. F2-M-EF: Demais, alguma coisa que passa dos limites. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Demasia demais, abuso. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DEMASIA, as vezes se toma por pouco respeyto do Inferior para com o seu superior, ou pelo contrario do orgulho, com que os grandes trataõ aos pequenos. Em hum, & outro sentido poderás usar da palavra.</p> <p>Morais Silva (1813): DEMASÍA, s. f. Excesso, superfluidade.</p> <p>Cunha (1997): <i>demais</i> <i>adv.</i> ‘excessivamente, em demasia’ demasia XV.</p> <p>Ferreira (2004): demasia 3. Abuso, temeridade.</p> <p>Houaiss (2007): demasia <i>datação</i> 1422 1 o que está em excesso; o que ultrapassa a média ou o bom senso.</p>
<p>Dos dezesseis informantes entrevistados, doze (sete da faixa I e cinco da faixa II) disseram não conhecer a lexia <i>demasia</i>. Dos quatro informantes que ainda utilizam este item lexical, apenas o informante F2-H-ES empregaram com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘abuso, desregramento’. Os outros três informantes (F1-H-ES / F2-H-EF e F2-M-EF) reconheceram <i>demasia</i> com o sentido ‘o que está em excesso; o que ultrapassa a média ou o bom senso’. Este conceito está registro em Ferreira e em Houaiss na primeira acepção. As definições apresentadas por Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss evidenciam o mesmo sentido da acepção buscada.</p>	

Analisando o contexto de uso da unidade lexical *demasia* e comparando com as respostas dos informantes, percebe-se baixa produtividade dessa lexia na fala dos entrevistados, principalmente, os da faixa I. Portanto, *demasia* apresenta **tendência ao desuso**.

83. DESARRANJO / DOC.33, fól.1r, l.14-16	
Acepção buscada	Desordem, confusão.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: Conheço só desarranjo de flor. F1-H-EF: Desarranjo é dor de barriga. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Desarranjo é dor de barriga. F1-H-ES: Desarrumado. F1-M-ES: Desarranjo intestinal, dor de barriga.</p> <p>F2-H-EP: Às vezes tem um desarranjo assim, um bate boca com outro, confusão. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Desarranjo é quando alguma coisa que tá certa, de repente desarranja, sai do lugar, exemplo: o trem que descarila. F2-M-EF: Quando a gente faz alguma coisa pra uma pessoa e de repente a pessoa volta atrás, fez um desarranjo. F2-H-EM: Estava arranjado, ou tava tudo no lugar, tudo certinho, chega alguém e bagunçou tudo, daí desarranja. F2-M-EM: Quando eu tô com desarranjo na minha barriga. F2-H-ES: Dor de barriga. E aqui dor de barriga é chorrilho, aquela que não para nunca. F2-M-ES: Quando você está com desarranjo e precisa ir ao banheiro.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DESARRANJO. Desordem, confuso, ou perturbação. Moraes Silva (1813): DESARRANJO, s. m. Desordem na guerra, perturbação. Cunha (1997): <i>arranjar</i> vb. ‘pôr em ordem, arrumar, compor’ Desarranjo XVI. Ferreira (2004): <i>desarranjo</i> 1. Falta de arranjo; desordem, confusão. Houaiss (2007): <i>desarranjo</i> <i>datação</i> sXVI 1.1 desordem decorrente da falta de disciplina, de competência, de comando etc.</p>

Pelas respostas dos entrevistados observa-se que a lexia *desarranjo* é bastante produtiva no contexto de fala. Dos dezesseis informantes, somente quatro (três da faixa I e um da faixa II) disseram não conhecer *desarranjo*. Observou-se que *desarranjo*, nas respostas dos informantes, é um item lexical com várias acepções. Da acepção buscada ‘desordem, confusão’, apenas o informante F2-H-EP reconheceu a lexia *desarranjo* com este sentido. Seis informantes (F1-H-EF, F1-M-EM e F1-M-ES / F2-M-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) definiram *desarranjo* como sinônimo de ‘dor de barriga’. Ferreira e Houaiss informam essa acepção como *uso popular*, e o último dicionarista faz remissão ao termo *diarreia*. O informante F2-H-ES informou também ser a variante lexical *chorrilho* um tipo de ‘dor de barriga que não para nunca’. Dos dicionários pesquisados, Cunha é o único que registra a designação ‘disenteria, diarreia’, na quarta acepção para a entrada *chorrilho* e a classifica como de *uso informal*, relacionada ao campo semântico da *veterinária*. Os informantes (F1-H-ES / F2-M-EF e F2-H-EM) utilizaram a unidade lexical *desarranjo* como sinônimo de ‘desarrumado/desarrumar’. A informante F1-M-EP associou ‘arranjo de flor’ com a lexia *desarranjo*, devido à semelhança entre essas formas lexicais. Já para o informante F2-H-EF, *desarranjo* seria ‘alguma coisa que sai do lugar, exemplo o trem que descarrila’. Nos dicionários pesquisados não há o registro dessa acepção para a entrada *desarranjo*. As definições registradas por Bluteau, Morais Silva, Ferreira e Houaiss evidenciam como designações comuns: ‘desordem’, ‘perturbação’, ‘confusão’, ‘falta de arranjo’.

No estágio atual de variação, a v e r i g u a -se que a unidade lexical *desarranjo* com o sentido documentado no *corpus* escrito, apresenta baixa produtividade. Aparentemente, a acepção ‘dor de barriga’ é a designação mais lembrada para este item lexical e, conseqüentemente, está concorrendo com maior índice de frequência na fala dos entrevistados. Portanto, há indícios de **tendência ao desuso**, uma vez que nenhum dos informantes da faixa I emprega a forma lexical *desarranjo* com a acepção em estudo.

84. DESCONSOLAÇÃO / DOC.46, fól.1v, l.13-16

Acepção buscada	Tristeza, frustração.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: É uma pessoa desconsolada, triste.</p> <p>F1-M-EF: Uma pessoa desconsolada, desanimada, triste.</p> <p>F1-H-EM: É tipo uma tristeza.</p> <p>F1-M-EM: Pessoa que tá desconsolada, triste.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: Tá desconsolado, tá triste.</p> <p>F2-H-EP: É quando a pessoa tá desconsolada, tá triste.</p> <p>F2-M-EP: Quando você tá triste, vem alguém te consolar.</p>

	<p>F2-H-EF: Desconsolação é uma pessoa que tá desconsolada com alguma coisa assim, com algum evento que não deu certo, tá desconsolada.</p> <p>F2-M-EF: Alguém que está muito pra baixo, está desconsolado.</p> <p>F2-H-EM: Alguém que sofreu uma decepção.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Desconsolado, que tá triste.</p> <p>F2-M-ES: Quando a pessoa está triste, deprimida.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DESCONSOLAÇAM, desconsolado. <i>V. afflicção. Vid. Tristeza.</i></p> <p>Morais Silva (1813): DESCONSOLAÇÃO, s. f. Falta de consolação. [CONSOLAÇÃO, s. f. O estado de animo do consolado].</p> <p>Cunha (1997): consolar vb. ‘aliviar ou suavizar o sofrimento de’ Desconsolação -çam 1570.</p> <p>Ferreira (2004): desconsolação 1. Falta de consolação; desconsolo.</p> <p>Houaiss (2007): desconsolação <i>datação sXIV</i> 1 ausência de consolação; desconsolo, tristeza, aflição.</p>
<p>Os lexicógrafos Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registraram a entrada <i>desconsolação</i> com a mesma acepção buscada neste estudo: ‘tristeza, frustração’. Para a definição do lema <i>desconsolação</i>, Bluteau remete à variante lexical <i>tristeza</i>. Analisando o contexto de uso na fala dos informantes, verifica-se que, dos doze informantes que conhecem a lexia <i>desconsolação</i>, oito deles (F1-H-EF, F1-M-EF, F1-M-EM e F1-M-ES / F2-H-EP, F2-H-EF, F2-M-EF e F2-H-ES) a empregam com valor adjetival: <i>desconsolado/desconsolada</i>. Para esses informantes, a qualidade de <i>desconsolado</i> é sinônimo de alguém ‘estar triste’, ‘desanimada’, ‘decepcionada’, ‘estar pra baixo’. Portanto, essas designações referem-se à mesma acepção em estudo: ‘tristeza, frustração’.</p> <p>Presume-se, pelos dados analisados, que a maioria dos informantes parnanguaras ainda conserva o conceito ‘tristeza’, ‘frustração’, ‘desconsolo’ para o item lexical <i>desconsolação</i>, porém seu emprego no registro oral se manifesta por meio do adjetivo <i>desconsolado</i>, havendo indícios do favorecimento desta forma, em detrimento da lexia <i>desconsolação</i>. Portanto a unidade lexical em estudo apresenta tendência ao desuso.</p>	

85. DESMEMBRAÇÃO / DOC.48, fól.1v, l.33-37

Acepção buscada	Separação, desagregação.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: NSR.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p>

	<p>F1-H-EM: Desmembramento que seria tirada de um membro, excluir um membro, tirar definitivo.</p> <p>F1-M-EM: É separar.</p> <p>F1-H-ES: Desmembrou, separou.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Desmembração no caso de município, você separa um município um do outro tal.</p> <p>F2-M-EF: Alguém que sai de um grupo, tinha um grupo e o grupo se dividiu.</p> <p>F2-H-EM: Alguém do contexto familiar que saiu e foi pra uma outro lugar.</p> <p>F2-M-EM: Desmembração é quando tira um membro do corpo.</p> <p>F2-H-ES: Desmembrar é quando se pega uma área e reparte essa área em vários lotes, isso se usa muito nas prefeituras, na questão das medições de casas, ruas e tem que ter o registro do imóvel desmembrado. Desmembrar é a mesma coisa que lotear, você loteia.</p> <p>F2-M-ES: Desmembrar é separar. Tinha um terreno enorme, foi desmembrado, agora cada um tem seu lote.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DESMEMBRAÇAM. (Termo politico) Separação de alguma parte de hum Estado, terra, ou província, incorporada com outra.</p> <p>Morais Silva (1813): DESMEMBRAÇÃO, s. f. §. Separação, desunião de parte de algum Estado, rendas.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): desmembração 4. Separação, desagregação.</p> <p>Houaiss (2007): desmembração <i>datação</i> 1713 m.q. <i>desmembramento</i>. [desmembramento 2 divisão, em várias partes, daquilo que formava uma unidade; divisão, partilha, separação, loteamento].</p>
<p>A lexia <i>desmembramento</i> com o sentido de ‘separação, desagregação’ foi reconhecida por sete informantes (F1-M-EM e F1-H-ES / F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES). Outros dois informantes (F1-H-EM / F2-M-EM) atribuíram à unidade lexical <i>desmembramento</i> o valor de ‘amputar’. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes e Ferreira registram as designações: ‘separação de um Estado, terra’, ‘desunião de parte de um Estado’ e ‘desagregação’. Houaiss registra a entrada <i>desmembração</i> e remete à variante lexical <i>desmembramento</i> com a mesma acepção registra em Bluteau, Moraes Silva e Ferreira. Cunha não traz o registro da entrada <i>desmembração</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso dessa unidade lexical, observa ser bastante produtiva na fala dos informantes da faixa II, enquanto, dos informantes da faixa I, apenas dois utilizaram a lexia com a mesma acepção documentada no <i>corpus</i> escrito. Portanto, a</p>	

forma lexical *desmembração* com o sentido de ‘separação, desagregação’ revela tendência ao desuso.

86. DETRIMENTO / DOC.22, fól.1r, l.10-12	
Acepção buscada	Prejuízo, dano.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes:	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Detrimento é quando você faz alguma coisa em detrimento a alguém, por exemplo: vou fazer isso para aquela pessoa, que pode ser para os dois lados: pro bem e pro mal. Eu fiz em detrimento para bem, ou fiz em detrimento para mal, isso aí pode ser usado para os dois sentidos. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Atrelação de duas pedras. Quando você toca duas pedras. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Detrimento é quando se faz algo quando você retira em detrimento, “eu estou fazendo isso aqui em detrimento àquilo”, quer dizer pode ser em razão, pode ser em resultado ou eu acho que nesse sentido em que você favorece ou desfavorece alguém no detrimento. Todo detrimento causa prejuízo a alguém e vantagem a outro. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): DETRIMENTO. Dano. Perda. Morais Silva (1813): DETRIMENTO, s. m. Perda, prejuízo de alguma parte, diminuição. Cunha (1997): <i>detrição</i> <i>sf.</i> ‘decomposição por atrito’ detrimento 1525. Ferreira (2004): detrimento 1. Dano, perda, prejuízo. Houaiss (2007): detrimento <i>datação</i> 1505 dano moral ou material; prejuízo, perda.</p>

Os dicionaristas Bluteau, Morais Silva, Ferreira e Houaiss registraram a entrada *detrimento* com a mesma acepção utilizada pelos informantes parnanguaras: ‘prejuízo, dano’. Dos dezesseis entrevistados, treze informantes (oito da faixa I e cinco da faixa II) disseram não conhecer a unidade léxica *detrimento*. Com relação à acepção buscada, dois informantes (F2-H-EF e F2-H-ES) a empregaram com o mesmo sentido registrado nos documentos manuscritos, porém com uma ressalva: o informante F2-H-EF, talvez ao afirmar que *detrimento* ‘é fazer alguma coisa a alguém tanto pro bem, como pro mal’, estava querendo exemplificar o indício do favorecimento de um e desvantagem de outro, conforme ficou bem esclarecido na resposta do informante F2-H-ES, quando exemplifica o que ele entende por *detrimento*: ‘*Detrimento é quando se faz algo, quando você retira em detrimento, “eu estou fazendo isso aqui em detrimento àquilo”, quer dizer pode ser em razão, pode ser em resultado ou eu acho que nesse sentido em que você favorece ou desfavorece alguém no detrimento. Todo detrimento causa prejuízo a alguém e vantagem a outro*’. Já o informante F2-H-EM atribuiu a *detrimento* o valor de ‘atrelação entre duas pedras’. Esta acepção não se encontra lexicalizada nos dicionários pesquisados para a entrada *detrimento*.

Embora este item lexical ainda esteja presente na fala de alguns moradores de Paranaguá, verifica-se que seu uso é pouco produtivo. Nenhum informante da faixa I reconheceu a lexia *detrimento*, e apenas dois informantes faixa II ainda a empregam com o mesmo sentido documentado no *corpus* escrito. Dessa forma, *detrimento* revela **tendência ao desuso**.

87. DILIGÊNCIA / DOC.11, fól.1r, l.12-14

Acepção buscada	Providência, zelo, presteza.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: Quando a polícia vai fazer uma diligência, uma ocorrência. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Diligência é você tá investigando alguma coisa, ou procurando alguém que fez alguma coisa, você tá mais ou menos numa diligência. F2-M-EF: Tipo assim, a polícia tem que ir num bairro fazer uma vistoria lá, pegar alguém com diligência. F2-H-EM: Uma comitiva de bastante pessoa nômade, bastante carroça.</p>

	<p>F2-M-EM: Quando há um denúncia, o policial vai fazer uma diligência.</p> <p>F2-H-ES: Diligência hoje se usa ainda acho que na polícia, quando se vai fazer uma verificação no local.</p> <p>F2-M-ES: O delegado saiu pra fazer uma diligência.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DILIGENCIA. Attenção, & cuidado, com que devemos acudir a cousas da nossa obrigação. Promptidaõ.</p> <p>Morais Silva (1813): DILIGÈNCIA, s. f. A aplicação, cuidado, que se põe em conseguir alguma coisa.</p> <p>Cunha (1997): <i>diligência</i> <i>sf.</i> ‘zelo, cuidado, atividade, providência, pesquisa, investigação’ XIV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>diligência</i>¹ 2. Atividade, rapidez, presteza. 3. Providência; medida.</p> <p>Houaiss (2007): ¹<i>diligência</i> <i>datação</i> sXIII 1 interesse ou cuidado aplicado na execução de uma tarefa; zelo. 2 urgência ou presteza em fazer alguma coisa.</p>
<p>A lexia <i>diligência</i> com o sentido da acepção buscada ‘providência, zelo, presteza’ não foi reconhecida por nenhum informante, nem da faixa I e nem da faixa II. Os sete informantes que reconheceram o item lexical <i>diligência</i> o empregam com outros significados. A maioria dos informantes (F1-M-EF / F2-H-EF, F2-M-EF, F2-M-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) emprega o sentido de ‘busca minuciosa, pesquisa, averiguação, investigação’. Esta acepção encontra-se lexicalizada em Ferreira e Houaiss na quarta acepção da entrada <i>diligência</i>. O informante F2-H-EM definiu <i>diligência</i> como ‘Uma comitiva de bastante pessoa nômade, bastante carroça’. Nos dicionários de Ferreira e Houaiss encontra-se registrado o homônimo de <i>diligência</i>² com o sentido de: ‘1. Carruagem puxada a cavalos, com suspensão de molas, que servia para o transporte coletivo de passageiros antes dos trens de ferro e do automóvel; carruagem’. Talvez este informante, tenha ainda na memória a lembrança desse tipo de transporte coletivo puxado a cavalos, por isso tenha feito a associação entre <i>comitiva de bastante pessoa</i> (coletivo de passageiros) e <i>carroça</i> (carruagem). Nos dicionários pesquisados encontram-se o registro da acepção em estudo.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>diligência</i>, verifica-se a não ocorrência da acepção documentada no <i>corpus</i> escrito. Os poucos informantes que ainda reconheceram a lexia <i>diligência</i> a utilizam com outro sentido, configurando, portanto, um caso de desuso.</p>	

88. DISCÍPULO / DOC.46, fól.1r, l.19-20

Acepção buscada	Aquele que aprende, aluno.
-----------------	----------------------------

Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Discípulo da igreja. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Discípulo ligado à religião. F1-M-EF: Discípulo é de igreja. F1-H-EM: Discípulo de Jesus. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Um aprendiz. F1-M-ES: Discípulo da bíblia.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Discípulo de Jesus. F2-H-EF: Discípulo é um seguidor, uma pessoa que segue alguém, um pastor. F2-M-EF: Na igreja tem o pastor, seus membros que é seus discípulos. F2-H-EM: Discípulo só para apóstolo. F2-M-EM: Algo relacionado à igreja. F2-H-ES: Discípulo é aquele que segue o mestre. F2-M-ES: Discípulo é de religião.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): DISCIPULO. Estudante, que toma lição de hum mestre.</p> <p>Morais Silva (1813): DISCÍPULO, s. m. O que aprende alguma Arte, ou Sciencia.</p> <p>Cunha (1997): <i>discípulo</i> <i>sm.</i> ‘o que recebe ensino de alguém, aluno’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>discípulo</i> 3. Aquele que aprende ou estuda qualquer disciplina; aluno.</p> <p>Houaiss (2007): <i>discípulo</i> <i>datação</i> sXIII 1 quem estuda; aluno.</p>
<p>Analisando as respostas dos informantes quanto ao reconhecimento da lexia <i>discípulo</i> com o sentido de ‘aluno, aquele que aprende’, as respostas mais próximas quanto a esse significado foram dadas pelos informantes F1-H-ES e F2-H-ES. Para o informante da faixa I, <i>discípulo</i> é sinônimo de ‘aprendiz’. Houaiss registra na segunda acepção, da entrada <i>discípulo</i>: ‘aprendiz, aluno receptivo a ensinamentos’. Para o informante da faixa II, <i>discípulo</i> ‘é aquele que segue o mestre’. Esta definição é registrada por Houaiss na terceira acepção: ‘aluno, seguidor disposto a dar prosseguimento ao trabalho (de seu mestre); epígono’. As acepções apresentadas pelos lexicógrafos pesquisados evidenciam as mesmas designações atribuídas pelos informantes e também à acepção em estudo. Com relação às respostas da maioria dos informantes, constata-se a relação do item lexical <i>discípulo</i> ao campo semântico <i>religião</i>. Dos dezesseis entrevistados, onze informantes (cinco da faixa I e seis da faixa II) atribuíram à lexia <i>discípulo</i> o valor de: seguidor devoto da igreja/de um pastor.</p>	

Portanto, analisando o contexto de uso da unidade lexical *discípulo*, constata-se que essa lexia não foi reconhecida pelos informantes com o sentido da acepção documentada no *corpus* escrito, configurando, assim, um caso de **desuso**.

89. DITO / DOC.20, fól.1v, l.10-12

Acepção buscada	Referido, mencionado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes:	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Só conheço a expressão: ficou dito pelo não dito. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Ela tinha dito que viria. Como se tivesse falado alguma coisa. F1-M-EM: O dito poder ser um fulano. F1-H-ES: O dito-cujo. F1-M-ES: O dito fulano.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Dito é quando você fala algo pra outra pessoa, tá dito. F2-H-EF: Dito seria no popular que o pessoal fala: o dito pelo não dito. F2-M-EF: Conheço só o dito pelo não dito. F2-H-EM: Foi dito tal coisa. F2-M-EM: Foi dito isso na reunião. F2-H-ES: A gente falava ficou o dito pelo não dito, o dito o que foi falado. O dito-cujo pode ser a pessoa. F2-M-ES: Dito é quando você fala alguma coisa, tá dito e não se fala mais nisso.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DITTO, ou Dito. Cousa ditta. Morais Silva (1813): DITO, p. pass. de Dizer. Cunha (1997): <i>dizer</i> vb. ‘expor, exprimir por palavras, proferir, enunciar’ <i>dito</i> adj. XIII. Ferreira (2004): <i>dito</i> 1. Que se disse; mencionado, referido. Houaiss (2007): ¹<i>dito</i> <i>datação</i> 1214 1 que se diz ou disse; aludido, mencionado, referido.</p>
<p>Considerando o contexto de uso do item lexical <i>dito</i>, verifica-se considerável frequência nas respostas dos entrevistados. Os conceitos atribuídos pelos informantes quanto à utilização da lexia <i>dito</i> foram diversos: (i) cinco informantes (F1-H-EM / F2-M-EP, F2-H-EM, F2-M-EM e F2-M-ES) empregaram como particípio do verbo dizer ‘dito’, no sentido de ‘ter dito’, ‘ter falado’; (ii) quatro informantes (F1-H-EF / F2-H-EF, F2-M-EF e F2-H-ES) reconheceram apenas como expressão idiomática “o dito pelo não dito”, a qual significa ‘considerar sem efeito o que se disse’; (iii) três informantes (F1-M-EM, F1-</p>	

M-ES e F1-H-ES) mencionaram ‘o dito-cujo’, ‘o dito fulano’. Houaiss registra a entrada *dito-cujo* com a acepção: ‘ser de que já se falou, quando não se quer, não se sabe ou não se pode dizer seu nome; cujo, fulano, sujeito’, e a classifica como um *regionalismo do Brasil de uso informal e jocoso*; (iv) o informante F2-H-ES denominou a forma léxica *dito* como: ‘dito pelo não dito’, ‘foi falado’ e ‘o dito-cujo’. Quanto ao registro da entrada *dito* nos dicionários pesquisados, Bluteau e Moraes Silva a registram como ‘particípio passado do verbo dizer’, ‘coisa dita’. Os lexicógrafos Ferreira e Houaiss, por sua vez, trazem o registro da entrada *dito* com a mesma acepção buscada: ‘mencionado’, ‘referido’, ‘aludido’.

Observando os dados apresentados, presume-se que a unidade lexical *dito* com o mesmo sentido documentado no *corpus* escrito não se encontra mais nos enunciados dos entrevistados, principalmente pelos informantes da faixa I, que empregaram mais ‘o dito-cujo’, ‘o dito fulano’. Portanto, supõe-se ser um caso de **desuso**.

90. EMBARGO / DOC.32, fôl.1r, l.18-20

Acepção buscada	Impedimento, obstáculo, empecilho.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Embargar um bar, fechar, impedir de funcionar. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Conheço como parar, impedir, embargo da obra, embargo de alguma coisa por alguma situação que não esteja legal. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Embargar de parar, paralisar: a prefeitura embargou a obra ali, porque é um patrimônio histórico. F1-M-ES: Embargo é algo que tá empacado, impedido de acontecer, de ir adiante.</p> <p>F2-H-EP: Alguém tá fazendo um troço errado ali, o cara vai lá e embarga, impede. F2-M-EP: Embargo é quando alguém tá na sua terra e você vem e embarga, pra tirar alguém que tá na tua terra. F2-H-EF: Embargo se a pessoa tá fazendo alguma coisa, você vai lá e manda parar. F2-M-EF: Você tem que passar alguma coisa pro teu chefe, ele olha e diz não, esse não vai, embargou. F2-H-EM: Quando alguém começou uma construção, não consultou o CREA, aí vem a fiscalização e embarga. F2-M-EM: Embargar é quando você compra um terreno e outra pessoa vai lá e embarga, impede, porque não tá certo.</p>

	<p>F2-H-ES: Embargo é quando você suspende um processo, você embarga, você dificulta o processo de estar tramitando.</p> <p>F2-M-ES: Embargo é quando alguém impede de construir num terreno.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): EMBARGO de sentença por ordem do juiz. Impedimento, que se põem à execução de huma sentença.</p> <p>Morais Silva (1813): EMBÁRG0, s. m. §. Impedimento, ou suspensão da execução de alguma sentença; do uso livre de alguns bens.</p> <p>Cunha (1997): embargar vb. ‘tolher, estorvar, pôr obstáculos’ embargo XIII.</p> <p>Ferreira (2004): embargo 1. Impedimento, estorvo, obstáculo, embaraço, empecilho.</p> <p>Houaiss (2007): embargo <i>datação</i> sXIII 1 aquilo que impede, embaraça; empecilho, obstáculo, dificuldade.</p>
<p>A entrada <i>embargo</i> é registrada pelos lexicógrafos com o sentido de ‘impedimento de uma execução’, ‘suspensão de alguma ação’, ‘obstáculo’, ‘empecilho’ e ‘dificuldade’. Estas definições remetem à mesma acepção buscada e às apresentadas pelos doze informantes. Alguns informantes empregaram também as formas lexicais <i>embargar</i> e <i>embarça</i>, mas referindo-se ao mesmo sentido da unidade lexical <i>embargo</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso desta lexia, constata-se ser ainda bastante produtiva na linguagem oral dos informantes parnanguaras, havendo, assim, indícios de manutenção.</p>	

91. EMOLUMENTO / DOC.15, fól.1r, l.10-13	
Acepção buscada	Lucro, proveito, gratificação.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR.</p>

	<p>F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p> <p>Resposta de todos os informantes: desconhecem o termo.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): EMOLUMENTO. Lucro. Proveito. Morais Silva (1813): EMOLUMENTO, s. m. Lucro, proveito. Cunha (1997): <i>emolumento</i> <i>sm.</i> ‘lucro, gratificação, rendimento’ XVII. Ferreira (2004): <i>emolumento</i> 1. Lucro, proveito. 2. Retribuição, gratificação. Houaiss (2007): <i>emolumento</i> <i>datação</i> sXV 1 aquilo que se ganha; vantagem, lucro.</p>
<p>Dos dezesseis entrevistados, todos disseram desconhecer a lexia <i>emolumento</i>. Todos os lexicógrafos pesquisados trazem o registro da entrada <i>emolumento</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo: ‘lucro, proveito, gratificação’.</p> <p>Levando em consideração os dados em análise, constata-se que o item lexical <i>emolumento</i> não faz parte do léxico dos informantes de Paranaguá, pois, dos dezesseis entrevistados, nenhum reconheceu esta lexia, configurando, assim, um caso de desuso.</p>	

92. ENFERMO / DOC.33, fól.1v, l.15-16

Acepção buscada	Doente, sem saúde.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando uma pessoa tá enferma, doente. F1-M-EP: Quando a pessoa tá enferma, tá com enfermidade. F1-H-EF: Pessoa enferma, tá doente. F1-M-EF: Quando a pessoa tá doente. F1-H-EM: Quando a pessoa está doente. F1-M-EM: Quando você tem uma doença que não se cura. F1-H-ES: Doente. F1-M-ES: Doente.</p> <p>F2-H-EP: Se a pessoa tá assim, tá doente a gente fala que ela tá enferma. F2-M-EP: Quando a pessoa está doente. F2-H-EF: É doente, não tá bom de saúde ou tá internado. F2-M-EF: Alguém doente. F2-H-EM: Ligada a pessoa, tá enferma, tá doente. F2-M-EM: Quando a pessoa está doente, bem enferma. F2-H-ES: Enfermo é doente. F2-M-ES: Quando a pessoa está doente, enferma.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ENFERMO. O que tem pouca saude. Enfermo.</p> <p>Morais Silva (1813): ENFÈRMO, adj. Doente.</p> <p>Cunha (1997): enfermar <i>vb.</i> ‘ficar doente’ enfermo XIII.</p> <p>Ferreira (2004): enfermo 3. Aquele que está enfermo; doente.</p> <p>Houaiss (2007): enfermo <i>datação</i> sXIII 1 que ou aquele que se encontra doente, achacado.</p>
<p>A entrada <i>enfermo</i> é registrada pelos lexicógrafos com as designações: ‘o que tem pouca saúde’, ‘aquele que está doente’ e ‘aquele que se encontra enfermo’. Estas definições remetem à mesma acepção buscada e às apresentadas pelos dezesseis informantes.</p> <p>Analisando o contexto de uso dessa lexia, consta-se ser bastante produtiva na linguagem oral dos informantes parnanguaras, revelando, assim, indícios de <u>manutenção</u>.</p>	

93. ENGENHO / DOC.46, fól.1r, l.35-37	
Acepção buscada	Propriedade/estabelecimento destinado a cultura da cana e a fabricação do açúcar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: É engenharia.</p> <p>F1-M-EF: Engenho de açúcar.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: De cana.</p> <p>F1-M-ES: Engenho é uma obra.</p> <p>F2-H-EP: Antigamente usava falar essa palavra engenho, esses moinho de fazer cachaça falava engenho. Hoje não se usa mais.</p> <p>F2-M-EP: Engenho de açúcar.</p> <p>F2-H-EF: Engenho seria alguma coisa que um engenheiro fez, uma casa ou um engenho para fabricar pinga, cachaça, essas coisas.</p> <p>F2-M-EF: Onde se mói cana.</p> <p>F2-H-EM: Hoje não usa mais, antigamente se usava muito para aquelas fábrica de cana-de-açúcar.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Engenho é o local a onde se produz, no caso da história, o açúcar. Hoje tem engenho, tem engenho do açúcar, tem engenho da cachaça, tinha o engenho da farinha de mandioca, na verdade o engenho é a primeira fábrica, antes mesmo da Revolução Industrial, o Brasil já tinha fábrica, que era o engenho.</p>

	F2-M-ES: Antigamente tinha engenho de fazer farinha, hoje não usa mais.
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ENGENHO de açúcar. <i>Vid.</i> Açúcar.</p> <p>Morais Silva (1813): ENGÊNHO, s. m. A Faculdade, com que a alma concebe facilmente as connexões das coisas; inventa maquinas com facilidade.</p> <p>Cunha (1997): engenho <i>sm.</i> ‘máquina’ ‘oficina’ XIV.</p> <p>Ferreira (2004): engenho 8. Bras. Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar.</p> <p>Houaiss (2007): engenho <i>datação</i> sXIII 6.2 Regionalismo: Brasil: todo o conjunto relativo à cultura e ao processamento da cana-de-açúcar, incluindo as terras cultivadas, as instalações para moagem e as residências de proprietários, colonos e trabalhadores.</p>
<p>A lexia <i>engenho</i> foi reconhecida por onze informantes parnanguaras. Quanto à acepção buscada ‘propriedade/estabelecimento destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar’, quatro informantes (F1-M-EF e F1-H-ES / F2-M-EP e F2-M-EF) atribuíram ao item lexical <i>engenho</i> as designações: ‘açúcar’ e ‘cana’, respostas um tanto genéricas quanto ao significado da lexia em estudo. Outros quatro informantes (F2-H-EP, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) atribuíram a acepção documentada no <i>corpus</i> escrito ao item lexical <i>engenho</i>, mas advertiram que ‘antigamente se usava falar a palavra engenho para denominar fábrica, porém hoje não se usa mais’. O informante F2-H-ES complementou que ‘antes mesmo da Revolução Industrial, no Brasil já tinha fábrica, que era o engenho’. Para os informantes F1-M-ES e F2-H-EF, <i>engenho</i> é ‘um tipo de obra, uma construção feita por um engenheiro’. E para o informante F1-H-EF, <i>engenho</i> é sinônimo de ‘engenharia’. Os lexicógrafos Moraes Silva e Cunha definem a entrada <i>engenho</i> como ‘invenção de máquina’, ‘oficina’. Ferreira e Houaiss registram a acepção em estudo e classificam como <i>brasileirismo</i>, e Bluteau como ‘engenho de açúcar’.</p> <p>Tomando por base as respostas dos quatro informantes da faixa II (F2-H-EP, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) que afirmaram ser de uso antigo a unidade lexical <i>engenho</i>, e comparando com as respostas dos informantes da faixa I, constata-se que tal afirmativa se comprova, pois, dos informantes jovens entrevistados, somente quatro reconheceram a lexia <i>engenho</i>, mas a relacionaram a definições genéricas. Portanto, o item lexical em estudo configura um caso de desuso.</p>	

94. ESTERILIDADE / DOC.33, fól.1r, l.26-28

Acepção buscada	Escassez, penúria.
Acepção(ões) conhecida(s)	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p>

pelos informantes	<p>F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Uma pessoa que fica estéril. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Infertilidade. Já ouvi: essa terra é estéril. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Esterilidade seria o ato de você esterilizar uma ferramenta, um negócio que vai trabalhar com ela. Ou também, castrar um animal, deixar ele estéril tal, esterilizar. F2-M-EF: Alguém que não pode ter filho, estéril. F2-H-EM: Uma pessoa que fica estéril, que não pode ter filhos. F2-M-EM: Ligado a mulher que não pode ter filho. Ou a um aparelho que você esteriliza. F2-H-ES: De estéril. Ou então de que não produz nenhum efeito. F2-M-ES: Quando a pessoa é estéril.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ESTERILIDADE. Carencia, ou inopia de frutos em causa productiva. Esterilidade nos campos, ou nas molheres.</p> <p>Morais Silva (1813): ESTERILIDADE, s. f. O contrario da <i>fertilidade</i>, e da <i>fecundidade</i>; carência, ou pobreza de fructos; <i>esterilidade da terra</i>: que não gerão.</p> <p>Cunha (1997): <i>estéril</i> <i>adj.</i> 2g. ‘que não produz, árido’ esterilidade <i>estrallidade</i> XV, <i>estrelidade</i> 1532.</p> <p>Ferreira (2004): esterilidade 2. Escassez, falta, penúria.</p> <p>Houaiss (2007): esterilidade 4 Derivação: sentido figurado: escassez, falta.</p>
<p>Dos dezesseis entrevistados, oito informantes reconheceram a lexia <i>esterilidade</i>, mas com acepções diferentes: cinco informantes (F1-H-EM e F1-H-ES / F2-M-EF, F2-H-EM e F2-M-ES) atribuíram ao item lexical <i>esterilidade</i> o valor de ‘pessoa estéril’, ‘alguém que não pode ter filhos’. Dois informantes (F2-H-EF e F2-M-EM) além do sentido de ‘não procriação’, utilizaram também para essa lexia o sentido de ‘esterilizar uma ferramenta, um aparelho’. O informante F1-H-ES disse conhecer apenas o item lexical <i>infertilidade</i>, dando como exemplo ‘terra estéril’. Todas essas acepções encontram-se registradas nos dicionários pesquisados. A acepção de <i>esterilidade</i> empregada pelo informante F2-H-ES, ‘<i>de que não produz nenhum efeito</i>’, não consta registrada nos dicionários pesquisados. Quanto ao registro da acepção buscada, Bluteau e Moraes Silva definem a entrada <i>esterilidade</i> tanto no sentido de ‘terra incapaz de produzir’, como também ‘o contrário de fecundidade, fertilidade nas mulheres’. Cunha traz a designação da entrada <i>estéril</i> como ‘que não produz, árido’, referindo-se ao campo <i>terra</i>. Ferreira e Houaiss registram o</p>	

mesmo sentido da acepção em estudo: ‘escassez, penúria’. O último dicionarista informa ser esta essa acepção uma *derivação: sentido figurado*.

Considerando os dados em análise, há indícios de que a lexia *esterilidade*, lembrada apenas com outros sentidos, sem nenhuma ocorrência da acepção documentada no *corpus* escrito, seja um caso de **desuso**.

95. EXCRETO / DOC.42, fól.1r, l.18-21	
Acepção buscada	Dejeto, excremento.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): EXCRETO, he o que a natureza separa da, substancia alimentosa.</p> <p>Morais Silva (1813): EXCRÉTO, adj. t. de Med. Separado pelos vasos excretorios.</p> <p>Cunha (1997): excreto <i>adj.</i> ‘espelido, evacuado, segregado’ XVII.</p> <p>Ferreira (2004): excreto 2. V. <i>excreção</i>. [escreção 2. Matéria excretada; excreto, excreta].</p> <p>Houaiss (2007): excreto <i>datação</i> 1642 2 matéria excretada; excreção.</p>
<p>Dos dezesseis entrevistados, todos disseram desconhecer a lexia <i>excreto</i>. Os lexicógrafos pesquisados trazem o registro da entrada <i>excreto</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo: ‘dejeto, excremento’. Na entrada <i>excreto</i>, Ferreira remete o consulente à variante lexical <i>excreção</i>.</p>	

Considerando os dados apresentados, observa-se que a unidade lexical *excreto* não faz mais parte do acervo lexical dos informantes parnanguaras na modalidade oral, visto que, dos dezesseis entrevistados, nenhum reconheceu esta lexia, revelando, dessa forma, um caso de **desuso**.

96. EXPEDIÇÃO / DOC.08, fól.1r, l.08-11	
Acepção buscada	Despacho, remessa.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Vamos fazer uma expedição pra tal lugar, vamos conhecer línguas, culturas. F1-M-EF: Quando fazem aquela reunião pra ir viajar, daí tem uma expedição de pessoas. F1-H-EM: Sair pra conhecer um local, fazer uma expedição. F1-M-EM: De viajar, fazer uma expedição. F1-H-ES: Uma viagem. F1-M-ES: Expedição é uma viagem.</p> <p>F2-H-EP: Já ouvi falar, é quando vai fazer mandar, enviar alguma coisa, daí eu faço uma expedição. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Expedição é você expedir, por exemplo: tem uma transportadora, tem uma parte dela que é de expedição, mandar pra fora. Você entregar, expedir. F2-M-EF: Expedição é montar um grupo de pessoas e sair pesquisando uma caverna. F2-H-EM: Um grupo de pessoas que foi pra África ou pra algum lugar do país ou do mundo, foram pra uma expedição. F2-M-EM: Quando umas pessoa se reúne e vão fazer uma expedição em outra cidade. F2-H-ES: Expedição é quando os navios saem para o mar, é uma expedição. Tem também de expedir processo, fazer o processo sair de um local e ir pro outro, um despacho. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): EXPEDIÇAM dos negocios. Morais Silva (1813): EXPEDIÇÃO, s. f. Despacho breve: <i>expedição dos negocios cotidianos</i>. Cunha (1997): <i>expedição</i> sf. ‘despacho, remessa, expediência’ XVI.</p>

	<p>Ferreira (2004): expedição 1. Ato ou efeito de expedir; despacho, remessa; expediência.</p> <p>Houaiss (2007): expedição <i>datação</i> 1501 1 ato ou efeito de expedir, de enviar, de fazer com que algo chegue a seu destino; despacho, remessa.</p>
<p>A lexia <i>expedição</i> com o sentido de ‘despacho, remessa’ foi reconhecida na fala de apenas três informantes (F2-H-EP, F2-H-EF e F2-H-ES). A maioria dos informantes (seis da faixa I e três da faixa II) reconheceu o item lexical com o sentido de ‘viagem’, ‘excursão’, ‘turismo’. Enquanto que, para a informante F2-M-EF, <i>‘expedição é montar um grupo de pessoas e sair pesquisando uma caverna’</i>. Neste sentido, Ferreira registra na quinta acepção, <i>por extensão de sentido</i>: ‘grupo que se destina a explorar, pesquisar, estudar uma região, ger. em caráter científico’. Quanto ao registro da acepção em estudo nos dicionários pesquisados, Cunha, Ferreira e Houaiss registraram as designações: ‘despacho’, ‘remessa’, ‘ato de expedir’, ‘efeito de enviar’, evidenciando o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito. Bluteau definiu apenas ‘expedição dos negócios’, enquanto Moraes Silva foi mais específico e exemplificou <i>expedição dos negócios</i> como um ‘despacho breve’.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>expedição</i> nas respostas dos informantes, certifica-se ser bastante produtiva. Dos dezesseis entrevistados, somente quatro informantes (dois da faixa I e dois da faixa II) disseram não conhecer a lexia em questão. Com relação ao reconhecimento do item lexical <i>expedição</i> com o mesmo sentido registrado no documento manuscrito, constata-se baixa ocorrência, apenas três informantes da faixa II ainda a utilizam. Portanto, esse item lexical, no contexto de fala dos informantes parnanguaras, revela <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

97. FAISQUEIRA / DOC.46, fól.1r, l.28-30

Acepção buscada	Lugar onde se encontrava faísca de ouro.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: Faisqueira é a chama do isqueiro.</p> <p>F1-H-EF: Conheço só faísca de fogo.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Faisqueira é alguma coisa com garimpeiro.</p>

	<p>F2-M-EF: NSR.</p> <p>F2-H-EM: Faisqueira é um lugar que tem lá em Morretes, lá tinha faísca de ouro.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: NSR.</p> <p>F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D.</p> <p>Morais Silva (1813): N.D.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): faisqueira 1. Lugar onde se acham faíscas. [faíscas 5. Palheta de ouro que se perde na terra ou areia das minas].</p> <p>Houaiss (2007): faisqueira <i>datação</i> 1753 local onde se encontram faíscas (gar).</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>faisqueira</i> constata-se baixa produtividade por parte dos entrevistados. Doze informantes (seis da faixa I e seis da faixa II) disseram não conhecer a unidade lexical <i>faisqueira</i>. Para a informante F1-M-EP, <i>faisqueira</i> é sinônimo de ‘chama do isqueiro’. Provavelmente, esta informante tenha associado a forma lexical <i>faisqueira</i> aos traços semânticos [faísca, labareda, chama]. Já o informante F1-H-EF disse conhecer somente o item lexical <i>faísca</i>. Quanto à acepção buscada ‘lugar onde se encontrava faísca de ouro’, os informantes F2-H-EF e F2-H-ES mencionaram que a lexia <i>faisqueira</i> tem relação com o ‘garimpo’. O informante de grau superior, foi mais específico, definiu <i>faisqueira</i> como ‘um lugar que tem lá em Morretes, <u>lá tinha faísca de ouro</u>’. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva e Cunha não trazem o registro da forma lexical <i>faisqueira</i>. Ferreira registra na primeira acepção da entrada <i>faisqueira</i>: ‘lugar onde se acham faíscas’. Houaiss, por sua vez, registra <i>faisqueira</i> com a mesma acepção registrada por Ferreira, mas informa entre parênteses ser um termo referente ao campo <i>do garimpo</i>. Com relação à datação, Houaiss fixa a entrada <i>faisqueira</i> a partir de 1753. Talvez este fato explique porque não consta do dicionário Bluteau, mas não justifica o não registro em Moraes Silva, cuja edição é de 1813.</p> <p>Considerando os dados orais apresentados pelos informantes, observa-se que a unidade lexical <i>faisqueira</i>, mesmo lembrada apenas por dois informantes da faixa II, não é uma lexia utilizada em contexto de fala. Como a atividade de mineração deixou de existir há mais de séculos no município de Paranaguá, a forma lexical, consequentemente, também está deixando de ser lembrada e usada, conforme se constata nas respostas dos informantes. Portanto, considerando o contexto de uso do item lexical <i>faisqueira</i> com o sentido de ‘lugar onde se encontrava faísca de ouro’, configura-se um caso de desuso.</p>	

98. FIEL / DOC.47, fól.2r, l.31-34	
Acepção buscada	Pessoa provida em cargo público responsável em cobrar, guardar e receber dinheiro.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Ser fiel a uma pessoa. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Pessoa fiel a alguém. F1-M-EF: Uma pessoa fiel a outra, de confiança. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Fiel é uma pessoa que é comprometida, leal, tem um compromisso. F1-H-ES: Fiel da igreja membro de uma igreja, namorado fiel F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Ser fiel a alguém. F2-M-EP: Eu dou dízimo todo mês na igreja, daí eu sou fiel. F2-H-EF: Fiel é uma pessoa que acompanha as outras, ela é fiel. No porto tinha o cargo de fiel, seria o chefe de lá que tá fazendo as coisas, então ele é o fiel. F2-M-EF: Alguém que é muito amigo da gente, que você pode confiar. F2-H-EM: Termo ligado à religiosidade, Jesus é fiel. F2-M-EM: Quando um colega é fiel a nós. F2-H-ES: Fiel é você ser uma pessoa íntegra, correta, de confiança. Antigamente o meu pai era fiel de armazém, trabalhava no porto, hoje se diz conferente. F2-M-ES: Pode ser o fiel de armazém que é aquele que cuida, fiel de armazém teve muito, era o cara que cuidava do armazém, ele era responsável.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): FIEL. Offício da Camara de Barcellos. He o que serve de apontar os preços de pão, & vinho por todo o anno, & se fazem as liquidaçoens pelas certidoens, que passa, tiradas do livro, em que vay escrevendo, dandolhe por cada huma dous vintens.</p> <p>Moraes Silva (1813): FIÉL, s. m. O fiel de d'alguem; a pessoa de sua confiança, de quem se fia. §. <i>Fiel do Thesoureiro mor</i>: o que guarda, e recebe, e entrega dinheiros ás partes.</p> <p>Cunha (1997): <i>fiel</i> <i>adj.</i> 2g. 'seguro, leal, sólido' XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>fiel</i> 10. Ajudante de tesoureiro.</p> <p>Houaiss (2007): ¹<i>fiel</i> <i>datação</i> sXIII 14 Rubrica: termo de marinha: marinheiro ou outra praça encarregado de alguns serviços especiais, compartimentos ou materiais (fiel do navio, da aguada, do óleo, de mantimentos, do porão etc.).</p>

Analisando o contexto de uso da lexia *fiel*, constatou-se que: (i) dos treze informantes que reconheceram o item lexical em estudo, sete informantes (F1-H-EP, F1-H-EF e F1-M-EF, F1-H-EM / F2-H-EP, F2-M-EF e F2-M-EM) utilizaram a lexia *fiel* somente com o sentido de ‘aquele que é digno de confiança’; (ii) três informantes (F1-H-ES / F2-M-EP e F2-H-EM) empregaram *fiel* com o sentido relacionado ao campo *religioso*: ‘membro de uma igreja’; (iii) três informantes (F2-H-EF, F2-H-ES e F2-M-ES) mencionaram que antigamente existia o ‘cargo de fiel’. Os informantes F2-H-ES e F2-M-ES se recordaram do cargo ‘fiel de armazém’. A informante F2-M-ES, quando menciona ter havido ‘muito fiel de armazém’, subentende que hoje em dia este cargo não existe mais. Porém, analisando a resposta do informante F2-H-ES, este explica que o termo ‘fiel’ foi substituído pela variante lexical ‘conferente’. Já o informante F2-H-EF se recorda que no porto também havia o cargo de fiel, cuja função era semelhante à de um chefe. Quanto à acepção buscada ‘pessoa provida em cargo público responsável em cobrar, guardar e receber dinheiro’, não se sabe, pelas respostas desses informantes, se o cargo de fiel do porto era oferecido por meio de concurso ou não. Os lexicógrafos Bluteau, Morais Silva, Ferreira e Houaiss registraram as designações próximas ao conceito da acepção em estudo. Houaiss acrescenta ser essa acepção pertencente ao campo da *marinha*. Cunha registra apenas a designação ‘seguro, leal, sólido’ para a entrada *fiel*.

Levando em consideração os dados analisados, observa-se que os informantes da faixa I reconheceram o item lexical *fiel* somente com o sentido de ‘digno de confiança’ e ‘membro de uma igreja’. A lembrança da acepção documentada no *corpus* escrito permanece na memória de apenas três informantes da faixa II, porém, conforme assinala o informante F2-H-ES, o cargo de ‘fiel do porto’ foi substituído pela função de conferente, ou seja, deixou de existir, configurando, assim, um caso de **desuso** da lexia *fiel* com o sentido da acepção buscada.

99. FINTA / DOC.48, fól.1r, l.32-35

Acepção buscada	Tributo, imposto extraordinário.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Finta de futebol, driblar. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: A gente só ouve no futebol F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Finta no futebol , um drible.</p>

	<p>F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: É o futebol, fintar é jogo de corpo você engana que vai de um lado pro outro, sentido de enganar. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): FINTA. Tributo, que se paga ao Príncipe do rendimento da fazenda de cada subdito. Morais Silva (1813): FÍNTA, s. f. Tributo Real, pago do rendimento da fazenda de cada súbdito; de ordinário se impõe para obra pública. Cunha (1997): <i>finta sf.</i> ‘imposto extraordinário’ XIII. Ferreira (2004): <i>finta</i> 1. Contribuição extraordinária, ou encargo pecuniário. Houaiss (2007): ¹<i>finta</i> <i>datação</i> sXIV 1 tributo proporcional aos rendimentos de cada cidadão; derrama, imposto.</p>
<p>A lexia <i>finta</i> com a acepção buscada ‘tributo, imposto extraordinário’ não foi reconhecida por nenhum dos informantes entrevistados. Para quatro informantes (F1-H-EM e F1-H-ES / F2-H-EF e F2-H-ES) o item lexical <i>finta</i> é sinônimo de ‘driblar’. Na segunda entrada de <i>finta</i>, Cunha registra na primeira acepção: ‘ação que visa enganar ou ludibriar; logro’, e na segunda acepção registra <i>por extensão de sentido</i>, ‘driblar’ que passou a designar o conceito de ‘enganar’, em razão do movimento que o corpo do jogador de futebol faz para enganar seu adversário. Cunha traz a datação desta acepção a partir de 1958, portanto, parece tratar-se de uma forma inovadora no contexto de fala. As definições registradas pelos lexicógrafos evidenciam a mesma acepção buscada.</p> <p>A ausência de respostas por parte de doze informantes (seis da faixa I e seis da faixa II) indica ser esta unidade lexical pouco produtiva no contexto de fala dos entrevistados. Aparentemente, a forma lexical <i>finta</i>, com o sentido de ‘driblar’, presente nas respostas de dois informantes da faixa I e dois informantes da faixa II, possa ser um indício de que o item lexical <i>finta</i> continuará a existir nos registros orais. Portanto, como nenhum informante reconheceu nesta unidade lexical a acepção documentada no <i>corpus</i> escrito, presume-se ser um caso de desuso.</p>	

100. FOGO / DOC.19, fól.1r, l.15-19	
Acepção buscada	Casa, residência, família.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Fogo é fogo. F1-M-EP: Conheço só o fogo de queimar. F1-H-EF: Fogo, queimada. F1-M-EF: Fogo que queima.</p>

	<p>F1-H-EM: Fogo no sentido de queimar. F1-M-EM: Fogo de queimar. F1-H-ES: Fogo é fogo. F1-M-ES: Fogo de chama, queimar.</p> <p>F2-H-EP: Conheço fogo normal, que queima. F2-M-EP: As crianças são fogo, atentadas. F2-H-EF: Fogo é fogo mesmo, de incendiar. F2-M-EF: Chama, lavareda. F2-H-EM: O fogo aquece e muito mais. F2-M-EM: Sentido de queimar. F2-H-ES: Fogo é chama. Antigamente fogo era família, era uma casa, porque tinha um fogão dentro de casa, então representava uma residência. F2-M-ES: Fogo é incêndio.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): FOGO. Família. Villa, que tem cem, ou duzentos fogos.</p> <p>Morais Silva (1813): FÓGO, s. m. §. Casa, ou família.</p> <p>Cunha (1997): fogo <i>sf.</i> ‘desenvolvimento simultâneo de calor e luz produzido pela combustão de certos corpos’ ‘lume, incêndio’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): fogo 6. Residência de uma família; lar, casa.</p> <p>Houaiss (2007): fogo <i>datação</i> 994 6 casa de habitação; lar, residência.</p>
<p>Dentre as várias designações registradas nos dicionários para a entrada <i>fogo</i>, os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss trazem a mesma acepção documentada no <i>corpus</i> escrito: ‘casa, residência, família’. Para o lema <i>fogo</i>, Cunha registra as seguintes designações: ‘calor’, ‘luz’, ‘combustão’, ‘lume’ e ‘incêndio’, evidenciando o mesmo sentido atribuído pelos informantes de Paranaguá. Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>fogo</i> e o conceito empregado pelos informantes, constata-se que, das dezesseis respostas, quinze informantes atribuíram à lexia <i>fogo</i> as designações: ‘chama’, ‘queimada’, ‘incêndio’, ‘labareda’. Quanto à acepção buscada, somente o informante F2-H-ES mencionou ser de uso antigo: ‘<u>Antigamente fogo era família, era uma casa, porque tinha um fogão dentro de casa, então representava uma residência</u>’. Já a informante F2-M-EP utilizou a unidade lexical <i>fogo</i> no sentido <i>figurado</i>: ‘<u>As crianças são fogo, atentadas</u>’. Esta acepção para a unidade lexical <i>fogo</i> não se encontra lexicalizada nos dicionários pesquisados.</p> <p>Considerando os dados analisados, constata-se que o item lexical <i>fogo</i> com o sentido da acepção em estudo foi apenas lembrado por um informante da faixa II, como uma acepção que não se usa mais, apontando, assim, um caso de desuso.</p>	

101. FORTUNA / DOC.10, f6l.1v, l.15-18	
Acepção buscada	Sorte, fado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Fortuna é quando você pega muito dinheiro. F1-M-EP: Fortuna é o que alguém recebe de outra que morreu. F1-H-EF: Relacionado a dinheiro: ganhei uma fortuna ou paguei uma fortuna por aquilo. F1-M-EF: Quem ganha na mega sena, ganha uma fortuna. F1-H-EM: Sentido de riqueza. F1-M-EM: Pessoa que é rica. F1-H-ES: Afortunado. F1-M-ES: De dinheiro.</p> <p>F2-H-EP: O cara tem muita fortuna, é rico. F2-M-EP: Quando você tem muito dinheiro, tem uma fortuna. F2-H-EF: Dinheiro, e também afortunado é a pessoa que se dá bem em alguma coisa, sempre dá certo as coisas, é afortunado no caso e tem a fortuna. F2-M-EF: É grana. F2-H-EM: Tem muito dinheiro. F2-M-EM: A pessoa ganhou uma fortuna, dinheiro. F2-H-ES: Dinheiro. F2-M-ES: É você correr atrás do seu trabalho, pra fazer sua fortuna.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): FORTUNA. Fabulosa Deidade, que os Antigos adoravaõ como causa de todos os acontecimentos prosperos, & adversos.</p> <p>Morais Silva (1813): FORTUNA, s. f. Sorte, destino, dita, ventura, boa ou má, felicidade ou desgraça, sucesso bom ou máo; de ordinario se toma por boa fortuna.</p> <p>Cunha (1997): <i>fortuna</i> <i>sf.</i> ‘sucesso, imprevisto, ventura, revés da sorte’ XV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>fortuna</i> 2. Destino, fado, sorte.</p> <p>Houaiss (2007): <i>fortuna</i> <i>datação</i> sXIV 3 destino, fado. 4 boa sorte; felicidade, ventura; êxito.</p>
<p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>fortuna</i>, verifica-se ser bastante produtiva na fala dos informantes parnanguaras. No entanto, dos dezesseis entrevistados, doze informantes (cinco da faixa I e sete da faixa II) utilizam o item lexical <i>fortuna</i> apenas com o sentido de ‘ter dinheiro’, ‘ganhar dinheiro’. Dois informantes F1-H-EM e F1-M-EM atribuíram à lexia <i>fortuna</i> os valores de ‘riqueza’, ‘pessoa rica’. Dentre as várias designações para a entrada <i>rico</i>, Houaiss registra na primeira acepção: ‘que ou aquele que possui muitos bens, muito dinheiro e/ou muitas coisas de valor’. Para os informantes (F1-</p>	

H-ES / F2-H-EF) *fortuna* é sinônimo de ‘afortunado’, que significa segundo Houaiss: ‘que ou quem foi abençoado com a boa sorte, êxito, felicidade, abundância; bem-aventurado’.

Partindo desta reflexão, constata-se que a acepção documentada no *corpus* escrito para a unidade lexical *fortuna* não se encontra mais nos registros orais dos informantes parnanguaras. Dessa forma, configura um caso de **desuso**.

102. HABITADOR / DOC.10, fól.1r, l.24-27

Acepção buscada	Habitante, morador.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Falo só habitante. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Conheço só habitante. F1-M-EF: Pessoa que habita, que mora num lugar. F1-H-EM: Conheço só habitante. F1-M-EM: De habitar, morador. F1-H-EP: NSR. F1-M-ES: Morador.</p> <p>F2-H-EP: Eu falo só habitante. F2-M-EP: Quando você é habitador de um lugar, mora lá. F2-H-EF: É morador. F2-M-EF: Habitador é alguém que monta uma vila pequena e vai fazendo suas casinhas, habitando ali. F2-H-EM: Aquele que habita em algum lugar. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: É quando você tá num lugar onde você habita, eu habito ali. No sentido de morador.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): HABITADOR. <i>Vid.</i> Morador. Morais Silva (1813): HABITADÔR, s. m. O que habita algum lugar. Cunha (1997): <i>habitar</i> vb. ‘ocupar como morada, residir ou viver em’ habitador XVI. Ferreira (2004): <i>habitador</i> 1. P. us. V. <i>habitante</i>. [habitante 1. Que ou quem reside habitualmente num lugar]. Houaiss (2007): <i>habitador</i> <i>datação</i> 1553 Estatística: pouco usado: m.q. <i>habitante</i>. [habitante que ou o que habita, reside ou vive em determinado lugar; residente].</p>

Analisando o contexto de utilização da lexia *habitador* pelos informantes de Paranaguá, constata-se que sua ocorrência é bastante produtiva, pois, do total de dezesseis

entrevistados, apenas quatro (dois da faixa I e dois da faixa II) disseram não conhecer a forma lexical *habitador*. Quanto à acepção buscada ‘habitante, morador’, oito informantes (F1-M-EF, F1-M-EM e F1-M-ES / F2-M-EP, F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM e F2-M-ES) atribuíram à lexia *habitador* esse mesmo conceito, enquanto outros quatro informantes (F1-H-EP, F1-H-EF e F1-H-EM / F2-H-EP) disseram empregar somente o item lexical *habitante*. O lexicógrafo Bluteau, na entrada *habitador*, remete o consulente à variante *morador*. Ferreira e Houaiss registraram a entrada *habitador* marcando-a como um termo *pouco usado* e remetem o consulente à variante lexical *habitante*.

Verificando o contexto de uso da unidade lexical *habitador* na fala dos entrevistados, dados apontam indícios da substituição da lexia *habitador* pela variante lexical *habitante*. Porém, no estágio atual de variação, o item lexical *habitador* ainda representa maior ocorrência na fala dos entrevistados, revelando, assim, **tendência à manutenção**.

103. IMINENTE / DOC.33, fól.1r, l.13-16

Acepção buscada	Prestes a acontecer.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Conheço perigo iminente. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Que tá prestes a acontecer no caso, tá na iminência de acontecer. F2-M-EF: Alguém importante. F2-H-EM: Aquilo que tá por vir, por acontecer. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: O que vai acontecer. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): IMMINENTE, ou Iminente, ou (como outros dizem) Eminente. O que brevemente há de suceder.</p> <p>Morais Silva (1813): IMMINÈNTE, V. <i>Eminente</i>. §. <i>Perigo imminente</i>; instante, que está sobrevindo.</p> <p>Cunha (1997): <i>iminente</i> <i>adj.</i> 2g. ‘que está por acontecer, pedente’ <i>iminente</i> XVII.</p>

	<p>Ferreira (2004): iminente 1. Que ameaça acontecer breve; que está sobranceiro; que está em via de efetivação imediata; impendente.</p> <p>Houaiss (2007): iminente <i>datação</i> 1541 que ameaça se concretizar, que está a ponto de acontecer; próximo, imediato.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>iminente</i>, constata-se baixa ocorrência por parte dos entrevistados de Paranaguá. Dos dezesseis informantes, cinco reconhecem o item lexical em estudo, mas apenas três informantes F2-H-EF, F2-H-EM e F2-H-ES empregaram <i>iminente</i> com a mesma acepção buscada, ‘prestes a acontecer’. Quanto aos outros significados, para a informante F2-M-EF, <i>iminente</i> é sinônimo de ‘alguém importante’. Provavelmente, esta informante tenha associado o parônimo <i>eminente</i>, cujo significado é ‘que é superior aos demais; excelente’, com a forma lexical <i>iminente</i> devido à semelhança entre essas formas lexicais. Por conseguinte, <i>eminente</i> provém do lat. <i>ēmīnēns –entis</i>, enquanto que <i>iminente</i> provém do lat. <i>immīnens –entis</i>. O informante F1-H-ES respondeu de forma genérica: ‘conheço perigo iminente’, sem detalhar qual seria o significado <i>iminente</i>. Os lexicógrafos registram a acepção da entrada <i>iminente</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo.</p> <p>Considerando aos dados analisados, verifica-se que a unidade lexical <i>iminente</i> com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito, não ocorreu na fala de nenhum dos informantes da faixa I, somente nas respostas de três informantes da faixa II. Dessa forma, revela tendência ao desuso.</p>	

104. INCONVENIENTE / DOC.08, fól.1r, l.07-10	
Acepção buscada	Dificuldade em executar algo.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: É uma pessoa chata.</p> <p>F1-M-EF: Inconveniente é uma pessoa insuportável.</p> <p>F1-H-EM: Uma pessoa inconveniente no caso de só falar o que não deve.</p> <p>F1-M-EM: A gente tá conversando aqui, vem alguém e para a conversa, essa pessoa é inconveniente.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: Eu sei no sentido: não vou fazer aquilo que é inconveniente, que é difícil, é complicado de se fazer.</p> <p>F2-H-EP: Quando uma pessoa é inconveniente.</p> <p>F2-M-EP: Quando você não faz seu serviço certo, você é inconveniente.</p> <p>F2-H-EF: Inconveniente é uma coisa que não convém ou uma pessoa que é inconveniente também.</p>

	<p>F2-M-EF: É alguém chato que incomoda você.</p> <p>F2-H-EM: Quando você vai a uma festa sem ser convidado, você é inconveniente.</p> <p>F2-M-EM: Inconveniente é uma pessoa que se mete onde não é chamada.</p> <p>F2-H-ES: Inconveniente é aquele que é chato, que fala na hora que não deve.</p> <p>F2-M-ES: Inconveniente é uma pessoa que vem sempre numa hora errada, num momento que você não espera.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): INCONVENIENTE. Dificuldade, que impede a execução de hum negocio. Obstaculo a algum intento.</p> <p>Morais Silva (1813): INCONVENIENTE, s. m. Obstaculo, estorvo, que desvia o exito de alguma negociação, obra, trabalho, negocio.</p> <p>Cunha (1997): <i>convir</i> vb. ‘concordar, admitir’ <i>inconveniente</i> XV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>inconveniente</i> 7. Obstáculo, incômodo, objeção, estorvo, transtorno, embaraço.</p> <p>Houaiss (2007): <i>inconveniente</i> <i>datação</i> sXV 2 acontecimento desagradável ou inesperado, que importuna, incomoda, estorva; dificuldade, obstáculo, objeção, embaraço.</p>
<p>As designações registradas pelos lexicógrafos, com exceção de Cunha, referem-se à mesma acepção buscada para a unidade lexical <i>inconveniente</i>: ‘dificuldade em executar algo’. Analisando o contexto de uso da lexia <i>inconveniente</i> na fala dos entrevistados, constata-se ser um item lexical bastante produtivo, pois, dos dezesseis entrevistados, apenas três informantes (três da faixa I) disseram não conhecer a forma lexical <i>inconveniente</i>. Quanto à acepção em estudo, somente uma informante (F2-M-ES) reconheceu a lexia com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito. O item lexical <i>inconveniente</i> empregado com o sentido de ‘pessoa chata’, ‘pessoa insuportável’, ‘aquele que fala demais’, ‘aquele que atrapalha’, ‘alguém que incomoda’, esteve presente no contexto de fala de doze informantes (quatro da faixa I e oito da faixa II). Estas designações encontram-se registrados em Houaiss na quarta acepção: ‘que ou quem fala ou age de forma inconveniente; que ou quem tem comportamento contrário às conveniências’. O informante F2-H-EF, além de utilizar a lexia <i>inconveniente</i> com o valor de adjetivo ‘<i>pessoa inconveniente</i>’, atribui também o sentido de ‘uma coisa que não convém’. Esta definição encontra-se registrada em Houaiss na primeira acepção: ‘que não traz vantagem, que não é útil, proveitoso; desvantajoso’.</p> <p>Considerando a baixa ocorrência da unidade lexical <i>inconveniente</i> com o sentido da acepção investigada, presente apenas na fala de um informante da faixa I, presume tratar-se de um caso de <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

105. INCUMBÊNCIA / DOC.22, fól.1v, l.03-05	
Acepção buscada:	Obrigação imposta.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Sentido de estar incumbido de fazer alguma coisa, como se fosse uma obrigação, tá com a responsabilidade. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: É que tá encarregado de fazer alguma coisa, tá incumbido. F2-M-EF: É quando alguém me incumbiu de fazer tal tarefa. F2-H-EM: Incumbência é quando te manda fazer alguma tarefa. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: O que você deve fazer, é sua incumbência. F2-M-ES: É você incumbir alguém de alguma coisa, impor um dever.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): INCUMBENCIA. Encargo. Obrigação de ofício. Tenho esta incumbencia.</p> <p>Morais Silva (1813): INCUMBÊNCIA, s. f. Encargo, obrigação imposta de fazer alguma coisa.</p> <p>Cunha (1997): <i>incumbir</i> vb. ‘encarregar, cometer, confiar’ incumbência 1844.</p> <p>Ferreira (2004): incumbência 1. Ato ou efeito de incumbir(-se); encargo.</p> <p>Houaiss (2007): incumbência <i>datação</i> 1724 1.1 aquilo de que se é incumbido, encarregado; encargo, missão.</p>
<p>A entrada <i>incumbência</i> está registrada por Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘obrigação imposta’. As definições empregadas pelos seis informantes (F1-H-ES / F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) evidenciam o mesmo sentido registrado no <i>corpus</i> escrito. No entanto, nota-se baixa ocorrência da lexia <i>incumbência</i> em contexto de fala dos informantes. Dos dezesseis entrevistados, dez informantes (sete da faixa I e três da faixa II) disseram não conhecer a lexia <i>incumbência</i>. Dos informantes que reconheceram com o mesmo sentido da acepção investigada, seis informantes são da faixa II e apenas um da faixa I. Portanto,</p> <p>..</p>	

levando em consideração esses dados apresentados, supõe-se que *incumbência* apresenta **tendência ao desuso**.

106. LAVRA / DOC.22, fól.1r, l.28-29	
Acepção buscada	Terreno de mineração.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Conheço só o lavrador. F1-M-EF: Quando tá pegando fogo na roça, tem lavra de fogo. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Tá queimando, tocaram fogo na roça, aí tem uma lavra de fogo. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Lavra aqui é o negócio do peixe, tirar a lavra do peixe. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: É trabalho. F2-M-EF: Lavra seria montar um documento. F2-H-EM: Sentido de arar a terra. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Trabalho, lavrar, virar a terra, de arar. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): LAVRA, ou Lavoura. O cultivar, o lavrar a terra. Morais Silva (1813): LAVRA, s. f. A terra que se lava. §. O trabalho de minar a terra, para extrair metáes. Cunha (1997): labor, lavor <i>sm.</i> ‘trabalho, faina’ lavra XIV. Ferreira (2004): lavra 3. Bras. Terreno de mineração; lugar onde se extrai ouro ou diamante. Houaiss (2007): 1lavra <i>datação</i> 1366 2.2 Derivação: por metonímia. Rubrica: mineralogia. Regionalismo: Brasil: local de onde se extrai metal ou pedras preciosas; terreno de mineração.</p>
<p>Da lexia <i>lavra</i> buscou-se a acepção ‘terreno de mineração’ presente no <i>corpus</i> escrito. A acepção buscada encontra-se registrada em Moraes Silva, na segunda acepção: ‘trabalho de minar a terra, para extrair metáes’. Ferreira a classifica na terceira acepção como um <i>brasileirismo</i>: ‘terreno de mineração’. E Houaiss classifica esta mesma acepção como <i>regionalismo do Brasil</i> pertencente ao campo da <i>mineralogia</i>. Analisando o contexto de uso da lexia <i>lavra</i> com as respostas dos informantes de Paranaguá, verifica-se que a</p>	

acepção ‘terreno de mineração’ não ocorreu na fala de nenhum dos informantes. Os registros orais apontam variação entre cinco significados: (i) ‘trabalhar/arar a terra’, (ii) ‘lavra de fogo’, (iii) ‘lavrador’, (iv) ‘lavar um documento’, e (v) ‘lavra do peixe’. Três informantes (F2-H-EF, F2-H-EM e F2-H-ES) utilizaram a primeira designação. Em Bluteau encontra-se o registro da entrada *lavra* como sinônimo de *lavoura*, ‘onde se cultiva e lavra a terra’. Dois informantes (F1-M-EF e F1-H-ES) empregaram a segunda designação: ‘lavra de fogo’. Provavelmente esses informantes tenham associado o parônimo *lavra* com *lava*, devido à semelhança entre essas formas lexicais. Já no caso do emprego de *lava* para denominar ‘lava de fogo’ quando há ‘fogo na roça’, parece ter sido motivado por um processo metonímico, onde ocorre a associação dos semas: ‘fogo’, ‘chama’, ‘ardor’ e ‘calor’. O informante F1-H-EF disse conhecer somente o item lexical *lavrador* referente ao campo semântico *terra/roça*. A informante F2-M-EF empregou *lavra* no sentido de ‘lavar um documento’. Esta acepção encontra-se registrada nos dicionários pesquisados. Já o informante F2-H-EP afirmou que ‘*lavra aqui é o negócio do peixe, tirar a lavra do peixe*’. Esta designação não consta do registro de nenhum dos dicionários pesquisados.

Analisando os dados orais, percebe-se que a unidade lexical *lavra* foi reconhecida pela metade dos entrevistados em contexto de uso com significados distintos. Possivelmente, a lexia *lavra* com o sentido de ‘terreno de mineração’ tenha deixado de ser usada, por não haver mais em Paranaguá a extração de ouro (desde o século XVII). Portanto, o item lexical *lavra* com o sentido de ‘terreno de mineração’ provavelmente tenha caído em desuso.

107. LÉGUA / DOC.10, fól.1r, l.25-29

Acepção buscada	Antiga unidade brasileira de medida itinerária.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Conheço só a bota sete léguas. F1-M-EF: No sítio o pessoal fala: andar muitas léguas, quer dizer muitos quilômetros. F1-H-EM: Conheço como um tipo de medida. F1-M-EM: Sentido de muito longe. F1-H-ES: Distância. F1-M-ES: Andar mil léguas.</p> <p>F2-H-EP: É uma medida, daqui no compadre tem tantas léguas de comprimento. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Distância de um lugar pro outro, isso é mais no sítio, Morretes tá a tantas léguas daqui, se falava assim antigamente.</p>

	<p>F2-M-EF: Léguas também é medição.</p> <p>F2-H-EM: Caminhei tantas léguas.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Léguas é medida, que tem mudança de um lugar pra outro.</p> <p>F2-M-ES: Léguas é caminhar bastante, quilômetros.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): LEGOA, no Grego quer dizer <i>Branca</i>; e antigamente com pedras brancas se marcavaõ as distancias de hum lugar a outro.</p> <p>Morais Silva (1813): LÈGOA, s. f. Medida itineraria, que contém 3.755 passos geometricos.</p> <p>Cunha (1997): léguas <i>sf.</i> ‘medida itinerária’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): léguas 1. Antiga unidade brasileira de medida itinerária, equivalente a 3.000 braças, ou seja, 6.600m; léguas brasileira.</p> <p>Houaiss (2007): léguas <i>datação</i> sXIII 1 Rubrica: metrologia: medida de distância em vigor antes da adoção do sistema métrico, cujo valor varia de acordo com a época, país ou região; no Brasil, vale proximadamente 6.600 m, em Portugal, 5.572 m.</p>
<p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>léguas</i> pelos informantes de Paranaguá, constata-se que sua ocorrência é bastante produtiva, pois, do total de dezesseis entrevistados, apenas quatro (dois da faixa I e dois da faixa II) disseram não conhecer a lexia em questão. Quanto à aceção buscada ‘antiga unidade brasileira de medida itinerária’, dez informantes (cinco da faixa I: F1-M-EF, F1-H-EM, F1-M-EM, F1-H-ES e F1-M-ES / cinco da faixa II: F2-H-EP, F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) atribuíram à lexia <i>léguas</i> designações próximas da aceção buscada: ‘andar muitas léguas’, ‘léguas de comprimento’, ‘distância de um lugar para outro’, ‘caminhar bastante’, ‘tipo de medida’, ‘muitos quilômetros’ e ‘muito longe’. Apenas o informante F1-H-EF associou, por meio do <i>processo metonímico</i>, a marca da bota ‘sete léguas’ com o item lexical <i>léguas</i>. Analisando as respostas desses dois informantes: F1-M-EF: ‘<i>No sítio o pessoal fala: andar muitas léguas, quer dizer muitos quilômetros</i>’ e F2-H-EF: ‘<i>Distância de um lugar pro outro, isso é mais no sítio. Morretes tá a tantas léguas daqui, se falava assim antigamente</i>’, supõe-se ser o item lexical <i>léguas</i> uma marca dialetal de pessoas que habitam no meio rural. Entretanto, essa informação não se encontra registrada por nenhum dos dicionários pesquisados. As designações registradas pelos lexicógrafos evidenciam o mesmo sentido da aceção buscada. Ainda segundo Houaiss, essa aceção refere-se ao campo da <i>metrologia</i>.</p> <p>Portanto, verificando o contexto de uso da unidade lexical <i>léguas</i> na fala dos entrevistados, dados apontam indícios de tendência à manutenção, com relação ao sentido da aceção em estudo.</p>	

108. LETRA / DOC.15, fól.1r, l.07-09	
Acepção buscada	Documento, carta.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: De escrever. F1-M-EP: Escrever uma letra bonita. F1-H-EF: Quando vou conversar com alguém, vou trocar uma letra. F1-M-EF: Escrever. F1-H-EM: Letra de alfabeto, de texto, de música. F1-M-EM: Letra de escrever. F1-H-ES: Escrita. F1-M-ES: Letra de documento ninguém fala aqui.</p> <p>F2-H-EP: Letra é documento, faz um documento, eu faço uma letra. F2-M-EP: Só sei letra de algarismo. F2-H-EF: Conheço só a letra da escrita. F2-M-EF: Letra de caligrafia. F2-H-EM: Letra de escrever. F2-M-EM: Letra é a escrita, letra boa. F2-H-ES: Letra alfabeto ou então letra como título bancário, empréstimo. F2-M-ES: Letra é a escrita.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): LETRA. Modo de escrever, & caracter proprio, & particular de qualquer pessoa.</p> <p>Morais Silva (1813): LETTRA, s. f. Caracter de mão, ou tipo, que representa as vogáes, ou sons.</p> <p>Cunha (1997): <i>letra sf.</i> ‘carta’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>letra</i> 8. Econ. Título da dívida pública.</p> <p>Houaiss (2007): ¹<i>letra</i> <i>datação</i> sXIII 12 Uso: informal. Diacronismo: antigo: carta, missiva, epístola.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>letra</i> na fala dos entrevistados, constata-se ser um item lexical bastante produtivo. Dos dezesseis entrevistados, todos reconhecem a unidade lexical, porém com sentidos diversos. A acepção em estudo foi empregada somente pelo informante F2-H-EP. A maioria dos informantes (seis da faixa I e sete da faixa II) atribuiu ao item lexical <i>letra</i> o sentido de ‘ato de escrever’, ‘letra do alfabeto’ e ‘escrita’. Esta acepção encontra-se registrada por Bluteau e Moraes Silva. Já os informantes (F1-H-EM / F2-H-ES), além de atribuírem o significado ‘letra de alfabeto’, acrescentaram ‘letra de música’ e ‘letra como um título bancário, empréstimo’. Esta última designação encontra-se registrada em Ferreira, na oitava acepção referente ao campo da <i>economia</i>. O informante F1-H-EF informou ser <i>letra</i> sinônimo de um ‘bate-papo’: ‘quando vou conversar com alguém, vou trocar uma letra’. Esta acepção não se encontra registrada por nenhum dos dicionaristas pesquisados. Com relação à acepção</p>	

buscada, Cunha registra a designação ‘carta’ para a entrada *letra*, e Houaiss, por sua vez, a classifica como um *diacronismo antigo* de *uso informal*, na acepção de ‘carta, missiva, epístola’.

Analisando o contexto de uso da unidade lexical *letra* com o sentido da acepção investigada, constata-se somente uma ocorrência na fala do informante F2-H-ES. Esta constatação vem, de certa forma, corroborar a resposta da informante F1-M-ES: ‘*Letra de documento ninguém fala aqui*’. Portanto, presume-se neste contexto de utilização **tendência ao desuso**.

109. LIBRA / DOC.42, fól.1r, l.14-16	
Acepção buscada	Medida de peso.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Conheço como uma comunicação por gesto e também como uma moeda da Inglaterra. F1-M-EM: Libra de sinais. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Libra é dinheiro porque antigamente se falava assim: pô, você tem bastante libra! Com sentido de dinheiro. F2-H-EF: Libra seria a libra em dinheiro. Medida também é libra: tantas libras. E tem a libra de falar em libras. F2-M-EF: É dinheiro. F2-H-EM: Moeda. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Libra é moeda. F2-M-ES: Libra é dinheiro.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): LIBRA, ou Livra. Antigamente entre Romanos era moeda de doze onças de peso, & valor. He a moeda mais antiga de que se achão memorias, como se veda Ordenação velha livro.</p> <p>Morais Silva (1813): LIBRA, s. f. Peso de doze onças dos Boticarios.</p> <p>Cunha (1997): <i>libra</i> <i>sf.</i> ‘peso, moeda’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>libra</i> Unidade de medida de massa, igual a 0,45359237kg, utilizada no sistema inglês de pesos e medidas; libra-massa.</p>

	Houaiss (2007): libra <i>datação sXIII 1</i> Rubrica: física, metrologia. unidade de massa utilizada no sistema inglês de pesos e medidas equivalente a 0,4535923 quilogramas; libra-massa.
<p>A única ocorrência da acepção ‘medida de peso’ para o item lexical <i>libra</i> foi mencionada na resposta do informante F2-H-EF: ‘<i>Libra seria a libra em dinheiro. Medida também é libra: tantas libras. E tem a libra de falar em libras</i>’. Outros cinco informantes da faixa II (F2-M-EP, F2-M-EF, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) atribuíram o sentido de ‘moeda’, ‘dinheiro’. Esta acepção encontra-se na entrada <i>libra</i> lexicalizada em Bluteau, Morais Silva e Cunha. Com relação ainda ao sentido monetário, o informante F1-H-EM conhece <i>libra</i> como ‘moeda específica da Inglaterra’. Dois informantes (F1-H-EM e F1-M-EM) associaram a forma lexical ‘<i>libra</i>’ à sigla <i>Libras</i> (língua brasileira de sinais), por serem itens lexicais parônimos. Os lexicógrafos Ferreira e Houaiss definem o termo <i>libra</i> como ‘unidade de medida/massa utilizada no sistema inglês de pesos e medidas’. O último dicionarista assinala que esta acepção pertencente ao campo da <i>física, metrologia</i>.</p> <p>Analizando o contexto de uso da unidade lexical <i>libra</i> com o sentido específico de ‘medida de peso’, constata-se sua menção pelo informante da faixa II, dentre vários outros significados atribuídos por ele. Dos oito informantes da faixa I, apenas dois reconheceram a lexia <i>libra</i>, mas com significados diferentes. Conjectura-se, portanto, indícios de tendência ao desuso.</p>	

110. LONGES / DOC.17, fól.1r, l.15-17	
Acepção buscada	Grande distância.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Longes quando uma pessoa tá distante. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Tá distante. F1-M-EF: É tá distante de alguém. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Longes pra nós aqui é distância. F2-M-EP: Longes é distância. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: Longes seria o povo muito antigo. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: De longe, distância. F2-M-ES: Longes é quando você está distante.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): LONGE. O contrario de perto.</p> <p>Morais Silva (1813): L'ONGES, s. m. pl. Na pintura, os objetos, que por meyo da perspectiva se representão no painel distantes da vista.</p> <p>Cunha (1997): <i>longo</i> <i>adj.</i> <i>longe</i> <i>adj. adv.</i> 'distante, afastado' 'a grande distância' XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>longes</i> 3. Grandes distâncias de tempo ou de espaço.</p> <p>Houaiss (2007): <i>longe</i> <i>datação</i> 1258 5 Derivação: por analogia: afastado no tempo, distante de determinado momento (freq. us. no pl.)</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>longes</i> constata-se que, dos dezesseis entrevistados, a metade a utiliza em seu contexto de fala. Apenas uma informante (F2-M-EF) associou o item lexical <i>longes</i> ao 'povo muito antigo'. Os demais informantes (três da faixa I: F1-H-EP, F1-H-EF e, F1-M-EF / quatro da faixa II: F2-H-EP, F2-M-EP, F2-H-ES, F2-M-ES) empregaram <i>longes</i> no sentido de 'estar distante' e 'distância', evidenciando, assim, o sentido documentado no <i>corpus</i> escrito. Os lexicógrafos Moraes Silva e Ferreira registraram também a mesma definição em estudo para a entrada <i>longes</i> e Bluteau, Cunha e Houaiss, <i>longe</i>. Houaiss, apesar de registrar a entrada <i>longe</i> no singular, informa entre parênteses ser comum o emprego desta lexia no plural para designar a acepção em questão.</p> <p>Dessa forma, o emprego da unidade lexical <i>longes</i>, presente na fala de sete informantes (três da faixa I e quatro da faixa II), referente à acepção em estudo, apresenta <u>tendência à manutenção</u>.</p>	

111. MANTIMENTO / DOC.47, fól.2r, l.28-30	
Acepção buscada	Alimento para sustento próprio.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Mantimento é tipo alimento.</p> <p>F1-M-EP: Mantimento é comida, alimento.</p> <p>F1-H-EF: É alimento.</p> <p>F1-M-EF: Comida é mantimento.</p> <p>F1-H-EM: É comida.</p> <p>F1-M-EM: Mantimento é fazer um estoque de alimento.</p> <p>F1-H-ES: De comida, alimento.</p> <p>F1-M-ES: De alimento.</p> <p>F2-H-EP: É mantimento a gente usa em casa, faltou tal coisa, estamos sem mantimento, sem alimento.</p> <p>F2-M-EP: Mantimento é comida.</p> <p>F2-H-EF: É comida, mais na matéria de se manter.</p> <p>F2-M-EF: Mantimento é comida, arroz, feijão essas coisas.</p> <p>F2-H-EM: Sentido de estocar alimento.</p>

	<p>F2-M-EM: As pessoas do sítio vão até a cidade comprar mantimentos, comida.</p> <p>F2-H-ES: Mantimento é comida.</p> <p>F2-M-ES: É alimentação.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): MANTIMENTO, ou mantimentos. Alimentos necesarios para o sustento da vida.</p> <p>Morais Silva (1813): MANTIMENTO, s. m. Os comeres, víveres, virtualhas, alimento.</p> <p>Cunha (1997): <i>manter</i> vb. ‘sustentar, prover do que é necessário à subsistência, conservar’ mantimento XIV.</p> <p>Ferreira (2004): mantimento 2. V. <i>manutenção</i>. [manutenção 1. Aquilo que mantém ou sustenta; sustento, alimento, mantimento].</p> <p>Houaiss (2007): mantimento <i>datação</i> 1365 1 conjunto de gêneros alimentícios; víveres.</p>
<p>As definições apresentadas pelos lexicógrafos evidenciam o sentido próximo da acepção buscada ‘alimento para sustento próprio’. Ferreira registra a entrada <i>mantimento</i> remetendo o consulente à variante lexical <i>manutenção</i>. Analisando o contexto de uso da lexia <i>mantimento</i> por parte dos informantes parnanguaras, constata-se ser um item lexical bastante produtivo. Quinze informantes reconhecem o sentido de ‘alimento’, ‘comida’ para a unidade lexical <i>mantimento</i>. Apenas o informante F2-H-EM associou <i>mantimento</i> com o sentido de ‘estocar alimento’, os demais informantes a empregaram com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p> <p>Analisando o contexto de uso desta unidade lexical com as respostas dos informantes, verifica-se que a acepção buscada é bastante produtiva na fala dos entrevistados, supondo tratar-se, então, de um caso de <u>manutenção</u>.</p>	

112. MEIRINHO / DOC.40, fól.1r, l.08-11	
Acepção buscada	Funcionário judicial.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: NSR.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p>

	<p>F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Meirinho é o auxiliar do juiz. O meirinho é obrigado a fazer a abertura do julgamento, indo lá e gritando “processo tal, contra fulano de tal, nos autos tal, começa agora com a juíza tal etc.. O meirinho faz isso aí. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): MEIRINHO. Homem que tem mayoria, & poder para administrar, & fazer justiça em alguma Villa, ou terra, etc. Meirinho do Alcaide, que o acompanha, & ajuda a executar actos de justiça.</p> <p>Morais Silva (1813): MEIRÍNHO, s. m. Official da Justiça, que prende, cita, penhora, e executa outros mandados judiciais; é official de Ouvidores; Corregedores, Provedores; e dos Vigarios Geraes.</p> <p>Cunha (1997): <i>meirinho</i> <i>sm.</i> ‘antigo funcionário judicial correspondente ao official de diligências atual’ XV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>meirinho</i>¹ 1. Antigo funcionário judicial, correspondente ao official de justiça de hoje.</p> <p>Houaiss (2007): ¹<i>meirinho</i> <i>datação</i> 1272 1 Diacronismo: antigo: funcionário da justiça.</p>
<p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>meirinho</i>, constata-se que este item lexical foi reconhecido apenas pelo informante F2-H-ES. Segundo este informante, ‘<i>meirinho é o auxiliar do juiz. O meirinho é obrigado a fazer a abertura do julgamento, indo lá e gritando “processo tal, contra fulano de tal, nos autos tal, começa agora com a juíza tal etc. O meirinho faz isso aí</i>’. Verifica-se, por meio do exemplo dado por este informante, que o sentido atribuído hoje para a unidade lexical <i>meirinho</i> não corresponde ao sentido empregado no <i>corpus</i> escrito. Nota-se que a relação ainda existente entre as duas acepções (‘funcionário judicial’ e ‘auxiliar de juiz’) encontra-se no campo <i>jurídico</i>. Os lexicógrafos registraram a mesma acepção em estudo: ‘funcionário judicial’. Houaiss traz a marca de <i>diacronismo antigo</i> para esta acepção.</p> <p>Levando em consideração a não resposta de quinze informantes e nenhuma ocorrência da acepção documentada no <i>corpus</i> escrito por parte dos informantes parnanguaras, supõe-se que a unidade lexical tenha caído em desuso.</p>	

113. MERCÊ / FAZER MERCÊ / DOC.16, fôl.1r, l.03-05

Acepção buscada	Conceder benefício.
-----------------	---------------------

<p>Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes</p>	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: Você está a mercê de alguém. Quando você está na mão de alguém. F1-H-EM: Conheço como ficou a mercê de fulano, como se ficasse dependendo. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Tá jogando baralho, tá a mercê, tá se arriscando, está sujeito a alguma coisa. F1-M-ES: Estou a sua mercê.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Antigamente se falava mercê, hoje não fala mais. F2-H-EF: Mercê é estar a mercê de alguma coisa. F2-M-EF: Fico a mercê da decisão de alguém. F2-H-EM: Quando a gente vai na casa dos parentes, a gente fica a mercê deles. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Estar a mercê ou estar a disposição. F2-M-ES: Mercê eu acho, isso tá tudo a mercê, ninguém liga pra isso daí, tá jogado, tá a mercê mesmo, quer levar, pode leva, ninguém quer mesmo.</p>
<p>Acepções registradas nos dicionários</p>	<p>Bluteau (1712-1728): MERCÈ. Na língua portuguesa não se costuma nesta significação de salario, premio, remuneração, senão de graça, ou benefício, como os que Deos faz às suas criaturas, ou os senhores aos seus criados. Fazer mercê a alguem de algũa cousa.</p> <p>Morais Silva (1813): MERCÈ, s. f. Graça, benefício, dom gratuito; obra, acção por bemfeitoria.</p> <p>Cunha (1997): <i>mercê sf.</i> ‘graça, benefício, proteção’ XIII, <i>mercee</i> XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>mercê</i> 2. Favor, graça, benefício.</p> <p>Houaiss (2007): <i>mercê datação</i> 1269 2 favor, gosto, graça, benefício que alguém faz ou concede a outro.</p>
<p>Analisando as respostas dos informantes parnanguaras, constata-se que a lexia <i>mercê</i> é empregada como locução verbal: ‘estar à mercê de’, ‘ficar à mercê de’. Quanto ao sentido dessas locuções verbais empregadas pelos informantes, verifica-se que cada informante a emprega em contextos diferentes: F1-M-EF: ‘estar à mercê de alguém = estar na mão de alguém’; F1-H-EM: ‘ficar à mercê de fulano = ficar dependente dele’; F1-H-ES: ‘estar à mercê = estar sujeito a alguma coisa’; F2-M-EF: ‘Ficou à mercê da decisão de alguém’; F2-H-EM: ‘ficar na casa dos parentes = ficar à mercê deles’; F2-H-ES: ‘estar à mercê =</p>	

estar à disposição'; F2-M-ES: 'estar tudo à mercê = ninguém liga, ninguém se importa, ninguém quer'. A acepção buscada 'conceder benefício' para a entrada *mercê* consta do registro dos dicionários pesquisados.

Com relação ao registro oral da unidade lexical *mercê*, em contexto de fala, o informante F2-H-EP se recorda que 'antigamente se falava *mercê*, hoje não fala mais. Levando em consideração este contexto e a não ocorrência da acepção em estudo nas respostas dos demais informantes, pressupõe-se um caso de **desuso**.

114. MESTRE / DOC.48, fól.1v, l.16-19

Acepção buscada	Comandante de embarcação.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Tem o mestre de obra e de embarcação também. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É professor. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Sentido de professor, pessoa que tá passando certo ensinamento. F1-M-EM: Mestre de obras ou mestre que dá aula. F1-H-ES: De professor. F1-M-ES: Professor.</p> <p>F2-H-EP: Pra nós aqui sair numa embarcação tem que ter um mestre. F2-M-EP: Você é mestre de obra, é um mestre como professor, mestre de embarcação. F2-H-EF: Mestre seria uma pessoa que lidera os outros é mestre, mestre de obras. Tem também o mestre piloto de barco. F2-M-EF: Professor. F2-H-EM: Mestre é uma pessoa que é justamente um perito na área que faz, que sabe aquilo que faz. F2-M-EM: Pra nós é professor. F2-H-ES: Tem o mestre de obra, o mestre das corporações, aqui por hora ninguém lembra disso, é a titulação de mestre. F2-M-ES: Mestre quem ensina, o professor.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): MESTRE da nao. Morais Silva (1813): MÉSTRE, s. m. §. <i>Mestre da náó</i>; o que tem á sua conta o velame, cordoalha, palamenta, e aparelhos da náó. Cunha (1997): <i>mestre sm.</i> 'homem que ensina, professor, homem muito sabedor' XIII. Ferreira (2004): <i>mestre</i> 14. Ant. Capitão. [capitão 4. Mar. Merc. Comandante de navio mercante].</p>

	<p>Houaiss (2007): mestre <i>datação</i> 1255 15 Rubrica: termo de marinha. Diacronismo: antigo: comandante de navio mercante; capitão.</p>
<p>Analizando o contexto de uso do item lexical <i>mestre</i> pelos entrevistados de Paranaguá, averigua-se o emprego de vários significados. A maior parte dos informantes da faixa I, empregou a lexia <i>mestre</i> no sentido de ‘professor’, havendo variação de significado por parte de dois informantes: F1-H-EP: ‘mestre de obra’, ‘mestre de embarcação’; F1-M-EM: ‘mestre de obras’, ‘professor’. Quanto à faixa II, três informantes (F2-M-EF, F2-M-EM e F2-M-ES) conheceram a forma lexical <i>mestre</i> somente no sentido de ‘professor’. E o informante F2-H-EM utilizou-a apenas no sentido de ‘aquele que domina um conhecimento específico’. Cunha registra estas duas acepções para a unidade léxica <i>mestre</i>. Outros três informantes empregam a lexia <i>mestre</i> com variação de significado: F2-M-EP: ‘mestre de obra’, ‘professor’, ‘mestre de embarcação’; F2-H-EF: ‘mestre de obras’, ‘mestre de embarcação’; F2-H-ES: ‘mestre de obra’, ‘mestre das corporações’, ‘titulação de mestre’. Constam dos lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss a acepção em estudo: ‘comandante de embarcação’. Ferreira registra a entrada <i>mestre</i> e define como ‘Ant. Capitão’. Na quarta acepção da entrada <i>capitão</i>, Ferreira designa ‘comandante de navio mercante’. Houaiss registra a entrada <i>mestre</i>, marcando-a como <i>diacronismo antigo</i> pertencente ao <i>termo da marinha</i>.</p> <p>Analizando o contexto de fala do item lexical <i>mestre</i>, constata-se que somente um informante (F2-H-EP) empregou <i>mestre</i> com o sentido da acepção em estudo: ‘mestre de embarcação’. Três outros informantes da faixa II, além de vários significados atribuídos à unidade lexical <i>mestre</i>, empregaram também o sentido relacionado a ‘mestre de embarcação’. No estágio atual de variação entre essas várias designações, observa-se que a maioria dos informantes da faixa I tem preferência pelo emprego da forma lexical <i>mestre</i> com o sentido de ‘professor’ e ‘mestre de obra’. Portanto, presume-se ser <i>mestre</i> com o sentido da acepção documentado no <i>corpus</i> escrito uma lexia com <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

115. MILICIANO / DOC.47, fól.2v, l.16-19	
Acepção buscada	O mesmo que soldado militar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: Miliciano é o cabo. F1-H-EM: Seria um soldado que tá fazendo outro tipo de serviço fora. F1-M-EM: Eu conheço como cabo. F1-H-ES: Tem a ver com polícia. F1-M-ES: No sentido de tropa de soldados.</p>

	<p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Miliciano é soldado. F2-M-EF: Alguém que forma um grupo e sai sendo justiceiro. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Soldado. F2-M-ES: Miliciano tem a ver com a polícia.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): MILICIÃO. Gente miliciano, he a gente bisonha, & soldados de Ordenança, em que estão sapateiros, alfayates, & outros officiaes mecanicos. Tropas milicianas. (Onde com outra gente miliciano, recolhida para defesa da praça). Morais Silva (1813): MILICIÃO, adj. <i>Gente miliciano</i>; bisonha, de ordenança, indisciplinada, como os paisanos de recluta. Cunha (1997): <i>militar</i>¹ vb. Do lat. <i>milītāre</i>, de <i>miles –ītis</i> ‘soldado’ miliciano XVII. Ferreira (2004): miliciano 2. Soldado de milícias. Houaiss (2007): miliciano <i>datação</i> 1634 1 relativo a ou próprio de ¹milícia.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>miliciano</i> constata-se que, dos dezesseis entrevistados, sete informantes (três da faixa I e quatro da faixa II) disseram não conhecer esse item lexical. Dos nove informantes que reconheceram, quatro (F1-H-EM e F1-M-EM / F2-H-EF e F2-H-ES) a empregaram com o sentido da acepção em estudo: ‘soldado’. Para os informantes F1-M-EF e F1-M-EM, <i>miliciano</i> é o mesmo que ‘cabo’. Segundo os dicionaristas, <i>cabo</i> é um militar com posição hierárquica acima do soldado, que pertence ao corpo das tropas milicianas. Como a relação de significado entre as formas lexicais ‘soldado’ e ‘cabo’ são muito próximas, será considerado neste contexto de fala a lexia ‘cabo’ como uma variante lexical de ‘miliciano’, porque ambos pertencem à milícia. Outros dois informantes (F1-H-ES / F2-M-ES) responderam apenas que <i>miliciano</i> tem a ver com a polícia. Já para a informante F2-M-EF, ‘<i>miliciano é alguém que forma um grupo e sai sendo justiceiro</i>’. Esta acepção não consta registrada por nenhum dos dicionaristas pesquisados. Com relação à acepção buscada, os lexicógrafos Cunha, Ferreira e Houaiss registraram as designações: ‘soldado’, ‘soldado de milícias’, ‘relativo ou próprio de milícia’. Bluteau e Moraes Silva, por seu turno, descrevem <i>miliciano</i> como um soldado de ordenança com pouca ou nenhuma experiência recolhido para a defesa da praça.</p> <p>Considerando os dados analisados, verifica-se baixa produtividade da unidade lexical <i>miliciano</i> no contexto de utilização dos informantes de Paranaguá. Mesmo comparando o emprego da acepção buscada para o item lexical <i>miliciano</i>, constata-se sua ocorrência nas respostas de quatro informantes da faixa I e dois da faixa II. Considerando, então, esses</p>	

dados de maior ocorrência por parte dos informantes da faixa I, presume-se que a lexia *miliciano* apresenta **tendência à manutenção**.

116. MOLÉSTIA / DOC.43, fól.1r, l.12-13

Acepção buscada	Doença, enfermidade.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: É uma doença que não tem cura. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Doença. F1-M-ES: Moléstia de doença, ter alguma enfermidade.</p> <p>F2-H-EP: Chama de moléstia quando o cara que tem uma doença, diz que o cara tem uma moléstia. F2-M-EP: Moléstia é quando alguém quer molestar alguém. F2-H-EF: Doença. F2-M-EF: Doença. F2-H-EM: Molestou alguém, passou a perna. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Dor, doença. F2-M-ES: É doença.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): MOLÊSTIA. Enfado. Pena do animo. Inquietação.</p> <p>Morais Silva (1813): MOLÉSTIA, s. f. Enfado, incommodo, trabalho do corpo, e do animo; doença.</p> <p>Cunha (1997): <i>molestar</i> vb. ‘afetar, maltratar, magoar’ moléstia XVI.</p> <p>Ferreira (2004): moléstia 2. Doença.</p> <p>Houaiss (2007): moléstia 1 disfunção orgânica, ger. manifestada por uma série de sintomas; mal, doença, enfermidade.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>moléstia</i> constata-se que, dos dezesseis entrevistados, oito informantes a utilizam em seu contexto de fala. Estes oito informantes (três da faixa I: F1-H-EM, F1-H-ES e F1-M-ES / cinco da faixa II: F2-H-EP, F2-H-EF, F2-M-EF e F2-H-ES, F2-M-ES) empregaram o item lexical <i>moléstia</i> no sentido de ‘doença, enfermidade’, evidenciando, assim, o sentido documentado no <i>corpus</i> escrito. Outros dois informantes empregaram essa unidade lexical com outro significado. Os informantes (F2-M-EP e F2-H-EM) associaram a lexia <i>moléstia</i> com a forma lexical</p>	

molestar'. Etimologicamente, essas duas formas são distintas e com significados também diferentes. O item lexical *moléstia* vem do lat. *molestia*, enquanto que *molestar* vem do lat. *molestare*. Quanto ao registro nos dicionários pesquisados, Bluteau, Morais Silva, Ferreira e Houaiss registraram a mesma acepção em estudo para a entrada *moléstia*.

Dessa forma, o emprego da unidade lexical *moléstia*, presente na fala de sete informantes (três da faixa I e quatro da faixa II), referente à acepção em estudo apresenta **tendência à manutenção**.

117. MOLHADO / DOC.45, fól.1r, l.12-14

Acepção buscada	Gênero alimentício líquido.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando alguma coisa tá molhado.</p> <p>F1-M-EP: Quando chove a terra fica molhada.</p> <p>F1-H-EF: Quando joga água, a gente fica molhado.</p> <p>F1-M-EF: Molhado da chuva.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: Minha filha fica molhada quando faz xixi.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: Conheço só a vendinha de secos e molhados.</p> <p>F2-H-EP: Conheço um comércio de secos e molhados, é de alimento.</p> <p>F2-M-EP: Aquele chão tá molhado.</p> <p>F2-H-EF: Molhado mesmo de molhar. Já ouvi secos e molhados.</p> <p>F2-M-EF: Conheço secos e molhados, onde vende de tudo.</p> <p>F2-H-EM: Quando joga água, você molha, fica molhado.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Secos e molhados é no sentido de mercadinho.</p> <p>F2-M-ES: Quando a gente entra na água fica molhado.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): MOLHADO em agua, ou em outro qualquer licor.</p> <p>Morais Silva (1813): MOLHÁDO, p. pass. de Molhar. §. <i>Jogar dinheiros molhados</i>; i. é, para pagar comida, ou bebida aquella que perdeu, ou jogar coisas de comer, e beber, e não <i>dinheiros secos</i>, ou em moeda.</p> <p>Cunha (1997): molhar vb. 'embeber em líquido, banhar, umedecer' molhado XV.</p> <p>Ferreira (2004): molhado 1. Umedecido, banhado ou embebido de qualquer líquido.</p> <p>Houaiss (2007): molhado <i>datação</i> sXIII 4 gêneros alimentícios líquidos.</p>

A lexia *molhado* foi reconhecida pela maioria dos entrevistados com o sentido de ‘umedecido’, ‘banhado de água’. Quatro informantes (F1-M-ES / F2-H-EP, F2-M-EF e F2-H-ES), porém, associaram o item lexical *molhado* com a expressão ‘secos e molhados’ para designar local de ‘venda’, ‘comércio’ e ‘mercadinho’. Ao contrário da informante F2-M-EF, que disse ser ‘secos e molhados’ um local ‘onde se vende de tudo’, o informante F2-H-EP especificou ser ‘um comércio destinado a alimento’. A acepção buscada, ‘gênero alimentício líquido’, encontra-se lexicalizada apenas em Houaiss, na quarta acepção da entrada *molhado*. Morais Silva registra o lema *molhado* como p. pass. do verbo *molhar* e, curiosamente, exemplifica a expressão *jogar dinheiros molhados* com o sentido de ‘para pagar comida, ou bebida aquele que perdeu, ou jogar coisas de comer, e beber’, fazendo a relação entre ‘dinheiros molhados’ e ‘paga de comida ou bebida’. Os demais lexicógrafos designaram *molhado* como ‘umedecido, banhado por qualquer líquido’.

Considerando os dados analisados, constata-se que a acepção em estudo não foi empregada por nenhum dos informantes parnanguaras. Sua lembrança se conserva apenas na expressão ‘secos e molhados’ com o sentido de ‘um local de venda de produtos alimentícios ou não’. Dessa forma, esta lexia configura um caso de **desuso**.

118. NAU / DOC.11, fól.1v, l.15-17

Acepção buscada	Navio de porte grande.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: A nau do descobrimento do Brasil, é um tipo de embarcação ou navio, mas não uso. F1-M-EM: É navio ou embarcação, mas não falo nau. F1-H-ES: É navio, mas não uso. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Nau ninguém usa mais, seria no caso um barco, uma nau, mas ninguém usa. F2-M-EF: Nau é alguém que tá naufragando. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Nau é navio, embarcação, não se usa mais. F2-M-ES: NSR.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): NAÕ. Embarcação grande, de alto bordo, mais comprida, que larga. Anda com velas, & he mercantil, ou de guerra.</p> <p>Morais Silva (1813): NÁO, s. f. Embarcação d'altobordo, são os mayores navios, e mayores que as fragatas.</p> <p>Cunha (1997): <i>nau</i> <i>sf.</i> 'navio de casco e velame redondos' <i>náao</i> XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>nau</i> 1. Antigo navio redondo, tanto na forma do casco quanto no velame, de grande tamanho, com acastelamentos na proa e na popa.</p> <p>Houaiss (2007): <i>nau</i> <i>datação</i> sXIV 2 designação dada desde o sXVII a navio de grande porte, com três mastros, velas redondas, fortemente armado, integrante ger. de uma linha de batalha.</p>
<p>Analisando o contexto de uso do item lexical <i>nau</i> nas respostas dos informantes de Paranaguá, constata-se baixa produtividade. Dos dezesseis entrevistados, cinco informantes (F1-H-EM, F1-M-EM e F1-H-ES / F2-H-EF e F2-H-ES) reconheceram a lexia <i>nau</i> com o sentido da acepção buscada. Entretanto, todos salientaram ser uma forma lexical que 'ninguém usa mais'. A informante F2-M-EF associou a forma <i>nau</i> com a 'ação de naufragar', talvez esta relação se explique pela relação existente entre o traço semântico [mar] contido nas duas formas lexicais <i>nau</i> e <i>naufragar</i>. Os lexicógrafos registram as acepções com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p> <p>Considerando os dados apresentados, constata-se que a unidade lexical <i>nau</i> continua presente apenas na memória de alguns informantes parnanguaras, haja vista que os próprios informantes evidenciaram não usar mais essa forma lexical para se referir a um navio de grande porte. Portanto, o item lexical <i>nau</i> configura um caso de desuso.</p>	

119. OBSERVÂNCIA / DOC.12, fôl.1r, l.10-12	
Acepção buscada	Cumprimento de uma norma, execução fiel.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É ficar observando. F1-M-EF: É observar alguma coisa. F1-H-EM: Uma pessoa que fica observando. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: De observar.</p> <p>F2-H-EP: É fazer uma observação. F2-M-EP: É quando você fica observando alguma coisa. F2-H-EF: O ato de você verificar, observar as coisas do seu lugar e tal. F2-M-EF: Aquele que tá de longe olhando, fica observando.</p>

	<p>F2-H-EM: Quando estamos observando tal coisa.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: De observar.</p> <p>F2-M-ES: Ficar só observando certas coisas.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): OBSERVÂNCIA das leys, quer dizer, Cuydado da observancia das leys.</p> <p>Morais Silva (1813): OBSERVÂNCIA, s. f. O acto de observar as Leis, Ordens, Decretos, Regra, Instituto, etc.</p> <p>Cunha (1997): <i>observação</i> sf. ‘advertência, cumprimento, prática’ <i>observância</i> <i>observança</i> XV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>observância</i> 1. Execução fiel; prática, uso.</p> <p>Houaiss (2007): <i>observância</i> <i>datação</i> sXV 1 cumprimento rigoroso de uma regra; submissão a uma lei.</p>
<p>Dos dezesseis entrevistados, cinco informantes (quatro da faixa I e um da faixa II) disseram não conhecer a lexia <i>observância</i> e onze informantes (quatro da faixa I e sete da faixa II) a reconheceram com o sentido de ‘observar’ e ‘ficar observando’. A acepção buscada ‘cumprimento de uma norma, execução fiel’ consta do registro dos lexicógrafos Ferreira e Houaiss. Bluteau e Moraes Silva registraram a designação ‘observância das leis’, ‘o ato de observar as leis, ordens, decretos, regra’ no sentido de cumpri-las.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>observância</i> por parte dos informantes parnanguaras, constata-se sua ocorrência, porém não com o sentido da acepção em estudo. Conjectura-se, dessa forma, ser a unidade lexical <i>observância</i> um caso de desuso.</p>	

120. OPULÊNCIA / DOC.46, fól.1r, l.06-08	
Acepção buscada	Abundância, acúmulo de bens.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: NSR.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Riqueza.</p> <p>F2-M-EF: NSR.</p>

	<p>F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: É coisa muito grande, onde o cara tem muita opulência, abundância. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários:	<p>Bluteau (1712-1728): OPULENCIA. Grandes riquezas. Moraes Silva (1813): OPULÊNCIA, s. f. Riqueza grande. Cunha (1997): opulência <i>sf.</i> ‘abundância de riquezas, luxo, fausto’ XVII. Ferreira (2004): opulência 1. Abundância de riquezas; grande riqueza. Houaiss (2007): opulência <i>datação</i> 1573 1 grande quantidade de bens; riqueza.</p>
<p>A lexia <i>opulência</i> foi registrada pelos lexicógrafos com o mesmo significado documentado nos manuscritos: ‘abundância, acúmulo de bens’. Os informantes F2-H-EF e F2-H-ES reconheceram o item lexical <i>opulência</i> com o mesmo sentido da acepção buscada. Os outros quatorze informantes (oito da faixa I e seis da faixa II) disseram não conhecer a forma lexical <i>opulência</i>.</p> <p>Portanto, como esta não foi reconhecida por nenhum dos informantes da faixa I e sua ocorrência apresenta baixa produtividade no contexto de fala dos informantes de Paranaguá, supõe-se que esta unidade lexical apresenta tendência ao desuso.</p>	

121. ORDENAÇÃO / DOC.04, fól.1r, l.04-06	
Acepção buscada	Ato ou efeito de ordenar, mandado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É ordenar. F1-M-EF: Quando se ordena alguma coisa. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Ordenar alguém a fazer alguma coisa. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: De ordenar, designar algo.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Quando você dá ordem pra alguém. F2-H-EF: Na parte religiosa seria o padre que se ordena tal, ou uma pessoa que a gente recebe ordem, ordenança. F2-M-EF: Ordenação é tipo um encarregado de uma obra, ele ordena as pessoas a fazerem determinadas coisas, dá o mandado. F2-H-EM: Quando a gente estuda teologia é ordenado pra pastor.</p>

	<p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Ordenação são ordens, por exemplo que o Pardino fez, são determinações, ordens, mandado.</p> <p>F2-M-ES: É quando você dá ordem pra alguém.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ORDENAÇÃO. Estatuto, ou Decreto ordenado para o bom governo de hum Reyno, Republica, etc.</p> <p>Morais Silva (1813): ORDENAÇÃO, s. f. §. O acto de ordenar, dar o Sacramento da Ordem.</p> <p>Cunha (1997): ordem <i>sf.</i> ‘disposição, regra, disciplina’ ordenação -<i>ção</i> XIV.</p> <p>Ferreira (2004): ordenação 1. Ato ou efeito de ordenar; ordenamento.</p> <p>Houaiss (2007): ordenação <i>datação</i> 1390 ato ou efeito de ordenar(-se); ordenamento.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>ordenação</i> constata-se que, dos dezesseis entrevistados, dez informantes a utilizam em seu contexto de fala. Oito informantes (quatro da faixa I: F1-H-EF, F1-M-EF, F1-M-EM e F1-M-ES / quatro da faixa II: F2-M-EP, F2-M-EF, F2-H-ES e F2-M-ES) empregaram o sentido de ‘ato ou efeito de mandado, ordenamento’, evidenciando, assim, a acepção documentada no <i>corpus</i> escrito. Os outros informantes (F2-H-EF e F2-H-EM) empregaram o item lexical <i>ordenação</i> com o sentido de ‘colação de ordens sacras’. Esta acepção encontra-se lexicalizada nos dicionários pesquisados. Quanto ao registro nos dicionários pesquisados, Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registraram a mesma definição em estudo para a entrada <i>ordenação</i>.</p> <p>Portanto, o emprego da unidade lexical <i>ordenação</i>, presente na fala de oito informantes (quatro da faixa I e quatro da faixa II), referente à acepção em estudo apresenta tendência à manutenção.</p>	

122. ORDENADO / DOC.24, fól.1r, l.14-17	
Acepção buscada	Salário, remuneração.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Na firma onde eu trabalha falava: dia cinco o ordenado tá na conta.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EF: Ordenado é salário.</p> <p>F1-H-EF: Quando alguém te dá uma ordem, daí fica ordenado.</p> <p>F1-H-EM: Ordenado no sentido da pessoa ter ordenado.</p> <p>F1-M-EM: Mandado fazer aquilo, foi ordenado.</p> <p>F1-H-ES: Salário.</p> <p>F1-M-ES: De dinheiro, pagamento, meu avô falava.</p>

	<p>F2-H-EP: O cara tá empregado ganha um ordenado bom.</p> <p>F2-M-EP: Hoje vou receber meu ordenado.</p> <p>F2-H-EF: Seria o pagamento, o salário.</p> <p>F2-M-EF: Salário, grana.</p> <p>F2-H-EM: Foi ordenado fazer aquilo.</p> <p>F2-M-EM: Trabalho na escola e ganho meu ordenado.</p> <p>F2-H-ES: Ordenado é o que vem no final do mês, salário.</p> <p>F2-M-ES: É quem recebe tua ordem. Conheço como salário também.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ORDENADO, que se dà a alguem para seu sustento.</p> <p>Morais Silva (1813): ORDENÁDO, s. m. O mantimento, ou salario certo, e determinado.</p> <p>Cunha (1997): <i>ordem</i> <i>sf.</i> ‘disposição, regra, disciplina’ ordenado XIV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>ordenado</i> 5. Vencimento dum funcionário, ou empregado qualquer, pago periodicamente.</p> <p>Houaiss (2007): <i>ordenado</i> <i>datação</i> sXIII 2 retribuição certa de um servidor público ou empregado, paga periodicamente, por seu trabalho; vencimento, salário.</p>

A unidade lexical *ordenado* é bastante produtiva no contexto de fala dos informantes parnanguaras. Houve somente um caso de ausência de resposta por parte da informante F2-M-EP. Dos dezesseis entrevistados, dez informantes (quatro da faixa I: F1-H-EP, F1-M-EF, F1-H-ES e F1-M-ES / seis da faixa II: F2-H-EP, F2-M-EP, F2-H-EF, F2-M-EF, F2-M-EM e F2-H-ES) reconhecem a lexia *ordenado* com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘salário, remuneração’. Outros quatro informantes (F1-H-EF, F1-H-EM e F1-M-EM / F2-H-EM) a utilizaram no sentido de ‘dar e receber uma ordem’ e também como participio do verbo *ordenar*: ‘ordenado’. A informante F1-M-ES empregou estes dois sentidos para a lexia em questão. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registraram a entrada *ordenado* com o mesmo sentido da acepção investigada.

Analisando o contexto de utilização da lexia *ordenado*, certifica-se, no estágio atual de variação, considerável frequência da ocorrência dos dois significados distintos para o único item lexical *ordenado*. No entanto, comparando a ocorrência das duas acepções distintas nas respostas dos informantes da faixa I, observa-se o reconhecimento da lexia *ordenado* com o valor de ‘salário, remuneração’, presente na fala de quatro informantes, enquanto o sentido de ‘dar ordem’ ocorreu na fala de três informantes. Dessa forma, pressupõe que *ordenado* apresenta **tendência à manutenção**.

123. PARAGEM / DOC.25, fól.1r, l.22-24

Acepção buscada	Ponto, lugar de parada.
-----------------	-------------------------

<p>Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes</p>	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É onde para, um ponto. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Um local onde as pessoas param. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Paragem seria um lugar onde tem sempre assim um horizonte, um lugar bonito, daí se diz: ah, aquelas paragens! No sentido de ônibus é parada e não paragem. F2-M-EF: Tipo uma rodoviária. F2-H-EM: Conheço só como ponto. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Paragem é o local onde se para, pode ser uma estalagem, aí depende do tropeirismo todo. F2-M-ES: Uma paragem de caminhão, quando ele tá parado.</p>
<p>Acepções registradas nos dicionários</p>	<p>Bluteau (1712-1728): PARÂGEM. Termo Nautico. He esta, ou aquella parte do mar, em tal sitio, em tal altura, ou lugar, donde o bayxel que parou, & lançou ferro, possa aparelhar, & porse à vela, quando quiser. Morais Silva (1813): PARÁGEM, s. f. Altura limitada, onde o navio anda cruzando, esperando outros, ou o inimigo. Cunha (1997): <i>parar</i> vb. ‘cessar, deter-se’. paragem XVI. Ferreira (2004): paragem 2. V. <i>parada</i>. [parada 2. Local onde se pára; estância, paragem]. Houaiss (2007): paragem <i>datação</i> 1552 2.1 lugar em que se pára; parada.</p>
<p>A lexia <i>paragem</i> com o sentido de ‘ponto, lugar de parada’ foi reconhecida na fala de apenas quatro informantes (F1-H-EF e F1-H-E / F2-M-ES e F2-H-ES). Dois informantes disseram não utilizar a forma lexical <i>paragem</i> para o sentido de ‘lugar de parada’, mas por sua vez, empregam as variantes lexicais <i>ponto</i> (F2-H-EM) e <i>parada</i> (F2-H-EF). A informante F2-M-EF associou a lexia <i>paragem</i> com ‘um terminal de embarque e desembarque de ônibus’: ‘<i>tipo uma rodoviária</i>’. O informante F2-H-EF atribuiu também o valor de ‘um lugar bonito, onde tem sempre um horizonte’ para a lexia <i>paragem</i>. Esta acepção não consta do registro dos dicionários pesquisados. Com relação ao registro nos dicionários acima, Bluteau e Moraes Silva definiram a entrada <i>paragem</i> como ‘certo lugar no mar onde o navio se fixa/para a espera de outros navios’. Ferreira registra a entrada <i>paragem</i> e remete o consulente à variante lexical <i>parada</i>, designando-a como um ‘local</p>	

onde se pára, paragem’. Houaiss define o termo *paragem* com o mesmo sentido da acepção em estudo.

Considerando os dados analisados, verifica-se a baixa produtividade da unidade lexical *paragem* no contexto de fala dos informantes de Paranaguá. Das quatro ocorrências, a acepção buscada esteve presente na fala de apenas dois informantes da faixa I e dois da faixa II. No estágio atual de variação, as variantes lexicais *ponto* e *parada* concorrem o item lexical *paragem*. Pressupõe-se, dessa forma, que a lexia em estudo revela **tendência ao desuso**.

124. PARIDADE / DOC.15, fól.1r, l.14-17

Acepção buscada	Igualdade, analogia, semelhança.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Acho que é parir. F1-M-EF: Paridade é quando a mulher pariu, paridade. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Conheço só parir. F1-H-ES: Igualdade. F1-M-ES: De parir.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Paridade é parecido, alguma coisa que é igual, é parecido é paridade. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Quer dizer igual, tem semelhança. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): PARIDADE. Igualdade. Morais Silva (1813): PARIDÁDE, s. f. Semelhança, ou igualdade, ou analogia. Cunha (1997): <i>par</i> <i>adj. sm.</i> ‘igual, semelhante’ paridade XVII. Ferreira (2004): paridade 2. Semelhança, parecença, analogia. Houaiss (2007): paridade <i>datação</i> 1644 2 qualidade de ser parecido; semelhança, parecença, similaridade.</p>

As definições da entrada *paridade* registradas por Bluteau, Moraes Silva e Ferreira evidenciam o mesmo sentido documentando no *corpus* escrito: ‘igualdade, analogia,

semelhança'. Analisando o contexto de utilização da lexia *paridade*, dos dezesseis entrevistados, somente três (F1-H-ES / F2-H-EF e F2-H-ES) a reconheceram com o mesmo sentido da acepção buscada. Outros quatro informantes (F1-H-EF, F1-M-EF, F1-M-EM e F1-M-ES) associaram o item lexical *paridade* com *parir*, devido à semelhança entre essas formas lexicais. Na verdade, tratam-se de formas etimologicamente distintas: *paridade* vem do lat. *paritas*, *atis*, e *parir* do lat. *parere*.

Embora *paridade* ainda esteja presente na fala de alguns informantes de Paranaguá, verifica-se que seu uso é pouco produtivo. Dos três informantes que reconheceram essa lexia com o sentido da acepção em estudo, somente um informante é da faixa I. Pressupõe-se, dessa forma, que a unidade lexical *paridade* apresenta **tendência ao desuso**.

125. PENÚRIA / DOC.46, fól.1r, l.31-34

Acepção buscada	Extrema pobreza, miséria.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Penúria no sentido de pena. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Penúria é muita dificuldade, pobreza. F1-M-EM: Miséria. F1-H-ES Sofrimento, miséria. F1-M-ES: Penúria vive sempre mal, sempre pobre, miserenta coitada.</p> <p>F2-H-EP: Tá sem dinheiro, o cara tá numa penúria desgraçada. F2-M-EP: Quando você tá triste, passando por uma penúria. F2-H-EF: Penúria quando você tá passando mal de dinheiro, mal de situação, tá na penúria. F2-M-EF: É alguém que tá muito sem dinheiro, tá na penúria. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Dó e sofrimento. F2-M-ES: Penúria quando a pessoa tá passando uma necessidade muito grande, tá numa pindaíba, miséria.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): PENÚRIA, val o mesmo que <i>Despensa</i>. Toma-se por falta do necessario, pobreza, indigencia, pouco provimento.</p> <p>Morais Silva (1813): PENÚRIA, s. f. Falta do necessário, indigência, mingoa.</p> <p>Cunha (1997): <i>pena</i>¹ <i>sf.</i> 'castigo, punição, sofrimento' penúria 1813.</p> <p>Ferreira (2004): penúria 1. Pobreza extrema; indigência, miséria.</p>

	Houaiss (2007): penúria <i>datação</i> 1660 1 estado de extrema pobreza; miséria.
<p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>penúria</i> pelos informantes de Paranaguá, constata-se considerável frequência na fala desses entrevistados. Oito informantes (quatro da faixa I: F1-H-EM, F1-M-EM, F1-H-ES e F1-M-ES / quatro da faixa II: F2-H-EP, F2-H-EF, F2-M-EF e F2-M-ES) reconheceram o item lexical <i>penúria</i> com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘extrema pobreza, miséria’. Outros três informantes (F1-H-EF e F2-M-EP / F2-H-ES) o conheceram com variação de significado: ‘pena’, ‘estar triste’, ‘dó’ e ‘sofrimento’. Com relação à acepção em estudo, os lexicógrafos Bluteau, Morais Silva, Ferreira e Houaiss registraram as designações: ‘falta do necessário’, ‘pobreza’, ‘indigência’, ‘míngua’, ‘miséria’ e ‘pobreza extrema’. Houaiss, por sua vez, fixa a entrada <i>penúria</i> em 1660, enquanto Cunha registra a partir de 1813. A unidade lexical <i>penúria</i> consta do registro do documento manuscrito de 1799. Como <i>penúria</i> já consta do registro de Bluteau, supõe-se que esta forma lexical já existia bem antes da datação registrada por Cunha.</p> <p>Verificando o contexto de uso da lexia <i>penúria</i> na fala dos entrevistados, os dados apontam para o estágio atual de variação, com os demais significados, e indícios de permanência da acepção buscada para o item lexical <i>penúria</i> presente no contexto de fala de oito informantes (quatro da faixa I e quatro da faixa II). Dessa forma, há indícios de tendência à manutenção.</p>	

126. PRIVANÇA / DOC.25, fôl.1v, l.16-18	
Acepção buscada	Desfavorecimento, destituição.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Privança é quando uma pessoa fica sem aquilo, sem alguma coisa, ela é privada de alguma coisa. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Privança seria um privativo, seria só pra um pessoal, um privativo. Mas não fala, o pessoal não usa privança aqui. F2-M-EF: Privança é quando você fica sem alguma coisa que você quer, precisa, é privar você disso.</p>

	F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: Privação é cuidar, guardar alguma coisa, se prevenir.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): PRIVANÇA. Valimento. Morais Silva (1813): PRIVANÇA, s. f. Valimento, trato, conversação do valido, e favorecido do Soberano. Cunha (1997): privar vb. ‘despojar, destituir, tolher’ privação XIII. Ferreira (2004): privação 1. Estado de quem é favorito, valido, privado. Houaiss (2007): privação <i>datação</i> sXIII 1 característica de quem é favorito; regalia, favoritismo.
<p>Dos dezesseis informantes entrevistados, doze (sete da faixa I e cinco da faixa II) disseram não conhecer a lexia <i>privação</i>. Dos quatro informantes que ainda utilizam este item lexical, dois informantes (F1-H-EF / F2-M-EF) o empregaram com o mesmo sentido da acepção buscada: ‘desfavorecimento, destituição’. Os outros dois informantes (F2-H-EF / F2-H-EF e F2-M-ES) reconheceram <i>privação</i> com o sentido de ‘privativo, exclusivo’ e ‘se prevenir’. O informante F2-H-EF informou também que ‘o pessoal não usa <i>privação</i>’ em Paranaguá. Das definições apresentadas pelos lexicógrafos pesquisados, a designação que mais se aproxima da acepção em estudo encontra-se registrada por Cunha na entrada <i>privar</i>: ‘despojar, destituir, tolher’. Os demais dicionaristas definem o lema <i>privação</i> com o sentido de ‘valimento’, ‘favorecimento’, ‘favoritismo’.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>privação</i> e comparando com as respostas dos informantes, observa-se baixa produtividade dessa lexia na fala dos entrevistados, principalmente os da faixa I. Portanto, <i>privação</i> apresenta tendência ao desuso.</p>	

127. PROPINA / DOC.21, fól.1r, l.11-13	
Acepção buscada	Pagamento, gratificação em dinheiro.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Propina é dinheiro sujo: coisas que os governantes fazem. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Pagamento de propina, como coisa irregular. F1-M-EM: Quando eu quero comprar alguém, eu ofereço propina, dou dinheiro. F1-H-ES: Políticos gostam de propina. F1-M-ES: Receber um dinheiro que é ilegal.

	<p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Propina seria você pagar alguma coisa pra alguém pra ficar livre de alguma coisa, por exemplo: você fez alguma coisa de errado e alguém descobriu, então você paga uma propina pra usufruir alguma coisa.</p> <p>F2-M-EF: Dinheiro sujo.</p> <p>F2-H-EM: Alguém que fez alguma cachorrada, burlou o negócio de alguém, fez uma propina.</p> <p>F2-M-EM: Propina é quando faz alguma coisa errada e paga um dinheiro, uma coisa que não é legal.</p> <p>F2-H-ES: Dinheiro, quando você compra alguém, algo ilegal.</p> <p>F2-M-ES: Propina é comprar pessoas com dinheiro sujo, pra tentar se dar bem.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): PROPINA, val o mesmo que Brindar à saúde de alguém. Antigamente era hũa merenda, que se dava em algumas juntas. Hoje se dá propina em dinheyro, ou em tantas varas de pano, & outras cousas usuaes.</p> <p>Morais Silva (1813): PROPÍNA, s. f. Presente, ou dom em dinheiro, panno, ou peça, que se dá a alguns officiaes, Ministros, Lentes por assistencia, ou trabalho.</p> <p>Cunha (1997): propinar <i>vb.</i> ‘dar a beber, ministrar’ XVI. propina XVIII.</p> <p>Ferreira (2004): propina 1. Gratificação, gorjeta.</p> <p>Houaiss (2007): propina <i>datação</i> 1619 1 gratificação extra por serviço normal prestado a alguém; gorjeta, emolumento.</p>
<p>A lexia <i>propina</i> é bastante produtiva no contexto de fala dos informantes parnanguaras. Houve somente cinco casos de ausência de respostas por parte de três informantes da faixa I e dois da faixa II. Dos dezesseis entrevistados, onze informantes reconhecem o item lexical <i>propina</i>, porém, analisando as suas respostas, constata-se que <i>propina</i> ganhou sentido <i>pejorativo</i> na fala de todos os entrevistados. A maioria atribuiu as seguintes acepções depreciativas: F1-H-EM: ‘Pagamento de propina = <u>coisa irregular</u>’; F1-M-EM: ‘<u>quero comprar alguém</u> = ofereço propina’; F1-M-ES: ‘propina = <u>dinheiro que é ilegal</u>’; F2-H-EF: ‘você <u>fez alguma coisa de errado</u> = você paga uma propina’; F2-M-EF: ‘propina = <u>dinheiro sujo</u>’; F2-H-EM: ‘Alguém que <u>burlou o negócio de alguém</u> = fez uma propina’; F2-M-EM: ‘Propina = <u>faz alguma coisa errada, uma coisa que não é legal</u>’; F2-H-ES: ‘<u>quando você compra alguém, algo ilegal</u>’; F2-M-ES: ‘Propina = <u>comprar pessoas com dinheiro sujo</u>’. Não consta dos lexicógrafos pesquisados a acepção no sentido <i>pejorativo</i> para o termo <i>propina</i>. Em pesquisa a outros dicionários, Caldas Aulete (1948) por <i>extensão de sentido</i> e marcando como de uso <i>pejorativo</i> define <i>propina</i> na segunda acepção como: ‘Quantia em dinheiro que se oferece a alguém em troca de favor ou benefício quase sempre ilícito’, marcando-a como de uso <i>pejorativo</i>.</p>	

Constantemente, noticiários brasileiros divulgam informações sobre práticas ilícitas da propina entre políticos corruptos, fato que talvez explique a associação entre a forma *propina* com os itens lexicais *governantes* e *políticos* mencionados nas respostas dos seguintes informantes da faixa I: F1-H-EF: ‘*Propina é dinheiro sujo: coisas que os governantes fazem*’; F1-H-ES: ‘*Políticos gostam de propina*’.

Analisando o contexto de uso da unidade lexical *propina*, constata-se ser bastante produtiva na fala dos entrevistados, porém com o emprego no sentido *pejorativo*. Dessa forma, supõe-se, neste contexto linguístico, que a lexia *propina* com o sentido da acepção buscada ‘pagamento, gratificação em dinheiro’, tenha caído em **desuso**.

128. RÁBULA / DOC.31, fól.1v, l.05-08

Acepção buscada	Indivíduo trapaceiro, ardiloso.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Já ouvi isso no jurídico entre advogados, mas não sei o que é. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): RÁBULA, he Advogado de pouca estimação, ignorante, & grande fallador.</p> <p>Morais Silva (1813): RÁBULA, s. m. Advogado ignorante, e mui fallador.</p> <p>Cunha (1997): <i>rábula sm.</i> ‘advogado de limitada cultura e chicaneiro’ XVII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>rábula</i> 1. Advogado de limitada cultura e chicaneiro; leguleio, pegas. 2. Indivíduo que fala muito, mas não conclui nem prova nada.</p>

	Houaiss (2007): <i>rábula</i> datação 1652 2 Uso: pejorativo: advogado muito falador, porém de poucos conhecimentos; incompetente. 4 indivíduo que fala muito mas não chega às conclusões do seu arrazoado.
<p>A lexia <i>rábula</i> em contexto de uso foi reconhecida por um único informante (F2-H-ES), mas o mesmo salientou não saber o significado deste item lexical, apenas ter ouvido ‘no jurídico entre advogados’. Todas as definições trazidas pelos lexicógrafos para a entrada <i>rábula</i> referem-se a um ‘advogado ignorante, de cultura limitada e muito falador’. Ferreira na segunda acepção e Houaiss na quarta acepção (marcando como uso <i>pejorativo</i>) designam também <i>rábula</i> como um ‘indivíduo que fala muito, mas não conclui e nem prova nada’. Observa-se, por meio dos registros das acepções lexicalizadas nos dicionários pesquisados e pela resposta desse informante, ser a lexia <i>rábula</i> um termo relacionado ao campo semântico <i>jurídico</i>. No entanto, a acepção presente no <i>corpus</i> escrito está mais próxima ao sentido de ‘indivíduo trapaceiro, ardiloso’, por se tratar de uma ofensa do Ouvidor Geral Antônio Barbosa de Matos Coutinho quando se referia ao vereador José Joaquim Pinto de Castro.</p> <p>Como não houve nenhuma ocorrência da unidade lexical <i>rábula</i> com o sentido da acepção em estudo por parte dos informantes parnanguaras, supõe-se ser um caso de <u>desuso</u>.</p>	

129. REBATE / DOC.12, fól.1r, l.23-27	
Acepção buscada	Ataque repentino, sinal de alarme, aviso.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Rebater: numa briga eu rebato, pra não brigar mais. Reprimir, conter. F1-M-EF: Quando um falo uma coisa, você vai lá e rebate o que eu disse. Contestar, refutar F1-H-EM: De rebater. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Rebate seria você fazer alguma pergunta e a pessoa rebate com outra. contestar F2-M-EF: Rebate eu falo alguma coisa, retruco pra você, te devolvo. F2-H-EM: Uma bola rebatida.</p>

	<p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: É bater novamente e tem outro sentido que é de devolver ou de rebate falso, tipo um sinal, alarme falso, algo que não aconteceu.</p> <p>F2-M-ES: Rebate é quando fazem alguma coisa pra você e você já rebate em cima: já dá-lhe outro em cima..</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): REBÃTE. O sinal, que se faz com gritos, ou sinos, ou instrumentos de guerra para juntar gente, tomar armas, & resistir ao improviso acometimento do inimigo, porque vem a ferir, que he bater, & sahe se a rebatello.</p> <p>Morais Silva (1813): REBÁTE, s. m. Sinal com sino, caixa, grito, ou ataque do inimigo.</p> <p>Cunha (1997): bater vb. ‘dar pancadas em’ ‘dar choques ou pancadas com’ rebate² XVI.</p> <p>Ferreira (2004): rebate 2. Ataque imprevisto. 4. Chamamento ou sinal para avisar um acontecimento repentino e perigoso.</p> <p>Houaiss (2007): rebate <i>datação</i> sXV 1 assalto repentino; ataque, incursão. 2 grito, chamamento ou sinal com que se alerta sobre ataque do inimigo.</p>
<p>Considerando o contexto de uso do item lexical <i>rebate</i>, averigua-se considerável frequência nas respostas dos entrevistados. Os significados atribuídos pelos informantes quanto à utilização da lexia <i>rebate</i> foram diversos: (i) três informantes (F1-M-EF / F2-H-EF e F2-M-ES) empregaram com o sentido de ‘contestar, refutar’; (ii) dois informantes (F2-M-EF, F2-H-ES) atribuíram o valor ‘retrucar’ e ‘devolver’; (iii) dois informantes (F2-H-EM, F2-H-ES) empregaram com o sentido de ‘bater novamente’; (iv) um informante (F1-H-EF) empregou com o sentido de ‘reprimir, ‘conter’; (v) o informante F1-H-EM associou ao verbo <i>rebater</i>; e (vi) o informante F2-H-ES, além de outros significados reconheceu na forma lexical <i>rebate</i> o sentido próximo da acepção em estudo: ‘<i>rebate de rebate falso, tipo um sinal, alarme falso, algo que não aconteceu</i>’. Apesar de este informante ter acrescido o sema ‘falso’ à unidade lexical <i>rebate</i>, o sentido da acepção buscada ‘sinal de alarme’ encontra-se presente nesta lexia exemplificada em seu contexto de fala. Quanto ao registro da entrada <i>rebate</i> nos dicionários pesquisados, Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registraram as designações que evidenciam a mesma acepção em estudo: ‘sinal’, ‘grito’, ‘ataque imprevisto’, ‘sinal para avisar’.</p> <p>Considerando os dados apresentados, nota-se que a unidade lexical <i>rebate</i> com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito esteve presente apenas na resposta de um informante da faixa II. Portanto, há indícios de tendência ao desuso.</p>	

130. RÉDITO / DOC.42, fól.1r, l.23-26

Acepção buscada	Rendimento, ganho, lucro.
-----------------	---------------------------

Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): RÊDITO. Rendimento. Morais Silva (1813): RÉDDITO, s. m. Renda. Lucro do dinheiro, usura. Cunha (1997): <i>rédito</i> <i>sm.</i> ‘lucro, ganho’ XVII. Ferreira (2004): <i>rédito</i> 2. Lucro, ganho. 3. Rendimento, juro. Houaiss (2007): <i>rédito</i> <i>datação</i> 1685 2 qualquer vantagem material que se pode tirar de alguma coisa; lucro.
<p>Dos dezesseis entrevistados, todos disseram desconhecer a lexia <i>rédito</i>. Os lexicógrafos pesquisados trazem o registro da entrada <i>rédito</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo: ‘rendimento, ganho, lucro’. Considerando os dados apresentados, constata-se que o item lexical <i>rédito</i> não faz mais parte do vocabulário dos informantes parnanguaras na modalidade oral, haja vista que dos dezesseis entrevistados, nenhum reconheceu esta unidade lexical, revelando, dessa forma, um caso de desuso.</p>	

131. REMÉDIO DA SUA FOME / DOC.32, fól.1r, l.29-31

Acepção buscada	Plantação que serve para alimento.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes:	F1-H-EP: É a comida. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR.

	F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Remédio da fome seria alimento. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: Moeda antiga, hoje não usa mais. F2-H-ES: Comida. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): N.D. Houaiss (2007): N.D.
<p>A expressão <i>remédio da sua fome</i> não está registrada nos dicionários pesquisados e nem possui locuções semelhantes que possam indicar caso de variação lexical. Parece tratar-se de um caso de <i>metáfora</i> do qual <i>remédio da sua fome</i> deve ser algo que serve para matar a fome, neste caso, o alimento/a plantação que produz alimento. A passagem no documento manuscrito em que se encontra esta expressão refere-se às plantações destruídas pelo gado, logo, o gado destruiu o <i>remédio da sua fome</i>. Analisando o contexto de uso desta expressão por parte dos entrevistados, houve o seu reconhecimento por parte de quatro informantes. Para três informantes (F1-H-EP / F2-H-ES e F2-H-EF) a expressão <i>remédio da sua fome</i> é sinônima de ‘comida’, ‘alimento’, evidenciando assim, uma relação muito próxima com a acepção em estudo: ‘plantação que serve para alimento’. Já para a informante F2-M-EM, a expressão tem o sentido de ‘moeda antiga’, mas, em seguida, informou que hoje não se usa mais. Esta acepção não consta do registro de nenhum dos dicionaristas pesquisados.</p> <p>Levando em consideração os dados analisados, verifica-se que, dos dezesseis entrevistados, apenas três informantes (um da faixa I e dois da faixa II) associaram a expressão <i>remédio da sua fome</i> com o sentido da acepção investigada, revelando dessa forma <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

132. RIPA / DOC.46, fól.1v, l.09-12

Acepção buscada	Pedacço de madeira estreito e comprido.
Acepção(ões) conhecida(s)	F1-H-EP: Um caibro que tem uma ripa, só de madeira.

pelos informantes	<p>F1-M-EP: Ripa é o pau que vai no telhado. As tirinhas da parede são sarrafos.</p> <p>F1-H-EF: Ripa é madeira, um sarrafo, caibro.</p> <p>F1-M-EF: Ripa é tábua.</p> <p>F1-H-EM: Ripa é uma madeira.</p> <p>F1-M-EM: Ripa é madeira fina.</p> <p>F1-H-ES: É tábua, madeira.</p> <p>F1-M-ES: Ripa de pau.</p> <p>F2-H-EP: Aqui é madeira que a gente usa pra fazer casa.</p> <p>F2-M-EP: Viga de madeira.</p> <p>F2-H-EF: Ripa é um pedaço de tábua.</p> <p>F2-M-EF: É madeira.</p> <p>F2-H-EM: Uma ripa, um pedaço de pau de madeira.</p> <p>F2-M-EM: Ripa é de construção. É aquele sarrafo, tira comprida de madeira.</p> <p>F2-H-ES: Ripa é madeira fina.</p> <p>F2-M-ES: Ripa é uma madeira comprida, para construir casa.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): RIPA. Fasquia comprida, & estreyta de madeyra, que se assenta nos barrotes dos telhados, para ter mão nas telhas.</p> <p>Morais Silva (1813): RÍPA, s. f. Fasquia de taboa, que se atravessa sobre os barrotes, e faz huma grade com elles, sobre o que se assentão as telhas nos telhados.</p> <p>Cunha (1997): <i>ripa</i>¹ <i>sf.</i> ‘pedaço de madeira, comprido e estreito, sarrafo’ XVII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>ripa</i> 1. Pedaço de madeira comprido e estreito; fasquia, verga, sarrafo.</p> <p>Houaiss (2007): <i>ripa</i> <i>datação</i> 1209 1 Rubrica: materiais: qualquer peça de madeira, esp. quando longa e estreita.</p>
<p>Analisando o contexto de utilização do item lexical <i>ripa</i> presente na fala dos informantes de Paranaguá, constata-se que é bastante produtiva, pois os dezesseis entrevistados reconheceram este item lexical com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito. No entanto, estes informantes, ao atribuírem à unidade lexical <i>ripa</i> o sentido de ‘pedaço de madeira estreito e comprido’, empregaram as seguintes variantes lexicais: ‘caibro’, ‘pau’, ‘sarrafo’, ‘viga’, ‘pedaço de tábua’, ‘pedaço de pau’. Com relação à acepção investigada, encontra-se lexicalizada em Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss.</p> <p>Nota-se, ainda, que seu emprego na fala dos informantes da faixa I e da faixa II é bastante produtivo. As variantes lexicais presentes nas respostas dos informantes serviram de base para a descrição do objeto, no caso, ‘pedaço de madeira’, e não</p>	

como indício de concorrência entre essas formas lexicais. Portanto, a unidade lexical *ripa* apresenta indícios de **manutenção**.

133. ROSSIO / DOC.32, fól.1r, l.22-25	
Acepção buscada	Praça larga, espaçosa.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes:	<p>F1-H-EP: Rocio pra nós é um bairro. F1-M-EP: Conheço só a igreja do Rocio. F1-H-EF: É um bairro. F1-M-EF: Temos a Santa do Rocio, e tem o bairro F1-H-EM: É um bairro e uma Santa também, a Nossa Senhora do Rocio. F1-M-EM: Tem a festa do Rocio, homenagem à Santa. F1-H-ES: Rocio é um bairro, só que é escrito com ‘c’. F1-M-ES: Rocio é um bairro em Paranaguá.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: É um bairro que eu conheço. F2-H-EF: Rocio com c é o lugar grande onde faz uma roçada seria um rocio. Aqui em Paranaguá usa mais pra igreja. F2-M-EF: Acho que é um Santa. F2-H-EM: Teve um tempo em que o bairro Nossa Senhora do Rossio era escrito com dois ‘s’. Depois de mil oitocentos e alguma coisa mudou para Rocio com ‘c’. Lá é o bairro do Rocio. Lá fica a padroeira do Paraná. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Aqui em Paranaguá rocio tem o sentido de orvalho. Já o meu sentido de rossio com dois “esses” que é róssio, que é a palavra principal, ele quer dizer campo, local aberto. É que a igreja hoje monta muito rocio como orvalho que achou a santa, com c. Mas na verdade a escrita original é com dois “esses” que significa praça aberta, espaçosa. F2-M-ES: Rocio é um bairro onde temos festa.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ROCIO. Algũas vezes val o mesmo que <i>Praça</i>. Morais Silva (1813): ROCIO, s. m. §. V. <i>Recio</i>, ou <i>Ressio</i>; posto que hoje dizemos o <i>rocio</i>, ou a praça, e por excellencia huma praça de Lisboa. Cunha (1997): rossio <i>sm.</i> ‘praça largar’ XVI. Ferreira (2004): rossio 1.Praça larga; largo espaçoso. Houaiss (2007): rossio <i>datação 1</i> terreno ou largo bastante espaçoso; grande praça.</p>

Analisando as respostas dos informantes de Paranaguá, nota-se que os itens lexicais *rossio* e *rocio* referem-se a contextos distintos, conforme esclarece o informante F2-H-ES: *‘Aqui em Paranaguá rocio tem o sentido de orvalho. Já o meu sentido de rossio com dois “esses” que é róssio, que é a palavra principal, ele quer dizer campo, local aberto. É que a igreja hoje monta muito rocio com c como orvalho que achou a santa. Mas na verdade a escrita original é com dois “esses” que significa praça aberta, espaçosa’*. Através desta informação compreende-se que o lugar onde foi encontrada a Santa havia muito *rocio*, ou seja, ‘orvalho’ e por *extensão de sentido* o nome *rocio* passou a designar a Santa do Rocio, a igreja do Rocio e o bairro do Rocio, lugar onde se encontra a Padroeira da cidade. Portanto, dos dezesseis entrevistados, treze informantes (oito da faixa I e cinco da faixa II) reconheceram o item lexical *rocio* com o sentido de: ‘bairro’, ‘Santa’, ‘igreja’. Já o informante F2-H-EF atribuiu à lexia *rocio* o sentido de ‘*lugar onde faz uma roçada seria um rocio*’. Esta acepção encontra-se registrada por Ferreira e Houaiss na segunda entrada para *rocio* marcada como *brasileirismo*, em Ferreira, e *regionalismo de São Paulo*, em Houaiss. Em seguida, esse mesmo informante acrescenta que, em Paranaguá, *rocio* se usa mais para denominar a igreja. Quanto à acepção buscada ‘praça larga, espaçosa’, apenas o informante F2-H-ES reconheceu a unidade lexical *rossio* com o valor de ‘campo, local aberto, praça aberta, espaçosa’. Nos dicionários pesquisados, os lexicógrafos Cunha, Ferreira e Houaiss fixam o registro das entradas *rossio*, *rocio*¹ e *rocio*², atribuindo-lhe os valores: ‘praça larga, espaçosa’ (*rossio*); ‘m.q. orvalho’ (*rocio*¹); ‘antiga roça’ (*rocio*²).

Analisando o contexto de uso da unidade lexical *rossio* e comparando com a acepção buscada, presume tratar-se de uma lexia com **tendência ao desuso**, visto que apenas um informante da faixa II reconheceu *rossio* com o sentido documentado no *corpus* escrito. O item lexical que apresenta considerável produtividade na fala dos parnanguaras refere-se, na verdade, ao seu homônimo *rocio* e não ao mesmo item lexical em estudo.

134. SEARA / DOC.22, fól.1r, l.09-11

Acepção buscada	Plantação, terra cultivada.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Alimento.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: Conheço como o local onde os agricultores vendem seu produto. Um local de revenda de produtos.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: Seara de alimentos.</p>

	F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Seara seria colheita. F2-M-EF: Colheita. F2-H-EM: Onde tem plantação de alguma coisa, é uma seara. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: É uma plantação. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): SEARA. Os pães, em quanto estão em pé, no campo.</p> <p>Morais Silva (1813): SEÁRA, s. f. §. <i>Fazer seara</i>, plantar em terra alheia, não abegado nella, com bois alheyos.</p> <p>Cunha (1997): <i>seara</i> <i>sf.</i> ‘extensão de terra semeada’ XIII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>seara</i> 2. Extensão de terra semeada, cultivada.</p> <p>Houaiss (2007): <i>seara</i> <i>datação</i> 933 2 Rubrica: agricultura: extensão de terra cultivada.</p>
<p>A lexia <i>seara</i> com o sentido da acepção em estudo ‘plantação, terra cultivada’ foi reconhecida por apenas dois informantes (F2-H-EM e F2-H-ES). Os demais informantes empregaram diversos significados: (i) dois informantes da faixa I (F1-H-EF, F1-M-ES) definiram <i>seara</i> com o sentido de ‘alimento’; (ii) dois informantes da faixa II (F2-H-EF, F2-M-EF) a definiram como ‘colheita’; (iii) e o informante F1-H-EM associou <i>seara</i> a um ‘local de revenda de produtos’. Estes novos significados atribuídos para a forma lexical <i>seara</i> não constam do registro dos dicionários pesquisados. Talvez a associação entre os semas ‘alimento’, ‘colheita’ para a forma lexical <i>seara</i>, seja devido à proximidade dos traços semânticos [+plantar, plantação, colheita, alimento]. Os lexicógrafos Cunha, Ferreira e Houaiss trazem o registro da acepção buscada. Já Bluteau define a entrada <i>seara</i> de forma vaga: ‘os pães enquanto de pé no campo’. Moraes Silva, por sua vez, refere-se à locução <i>fazer seara</i> com o sentido de ‘plantar em terra alheia’.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>seara</i> no estágio atual de variação, constata-se que este item lexical apresenta tendência ao desuso, visto que apenas dois informantes da faixa II ainda empregam <i>seara</i> com o sentido de ‘plantação’ e ‘terra cultivada’.</p>	

135. SOLDADO / DOC.47, fól.1v, l.14-17	
Acepção buscada	Salário, remuneração de militar.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Soldo de soldar.

informantes	<p>F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Soldador. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Salário. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Soldo é salário dos soldados. Os militares mais antigos falam: vou ao banco pegar meu soldo. Meus alunos dizem: o meu pai falam isso. F2-M-ES: Soldo vem de soldar, metalúrgico.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): SOLDADO. A paga do Soldado. Morais Silva (1813): SÓLDO, s. m. A paga do soldado, commummente pronunciamos <i>sólido</i>, o pré dos soldados; a moeda antiga é <i>sólido</i>. Cunha (1997): soldar vb. soldo sm. ‘salário’ XV. Ferreira (2004): soldo 2. Bras. Mil. Quantia básica, de referência, para pagamento de militar, à qual se acrescentam percentuais que variam com a categoria hierárquica, especialidade, tempo de serviço, etc. Houaiss (2007): soldo <i>datação</i> 933 5 Derivação: por extensão de sentido: vencimento de militares de qualquer posto ou graduação.</p>
<p>Analisando o contexto de uso do item lexical <i>soldo</i> constata-se baixa produtividade na fala dos entrevistados. Dos dezesseis informantes, onze (seis da faixa I e cinco da faixa II) disseram não conhecer essa lexia. Dos cinco que a reconheceram, dois informantes f2-H-EF e F2-H-ES atribuíram a <i>soldo</i> o valor de <i>salário</i>. Da acepção em estudo ‘salário, remuneração de militar’, apenas o informante F2-H-ES especificou o conceito: ‘<i>Soldo é salário dos soldados. Os militares mais antigos falam: vou ao banco pegar meu soldo. Meus alunos dizem: o meu pai falam isso</i>’. Neste enunciado, as passagens ‘militares mais antigos falam’ e ‘o meu pai falam isso’ parecem evidenciar a marca diageracional exclusiva a esta lexia. Outros três informantes (F1-H-EF e F1-M-EM / F2-M-ES) associaram a forma lexical <i>soldo</i> com o parônimo soldar devido à semelhança entre essas formas. Etimologicamente, <i>soldo</i> vem do lat. <i>solidus</i>, <i>a</i>, <i>um</i>, e <i>soldar</i> do lat. <i>solidare</i>. Portanto, trata-se de itens lexicais e significados distintos. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss trazem o registro da acepção buscada para a unidade lexical <i>soldo</i>. Ferreira marca <i>brasileirismo</i> na segunda acepção, a designação ‘pagamento de militar’. Houaiss, na quinta acepção, informa ser essa designação <i>derivação por extensão de sentido</i>. Cunha define a entrada <i>soldo</i> como sinônimo de <i>salário</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>soldo</i>, constata-se que seu emprego é</p>	

escasso. O único informante que atribuiu o sentido de ‘salário de soldados’ informou ser típico da fala de pessoas mais antigas. As respostas dos informantes da faixa I confirmam esta assertiva, haja vista que nenhum reconheceu *soldo* com o valor de ‘salário’. Portanto, no estágio atual de variação, esta unidade lexical apresenta **tendência ao desuso**.

136. SUMACA / DOC.11, fól.1r, l.10-14

Acepção buscada:	Navio a vela, pequena embarcação.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): <i>sumaca</i> <i>sf.</i> ‘antigo navio a vela’ XVII. Ferreira (2004): <i>sumaca</i> l. Bras. Antigo navio à vela, muito usado na costa do Brasil, semelhante ao patacho, porém menor, de mastreação constituída de gurupés e dois mastros inteiriços: o de vante, que cruza duas vergas, e o de ré, que enverga vela latina. Houaiss (2007): ¹<i>sumaca</i> <i>datação</i> 1660 Rubrica: termo de marinha. Diacronismo: antigo: pequena embarcação de dois mastros, us. outrora esp. no Brasil e na América do Sul.</p>

Dos dezesseis entrevistados, todos disseram desconhecer a lexia *sumaca*. Supõe-se, pela não ocorrência desta unidade lexical no contexto de fala dos informantes parnanguaras, que seu registro consta somente dos documentos manuscritos, livros de história e dos dicionários gerais. Quanto ao registro nos dicionários pesquisados, Cunha e

Ferreira definem a entrada *sumaca* como ‘antigo navio à vela’. Houaiss a define como ‘pequena embarcação de dois mastros, usado esp. no Brasil e na América do Sul’, marcando como *diacronismo antigo* pertencente ao termo *da marinha*. Curiosamente, o item lexical *sumaca* não consta do registro dos dicionários de Bluteau e de Moraes Silva, mesmo tendo sua entrada fixada por Cunha a partir do séc. XVII, e, mais especificamente, por Houaiss em 1660, e também registrado no documento manuscrito datado de 1721, cujo significado é o mesmo registrado por Cunha, Ferreira e Houaiss.

Considerando os dados analisados, a lexia *sumaca*, sem nenhuma ocorrência em contexto de fala dos entrevistados, caiu em **desuso**, justamente por não existir mais este tipo de embarcação no Brasil.

137. SUSTENTAÇÃO / DOC.48, fól.1r, l.35-39

Acepção buscada	Abastecimento de alimento, sustento.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando você faz um pilar pra sustentar uma viga. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É sustentar. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: A pessoa que sustenta, mantém ou faz a sustentação da casa. F1-M-EM: Sustentando alguém, que me dá sustentação. F1-H-ES: Sentido de dinheiro, que sustenta. F1-M-ES: Algo que se sustenta, sustentável, sustentabilidade.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Eu vou pôr esse pau aqui nessa casa pra sustentar. F2-H-EF: Alguma coisa que sustenta alguma coisa, um pilar e tal. F2-M-EF: Uma viga de concreto por exemplo serve de sustentação pro telhado. F2-H-EM: A coluna serve como sustentação de uma casa. F2-M-EM: Aquela pessoa é a cabeça da família, é a sustentação da casa. F2-H-ES: Sustentação é que dá apoio. F2-M-ES: A gente trabalha para levar sustentação para casa, ganhar o sustento.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): SUSTENTAÇÃO, ou Sustento. <i>Vid.</i> Sustento. Moraes Silva (1813): SUSTENTAÇÃO, s. f. O acto de sustentar. §. O sustento. Cunha (1997): <i>sustentar</i> <i>vb.</i> ‘alimentar física ou moralmente’ <i>sustentação</i> -ção XIII. Ferreira (2004): <i>sustentação</i> 3. Alimento, sustento.</p>

	Houaiss (2007): sustentação <i>datação 1</i> abastecimento renovado do conjunto das substâncias necessárias à conservação da vida; nutrição, alimentação, sustento.
<p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>sustentação</i> presente na fala dos informantes de Paranaguá, constata-se que sua ocorrência é bastante produtiva. Dos dezesseis entrevistados, treze informantes reconheceram o item lexical com variação de significado: (i) cinco informantes (F1-H-EP / quatro da faixa II: F2-M-EP, F2-H-EF, F2-M-EF e F2-H-EM), ao atribuírem à lexia <i>sustentação</i> o sentido de ‘aquilo que sustenta, sustentáculo, apoio’, empregaram as seguintes variantes lexicais: ‘pilar’, ‘pau’, ‘viga de concreto’, ‘coluna’; (ii) três informantes (F1-H-EF e F1-M-ES / F2-H-ES) responderam em contexto mais genérico: ‘sustentar’, ‘algo que sustenta, sustentável, sustentabilidade’, ‘que dá apoio’; (iii) o informante F1-H-ES associou <i>sustentação</i> ao sentido de ‘dinheiro, que sustenta’. Esta acepção não consta do registro dos dicionaristas pesquisados. Com relação à acepção buscada ‘abastecimento de alimento, sustento’ para a unidade lexical <i>sustentação</i>, quatro informantes (F1-H-EM e F1-M-EM / F2-M-EM e F2-M-ES) disseram empregá-la em seu contexto de fala. A acepção investigada encontra-se lexicalizada em Bluteau, Morais Silva, Ferreira e Houaiss. Para a designação da entrada <i>sustentação</i>, o primeiro dicionarista remete o consulente à variante lexical <i>sustento</i>.</p> <p>Analisando os dados apresentados, observa-se que a forma lexical <i>sustentação</i> com o sentido da acepção em estudo está perdendo forças para o emprego das demais acepções atribuídas para esta lexia. No estágio atual de variação, o item lexical <i>sustentação</i> apresenta tendência ao desuso, uma vez que dos seis informantes da faixa I que a reconheceram, apenas dois a empregam com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p>	

138. TABUADO / DOC.46, fól.1v, l.09-10	
Acepção buscada	Conjunto de tábuas, de peças de madeira.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: Conheço só tabuada de conta. F1-H-EF: Conheço só tabuada da escola. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Conheço só tábua. F1-M-EM: Conheço tábua. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: Tabuado pra nós aqui é negócio de madeira. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR.</p>

	<p>F2-M-EF: Tabuado antigamente no meu tempo era um brejo onde tinha uma taboa, uma planta que daquela planta se fazia travesseiro, isso seria o tabuado, era um lugar difícil pra entrar porque era muita lama, muito brejo.</p> <p>F2-H-EM: NSR.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Tabuado que tá marcado.</p> <p>F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): TABOADO. As taboas de hum soalhado, ou muytas taboas desta, ou daquela casta.</p> <p>Moraes Silva (1813): TABOÁDO, s. m. Multidão de taboas.</p> <p>Cunha (1997): <i>tábua, tábula, távola, tabla</i> <i>sf.</i> ‘orig. mesa’ ‘ext. peça plana de madeira’ <i>tabuado, tabulado sm.</i> <i>tauolado</i> XVII.</p> <p>Ferreira (2004): <i>tabuado</i> 1. Conjunto de peças de madeira, unidas entre si ou colocadas lado a lado, que constituem forro de assoalho, o próprio assoalho, revestimento de parede, a própria parede, etc.; tabuame.</p> <p>Houaiss (2007): <i>tabuado</i> <i>datação</i> sXIV Rubrica: carpintaria. 1 conjunto de tábuas agrupadas, us. para revestir telhado, assoalho, paredes, pontes etc.; tabuame, tabulado.</p>
<p>A unidade lexical <i>tabuado</i> está registrada por todos os lexicógrafos acima com a mesma acepção buscada: ‘conjunto de tábuas, de peças de madeira’. Dos dezesseis entrevistados, sete informantes reconheceram essa lexia, mas a empregaram com variação de significados: (i) dois informantes (F1-H-EP e F1-M-EP) disseram conhecer somente o item lexical <i>tabuada</i>, cujo significado pertence ao campo da <i>aritmética</i>: ‘tabela das quatro operações elementares de números’; (ii) a informante F2-M-EF reconheceu <i>tabuado</i> como um conjunto da planta ‘taboa’ que servia para confeccionar o travesseiro. Segundo esta informante, a ‘taboa’ é uma planta típica de lugares úmidos, de difícil acesso, onde há muito brejo. O dicionarista Ferreira registra a entrada <i>taboa</i> e remete o consulente à variante lexical <i>tabua</i>, inserindo essa unidade léxica ao campo semântico da <i>botânica</i>, concebendo-a, também, como um <i>brasileirismo</i> na acepção: ‘Grande erva da família das tifáceas, que vive em águas paradas e rasas, pois se radica no fundo lemacento por meio de um rizoma, que é comestível. [...] As folhas servem para tecer esteiras e cestos, e podem dar celulose para papel’; (iii) o informante F2-H-ES informou de forma genérica: ‘<i>Tabuado que tá marcado</i>’; (iv) somente três informantes (F1-H-EM e F1-M-EM / F2-H-EP) atribuíram à lexia <i>tabuado</i> designações próximas ao sentido documentado no <i>corpus</i> escrito: ‘tábua’, ‘negócio de madeira’.</p> <p>Analisando os dados em questão, constatou-se que o item lexical <i>tabuado</i> com o sentido da acepção investigada, não se encontra mais registrada em contexto de fala dos entrevistados de Paranaguá, pressupondo, desta forma, tratar-se de um caso de desuso.</p>	

139. TABULARIA / DOC.42, fól.1r, l.28-31	
Acepção buscada	Uma espécie de tábua.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Conheço só tabuleiro de xadrez. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: Seria uma marcenaria onde se fazem móveis. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): N.D. Houaiss (2007): N.D.</p>
<p>A lexia <i>tabularia</i> encontra-se registrada no <i>corpus</i> escrito com o sentido de ‘uma espécie de tábua’. Nos dicionários pesquisados não consta do registro desta unidade lexical. Em contexto de fala, somente dois informantes responderam a questão referente à <i>tabularia</i>. O informante F1-H-EF disse conhecer somente ‘tabuleiro de xadrez’. Já a informante F2-M-EF associou <i>tabularia</i> com uma ‘marcenaria onde se fazem móveis’. Há, portanto, uma relação entre os semas das formas lexicais <i>tabularia</i> e <i>marcenaria</i>, pois ambas possuem os traços [tábua, madeira].</p> <p>Considerando os dados apresentados, constata-se a não ocorrência da acepção buscada por nenhum dos entrevistados, portanto, infere-se ser o item lexical <i>tabularia</i> um caso de <u>desuso</u>.</p>	

140. VERAS / DOC.11, fól.1r, l.05-06	
Acepção buscada	Coisas verdadeiras, verdade.

Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: De verdade.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Veras é verdade, é vero. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): VERAS. Às vezes val o mesmo que verdade, & e cousa de proposito. Morais Silva (1813): VÉRAS, s. f. pl. <i>Devéras</i>, adv. Com verdade. Cunha (1997): <i>verdade sf. veras sf. pl.</i> ‘coisas verdadeiras’ XVII. Ferreira (2004): <i>veras</i> 1. Coisas verdadeiras; realidade, verdade. Houaiss (2007): <i>vera datação</i> 1543 1 verdade.</p>
<p>Observa-se pelo contexto de uso que a lexia <i>veras</i> tem escassa produtividade no dia a dia dos informantes parnanguaras, pois, dos dezesseis entrevistados, somente dois informantes (F1-M-ES / F2-H-EF) a reconheceram com o sentido da acepção buscada: ‘coisas verdadeiras, verdade’. O informante F2-H-EF acrescentou em sua resposta a variante lexical <i>vero</i>, cujo significado é o mesmo de ‘verdadeiro’. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva e Ferreira registraram a designação em estudo para a entrada <i>veras</i>. Houaiss registra somente o lema <i>vera</i> com o sentido de ‘verdade’. Cunha registra a entrada <i>verdade</i> e em seguida conceitua <i>veras</i> com a acepção: ‘coisas verdadeiras’.</p> <p>Considerando os dados analisados, verifica-se que a unidade lexical <i>veras</i> tem baixa produtividade na fala dos entrevistados. Dos dezesseis entrevistados, quatorze informantes (sete da faixa I e sete da faixa II) disseram desconhecer a lexia em questão, tendo o seu reconhecimento apenas por parte de dois informantes: um da faixa I e outro da faixa II. Portanto, a forma lexical <i>veras</i> apresenta tendência ao desuso.</p>	

141. VIGÁRIO / DOC.06, fól.1r, l.03-04

Acepção buscada	Padre que substitui o pároco.
-----------------	-------------------------------

<p>Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes</p>	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Só a expressão: não caio no conto do vigário. F1-M-EF: É o padre. F1-H-EM: É da igreja. F1-M-EM: Vigarista. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: De padre.</p> <p>F2-H-EP: Vigário é uma pessoa que tá na igreja, você é um vigário. F2-M-EP: Antes falavam que era padre. F2-H-EF: Vigário é o padre. F2-M-EF: Padre. F2-H-EM: Título eclesiástico da igreja católica. F2-M-EM: Vigário é padre. F2-H-ES: Padre. F2-M-ES: É o padre.</p>
<p>Acepções registradas nos dicionários</p>	<p>Bluteau (1712-1728): VIGAIRO, ou Vigario, ou Vicario. O que faz as vezes, & funçoens do Prelado na sua ausencia. Vigairo, Cura d'almas. Morais Silva (1813): VIGÁRIO, s. m. O Cura d'almas. Cunha (1997): vigário <i>sm.</i> 'orig. vicário' 'ext. padre que faz as vezes do prelado, ou que substitui o pároco' XIII. Ferreira (2004): vigário 3. Padre que substitui o pároco em uma paróquia. Houaiss (2007): vigário <i>datação sXIII 2.2</i> padre que substitui o pároco de uma paróquia.</p>

Analisando o contexto de uso da lexia *vigário* pelos entrevistados de Paranaguá, constata-se ser bastante produtiva, mas com variação de significados. Para a maioria dos informantes, principalmente da faixa II (F1-M-EF e F1-M-ES / seis da faixa II: F2-M-EP, F2-H-EF, F2-M-EF, F2-M-EM, F2-H-ES, F2-M-ES), *vigário* é sinônimo de 'padre'. A informante F2-M-EP respondeu que 'antes falavam que era padre', levando a entender que hoje o item lexical *vigário* talvez tenha adquirido outro sentido. Outros três informantes (F1-H-EM / F2-H-EP e F2-H-EM) associaram a unidade léxica *vigário* ao local 'igreja', à 'pessoa que frequenta uma igreja' e ao 'título eclesiástico da igreja católica'. Já dois informantes da faixa I atribuíram a *vigário* sentido *pejorativo*: (i) para a informante F1-M-EM, *vigário* é sinônimo de 'vigarista'. Houaiss registra a entrada *vigário* atribuindo-lhe na quinta acepção, a marca dialetal de *regionalismo de Minas Gerais de uso informal* e a define: 'aquele que engana outrem com trapanças; vigarista, velhaco'; (ii) o informante F1-H-EF recordou-se apenas da expressão idiomática: '*não caio no conto do vigário*', cujo significado é sinônimo de 'falcatura e malandragem'. Constam dos lexicógrafos pesquisados a acepção em estudo: 'padre que substitui o pároco'.

Analisando o contexto de fala da lexia *vigário*, verifica-se que nenhum dos informantes a reconheceu com o mesmo sentido documentado no *corpus* escrito. No entanto, a designação de ‘padre’ atribuída para a unidade lexical *vigário* foi o mais próximo da acepção investigada e esteve presente na fala de dois informantes da faixa I e seis da faixa II. Presume-se que, com o tempo, a acepção ‘padre que substitui o pároco’ para o item lexical *vigário*, foi se perdendo, restando apenas a sentido de ‘padre’, conhecido pelos informantes como sinônimo de *vigário*. Portanto, o item lexical *vigário* com o sentido da acepção documentada no *corpus* escrito não se encontra mais no contexto de fala dos informantes de Paranaguá, pressupondo, então, ser um caso de **desuso**.

ADJETIVOS

142. ABASTADO / DOC.47, fól.2r, l.06-09	
Acepção buscada	Rico, possuidor de bens.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Bem de dinheiro. F2-M-EF: É alguém que tem muitos bens. F2-H-EM: Uma pessoa que tem muitas posses de terreno ou de dinheiro. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Abastado é rico. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ABASTADO. Homem abastado. Aquelle, que tem, o que lhe basta. Bastantemente rico.</p> <p>Morais Silva (1813): ABASTÁDO, part. Pass. de Abastar. Que tem o que é bastante, e suficiente.</p> <p>Cunha (1997): <i>bastar</i> vb. ‘ser bastante, suficiente’ ‘satisfazer’ abastado XIV.</p> <p>Ferreira (2004): abastado 2. Endinheirado, dinheiroso, rico, abastoso.</p> <p>Houaiss (2007): abastado <i>datação</i> sXIV 2 rico, opulento.</p>

A acepção em estudo ‘rico, possuidor de bens’ para a entrada *abastado* encontra-se registrada em Bluteau, Morais Silva, Ferreira e Houaiss. Analisando o contexto de uso da lexia *abastado*, verifica-se baixa produtividade. Dos dezesseis entrevistados, apenas quatro informantes da faixa II (F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM e F2-H-ES) reconheceram o item lexical *abastado* com o sentido da acepção buscada e outros doze informantes (oito da faixa I e quatro da faixa II) disseram não conhecê-lo.

Portanto, como a forma lexical *abastado* não foi reconhecida por nenhum dos informantes da faixa I e sua ocorrência esteve presente somente na fala de quatro informantes da faixa II, supõe tratar-se de um caso de **tendência ao desuso**.

143. ACOMETIDO / DOC.36, f6l.1r, l.06-07	
Acepção buscada	Entregue, confiado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: É uma pessoa controlada. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Quando alguém está doente, está acometida por uma enfermidade. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: No sentido que ele foi acometido de uma doença, ele foi infectado, ele teve um mal súbito. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ACOMETIDO. Provocado. Irritado.</p> <p>Morais Silva (1813): ACOMMETTÍDO, part. pass. de Acommetter. [ACOMMETTÈR, v. at. Assaltar, investir, principiar a batalha, briga].</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): N.D.</p> <p>Houaiss (2007): <i>acometido</i> <i>datação</i> sXV 5 Derivação: sentido figurado. afetado, atacado (por doença, sentimento etc.).</p>

Analisando o contexto de uso da lexia *acometido* constata-se baixa produtividade por parte dos informantes de Paranaguá. Dos dezesseis entrevistados, apenas três informantes da faixa II reconheceram a unidade lexical em estudo. O informante F2-H-EF atribuiu à lexia *acometido* o valor de ‘pessoa controlada’. Outros dois informantes (F2-H-EM e F2-H-ES) definiram *acometido* como ‘alguém estar acometida por uma doença, uma enfermidade’. Houaiss registra esta definição na quinta acepção por *derivação: sentido figurado*: ‘afetado, atacado (por doença, sentimento etc.)’. Não consta o registro da acepção buscada dos dicionários de Bluteau e Moraes Silva. Cunha e Ferreira, por sua vez, não trazem o registro da unidade lexical *acometido*.

Considerando os dados analisados, constata-se que nenhum dos informantes da faixa I reconheceu o item lexical *acometido*, e os três informantes da faixa II a empregam com o sentido diferente da acepção investigada. Conclui-se, dessa forma, ser um caso de **desuso**.

144. ACOMODADO / DOC.25, f6l.1r, l.32-35

Acepção buscada	Instalado, alojado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: Quando você vai para casa de alguém é fica bem acomodado lá.</p> <p>F1-H-EF: Pessoa tranquila, que se acomoda, fica acomodado e não faz nada, é preguiçoso.</p> <p>F1-M-EF: Aquela pessoa acomodada, que não sai do lugar, não faz nada.</p> <p>F1-H-EM: Tem muita gente aqui acomodada e também ficar num lugar acomodada, instalada.</p> <p>F1-M-EM: Uma pessoa sossegada.</p> <p>F1-H-ES: Sentido de preguiçoso, pessoa acomodada.</p> <p>F1-M-ES: De acomodar-se, de se estabelecer em algum lugar.</p> <p>F2-H-EP: Acomodado é a pessoa é muito parado assim, fica acomodado.</p> <p>F2-M-EP: Um marido que não trabalho é acomodado.</p> <p>F2-H-EF: Acomodado é bem pacata, calma, parada ela é cômoda.</p> <p>F2-M-EF: Alguém tranquilo e também alguém que se acomoda no hotel.</p> <p>F2-H-EM: É uma pessoa que ficou pacato, tem talento na vida, mas ficou acomodada.</p> <p>F2-M-EM: Fulano é acomodado, não quer nada com o serviço.</p> <p>F2-H-ES: Acomodado é tranquilo. Também podemos pergunta se alguém está bem acomodado, se está confortável, mesmo sentido de estar instalado.</p>

	F2-M-ES: Acomodado é uma pessoa que não quer nada na vida e também quando alguém se acomoda em sua casa, se instala lá e fica.
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ACCOMODADO. O que servindo a alguém, tem honestamente o que hà mister. Estou accomodao em caza do Conde, etc.</p> <p>Morais Silva (1813): ACCOMODÁDO, part. pass. de Accommodar. §. Casa ; que tem commodos de vivenda.</p> <p>Cunha (1997): comodidade <i>sf.</i> ‘qualidade ou caráter do que é cômodo’ acomodado 1572.</p> <p>Ferreira (2004): acomodado 2. Tranquilo, quieto, sossegado.</p> <p>Houaiss (2007): acomodado <i>datação</i> 1570 2 instalado, alojado.</p>
<p>Analizando o contexto de utilização da lexia <i>acomodado</i> presente na fala dos informantes de Paranaguá, constata-se que sua ocorrência é bastante produtiva. Dos dezesseis entrevistados, nove informantes (quatro da faixa I e cinco da faixa II) atribuíram à lexia <i>acomodado</i> as seguintes designações: ‘preguiçoso’, ‘sossegado’, ‘não faz nada’, ‘parada’, ‘não trabalha’, ‘pacata’, ‘calma’ e ‘cômoda’. Ferreira registra estas designações na segunda acepção da entrada <i>acomodado</i>. Quanto à acepção buscada ‘instalado, alojado’, seis informantes reconheceram a unidade lexical <i>acomodado</i> com este sentido: (i) dois informantes F1-H-EP e F1-H-ES empregaram apenas com o sentido da acepção em estudo; e (ii) quatro informantes (F1-H-EM / F2-M-EF, F2-H-ES e F2-M-ES) empregaram com variação de significados: ‘pessoa tranquila, não quer nada na vida’ e ‘instalado, alojado’. A acepção investigada encontra-se lexicalizada em Bluteau, Moraes Silva e Houaiss. Cunha e Ferreira, por sua vez, não trazem o registro da acepção em estudo.</p> <p>Analizando os dados apresentados, constata-se que a lexia <i>acomodado</i> com o sentido da acepção investigada está perdendo forças para o emprego das demais acepções empregadas pelos nove informantes (quatro da faixa I e cinco da faixa II). No estágio atual de variação, a unidade lexical <i>acomodado</i> apresenta tendência ao desuso, uma vez que, dos seis informantes da faixa I que a reconheceram, apenas dois a empregam com o sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p>	

145. AFETO / DOC.32, f6l.1v, l.17-18

Acepção buscada	Partidário, adepto.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Afeto é quando a gente gosta de alguém.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: É carinho.</p> <p>F1-M-EF: Afeto é carinho, atenção.</p> <p>F1-H-EM: Afeto é gostar de alguém.</p>

	<p>F1-M-EM: Você quer expressar um sentimento. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: De amor, carinho.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Eu tenho afeto por alguém, é gostar de alguém. F2-H-EF: É carinho, sei lá amor. F2-M-EF: É alguém que te faz um carinho, que gosta de você. F2-H-EM: É um carinho. F2-M-EM: Afeto é quanto eu gosto de alguém. F2-H-ES: Carinho. F2-M-ES: É querer bem a pessoa.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): AFFECTO. Amor. Boa vontade. Moraes Silva (1813): AFFÉCTO, adj. Afeiçãoado, que tem afeição a alguém. Cunha (1997): <i>afecção</i> <i>sf.</i> <i>afeto</i>¹ <i>adj.</i> ‘sujeito a, dependente de’ ‘afeiçãoado a’ XVII. Ferreira (2004): <i>afeto</i>² 2. Partidário, sectário. Houaiss (2007): ²<i>afeto</i> <i>datação</i> 1611 1 que demonstra inclinação ou estima por; afeiçãoado, dedicado; partidário de, simpatizante.</p>
<p>A busca da acepção ‘partidário, adepto’ para a lexia <i>afeto</i>, constatou o não reconhecimento por parte de todos os entrevistados. Dos dezesseis informantes, treze reconheceram esta lexia, mas com as seguintes designações: ‘carinho’, ‘gostar de alguém’, ‘querer bem’, ‘expressar um sentimento’. A acepção empregada pelos informantes refere-se ao homônimo <i>afeto</i> registrado na primeira entrada dos dicionários de Cunha, Ferreira e Houaiss, cuja etimologia vem do lat. <i>affectus, us</i>, enquanto a acepção buscada ‘partidário, adepto’ refere-se ao outro item lexical <i>afeto</i>, registrado na segunda entrada dos dicionários de Ferreira e Houaiss, de procedência lat. <i>affectus, a, um</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>afeto</i> e comparando com a acepção investigada, presume tratar-se de uma lexia em desuso, visto que a ocorrência do item lexical <i>afeto</i> registrada na fala dos treze informantes (seis da faixa I e sete da faixa II) refere-se a seu homônimo, e não ao mesmo item lexical em estudo.</p>	

146. APONTADO / DOC.46, fól.1r, l.28-30	
Acepção buscada	Indicado, referido, citado.
Acepção(ões) conhecida(s)	<p>F1-H-EP: Apontado pra nós, é quando aponta alguma pessoa, para algum serviço.</p> <p>F1-M-EP: Quando alguém é apontado para trabalhar em tal lugar.</p>

pelos informantes	<p>F1-H-EF: NSR.</p> <p>F1-M-EF: Fulana foi apontada, de mostrar.</p> <p>F1-H-EM: Apontado é uma pessoa que foi citada, alguém falou, foi apontada ali.</p> <p>F1-M-EM: Acusado.</p> <p>F1-H-ES: Sentido de indicado.</p> <p>F1-M-ES: De indicar alguém, algo.</p> <p>F2-H-EP: Apontado é quando você aponta uma pessoa por qualquer coisa.</p> <p>F2-M-EP: Quando alguém é apontado por alguém para trabalhar em algum serviço.</p> <p>F2-H-EF: Uma pessoa que a gente indica para algum cargo, pode ser apontado também.</p> <p>F2-M-EF: Fulano foi apontado pra um trabalho, pra um cargo melhor.</p> <p>F2-H-EM: Você vai fazer um concurso, fulano me apontou pra tal cargo, me indicou.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Apontado foi acusado, foi mostrado.</p> <p>F2-M-ES: Quando alguém te aponta para um emprego, você é uma pessoa apontada por ele.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): APONTADO por este, ou por aquelle Author.</p> <p>Morais Silva (1813): APONTÁDO, part. pass. de Apontar. §. Designado para cargo, officio. §. Prevenido, e apontado para alguma coisa.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): apontado¹ 2. Mostrado, indicado, indigitado.</p> <p>Houaiss (2007): ¹apontado <i>datação</i> sXV 3 indicado (por algum motivo específico); designado, nomeado, citado.</p>
<p>Analisando o contexto de utilização da lexia <i>apontado</i> pelos informantes parnanguaras, constata-se ser bastante produtiva na fala dos entrevistados. A maior parte dos informantes (cinco da faixa I e seis da faixa II) reconheceu o item lexical <i>apontado</i> com o mesmo sentido da acepção buscada ‘indicado, referido, citado’. Outros três informantes (F1-M-EF e F1-M-EM / F2-H-ES) o reconheceram com variação de significado: ‘mostrar’ e ‘acusar’. Com relação à acepção em estudo, todos os lexicógrafos pesquisados (com exceção de Cunha) trazem o seu registro para o item lexical <i>apontado</i>.</p> <p>Levando em consideração os dados analisados, no estágio atual de variação com os demais significados, há indícios de permanência da acepção buscada para esta unidade lexical, presente no contexto de fala de onze informantes (cinco da faixa I e seis da faixa II). Portanto, a lexia <i>apontado</i> revela tendência à manutenção.</p>	

147. ASSENTADO / DOC.13, fól.1r, l.09-11	
Acepção buscada	Estabelecido, decidido.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Assentar um terreno, tijolo. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Assentado é quando a gente se senta. F2-H-EF: Assentado é, por exemplo: assentar um tijolo. F2-M-EF: Assentou cerâmica, assentou o tijolo. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: É quando eu vou me assentar num lugar. F2-H-ES: Assentar quer dizer juntar os processos num alto. F2-M-ES: Assentado é quando a gente coloca as coisas todas em ordem, elas ficam todas assentadas.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ASSENTADO. Resolvido. Determinado. Morais Silva (1813): ASSENTÁDO, p. pss. De ASSENTÁR, v. at. §. Estabelecér. Cunha (1997): <i>assentar</i> vb. ‘apor, anotar’ assentado XIV. Ferreira (2004): assentado 3. Firmado, resolvido, deliberado. Houaiss (2007): assentado <i>datação</i> sXIII 3 estabelecido com firmeza; resolvido, decidido, fixado.</p>
<p>Dentre as várias designações registradas nos dicionários pesquisados para a entrada <i>assentado</i>, os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registraram a mesma acepção documentada no <i>corpus</i> escrito: ‘estabelecido, decidido’. Observando o contexto de uso dessa lexia, verifica-se considerável frequência na fala dos entrevistados de Paranaguá. Os sete informantes que reconheceram o item lexical <i>assentado</i> o empregam com variação de significados: (i) três informantes (F1-H-EM / F2-H-EF e F2-M-EF) atribuíram o sentido de assentar: ‘um terreno’, ‘tijolo’, ‘cerâmica’. Para a entrada <i>assentado</i> Ferreira registra na segunda acepção: ‘colocar ou dispor de modo que fique seguro’; (ii) duas informantes F2-M-EP e F2-M-EM atribuíram o sentido de ‘sentar, assentar num lugar’. Ferreira registra na primeira acepção: ‘flexionar, ou fazer flexionar, os membros inferiores, apoiando as nádegas e coxas em assento; assentar-se, sentar’; (iii) já para o informante F2-H-ES ‘<i>assentar quer dizer juntar os processos num alto</i>’; e (iv) para a informante F2-M-ES ‘<i>Assentado é quando a gente coloca as coisas todas em</i></p>	

ordem, elas ficam todas assentadas'. Estas duas acepções não constam do registro dos dicionários pesquisados.

Analisando o contexto de uso desta lexia e comparando com as respostas dos informantes, constata-se a não ocorrência da acepção em estudo 'estabelecido, decidido' para o item lexical *assentado*, inferindo, dessa forma, ser um caso de **desuso**.

148. ASSOMBRADO / DOC.33, fól.1v, l.07-10	
Acepção buscada	Coberto, cheio de sombras.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando um lugar é assombrado, de medo. F1-M-EP: Casa mal assombrada. F1-H-EF: Medo, susto. F1-M-EF: Casa assombrada. F1-H-EM: Lugar mal assombrado. F1-M-EM: Lugar vazio, mal assombrado. F1-H-ES: Lugar assustado. F1-M-ES: Assombrado de assombração.</p> <p>F2-H-EP: Coisa de antiguidade, não vai naquele lugar que tem assombração assombrado. F2-M-EP: Lugar assombrado, de medo. F2-H-EF: Assombrado é o lugar que é assombrado, só assim. F2-M-EF: Assombrado é alguém medroso, que tem medo de tudo. Eu sou muito assombrado. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: Conheço como casa assombrada, de medo. F2-H-ES: Assombrado como assombração sim. Antigamente, nos textos se encontravam as casas eram assombradas porque tinha muita sombra ou árvores na frente, mas só nos textos, não se usa como sombra de árvore e nem com casa com sombra. F2-M-ES: De vez em quando uso: tem um árvore assombrada naquele lugar, cheia de sombras.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ASSOMBRADO. Espantado com medo. Morais Silva (1813): ASSOMBRÁDO, p. pass. de Assombrar. Cheyo de sombra, por se metter em meyo coisa, que impida a luz. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): <i>assombrado</i> 1. Coberto de sombra; sombrio. Houaiss (2007): <i>assombrado</i> <i>datação</i> sXIV 1 coberto de sombra.</p>

Analisando o contexto de utilização da lexia *assombrado* pelos informantes parnanguaras, constata-se que sua ocorrência é bastante produtiva, pois do total de dezesseis entrevistados, houve apenas a não resposta do informante F2-H-EM. Quanto à acepção buscada ‘coberto, cheio de sombras’, apenas dois informantes (F2-M-ES e F2-H-ES) atribuíram o sentido da acepção documentada no *corpus* escrito para o item lexical *assombrado*. Porém, o informante F2-H-ES, além do reconhecimento de outro significado: ‘assombração’, salientou que o sentido de ‘cheio de sombras’ não se encontra mais em registros orais: *‘Antigamente, nos textos se encontravam as casas eram assombradas porque tinha muita sombra ou árvores na frente, mas só nos textos, não se usa como sombra de árvore e nem com casa com sombra’*. Os outros treze informantes (oito da faixa I e cinco da faixa II) conhecem a lexia *assombrado* somente com o sentido de ‘medo’, ‘terror’, ‘susto’, ‘assombração’. Em Bluteau há somente o registro desta acepção para a entrada *assombrado*. Já em Moraes Silva, Ferreira e Houaiss consta do registro a designação ‘coberto de sombra’, ‘cheio de sombra’ para a unidade lexical em questão. Cunha não traz o registro do item lexical *assombrado*.

Analisando o contexto de utilização desta unidade lexical pelos informantes de Paranaguá e a acepção buscada, presume-se que, no estágio atual de variação, há o favorecimento da acepção ‘medo’, ‘terror’, ‘susto’, ‘assombração’ em detrimento da acepção documentada no *corpus* escrito, lembrada apenas por dois informantes da faixa II. Portanto, a unidade lexical *assombrado* no sentido de ‘coberto, cheio de sombras’ aponta **tendência ao desuso**.

149. BRIOSO / DOC.47, fól.3r, l.09-11

Acepção buscada	Que tem brio, valoroso.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Que tem garra. F2-M-EM: NSR.</p>

	F2-H-ES: Briososo é tihoso. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): BRIOSO. Cioso de seu credito, cuidadoso, & zeloso da sua honra. Morais Silva (1813): BRIOSO, adj. Dotado de briyo: diz-se das pessoas, e suas acções, em que se mostra o briyo do animo. Cunha (1997): <i>brio</i> sm. ‘sentimento da própria dignidade’ briososo XIII. Ferreira (2004): briososo 1. Que tem brio; pundonoroso. Houaiss (2007): briososo <i>datação</i> sXIII que tem brio(s).
<p><i>Briososo</i> é uma lexia com escassa produtividade no contexto de fala dos informantes parnanguaras. Dos dezesseis entrevistados, apenas dois informantes da faixa II reconheceram a lexia, mas com significados distintos da acepção buscada ‘que tem brio, valoroso’. Para o informante F2-H-EM ‘<i>briososo é quem tem garra</i>’. E para o informante F2-H-ES ‘<i>briososo é tihoso</i>’. Estas acepções não constam do registro dos dicionários pesquisados. Os lexicógrafos Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registram a mesma acepção ‘que tem brio’, ‘pundonoroso’, ‘dotado de brio’ para a entrada <i>briososo</i>. Em Bluteau e Cunha não consta o registro da acepção em estudo.</p> <p>Analisando os dados em questão, constatou-se que a unidade lexical <i>briososo</i> com o sentido da acepção investigada não se encontra mais registrada em contexto de fala dos entrevistados de Paranaguá, pressupondo, desta forma, tratar-se de um caso de desuso.</p>	

150. CABAL / DOC.01, fól.1v, l.02-03	
Acepção buscada	Completo, perfeito, pleno.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Pessoa que é completa em tudo, é perfeita. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Tem integridade. F2-M-EM: NSR.

	<p>F2-H-ES: Cabal é uma coisa normal, uma coisa cabal, não usa mais também.</p> <p>F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): CABAL. Pêrfeyto, o a que não falta nada para a perfeição.</p> <p>Moraes Silva (1813): CABÁL, adj. Perfeito, completo.</p> <p>Cunha (1997): <i>cabo sm</i> <i>acabado adj.</i> ‘pronto, perfeito’ cabal XVII.</p> <p>Ferreira (2004): cabal 1. Completo, pleno, inteiro, perfeito.</p> <p>Houaiss (2007): cabal <i>datação</i> 1697 que vai ou chega ao fim; que é ou está como deve ser; completo, inteiro, pleno.</p>
<p>A lexia <i>cabal</i> em contexto de fala apresentou baixa produtividade por parte dos informantes parnanguaras. Dos dezesseis entrevistados, apenas três informantes reconheceram essa unidade léxica. Para o informante F2-H-EM, <i>cabal</i> refere-se à ‘integridade’. Já para o informante F2-H-ES, ‘<i>Cabal é uma coisa normal, uma coisa cabal, não usa mais também</i>’. Sua resposta, apesar de ser um tanto genérica quanto ao significado da lexia <i>cabal</i>, traz a informação de que <i>cabal</i> não é mais usada em contexto de fala em Paranaguá. Quanto à aceção buscada ‘completo, perfeito, pleno’, o informante F1-H-EF foi o único que reconheceu este sentido no item lexical <i>cabal</i>. As designações registradas nos dicionários pesquisados para a entrada <i>cabal</i> evidenciam o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p> <p>Considerando os dados analisados, supõe-se, pela escassa produtividade do item lexical <i>cabal</i> em contexto de fala, ser um caso de <u>tendência ao desuso</u>, pois treze informantes (sete da faixa I e seis da faixa II) disseram não conhecer essa unidade léxica.</p>	

151. DE BOA NOTA / DOC.46, fól.1r, l.08-11	
Acepção buscada	Alguém experiente, reconhecido.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: Quando o aluno tem boa nota na escola.</p> <p>F1-H-EF: Inteligente.</p> <p>F1-M-EF: Nota boa na escola.</p> <p>F1-H-EM: Aluno que tem boa nota.</p> <p>F1-M-EM: Que tira boas notas na escola.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Boa nota, excelente, uma pessoa excelente.</p>

	F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Alguém que tirou nota máxima na escola. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: De bom dinheiro, mas não uso. F2-M-ES: Fulano de boa nota é uma pessoa que vive de bem com a vida.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): N.D. Houaiss (2007): N.D.
<p>A expressão <i>de boa nota</i> não está registrada nos dicionários pesquisados e nem possui locuções semelhantes que possam indicar caso de variação lexical. Analisando o contexto de uso dessa expressão, verifica-se que a maior parte dos informantes da faixa I associou o sentido ‘de boa nota’ com as notas obtidas por meio de avaliações aplicadas em escolas. Parece que, neste caso, a expressão <i>de boa nota</i> passou a significar, em contexto escolar, por processo de <i>derivação de extensão de sentido</i>, um aluno que ‘tem boa nota’, ‘tira boa nota’. Os demais informantes atribuíram a esta expressão outros significados distintos: F1-H-EF: ‘<i>Inteligente</i>’; F2-H-EF: ‘<i>Boa nota, excelente, uma pessoa excelente</i>’; F2-H-ES: ‘De bom dinheiro, <u>mas não uso</u>’; F2-M-ES: ‘<i>Fulano de boa nota é uma pessoa que vive de bem com a vida</i>’.</p> <p>Considerando os dados apresentados, constata-se que, apesar de cinco informantes da faixa I e quatro da faixa II reconhecerem a expressão <i>de boa nota</i>, o significado atribuído por eles não é o mesmo evidenciado no <i>corpus</i> escrito. Presume-se, então, ser um caso de <u>desuso</u>.</p>	

152. DECOROSO / DOC.10, fól.1v, l.02-06	
Acepção buscada	Digno, honrado, decente.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: Quando você decora um lugar, faz desenhos bonitos, você decora bem. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.

	F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: Alguém que estuda muito. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: É uma pessoa que gosta de fazer decoração, tudo ele decora, faz desenhos.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): DECOROSO. Modesto. Morais Silva (1813): DECOROSO, adj. Conforme ao decóro, honroso, decente. Cunha (1997): <i>decoro</i> sm. ‘decência, honra, pundonor’ decoroso XVII. Ferreira (2004): decoroso 1. Conforme ao decoro; decente, honesto, digno. Houaiss (2007): decoroso <i>datação</i> 1647 de conformidade com o decoro; decente, digno, honrado.
<p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>decoroso</i>, verifica-se que seu emprego na modalidade oral é de baixa produtividade. Dos dezesseis entrevistados, apenas três informantes reconheceram essa lexia. Dois informantes (F1-M-EP / F2-M-ES) associaram a forma léxica <i>decoroso</i> a alguém que ‘decora um lugar’, ‘fazer desenhos’, ‘faz decorações’. Esta acepção reconhecida por estes informantes refere-se ao item lexical <i>decorar</i> de procedência latina: <i>decorare</i>. Já a informante F2-M-EF definiu <i>decoroso</i> como ‘alguém que estuda muito’. Este conceito refere-se ao homônimo <i>decorar</i>, também de origem latina: <i>de cor + ar</i>. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registram a designação de <i>decoroso</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo ‘digno, honrado, decente’.</p> <p>Considerando os dados em análise, presume-se que a unidade lexical <i>decoroso</i> é desconhecida pela maioria dos entrevistados e seu uso na modalidade oral encontra-se em desuso.</p>	

153. DEPOSTO / DOC.03, fól.1v, l.24-27	
Acepção buscada	Destituído do cargo, demitido.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: Quando alguém é tirado de um lugar.

	F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Deposto é quando é tirado de algum lugar. F2-M-EF: Mandado embora, despedido. F2-H-EM: Alguém que tinha um lugar, um posto, um cargo e foi deposto, demitido. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Deposto foi tirado, destituído. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários:	Bluteau (1712-1728): DEPOSTO. Privado do officio, da dignidade. Morais Silva (1813): DEPÒSTO, p. pass. de Depòr. Privados do officio. Cunha (1997): <i>depor</i> vb. ‘pôr de lado, despojar de cargo’ deposto XVI. Ferreira (2004): N.D. Houaiss (2007): <i>deposto</i> <i>datação</i> sXIV 1.1 destituído de cargo ou dignidade; desempossado.
<p>Dos dezesseis entrevistados, sete informantes reconheceram a lexia <i>deposto</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo ‘destituído do cargo, demitido’. Para a entrada <i>deposto</i>, os lexicógrafos Bluteau e Moraes Silva trazem uma definição próxima do sentido documentado no <i>corpus</i> escrito: ‘privado do officio, da dignidade’. Consta do registro de Houaiss a designação ‘destituído do cargo ou dignidade’. Em Ferreira não consta do registro a unidade lexical <i>deposto</i>.</p> <p>Analisando o contexto de uso deste item lexical com as respostas dos entrevistados, verificou-se que a acepção ‘destituído do cargo, demitido’ foi empregada por apenas um informante da faixa I, os demais não souberam responder, supondo-se, dessa forma, ser um caso de tendência ao desuso.</p>	

154. DERROGADO / DOC.27, fól.1r, l.11-14	
Acepção buscada	Sem validade, anulado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR.

	F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários:	Bluteau (1712-1728): [DEROGAR. (Termo forense) Desfazer a ley em parte. Morais Silva (1813): DEROGÁDO, p. pass. de Derogar. [DEROGÁR, v. at. Annullar, abolir algum capitulo, ou sentença da Lei. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): [derrogar 1. Anular, abolir]. Houaiss (2007): [derrogar 3.1 tornar nulo; invalidar, desfazer, suprimir].
<p>Dos dezesseis entrevistados, todos disseram desconhecer a lexia <i>derrogado</i>. Quanto ao registro dessa unidade léxica nos dicionários pesquisados, consta apenas em Moraes Silva a forma <i>derogado</i> como participio passado de <i>derogar</i>. Os demais dicionaristas (com exceção de Cunha) registraram as designações: ‘desfazer a lei em parte’, ‘anular’, ‘tornar nulo’, ‘invalidar’, ‘desfazer’ para a entrada <i>derrogado</i>.</p> <p>Supõe-se, pela falta de registro da forma lexical <i>derrogado</i> nos dicionários pesquisados (com exceção de Moraes Silva) e pela não ocorrência desta lexia no contexto de fala dos informantes parnanguaras, que seu resquício encontra-se registrado em textos datados de séculos anteriores. Portanto, <i>derrogado</i>, sem nenhuma ocorrência na modalidade oral dos informantes de Paranaguá, configura um caso de desuso.</p>	

155. DESCONCERTADO / DOC.32, fól.1r, l.31-33

Acepção buscada	Confuso, desordenado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-H-EP: NSR. F1-H-EF: Pessoa confusa, não tá bem orientada. F1-M-EF: Quando você tá sem jeito de alguma coisa, atrapalhado.

	<p>F1-H-EM: Uma pessoa desconcertada é que não tem juízo, meio louca. F1-M-EM Envergonhado, encabulado. F1-H-ES: Sentido de envergonhado. F1-M-ES: Confuso, meio desordenado.</p> <p>F2-H-EP: Quando um troço num tá bem feito, num tá bem consertado ainda. F2-M-EP: É alguém confuso. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: Algo que quebrou. F2-H-EM: Um pessoa desregrada na vida, sem moral. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Esse usa muito, num sentido que ele tá todo mal arrumado, tá torto, quebrado, esse sentido. F2-M-ES: Desconcertada é quando a gente fica confusa, embaralhada.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DESCONCERTADO. Posto sem ordem. Homem desconcertado, como aquelle que não trata do aceo da sua pessoa, & anda com o cabello empeçado; a volta suja, a meya arrugada.</p> <p>Morais Silva (1813): DESCONCERTÁDO, p. pass. de Desconcertar. [DESCONCERTÁR. V. at. §. <i>Desconcertar</i>, n. não fallar certo, como quem está fora de seu siso.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): desconcertado 2. Embaraçado, contrafeito, perturbado, sem jeito.</p> <p>Houaiss (2007): <i>desconcertado</i> <i>datação</i> sXV 3 cheio de embaraço; atrapalhado, confuso.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>desconcertado</i> pelos entrevistados de Paranaguá, registra-se o emprego de variação de significados: (i) os informantes (F1-M-EM e F1-H-ES) atribuíram o valor de ‘envergonhado’ e ‘encabulado’; (ii) o informante F1-H-EM atribuiu a qualidade de insano: ‘não tem juízo’, ‘meio louca’; (iii) para o informante F2-H-EP: ‘<i>desconcertado é quando um troço num tá bem feito, num tá bem consertado ainda</i>’; (iii) para a informante F2-M-EF: ‘<i>desconcertado é algo que quebrou</i>’; (iv) o informante F2-H-EM atribuiu a qualidade de ‘desregrada’ e ‘sem moral’; (i) para o informante F2-H-ES <i>desconcertado</i> no sentido de ‘<i>tá todo mal arrumado</i>’ se usa muito em Paranaguá. Quanto à acepção em estudo, ‘confuso, desordenado’, cinco informantes (F1-H-EF, F1-M-EF e F1-M-ES/ F2-M-EP e F2-M-ES) atribuíram à lexia <i>desconcertado</i> esse sentido. Consta do registro da acepção investigada nos dicionários pesquisados (com exceção de Cunha).</p> <p>Analisando o contexto de fala da unidade lexical <i>desconcertado</i>, constata-se que apenas cinco informantes (três da faixa I e dois da faixa II) empregam essa lexia com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito. Os demais informantes (três da faixa I e quatro da faixa II) empregaram <i>desconcertado</i> com variação de significados. No estágio</p>	

atual de variação entre essas várias designações, presume-se que o item lexical *desconcertado* com o sentido de ‘confuso, desordenado’, apresenta **tendência ao desuso**.

156. DILATADO / DOC.12, fól.1v, l.08-09

Acepção buscada	Longo, vasto, extenso.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Uma pessoa muito magra, é uma pessoa que tá dilatada. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Conheço o estômago dilatado. F1-M-EM: Pupila dilatada. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: De aumentar.</p> <p>F2-H-EP: Dilatado aqui é uma peça de qualquer coisa, já tá dilatado. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Quando tem uma peça, alguma coisa que tá maior que o tamanho normal, dilatado. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Algo que está elástico. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Dilatado usa quando o calor dilata, mas nesse sentido de dilatar. F2-M-ES: Dilatado é longo, comprido.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DILATADO. Comprido, largo, cousa que dura muito tempo.</p> <p>Morais Silva (1813): DILATÁDO, p. pass. de Dilatar. [DILATÁR, v. at. §. Allongar, fazer longo. §. Prolongar em tempo. §. Estender largamente.</p> <p>Cunha (1997): <i>dilatar</i> vb. ‘aumentar as dimensões ou o volume de, estender, espalhar, demorar’ dilatado 1813.</p> <p>Ferreira (2004): dilatado 1. Amplo, largo, extenso.</p> <p>Houaiss (2007): dilatado <i>datação</i> sXV 1 que se ampliou; largo, longo, extenso.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>dilatado</i> pelos entrevistados de Paranaguá, nota-se o emprego de variação de significados: (i) os informantes F1-H-EM e F1-M-EM responderam apenas ‘estômago dilatado’ e ‘pupila dilatada’. Em seguida a estas respostas, foi-lhes perguntado qual o significado de <i>dilatado</i> e os informantes não</p>	

souberam responder; (ii) o informante F1-H-ES respondeu apenas que *dilatado* é ‘quando o calor dilata’; (iii) a informante F2-H-EM definiu como ‘algo elástico’; e (iv) para o informante F1-H-EP *dilatada* é ‘uma pessoa que tá magra’. Enfim, as definições apresentadas pelos informantes acima referem-se a definições vagas, e não constam do registro de nenhum dos dicionários pesquisados. Já os informantes F2-H-EP e F2-H-EM reconheceram o item lexical *dilatado* como uma ‘peça de qualquer/alguma coisa que tá maior que o tamanho normal, tá dilatada’. Parece que estes informantes fizeram uso do *sentido figurado*, no qual o significado de *dilatado* se ampliou para o contexto de uma peça muito usada e gasta. Quanto à acepção buscada ‘longo, vasto, extenso, duradouro’, apenas dois informantes (F1-M-ES e F2-M-ES) atribuíram este valor à unidade lexical *dilatado*. A acepção em estudo encontra-se registrada pelos lexicógrafos pesquisados.

Analisando o contexto de uso da lexia *dilatado*, constata-se que somente dois informantes (um da faixa I e um da faixa II) empregaram este item lexical com o mesmo sentido documentado no *corpus* escrito. Os demais informantes (três da faixa I e quatro da faixa II) a reconheceram com variação de significados. No estágio atual de variação entre essas várias designações, presume-se que a unidade léxica *dilatado* com o sentido de ‘longo, vasto, extenso’ apresentada **tendência ao desuso**.

157. DIMINUTO / DOC.31, fól.1r, l.09-12

Acepção buscada	Insuficiente, reduzido.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É diminuir, reduzir. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: É pequeno. F1-M-ES: De diminuir, encurtar alguma coisa.</p> <p>F2-H-EP: Quando é muito pequeno. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Quando é muito pequeno. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DIMINUTO. Falto, não inteiro.</p> <p>Morais Silva (1813): DIMINUTO, adj. Falto de alguma parte. §. <i>Obra diminuta</i>, falta do necessario para sua inteireza.</p> <p>Cunha (1997): <i>diminuir</i> vb. ‘tornar menor, reduzir a menos, encurtar, encolher’ diminuto XVII.</p> <p>Ferreira (2004): diminuto 2. Muito pouco.</p> <p>Houaiss (2007): diminuto <i>datação</i> 1644 2 em pouquíssima quantidade; reduzido.</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>diminuto</i> verifica-se baixa produtividade na fala dos entrevistados. Dos dezesseis informantes, cinco reconheceram o item lexical <i>diminuto</i>. Com relação à acepção buscada ‘insuficiente, reduzido’, apenas dois informantes da faixa I (F1-H-EF e F1-M-ES) atribuíram este significado à lexia <i>diminuto</i>. Os outros três informantes (F1-H-ES / F2-H-EP e F2-H-EF) atribuíram o valor de ‘pequeno/muito pequeno’. As definições apresentadas pelos lexicógrafos evidenciam o mesmo sentido da acepção investigada.</p> <p>Considerando os dados em análise, pressupõe-se que a unidade lexical <i>diminuto</i> com o significado da acepção ‘insuficiente, reduzido’, revela tendência ao desuso, pois somente dois informantes da faixa I (F1-H-EF e F1-M-ES) a utilizam em contexto de fala.</p>	

158. EMBRENHADO / DOC.13, f6l.1r, l.14-17	
Acepção buscada	Escondido, metido dentro de matos.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Embrenhado no meio do mato, tá escondido. F1-M-EM: Embrenhado no meio do mato, você não sai de lá. F1-H-ES: Embrenhado no mato, sempre ouço e falo. F1-M-ES: Embrenhado no mato, fica lá no meio do mato.</p> <p>F2-H-EP: Pra nós aqui é diferente a palavra, fala tá perdido. F2-M-EP: Quando alguém fica embranhado no mato. F2-H-EF: Quando tá escondido, uma pessoa que tá escondida, foge daí, se embrenha. F2-M-EF: Embrenhou pelo mato. F2-H-EM: Se usa se lançar no mato, embrenhado no mato. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Quando entra no mato, se embrenha. F2-M-ES: Embrenhado é você se esconder no mato, como os bandidos.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): [EMBRENHARSE. Metterse em huma brenha, ou num mato, muyto para dentro]</p> <p>Morais Silva (1813): EMBRENHÁDO, p. pass. de Embrenhar-se. <i>Embrenhado nos matos.</i> [EMBRENHÁR, v. at. Metter, esconder por dentro de brenha, mato, ou bosque].</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): [embrenhar 1. Meter, esconder (nas brenhas, no mato)].</p> <p>Houaiss (2007): embrenhado <i>datação sXV 1</i> que se embrenhou; escondido dentro de brenha; abrenhado.</p>
<p>Analizando o contexto de uso de <i>embrenhado</i>, verifica-se tratar-se de uma lexia bastante produtiva na fala dos entrevistados de Paranaguá. Quanto à acepção buscada ‘escondido, metido dentro de matos’, a maior parte dos informantes (quatro da faixa I: F1-H-EM, F1-M-EM, F1-H-ES e F1-M-ES / cinco da faixa II: F2-M-EP, F2-M-EF, F2-H-EM, F2-H-ES e F2-M-ES) reconheceu o item lexical <i>embrenhado</i> com este mesmo sentido. Já o informante F2-H-EP disse utilizar apenas a locução verbal ‘<i>tá perdido</i>’. Com relação ao registro da forma lexical <i>embrenhado</i>, encontra-se lexicalizada em Moraes Silva e em Houaiss. Os demais lexicógrafos (com exceção de Cunha) registraram entrada <i>embrenhar</i>’ com a mesma acepção em estudo.</p> <p>Dessa forma, o emprego deste item lexical, presente na fala da maioria dos informantes com o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito, revela tendência à manutenção.</p>	

159. ENFADONHO / DOC.36, fól.1r, l.08-09	
Acepção buscada:	Que enfada, cansa, aborrece, fastidioso.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É fadiga. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Enfadonho, uma coisa que causa espanto e tal. F2-M-EF: É quando você tá cansado de alguma coisa, aquilo te cansa. F2-H-EM: Professor fala muito, pessoa que começa a contar história, coisa que não interessa, começa a cansar .</p>

	<p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Coisa chata, que aborrece.</p> <p>F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): ENFADONHO. Causa, que molesta.</p> <p>Moraes Silva (1813): ENFADÔNHO, adj. Que causa enfado, coisa, ou pessoa. [ENFÁDO, s. m. Enfadamento, molestia, fadiga, trabalho, que se dá a alguém].</p> <p>Cunha (1997): enfadar vb. ‘entediado, irritar, desgostar-se’ enfadonho XVI.</p> <p>Ferreira (2004): enfadonho 1. Que enfada, cansa, aborrece; cansativo, aborrecido, maçante, fastidioso.</p> <p>Houaiss (2007): enfadonho <i>datação</i> 1543 1 que causa enfado; que é monótono, cansativo</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>enfadonho</i> verifica-se baixa produtividade na fala dos entrevistados. Dos dezesseis informantes, apenas quatro (F1-H-EF / F2-M-EF, F2-H-EM e F2-H-ES) reconheceram o item lexical <i>enfadonho</i> com o mesmo sentido da acepção buscada ‘que enfada, cansa, aborrece, fastidioso’. Já o informante F2-H-EF atribuiu a esta lexia o sentido de ‘uma coisa que causa espanto e tal’. Esta acepção não consta do registro de nenhum dos dicionários pesquisados. Os lexicógrafos trazem o registro das acepções que evidenciam o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p> <p>Considerando os dados em análise, pressupõe-se que a unidade lexical <i>enfadonho</i> revela tendência ao desuso, pois, de dezesseis informantes, apenas quatro (um da faixa I e três da faixa II) ainda utilizam esta lexia em contexto de fala.</p>	

160. FALTO / DOC.36, fól.1r, l.29-31	
Acepção buscada	Necessitado, carente.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: De faltar.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: Que tá faltando.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: NSR.</p>

	F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Falto, de faltar. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): FALTO. Necessitado. Falto de alguma cousa. Morais Silva (1813): FÁLTO, adj. Carecido, necessitado. Cunha (1997): <i>falta</i> <i>sf.</i> ‘ato ou efeito de faltar, ausência’ falto XVI. Ferreira (2004): falto 1. Necessitado, carecido. Houaiss (2007): falto <i>datação</i> 1556 1 carente, necessitado.
<p>Analisando as respostas dos informantes quanto ao reconhecimento da unidade lexical <i>falto</i> com o sentido de ‘necessitado, carente’, verificou-se sua não ocorrência no contexto de fala dos informantes. Dos dezesseis entrevistados, apenas três informantes (F1-H-EF e F1-M-EM / F2-H-ES) reconheceram essa unidade lexical atribuindo-lhe a definição genérica de ‘faltar’, ‘que está faltando’. Foi perguntado, em seguida, se eles utilizam a lexia <i>falto</i>. Todos disseram que empregam para este sentido apenas a locução verbal <i>estar faltando</i>. Os lexicógrafos pesquisados registraram a mesma acepção em estudo para a entrada <i>falto</i>.</p> <p>Considerando os dados apresentados, constata-se a não ocorrência da acepção buscada por nenhum dos entrevistados, pressupondo, dessa forma, ser o item lexical <i>falto</i> com o sentido ‘necessitado, carente’ um caso de desuso.</p>	

161. FINDO / DOC.45, fól.1r, l.30-32	
Acepção buscada	Concluído, acabado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: É o fim, acabou. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: Que tá acabado. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: Quando termina uma obra, algum serviço, tá terminado. F2-H-EF: Quando você termina o trabalho, findo o trabalho. Mas também é bem pouca gente que fala. F2-M-EF: Alguma coisa que acabou, está findo, acabado. F2-H-EM: Findou a lição, a matéria. Findo, acababo, acabou.

	F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Findo é acabado. F2-M-ES: É o final de alguma coisa, foi concluído.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): FINDO. Acabado. Pleito findo. Morais Silva (1813): FÍND0, part. de Findar. Antiq. Acabado. Cunha (1997): fim <i>sm.</i> ‘termo, remate, acabamento’ findo XIII. Ferreira (2004): findo 2. Concluído, acabado. Houaiss (2007): findo <i>datação</i> sXIV 2 que se considera pronto; concluído, acabado.
<p>Dos dezesseis entrevistados, oito informantes (dois da faixa I e seis da faixa II) reconheceram a lexia <i>findo</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo ‘concluído, acabado’. Para a entrada <i>findo</i>, os lexicógrafos pesquisados registram a designação com o mesmo sentido da acepção investigada.</p> <p>Analisando o contexto de uso do item lexical <i>findo</i> e comparando com as respostas dos entrevistados, constata-se baixa frequência no contexto de fala dos informantes da faixa I, pois, dos oito informantes, apenas dois reconheceram tal lexia. Portanto, supõe-se pela baixa produtividade desta unidade lexical por parte dos informantes da faixa I, ser um caso de <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

162. FRÍVOLO / DOC.37, fól.1v, l.20-24	
Acepção buscada	Fútil, pouca ou nenhuma importância, em vão.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Pessoa fria. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Um cara frívolo, é um cara alegre, cheio de manha, história, então fala é frívolo. F2-M-EF: É alguém que não é um bom caráter, é um frívolo. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR.

	F2-H-ES: É uma coisa sem importância, é uma coisa frívola, fútil. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): FRÍVOLO. Vaõ. Inutil. Que não he solido, nem bem fundado, etc.</p> <p>Morais Silva (1813): FRÍVOLO, adj. Vão, inutil, sem fundamento.</p> <p>Cunha (1997): <i>frívolo</i> <i>adj.</i> ‘sem importância, sem valor, vão, fútil’ XVI.</p> <p>Ferreira (2004): <i>frívolo</i> 1. Sem importância; sem valor; vão.</p> <p>Houaiss (2007): <i>frívolo</i> <i>datação</i> 1561 1 que é ou tem pouca importância; inconsistente, inútil, superficial.</p>
<p>As definições apresentadas pelos lexicógrafos para a entrada <i>frívolo</i> evidenciam o mesmo sentido da acepção buscada, ‘fútil, pouca ou nenhuma importância, em vão’. Analisando o contexto de uso, nota-se que a lexia <i>frívolo</i> apresenta baixa produtividade na fala dos informantes parnanguaras. Dos dezesseis entrevistados, quatro informantes reconheceram o item lexical <i>frívolo</i>, mas com variação de significados: (i) para o informante F1-H-EF ‘<i>frívolo é uma pessoa fria</i>’; (ii) para o informante F2-H-EF ‘<i>um cara frívolo, é um cara alegre, cheio de manha, história, então fala é frívolo</i>’; (iii) para a informante F2-M-EF ‘<i>alguém que não tem um bom caráter, é um frívolo</i>’. Esta acepção consta do registro em Ferreria e Houaiss. Com relação à acepção em estudo, apenas o informante F2-H-ES atribuiu o mesmo sentido: ‘<i>frívolo é uma coisa sem importância, é uma coisa frívola, fútil</i>’. Quanto ao registro nos dicionários pesquisados, as definições registradas pelos lexicógrafos evidenciam o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p> <p>Analisando o contexto de uso da unidade lexical <i>frívolo</i> e comparando com a acepção buscada, constata-se baixa ocorrência, o que presume tratar-se de uma lexia com tendência ao desuso, pois apenas um informante da faixa I empregou <i>frívolo</i> com o sentido de ‘fútil, pouca ou nenhuma importância, em vão’.</p>	

163. INDECOROSO / DOC.32, fól.1r, l.31-33

Acepção buscada	Indecente, vergonhoso.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: NSR.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: NSR.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: NSR.</p> <p>F1-M-ES: De vergonha.</p>

	<p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Indecoroso seria uma pessoa que não respeita as coisas que não deveria fazer em certos lugar, é indecoroso, é vergonhoso eu acho. F2-M-EF: Alguém triste. F2-H-EM: Quando não decora direito. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: No sentido que não tem respeito, indecente, não tem decoro. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): INDECOROSO. De que se houvera de ter vergonha. Que he contra a honra. Morais Silva (1813): INDECOROSO, adj. Contra o decóro, indecente; immodesto, torpe, feyo; vergonhoso, opprobrioso. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): indecoroso 1. Não decoroso; indecente, indigno, vergonhoso; indecoro. Houaiss (2007): indecoroso <i>datação</i> 1708 que avilta; ignominioso, vergonhoso, vil.</p>
<p>Analizando o contexto de uso da lexia <i>indecoroso</i>, constata-se baixa ocorrência na fala dos informantes de Paranaguá. Dos dezesseis entrevistados, somente cinco informantes reconheceram o item lexical <i>indecoroso</i> com variação de significados: (i) para a informante F2-M-EF '<i>indecoroso é quando não decora direito</i>'. Neste caso a informante associou o item lexical <i>decorar</i> com <i>indecoroso</i> devido às semelhanças entre essas formas. Tratam-se de unidades lexicais e significados distintos; (ii) para a informante F2-M-EF <i>indecoroso é alguém triste</i>. Esta acepção não consta do registro de nenhum dos dicionários pesquisados; (iii) já os informantes F1-M-ES / F2-H-EF e F2-H-ES reconheceram a lexia <i>indecoroso</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo 'indecente, vergonhoso'. As definições apresentadas pelos lexicógrafos (com exceção de Bluteau) evidenciam o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p> <p>Embora a unidade lexical <i>indecoroso</i> ainda esteja presente na fala de alguns informantes de Paranaguá, certifica-se que seu uso é pouco produtivo. Dos dezesseis entrevistados, onze informantes (sete da faixa I e quatro da faixa II) disseram não conhecer esta lexia, e dos poucos que a utilizaram com o sentido da acepção em estudo, um é da faixa I e dois são faixa II. Pressupõe-se, dessa forma, que o item lexical <i>indecoroso</i> revela tendência ao desuso.</p>	

164. IRRESOLUTO / DOC.47, fól.2r, l.02-05

Acepção buscada	Indeciso, hesitante.
-----------------	----------------------

Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: Sem solução. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: É o mesmo que irredutível, uma pessoa que não aceita nada, é irresoluto, não adianta você querer falar com a pessoa que é irredutível, é irresoluto. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Aquele que não muda de opinião. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): IRRESOLUTO. Que não se sabe resolver, que não sabe, que resolução haja de tomar.</p> <p>Morais Silva (1813): IRRESOLÚTO, adj. Que hesita; indeterminado. §. Não resolvido.</p> <p>Cunha (1997): <i>resolução</i> <i>sf.</i> ‘decisão, deliberação’ irresoluto 1813.</p> <p>Ferreira (2004): irresoluto 1. Não resoluto; hesitante, indeciso.</p> <p>Houaiss (2007): irresoluto <i>datação</i> 1534 2 que ou aquele que dificilmente toma uma resolução; indeciso.</p>
<p>Analisando as respostas dos informantes quanto ao reconhecimento da lexia <i>irresoluto</i> com o sentido de ‘indeciso, hesitante’, verificou-se sua não ocorrência no contexto de fala dos entrevistados. Dos dezesseis entrevistados, apenas três informantes (F1-M-EF / F2-H-EF e F2-H-ES) reconheceram essa lexia com o sentido de ‘que não se resolveu, que não teve resolução’, ‘sem solução’, evidenciando, dessa forma, baixa ocorrência desta unidade lexical na modalidade oral. A entrada <i>irresoluto</i> consta do registro dos lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss com a mesma acepção em estudo. Quanto à datação, Cunha fixa o registro do termo <i>irresoluto</i> em 1813. Houaiss registra esse mesmo termo no ano de 1534. Esta unidade lexical consta do registro do documento manuscrito de 1800. Logo, pelo fato de a entrada <i>irresoluto</i> constar do registro de Bluteau, supõe-se que esta forma lexical já existia antes da datação registrada por Cunha.</p> <p>Considerando os dados apresentados, constata-se a não ocorrência da acepção buscada entre os entrevistados, inferindo-se, portanto, ser o item lexical <i>irresoluto</i> com o sentido da acepção em estudo um caso de desuso.</p>	

165. LADINO / DOC.02, f6l.1r, l.03-06	
Acepção buscada	Indivíduo que apresentava certo grau de aculturação, intelectualmente fino.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: Os mais velhos falam ladino, mas eu nem sei o que é. F1-H-EF: É um chato. F1-M-EF: Pessoa ladina é uma pessoa esperta, passa os outros pra trás também. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Pessoa esperta, falam muito aqui. F1-M-ES: Ladino é esperto.</p> <p>F2-H-EP: A gente usa bastante pra dizer quando a pessoa é esperta. F2-M-EP: Ladino é uma pessoa esperta. F2-H-EF: É esperto, muito esperto. F2-M-EF: É gente esperta. F2-H-EM: Ladino é uma pessoa que tem estudo, certo grau de inteligência. Na época, tempo que eu morava em sítio, meu pai dizia que uma pessoa mais instruída, era ladina. Meu pai sempre falava assim. Hoje ladino é esertinho. F2-M-EM: Uma pessoa ladina é bem inteligente, sabe das coisas. F2-H-ES: Ladino é uma pessoa que tem muito conhecimento, é inteligente, mas usam mais no sentido de esperteza, cheia de manha. F2-M-ES: É uma pessoa muito esperta, que passa conversa, é uma pessoa ladina.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): LADINO. Hoje dão os Portuguezes este mesmo nome aos Estrangeiros, que fallão melhor a sua lingua, ou a Negros que são mais espertos, & mais capazes para o que se lhes encomenda.</p> <p>Morais Silva (1813): LADÍNO, adj. §. <i>Homem ladino</i>; não rude, esperto, fino, passado. §. <i>Escravo ladino</i>, oppõe-se a <i>boçal</i>, e é o que já sabe a lingua, e o serviço ordinario de casa. Sabião o Portuguez (derivado do Latino Idioma).</p> <p>Cunha (1997): <i>latim sm.</i> <i>ladino adj. sm.</i> ‘latino’ <i>ladinho</i> ‘esperto, vivo, finório’ XV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>ladino</i> 1. Intelectualmente fino. 3. Nos séculos XVII e XVIII, dizia-se de estrangeiros e de negros que falavam bem o português.</p> <p>Houaiss (2007): <i>ladino</i> <i>datação</i> 2 sXV 6 Regionalismo: Brasil: dizia-se do índio ou do escravo negro que já apresentava certo grau de aculturação.</p>

Analisando o contexto de uso da lexia *ladino*, verifica tratar-se de uma forma lexical bastante produtiva na fala dos informantes de Paranaguá. Dos dezesseis entrevistados, dez informantes (três da faixa I e sete da faixa II) reconheceram a unidade lexical *ladino* com o sentido de ‘esperto’, ‘manhoso’, ‘astuto’. Ferreira e Houaiss registraram este significado na segunda acepção da entrada *ladino*. Em Cunha também se encontra esta designação. O informante F1-H-EF atribuiu a *ladino* o valor de ‘chato’. Já a informante F1-M-EP disse não conhecer o significado da lexia *ladino*, mas informou ser usada por pessoas mais velhas. Com relação à acepção buscada ‘indivíduo que apresentava certo grau de aculturação, intelectualmente fino’, apenas três informantes da faixa II reconheceram a unidade lexical *ladino* com este significado: F2-M-EM: ‘Uma pessoa ladina é bem inteligente, sabe das coisas’; F2-H-ES: ‘Ladino é uma pessoa que tem muito conhecimento, é inteligente’; F2-H-EM: ‘Ladino é uma pessoa que tem estudo, certo grau de inteligência. Na época, tempo que eu morava em sítio, meu pai dizia que uma pessoa mais instruída, era ladina. Meu pai sempre falava assim’. Porém, mesmo os informantes F2-H-ES e F2-H-EM reconhecendo a acepção em estudo, salientaram que a designação mais usada para *ladino* é ‘espertinho’, ‘cheio de manha’. Segundo Bluteau a denominação *ladino* foi atribuída pelos portugueses aos estrangeiros que falavam melhor a língua portuguesa e também aos negros considerados mais espertos e capazes a determinadas funções. Morais Silva define o *homem ladino* como não rude, esperto e fino, e o *escravo ladino* aquele que já sabia a língua portuguesa, opondo-se ao boçal. Ferreira e Houaiss dentre as várias acepções, trazem o registro da definição que evidencia o mesmo significado documentado no *corpus* escrito: ‘indivíduo (negro, índio, estrangeiro) que apresentava certo grau de aculturação’. Houaiss marca esta definição como *regionalismo do Brasil*.

Analisando o contexto de fala dos informantes, averigua-se que, com o passar do tempo, a designação ‘pessoal intelectualmente fina, aculturada, mais esperta e capaz a certos atributos’ foi se perdendo, permanecendo na memória das pessoas apenas a qualidade de ‘esperto’. Tal constatação se verifica na fala dos informantes da faixa I, dos cinco informantes, três atribuíram o valor de ‘pessoa esperta’. Portanto, a lexia *ladino* com o sentido da acepção em estudo apresenta **tendência ao desuso**.

166. LIMITADO / DOC.24, fól.1r, l.13-15

Acepção buscada	De pouco valor, baixo.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Que tem limite. F1-M-EF: Que tem um limite. F1-H-EM: Tem um certo limite pra cada coisa, não pode passar daquilo. F1-M-EM: Limitações, hora de saber até onde você vai. F1-H-ES: Curto, pequeno.

	<p>F1-M-ES: Limitado é baixo, valor baixo.</p> <p>F2-H-EP: NSR.</p> <p>F2-M-EP: NSR.</p> <p>F2-H-EF: Limitado é se for pessoa seria no caso que não passa além daquilo, só sabe aquilo mesmo, não adianta você querer que ele faça outras coisas que ele não sabe, uma pessoa limitada, só vai até ali mesmo.</p> <p>F2-M-EF: Limitado é tipo você ter um limite pra uma coisa.</p> <p>F2-H-EM: Alguém que chegou ao ponto máximo, no limite.</p> <p>F2-M-EM: NSR.</p> <p>F2-H-ES: Limitado é aquela pessoa que não pode passar daquele ponto. Ela está limitada, é uma pessoa burra.</p> <p>F2-M-ES: É quando você precisa parar porque tem um limite.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): LIMITADO. De pouco valor, de pouca consideração.</p> <p>Moraes Silva (1813): LIMITÁDO, p. pass. de Limitar. Que tem certos termos, limites em grandeza, extensão, quantidade, número, copia, intensão.</p> <p>Cunha (1997): N.D.</p> <p>Ferreira (2004): limitado 3. Restrito, reduzido.</p> <p>Houaiss (2007): limitado <i>datação</i> 1446 1 que tem limites, que é pouco extenso; em quantidade reduzida; pouco considerável.</p>
<p>Para a maioria dos informantes (quatro da faixa I: F1-H-EF, F1-M-EF, F1-H-EM e F1-M-EM / três da faixa II: F2-M-EF, F2-H-EM e F2-M-ES) <i>limitado</i> refere-se a ‘limites ou limitações’. E para os dois informantes (F2-H-EF e F2-H-ES) <i>limitado</i> refere-se a ‘insuficiente capacidade intelectual’. O informante F2-H-ES chegou a comparar uma ‘pessoa limitada’ a uma ‘pessoa burra’. Já para o informante F1-H-ES <i>limitado</i> é sinônimo de ‘curto’, ‘pequeno’. Quanto à acepção buscada ‘de pouco valor, baixo’, apenas a informante F1-M-ES atribuiu este valor à lexia <i>limitado</i>. As definições apresentadas pelos lexicógrafos (com exceção de Bluteau) evidenciam o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p> <p>Analisando o contexto de utilização do item lexical <i>limitado</i> pelos informantes parnanguaras e a acepção buscada, presume-se que, em dado momento, nesta comunidade linguística, estas acepções começaram a concorrer entre si, e, no estágio atual de variação, há indícios do favorecimento da acepção ‘limites ou limitações’ em detrimento da acepção documentada no <i>corpus</i> escrito, lembrada apenas por um informante da faixa I. Portanto, a unidade lexical <i>limitado</i> no sentido ‘de pouco valor, baixo’ aponta tendência ao desuso.</p>	

167. LUZIDO / DOC.47, fól.3r, l.25-27	
Acepção buscada	Brilhante, ilustre.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: Brilho, a minha avó falava: “nossa a estrela é muito luzida”. Luzida de brilho. Eu também uso.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Luzido no popular antigamente falava brilhoso, luzido, eu ainda falo, mas quase não se ouve mais. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): LUZIDO. Diz-se de hum verniz, ou de qualquer outra cousa muito liza, que tem alguma luz.</p> <p>Morais Silva (1813): LUZÍDO, adj. Lustroso, pomposo, brilhante, bem arrayado.</p> <p>Cunha (1997): luz <i>sf.</i> ‘brilho, fulgor’ luzido XVI.</p> <p>Ferreira (2004): luzido 1.Vistoso, brilhante, pomposo.</p> <p>Houaiss (2007): luzido <i>datação</i> sXIII 1 cheio de luz; brilhante, luzidio.</p>
<p>Dos dezesseis entrevistados em Paranaguá, somente dois informantes (F1-M-ES / F2-H-EF) reconheceram a lexia <i>luzido</i> com o sentido de ‘brilhante, ilustre’. Os lexicógrafos pesquisados trazem o registro das acepções que evidenciam o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p> <p>Com base nos dados analisados, constata-se que o item lexical <i>luzido</i> apresenta pouca produtividade na fala dos informantes de Paranaguá e a não resposta por parte dos quatorze informantes (sete da faixa I e sete da faixa II) pressupõe tratar-se de um caso de <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

168. MÓDICO / DOC.31, fôl.1v, l.03-05	
Acepção buscada	Modesto, de pouco valor.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: Barato, coisa barata, módica. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Preços módicos, baratos. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): MÔDICO. Cousa pequena, & de pouca consideração.</p> <p>Morais Silva (1813): MÓDICO, adj. Pequeno, de pouco momento.</p> <p>Cunha (1997): modo <i>sm.</i> ‘maneira, forma, método, disposição’ módico XVIII.</p> <p>Ferreira (2004): módico 3. Moderado, limitado, restrito; modesto.</p> <p>Houaiss (2007): módico <i>datação</i> 1680 1 que é pouco, escasso; cujo valor é baixo.</p>
<p>Dos dezesseis entrevistados em Paranaguá, somente dois informantes (F2-H-EF e F2- H-ES) reconheceram a lexia <i>módico</i> no sentido de ‘modesto, de pouco valor’. Os lexicógrafos Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss registram a entrada <i>módico</i> com a mesma acepção buscada. Interessante que Houaiss informa o ano de 1680 para a datação do termo <i>módico</i>, enquanto Cunha traz seu primeiro registro no século seguinte.</p> <p>Com base nos dados analisados, constata-se que o item lexical <i>módico</i> apresenta pouca produtividade na fala dos informantes de Paranaguá, e a não resposta por parte dos informantes da faixa I pressupõe tratar-se de um caso de <u>tendência ao desuso</u>.</p>	

169. OB-REPTÍCIO / DOC.27, fól.1r, l.12-15	
Acepção buscada	Algo obtido por meio de dissimulação, astúcia.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): OBREPTICIO. (Termo Forense). Cousa conseguida por obreção. [OBREPÇÃO. A sutileza com que se alcança de pessoa superior huma graça, ou dignidade, calando alguma circumstancia, cuja noticia houvera sido impedimento, & obstaculo para a dita graça].</p> <p>Morais Silva (1813): ÓBRÉPTÍCIO, adj. Conseguído por ob-repção. [ÓBRÉPÇÃO, s. f. O acto de calar alguma circumstancia de facto, ou direito, para se obter algum despacho, que se não obtivéra ou não devêra dar, declarada a tal circumstancia encoberta dolosamente].</p> <p>Cunha (1997): <i>ob-reptício</i> <i>adj.</i> ‘ardiloso, astucioso, doloso’ 1813.</p> <p>Ferreira (2004): <i>ob-reptício</i> 1. Obtido por ob-repção. [<i>ob-repção</i> 1. Ação de obter algo por surpresa, ardil, astúcia, ou outro processo doloso, por se julgar impossível consegui-lo por meios ordinários].</p> <p>Houaiss (2007): <i>ob-reptício</i> <i>datação</i> 1720 1 conseguido por ob-repção. [<i>ob-repção</i> ação de ocultar a verdade, de dissimular um fato para obter qualquer coisa].</p>
<p>A lexia <i>ob-reptício</i> não foi reconhecida por nenhum dos informantes entrevistados. Quanto ao registro nos dicionários pesquisados, a unidade lexical <i>ob-reptício</i> encontra-se lexicalizada com o mesmo sentido da acepção em estudo ‘algo obtido por meio de dissimulação, astúcia’. Cunha fixa o registro da unidade lexical <i>ob-reptício</i> em 1813, enquanto Houaiss a registra em 1720. Como <i>ob-reptício</i> encontra-se registrado no</p>	

documento manuscrito de 1767, supõe-se que esta forma lexical já existia antes da datação registrada por Cunha.

Portanto, como não houve o registro do item lexical *ob-reptício* em contexto oral dos informantes parnanguaras, configura-se um caso de **desuso**.

170. OBSEQUIOSO / DOC.13, fól.1r, l.25-26

Acepção buscada	Que presta favores, obséquios, revela ter boa vontade.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Só conheço por obséquio, por favor. F1-M-ES: Conheço só obséquio, de favor.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: Por favor. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: É aquele que interfere, por obséquio, você vive pedindo, interferindo. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): OBSEQUIOSO. Cortezão, serviçal, amigo de fazer a vontade dos mayores, ou dos iguaes.</p> <p>Morais Silva (1813): OBSEQUIOSO, adj. Amigo de obsequiar, ou fazer obséquios. [OBSÉQUIO, s. m. Obra, palavra, com que cortèz, e urbanamente grangeamos a vontade de alguém].</p> <p>Cunha (1997): obséquio <i>sm.</i> ‘favor, serviço, benefício’ obsequioso 1813.</p> <p>Ferreira (2004): obsequioso 1. Que presta obséquios; serviçal; benévolo; afável no trato.</p> <p>Houaiss (2007): obsequioso <i>datação</i> 1632 1 que gosta ou tem o hábito de ajudar, de prestar um favor.</p>

Analisando o contexto de uso da lexia *obsequioso* constata-se que, dos poucos informantes que reconheceram esta unidade lexical, a preferência de utilização pelos

informantes F1-H-ES e F1-M-ES / F2-M-EF são pelas formas preposicionadas ‘por obséquio’, ‘por favor’. Para o informante F2-H-ES, a lexia *obsequioso* refere-se ao sentido de ‘interferência’, seria alguém que ‘*por obséquio, vive pedindo, interferindo*’. Os lexicógrafos pesquisados trazem a mesma acepção documentada no *corpus* escrito ‘que presta favores, obséquios, revela ter boa vontade’. Cunha fixa o registro da unidade lexical *obsequioso* em 1813, enquanto Houaiss a registra em 1632. Como *obsequioso* encontra-se registrado no documento manuscrito de 1723, supõe-se que esta unidade lexical já existia antes da datação registra por Cunha.

Portanto, analisando as respostas dos informantes, nota-se que o sentido atribuído pelos informantes é o de ‘pedir favores’, ‘pedir obséquios’, enquanto o significado documentado nos documentos manuscritos seria o de ‘alguém que presta favores’ e não que ‘pede’. Considerando esses dados, pressupõe-se que a lexia *obsequioso* com a mesma acepção em estudo configura um caso de **desuso**.

171. PERNICIOSO / DOC.32, fól.1r, l.06-08

Acepção buscada	Que causa dano, nocivo, perigoso.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: É uma coisa ruim, que causa estrago, é pernicioso F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: Mau, ruim, que prejudica. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Perigoso. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): PERNICIOSO. Causa que causa dano, ou ruína espiritual, ou temporal.</p> <p>Morais Silva (1813): PERNICIOSO, adj. Que traz dano, ruína; mortífero, ruinoso, natural, ou moralmente.</p> <p>Cunha (1997): pernicie <i>sf.</i> ‘estrago, destruição, ruína’ pernicioso XVI.</p> <p>Ferreira (2004): pernicioso 1. Mau, nocivo, ruinoso; perigoso.</p>

	Houaiss (2007): <i>pernicioso</i> <i>datação</i> sXV que ocorre, sucede; sobreveniente; superveniente.
<p>Dos dezesseis entrevistados em Paranaguá, apenas três informantes (F2-H-EF, F2-H-EM e F2-H-ES) reconheceram a lexia <i>pernicioso</i> com o mesmo sentido da acepção em estudo ‘que causa dano, nocivo, perigoso’. As acepções registradas pelos lexicógrafos pesquisados evidenciam o mesmo sentido documentado no <i>corpus</i> escrito.</p> <p>Com base nos dados analisados constata-se que o item lexical <i>pernicioso</i> apresenta pouca produtividade na fala dos informantes de Paranaguá, e a não resposta por parte dos informantes da faixa I pressupõe tratar-se de um caso de tendência ao desuso.</p>	

172. PERVENCIDO / DOC.33, fól.1r, l.03-05	
Acepção buscada	Vencida a validade, caducado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: Coisa ruim.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): N.D. Houaiss (2007): N.D.
<p>A unidade lexical <i>pervencido</i> não consta registrada por nenhum dos lexicógrafos pesquisados. Quanto ao contexto de uso, dos dezesseis entrevistados, apenas o informante F2-M-ES reconheceu a lexia <i>pervencido</i>, atribuindo-lhe o valor de ‘coisa ruim’. Este significado não é o mesmo da acepção buscada ‘vencida a validade, caducado’. Pode-se</p>	

concluir, pela não resposta de quinze informantes e pela ausência da ocorrência da unidade lexical *pernicioso* com o mesmo sentido da acepção em estudo, que seja um caso de **desuso**.

173. PRINCIPIADO / DOC.46, fôl.1v, l.05-07	
Acepção buscada	Iniciado, começado.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: Princípio, início F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: Um princípio, que começou. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: Adiantado. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: É começado. F2-M-EF: Começado. F2-H-EM: Principiado é referente ao futuro príncipe. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Começado. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): PRINCIPIADO. Começado. Morais Silva (1813): PRINCIPIADO, p. pass. de Principiar. [PRINCIPIAR, v. at. Dar principio, começar]. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): [principiar 3. Dar princípio; começar]. Houaiss (2007): [principiar 1 dar início a; começar, iniciar, abrir].</p>
<p>Analisando o contexto de uso da lexia <i>principiado</i> verifica-se baixa produtividade na fala dos entrevistados. Dos dezesseis informantes, sete disseram conhecer o item lexical <i>principiado</i>. Cinco informantes (F1-H-EF e F1-H-EM / F2-H-EF, F2-M-EF e F2-H-ES) reconhecem essa lexia com o sentido da acepção buscada ‘iniciado, começado’. Outros dois informantes (F1-H-ES / F2-H-EM) atribuíram os sentidos de ‘adiantado’ e ‘futuro príncipe’. A forma lexical <i>principiado</i> encontra-se lexicalizada somente por Bluteau e Moraes Silva. Ferreira e Houaiss registram a entrada <i>principiar</i> atribuindo as designações ‘dar princípio, começar, iniciar’. Cunha não traz o registro deste item lexical.</p>	

Considerando os dados em análise, pressupõe-se que a unidade lexical *principiado* revela **tendência ao desuso**, pois, de dezesseis informantes, apenas cinco (da faixa I e três da faixa II) ainda utilizam esta lexia em contexto de fala.

174. PROFITENTE / DOC.27, fól.1r, l.19-21	
Acepção buscada	Aquele que professa.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: NSR. F1-M-EM: NSR. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR. F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: NSR. F2-M-EF: NSR. F2-H-EM: NSR. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: NSR. F2-M-ES: NSR.
Acepções registradas nos dicionários	Bluteau (1712-1728): PROFITENTE. Judeo profitente, he o que professa a ley de Moysés. Morais Silva (1813): PROFITENTE, adj. Que professa alguma Lei, Religião; o que professa. Cunha (1997): <i>professar</i> vb. ‘reconhecer publicamente’ profitente 1813. Ferreira (2004): profitente 1. Que professa. Houaiss (2007): profitente <i>datação</i> 1720 que professa; professor.
<p>Dos dezesseis entrevistados, todos disseram desconhecer a lexia <i>profitente</i>. A acepção buscada, ‘aquele que professa’, encontra-se registrada em Bluteau, Moraes Silva, Ferreira e Houaiss. Cunha, por sua vez, fixa a unidade léxica <i>profitente</i> em 1813, enquanto que Houaiss a registra em 1720. Como <i>profitente</i> encontra-se registrado no documento manuscrito de 1767, supõe-se que esta forma lexical já existia antes da datação registra por Cunha.</p>	

Levando em consideração os dados analisados, constata-se que o item lexical *profitente* não apresentou nenhuma ocorrência em contexto de fala dos entrevistados de Paranaguá. O seu registro, portanto, encontra-se apenas na modalidade escrita, configurando dessa forma, um caso de **desuso**.

175. RELAVADO / DOC.03, fól.1v, l.04-09

Acepção buscada	Explorado, exaurido.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: NSR. F1-M-EP: NSR. F1-H-EF: NSR. F1-M-EF: NSR. F1-H-EM: A pessoa já lavou e tá lavando de novo, relavando. F1-M-EM: Lavar e relavar uma roupa. F1-H-ES: NSR. F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: NSR. F2-M-EP: NSR. F2-H-EF: É o ato de lavar e relavar. F2-M-EF: Alguma coisa que tava suja e foi lavada de novo. F2-H-EM: É lavar a roupa novamente. F2-M-EM: NSR. F2-H-ES: Que foi lavado outra vez. F2-M-ES: NSR.</p>
Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): N.D. Morais Silva (1813): N.D. Cunha (1997): N.D. Ferreira (2004): N.D. Houaiss (2007): N.D.</p>
<p>Nos dicionários pesquisados não consta registro da unidade léxica <i>relavado</i>. Quanto ao reconhecimento desta lexia no contexto de fala dos entrevistados de Paranaguá, apenas seis informantes (F1-H-EM e F1-M-EM / quatro da faixa I: F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM e F2-H-ES) a reconheceram, mas empregaram o sentido de ‘lavar de novo’, ‘lavar outra vez’ para o item lexical <i>relavar</i>. Portanto, a unidade lexical <i>relavado</i> com o sentido da acepção em estudo ‘explorado, exaurido’ (mina de ouro), revela um caso de desuso, pois não se encontra mais presente na modalidade oral dos informantes parnanguaras e nem nos registros dos dicionários. Presume-se, dessa forma, que o</p>	

resquício desta forma lexical encontra-se apenas em documentos manuscritos datados de época anteriores.

ADVÉRBIO

176. DEBALDE / DOC.13, fól.1r, l.06-11	
Acepção buscada	Inutilmente, em vão.
Acepção(ões) conhecida(s) pelos informantes	<p>F1-H-EP: Quando uma pessoa tá devarde é quando tem trabalho e ela não quer trabalhar, então tá devarde. Aqui todo mundo usa, tô devarde.</p> <p>F1-M-EP: NSR.</p> <p>F1-H-EF: Devarde é estar devagar, sem fazer nada, tô com preguiça.</p> <p>F1-M-EF: NSR.</p> <p>F1-H-EM: Devarde é uma coisa inútil, não serva pra muita coisa, como uma pessoa que não faz nada.</p> <p>F1-M-EM: NSR.</p> <p>F1-H-ES: Debalde não conheço, só falo devarde que é ficar sem fazer nada, ficar descansando, vagabundando, não vou trabalhar, tô devarde.</p> <p>F1-M-ES: NSR.</p> <p>F2-H-EP: É quando não quer fazer alguma coisa, diz: tô devarde.</p> <p>F2-M-EP: Eu tô devarde, não tô fazendo nada.</p> <p>F2-H-EF: O pessoal fala devarde, debalde não, é mais devarde. É uma coisa que num serve pra nada, não faz nada, é inútil.</p> <p>F2-M-EF: Devarde é ficar de boa: essa pessoa só fica devarde, não faz nada.</p> <p>F2-H-EM: Devarde é quando uma pessoa não faz nada. E Debalde é quando tem alguma coisa sobrando.</p> <p>F2-M-EM: Devarde é sem fazer nada. Aqui se usa bastante.</p> <p>F2-H-ES: Devarde tá fazendo nada, fica devarde, esse é o braguenhes. Debalde não, é debarde porque debalde parece areia, então é debarde ou devarde, esse tá certo, os dois, porque o indivíduo não tá fazendo nada, então ele foi preso por vagabundagem, foi preso porque tava devarde.</p> <p>F2-M-ES: A gente usa: aquela pessoa não trabalha, é uma pessoa que taí debarde, não trabalha.</p>

Acepções registradas nos dicionários	<p>Bluteau (1712-1728): DEBALDE. Inutilmente.</p> <p>Morais Silva (1813): DEBÁLDE, V. <i>Balde</i>. [BÁLDE, s. m. §. <i>De balde</i>, adv. em vão, inutilmente].</p> <p>Cunha (1997): <i>balde</i>² loc. adv. ‘em vão, inutilmente’. As locs. <i>Debalde</i> e <i>embalde</i> já se documentam no séc. XIV.</p> <p>Ferreira (2004): <i>debalde</i> 1. Inutilmente, em vão; baldadamente, embalde.</p> <p>Houaiss (2007): <i>debalde</i> datação sXIV em vão, inutilmente; embalde.</p>
<p>Na busca da acepção ‘inutilmente, em vão’ para a lexia <i>debalde</i>, os informantes (quatro da faixa I e seis da faixa II) que reconheceram a acepção disseram ser a pronúncia certa <i>devarde</i> e não <i>debalde</i>, conforme se constata nas respostas dos informantes a seguir: F1-H-ES: ‘<i>Debalde não conheço, só falo devarde que é ficar sem fazer nada, ficar descansando, vagabundando, não vou trabalhar, tô devarde</i>’; F2-H-EF: ‘<i>O pessoal fala devarde, debalde não, é mais devarde. É uma coisa que num serve pra nada, não faz nada, é inútil</i>’; F2-H-EM: ‘<i>Devarde é quando uma pessoa não faz nada. E Debalde é quando tem alguma coisa sobrando</i>’; F2-H-ES: ‘<i>Devarde tá fazendo nada, fica devarde, esse é o braguenhes. Debalde não, é debarde porque debalde parece areia, então é debarde ou devarde, esse tá certo, os dois, porque o indivíduo não tá fazendo nada, então ele foi preso por vagabundagem, foi preso porque tava devarde</i>’. Portanto, o emprego da forma <i>devarde</i> não significa tratar-se de outro item lexical. Na história da língua, os fenômenos conhecidos como <i>degeneração</i> (alteração de <i>v</i> para <i>b</i>) e <i>rotacismo</i> (alteração de <i>l</i> para <i>r</i> em trava silábica) é uma alteração fonética comum dentro do processo de formação da língua portuguesa. Na maioria das vezes, esses fenômenos revelam marcas características do falar rural, mas que não é o caso do item lexical <i>devarde</i> em Paranaguá, pois, para os informantes, <i>devarde</i> significa ‘estar à toa’, ‘sem fazer nada’, ‘não faz nada’, ‘coisa inútil’, ‘em vão’. Enquanto que <i>debalde</i> apresenta outros valores: ‘ter alguma coisa sobrando’, ‘ser parecido com areia’. Os lexicógrafos pesquisados registraram a acepção que evidenciam o mesmo sentido empregado no <i>corpus</i> escrito: ‘inutilmente, em vão’. Cunha, por sua vez, registrou a entrada <i>balde</i>², informando ser <i>de balde</i> uma loc. adv. cujo significado é o mesmo registrado pelos demais dicionaristas.</p> <p>Analisando o contexto de utilização da unidade lexical <i>debalde/devarde</i> nota-se que sua ocorrência é bastante produtiva na fala dos informantes parnanguaras. Portanto, como a maioria dos informantes reconheceu a lexia com o sentido semelhante ao do <i>corpus</i> escrito, pressupõe-se ser um caso de manutenção.</p>	

6.2 DISTRIBUIÇÃO DOS ITENS LEXICAIS POR MANUTENÇÃO, TENDÊNCIA À MANUTENÇÃO, DESUSO E TENDÊNCIA AO DESUSO

Após a análise semântico-lexical dos 176 itens lexicais, chegou-se ao resultado de quais lexias apontam caso de manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso. Para maior clareza desse resultado, segue o quadro contendo os itens lexicais e suas respectivas classificações:

Quadro 5 – Distribuição dos itens lexicais por manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso

Manutenção	Tendência à Manutenção	Desuso	Tendência ao Desuso
Acudir	Aceno	Acometido	Abastado
Apossar	Alqueire	Admoestar	Acautelar
Arrematação	Alugador	Afeto	Acomodado
Arrombar	Apanhar	Arbitramento	Acompanhar
Debalde	Apontado	Ardil	Acordar
Embargo	Atravessador	Assentado	Aguardente
Enfermo	Botar	Assistir	Alentar
Mantimento	Coibir	Atalhar	Ansiar
Ripa	Cultura	Aulista	Apenar
Sustar	Despejar	Avançar a dinheiro	Arrimar
	Embrenhado	Avulsão	Arroba
	Felicitar	Balandra	Asilo
	Habitador	Bando	Assenhorear-se
	Inteirar	Botar pingos	Assombrado
	Légua	Braçame	Avocar
	Longes	Brioso	Barra
	Miliciano	Brotar	Botica
	Moléstia	Camarista	Braça
	Ordenação	Data	Cabal
	Ordenado	De boa nota	Ceifa
	Penúria	Decoroso	Cessar
		Demitir	Circuito
		Desconcertado	Circunvizinhança
		Dilatado	Comiserar-se

continua

continuação

Manutenção	Tendência à Manutenção	Desuso	Tendência ao Desuso
		Diligência Discípulo Dito Emolumento Empregar-se Enfadonho Engenho Esterilidade Excreto Faisqueira Falto Fiel Finta Fogo Fortuna Incorrer Irresoluto Lancear Lavra Lavrar Lograr Mediando Meirinho Mercê Molhado Nau Ob-reptício Obsequioso Observância Obviar Patentear Pender Pervencido Perverter Profitente Propina Rábula Rédito Relavado	Cômputo Conjuntura Consternação Deliberar Demasia Depor Deposto Derrogado Desarranjo Desconsolação Desmembração Detrimento Diminuto Embaraçar Enjeitar Erigir-se Escusar Expedição Expender Facultar Faiscar Findo Fomentar Frívolo Iminente Inconveniente Incumbência Indecoroso Intentar Ladino Letra Libra Limitado Luzido Mestre Módico Obrar Opulência Paragem

continua

continuação

Manutenção	Tendência à Manutenção	Desuso	Tendência ao Desuso
		Subitar Sumaca Tabuado Tabularia Vigário	Paridade Pernicioso Pôr os olhos Principiado Privança Rebate

O gráfico 1 apresenta a distribuição em porcentagem do total de ocorrências por manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso.

Gráfico 1 – Índice de porcentagem de ocorrência por manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso

Fonte: Dados do *corpus*.

O gráfico 1 mostra que, do total de 176 lexias estudadas, a grande maioria, 77 casos, apresenta tendência ao desuso totalizando 43,8% do número de ocorrências. O caso de desuso vem em seguida, com 38,6%. Depois, tendência à manutenção, com 11,4% e, por último, o caso de manutenção com apenas 6,3% de ocorrências. Estes dados evidenciam que o

vocabulário dos parnanguaras revela traços de inovação, pois, somando a porcentagem de manutenção e tendência à manutenção (17,7%), o resultado é bem menor que as porcentagens de desuso e tendência ao desuso (82,4%). Talvez, a razão deste resultado esteja correlacionada à natureza oficial dos documentos manuscritos, cujos vocábulos, em sua maior parte, compõem um vocabulário oficial da época. Mas, por outro lado, como tem discutido Toniolo (2007, p. 25), observa-se, por meio da leitura destes manuscritos, que, apesar de oficiais (documentos notariais), “muitos destes documentos manuscritos estão muito próximos de uma modalidade de língua provavelmente falada por boa parte dos brasileiros no tempo da Colônia e do Império”. Portanto, deve-se levar em consideração que, na época destes documentos manuscritos, o número de pessoas instruídas no Brasil era muito pequeno e, no caso do Paraná, após a expulsão dos jesuítas, o sistema educacional continuou tão precário durante todo o período setecentista que quase todos os moradores de pequenas vilas, como Paranaguá, eram analfabetos (TRINDADE; ANDREAZZA, 2003, p. 408). É de se considerar, no entanto, que estes documentos manuscritos foram quase todos escritos por pessoas cultas, mas, conforme salienta Toniolo (2007, p. 25), “não se sabe com exatidão o que era ser culto no passado, tampouco se o que sentimos como formal, fosse, para eles, informalidade”. Partindo deste princípio, de que textos oficiais talvez não sejam o único fator motivador pelo alto índice de porcentagem dos casos de tendência ao desuso e desuso, pode-se pensar, também, no processo de transformação socioeconômica do município de Paranaguá, onde, nas últimas três décadas, segundo dados do IBGE, o crescimento demográfico quase dobrou, provavelmente devido ao fluxo de imigrantes para esta região, proporcionando aos moradores dessa cidade o contato com outras variedades linguísticas, resultando na ocorrência de fatores que condicionam as modificações e inovação da linguagem, principalmente no eixo lexical.

6.3 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS: FAIXA ETÁRIA, GÊNERO E ESCOLARIDADE

A análise e o cotejo dos dados das variáveis foram feitos com o auxílio do programa Systemic Coder⁴⁰. Com esse programa montou-se o esquema seguinte, que traz as dezesseis

⁴⁰ Systemic Coder 4.68.

variáveis referentes: à faixa etária (primeira faixa: F1 e segunda etária: F2), ao sexo (masculino: M e feminino: F) e à escolaridade (ensino primário: EP, ensino fundamental: EF, ensino médio: EM e ensino superior: ES). Destas variáveis, investigou-se o conhecimento da lexia com a acepção buscada (manutenção), o conhecimento da lexia com outra acepção (desuso) e o não conhecimento da lexia (NSR: não soube responder).

Figura 5 – Esquema de enquadramento das variáveis

Por meio deste esquema, foi feito o enquadramento das variáveis, resultando no esquema abaixo (figura 2), com as informações seguintes: *Faixa etária 1*: oito variáveis: F1-H-EP, F1-M-EP, F1-H-EF, F1-M-EF, F1-H-EM, F1-M-EM, F1-H-ES e F1-M-ES; *Faixa etária II*: oito variáveis: F2-H-EP, F2-M-EP, F2-H-EF, F2-M-EF, F2-H-EM, F2-M-EM, F2-H-ES e F2-M-ES; *Número de ocorrências por*: manutenção, desuso e NSR; e *Porcentagem de ocorrência por*: manutenção, desuso e NSR (não soube responder).

Quadro 6 – Quadro descritivo da porcentagem local das variáveis

Porcentagem local			
Faixa etária 1		Faixa etária 2	
F1-H-EP	manutencao-1	20	11.1%
	desuso-1	27	15.0%
	nsr-1	133	73.9%
F1-M-EP	manutencao-2	12	6.9%
	desuso-2	25	14.3%
	nsr-2	138	78.9%
F1-H-EF	manutencao-3	34	19.1%
	desuso-3	76	42.7%
	nsr-3	68	38.2%
F1-M-EF	manutencao-4	28	16.1%
	desuso-4	45	25.9%
	nsr-4	101	58.0%
F1-M-EM	manutencao-5	22	12.5%
	desuso-5	56	31.8%
	nsr-5	98	55.7%
F1-H-EM	manutencao-6	36	20.8%
	desuso-6	47	27.2%
	nsr-6	90	52.0%
F1-H-ES	manutencao-7	35	20.0%
	desuso-7	45	25.7%
	nsr-7	95	54.3%
F1-M-ES	manutencao-8	43	24.3%
	desuso-8	43	24.3%
	nsr-8	91	51.4%
F2-H-EP	manutencao-9	34	19.5%
	desuso-9	37	21.3%
	nsr-9	103	59.2%
F2-M-EP	manutencao-10	31	17.5%
	desuso-10	43	24.3%
	nsr-10	103	58.2%
F2-H-EF	manutencao-11	76	43.7%
	desuso-11	76	43.7%
	nsr-11	22	12.6%
F2-M-EF	manutencao-12	50	28.6%
	desuso-12	66	37.7%
	nsr-12	59	33.7%
F2-H-EM	manutencao-13	42	24.3%
	desuso-13	70	40.5%
	nsr-13	61	35.3%
F2-M-EM	manutencao-14	29	16.3%
	desuso-14	41	23.0%
	nsr-14	108	60.7%
F2-H-ES	manutencao-15	77	43.8%
	desuso-15	71	40.3%
	nsr-15	28	15.9%
F2-M-ES	manutencao-16	44	25.0%
	desuso-16	66	37.5%
	nsr-16	66	37.5%

Como se vê no quadro, o maior número de ocorrência por *conhecimento da lexia com a acepção buscada (manutenção)* e por *conhecimento da lexia com outra acepção*

(*desuso*) se concentra na segunda faixa etária, enquanto o maior número de ocorrência por *não conhecimento da lexia* (*não soube responder*) se concentra na primeira faixa etária.

Com o intuito de melhor explicitar, dentro de cada faixa etária, em quais grupos se concentra o maior índice de manutenção, desuso e NSR, as porcentagens constantes do quadro 9 foram organizadas e dispostas nos gráficos seguintes:

Gráfico 2 – FAIXA ETÁRIA I: Porcentagem de ocorrência por manutenção

Fonte: Dados do *corpus*.

Como se nota no gráfico 2, a maior concentração de manutenção da faixa I ocorre na fala da informante feminina do ensino superior (24,3%); em seguida concentra-se na fala do informante masculino do ensino médio (20,8%), coocorrendo com o informante masculino do ensino superior (20%). Os informantes do ensino fundamental vêm em seguida: 19,1% para o informante masculino e 16,1% para a informante feminina. O menor índice de ocorrência por manutenção concentra-se na fala dos informantes do ensino primário: 11,1% para o informante masculino e 6,9% para a informante feminina. Observando a concentração de manutenção da faixa I por variável escolaridade, constata-se que sua maior produtividade se encontra na fala dos informantes do ensino superior (45,1%); em seguida, na dos informantes do ensino fundamental (35,2%) e, depois, na fala dos informantes do ensino médio (33,3%). Por último, os informantes do ensino primário com 18%.

Gráfico 3 – FAIXA ETÁRIA I: Porcentagem de ocorrência por desuso

Fonte: Dados do *corpus*.

Com relação à ocorrência de desuso da faixa I, o gráfico 3 mostra que a maior concentração se encontra na fala do informante masculino do ensino fundamental (42,7%). Os informantes do ensino médio vêm em seguida: 31,8% para a informante feminina e 27,2% para o informante masculino. A informante feminina do ensino fundamental apresenta 25,9% de desuso, coocorrendo com 25,7% do informante masculino do ensino superior. A informante feminina do ensino superior conserva 24,3% de frequência de desuso, e os informantes do ensino primário apresentam a menor taxa de ocorrência, 15% para o informante masculino e 14,3% para a informante feminina. A maior concentração de desuso da faixa I por escolaridade se concentra na fala dos informantes do ensino fundamental (68,6%); em seguida, vêm os informantes do ensino médio (59%); depois, os informantes do ensino superior (50%) e, por último, os informantes do ensino primário (29,3%).

Gráfico 4 – FAIXA ETÁRIA I: Porcentagem de ocorrência por NSR

Fonte: Dados do *corpus*.

Pelo gráfico 4, pode-se observar que o maior índice de ausência de respostas da faixa I se encontra nos informantes do ensino primário: 78,9% para a informante feminina e 73,9% para o informante masculino. Na casa dos 50% de desconhecimento da lexia investigada encontram-se a informante feminina do ensino fundamental (58%), depois a informante feminina do ensino médio (55,7%), o informante masculino do ensino superior (54,3%), o informante masculino do ensino médio (52%), e a informante feminina do ensino superior (51,4%). O informante masculino do ensino fundamental apresentou a menor taxa de ocorrência de ausência de respostas (38,2%). Com base nos dados mostrados pelo gráfico, constata-se que, na variável escolaridade, os informantes do ensino primário foram os que menos reconheceram os itens lexicais estudados, apresentado 152,8% de ausência de respostas. Em seguida, com 107,7%, encontram-se os informantes do ensino médio, depois vêm os informantes do ensino superior (105,7%) e, por último, os informantes do ensino fundamental apresentando a taxa de 96,2% de NSR.

Com base nos dados mostrados nos gráficos 2, 3 e 4, referentes à primeira faixa etária, conclui-se que o maior número de ocorrência por: (i) *conhecimento da lexia com a aceção buscada (manutenção)* concentra-se no grupo de informantes do ensino superior (45,1%); (ii) *conhecimento da lexia com outra aceção (desuso)* concentra-se no grupo de

informantes do ensino fundamental (68,6%); e (iii) *desconhecimento da lexia (não soube responder)* está presente no grupo de informantes do ensino primário (152,8%).

Gráfico 5 – FAIXA ETÁRIA II: Porcentagem de ocorrência por manutenção

Fonte: Dados do *corpus*.

O gráfico 5 mostra que a maior concentração de manutenção da faixa II ocorre na fala do informante masculino do ensino superior (43,8%), coocorrendo com 43,7% do informante masculino do ensino fundamental. Em seguida encontra-se na fala da informante feminina do ensino fundamental (28,6%), depois da informante feminina do ensino superior (25%), do informante masculino do ensino médio (24,3%), do informante masculino do ensino primário (19,5%), da informante feminina do ensino primário (17,5%). Com o menor índice de manutenção encontra-se a informante feminina do ensino médio (16,3%). Observando a concentração de manutenção da faixa II por variável escolaridade, constata-se que sua maior produtividade se encontra na fala dos informantes do ensino fundamental (72,3%), seguida dos informantes do ensino superior (68,8%). Depois, os informantes do ensino médio (40,6%) e, por último, os informantes do ensino primário (37%).

Gráfico 6 – FAIXA ETÁRIA II: Porcentagem de ocorrência por desuso

Fonte: Dados do *corpus*.

Como se observa no gráfico 6, o maior índice de ocorrência de desuso da faixa II se concentra no contexto de fala do informante masculino do ensino fundamental (43,7%); em seguida, com 40,5%, vem o informante masculino do ensino médio, coocorrendo com o informante masculino do ensino superior (40,3%). A informante feminina do ensino fundamental apresenta 37,7% de ocorrência de desuso, coocorrendo com os 37,5% da informante feminina do ensino superior. O informante do ensino primário mantém 24,3% de desuso, a informante feminina do ensino médio 23% e o informante masculino do ensino primário, com a taxa de 21,3%, registra o menor índice de desuso desta faixa etária. Quanto à variável escolaridade, faixa II, os dados apontam maior concentração de desuso na fala dos informantes do ensino fundamental (81,4%), em seguida vêm os informantes do ensino superior (77,8%), depois os informantes do ensino médio (63,5%) e, por último, os informantes do ensino primário (45,6%).

Gráfico 7 – FAIXA ETÁRIA II: Porcentagem de ocorrência por NSR

Fonte: Dados do *corpus*.

Verifica-se, no gráfico 7, que o maior índice de ausência de respostas da faixa II se concentra na fala da informante feminina do ensino médio (60,7%); em seguida, vêm os informantes do ensino primário: 59,2% para o informante masculino e 58,2% para a informante feminina. Depois, vem a informante feminina do ensino superior (37,5%), o informante masculino do ensino médio (35,3%), a informante feminina do ensino fundamental (33,7%), o informante masculino do ensino superior (15,9%) e o informante masculino do ensino fundamental (12,6%), apresentando a menor taxa de ausência de respostas. Baseando-se nos dados mostrados pelo gráfico, observa-se que na variável escolaridade os informantes do ensino primário foram os que menos reconheceram as lexias investigadas, apresentando 117,4% de ausência de respostas. Em seguida, com 96%, encontram-se os informantes do ensino médio. Depois, aparecem os informantes do ensino superior, com 53,4%, e, por último, os informantes do ensino fundamental, apresentando a taxa de 46,3% de NSR.

Ao observar o resultado dos dados constantes nos gráficos 5, 6 e 7, referentes à segunda faixa etária, constata-se que o maior número de ocorrência por: (i) *conhecimento da lexia com a acepção buscada (manutenção)* concentra-se no grupo de informantes do ensino fundamental (72,3%); (ii) *conhecimento da lexia com outra acepção (desuso)* concentra-se

também no grupo de informantes do ensino fundamental (81,4%); e (iii) *não conhecimento da lexia (não soube responder)* está presente no grupo de informantes do ensino primário (117,4%).

Por meio da leitura e análise dos dados obtidos pelas tabelas e pelos gráficos, foi possível concluir que, no grupo de informantes do ensino primário, tanto na faixa I como na faixa II, concentra-se o menor índice de ocorrências por **manutenção** e **desuso**, e o maior índice de ocorrência por **não respostas**. Talvez esse resultado seja o reflexo do contexto socioeconômico e cultural destes falantes, uma vez que o baixo nível de escolaridade pode favorecer a inibição da realização do contexto de produção de fala por parte desses informantes. Segundo Bortoni-Ricardo (1986, p. 10-11), “Numa situação de fala em que uma professora universitária e alunos de graduação e pós-graduação entrevistam pessoas analfabetas ou semi-analfabetas, de classe baixa e origem rural, são postas em contato variedade distintas da língua, o que naturalmente, enseja dificuldades de comunicação”. De acordo com esta autora, em uma entrevista estruturada a relação entre entrevistado e inquiridor é assimétrica, ou seja, de um lado temos o pesquisador universitário e de outro lado o informante pertencente a uma classe social inferior. Nestas circunstâncias é comum ocorrer o problema de ‘insegurança linguística’ por parte do informante rural ou de origem rural. O fato dele não responder às questões pode ser porque o entrevistado não entendeu a pergunta, e conforme observa Bortoni-Ricardo (1986, p.16), “muitas vezes os informantes de classe baixa evidenciam dificuldades em entender o português padrão”. Mais adiante, esta autora esclarece que

A maioria dos problemas de comunicação durante as entrevistas parecem derivar de diferenças dialetais nos níveis fonológico, gramatical e semântico. Em outras palavras, o ouvinte deixa de compreender o sentido do enunciado do falante num contexto específico porque não está familiarizado com: a) determinada regra fonológica que altera a forma de uma palavra conhecida; b) determinada variante gramatical; c) o significado que determinada palavra assume no dialeto do interlocutor e d) o objeto ou estado de coisas a que a palavra se refere (BORTONI-RICARDO, 1986, p. 17).

Portanto, é importante deixar claro, que problemas desta natureza linguística podem causar um alto índice de não resposta por parte desses entrevistados de origem rural, muitas vezes analfabetos ou semi-alfabetizados.

Considerações Finais

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, essa pesquisa procurou mostrar que muito material manuscrito, ainda não manuseado, pode ter seu valor científico, a partir do momento em que determinado pesquisador resolva aplicar a ele regras e critérios confiáveis, como as normas de edições, para uma futura investigação linguística.

A edição semidiplomática de textos antigos brasileiros se faz necessária na medida em que preserva todo o documento, seja linguístico ou histórico. Ambos são extremamente importantes, quando se leva em conta que o primeiro preserva a língua, sua variedade, suas nuances, e traça uma linha evolutiva, apontando todos os momentos do desenvolvimento da língua. O segundo ponto é, incondicionalmente, tão importante quanto o primeiro, pois mostra a história como realmente aconteceu, permitindo ao historiador um retrato fiel da época.

Dessa forma, ficou provado que os documentos manuscritos são fonte direta, preciosa e inesgotável de informação histórica, visto que a atuação do filólogo em conjunto com o trabalho do historiador permite a reconstrução de grande parte da história nacional desse e de outros períodos, como foi o caso da Ordem dos Jesuítas em Paranaguá. A história narrada em livros sobre a figura dos jesuítas foca somente a importância desses padres para o desenvolvimento educacional e cultural do Brasil na era colonial. Mas, por outro lado, estudando a história de Paranaguá através dos documentos manuscritos, constatou-se que no doc. 25 (fol.1r/fol.1v), datado em 27 de janeiro de 1743, os representantes da Câmara de Paranaguá redigiram uma carta oficial contra os padres jesuítas, acusando-os de se apropriarem ilegalmente de 100 braças de terras no Ribanceira. Cronistas de Paranaguá, como Leão (1926), Nascimento Junior (1929) e Boutin (2005), relatam que a coroa portuguesa, sentindo-se ameaçada pelo processo de fortalecimento das instituições jesuíticas, expulsam os padres do território brasileiro, sob o pretexto de representarem um atraso na sociedade colonial.

Quanto aos aspectos linguísticos, o exame filológico do *corpus* escrito mostrou ser produtivo para o conhecimento da linguagem do período setecentista. Os textos escritos, apesar de serem redigidos de acordo com a norma culta daquela época, revelam, por meio da escrita pouco hábil de seus escribas, uma grande incidência de marcas de oralidade. Portanto, todo estudioso da língua que se proponha analisar textos dos séculos XVIII e XIX, encontra características comuns e marcantes, próprias dos manuscritos desse período, uma vez que a

adaptação do alfabeto latino ao alfabeto português provocou alguns problemas, que persistem até os dias de hoje. Como afirma Teyssier (1994, p. 148), “esses problemas podem tanto evidenciar traços da comunicação oral, como representar, de uma maneira explícita, a trajetória da língua para a separação entre os falantes do português europeu e do português brasileiro”.

Após a edição semidiplomática do *corpus* escrito, foi realizada a seleção de 176 lexias que serviram de base tanto para a elaboração do glossário, cuja finalidade se destinou a facilitar a compreensão da acepção dos itens lexicais dentro do contexto documental analisado e caracterizar o léxico do período setecentista, como também para a elaboração do questionário semântico-lexical que teve por objetivo auxiliar na investigação do grau de manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso em relação às acepções registradas nos documentos manuscritos, e testá-las no município de Paranaguá com informantes pré-selecionados de acordo com os critérios adotados em pesquisas de dialetologia e sociolinguística.

Realizada a pesquisa de campo que teve por objetivo a recolha dos dados orais, o próximo passo consistiu em organizá-los por meio de tabelas contendo: (i) a lexia em estudo; (ii) o registro das acepções buscadas; (iii) o contexto de utilização dos itens lexicais conhecidos pelos informantes; e (iv) as acepções dicionarizadas. De posse desses dados, procedeu-se a análise do contexto de fala de cada informante selecionado, sendo possível identificar quais informantes ainda empregam determinado item lexical com a mesma acepção buscada.

Com base nos dados mostrados nas tabelas e nos gráficos do capítulo 6, constatou-se que a porcentagem de desuso e tendência ao desuso dos 176 itens lexicais é bem maior que a porcentagem de manutenção e tendência à manutenção. Quanto ao *conhecimento da lexia com a acepção buscada (manutenção)*, na primeira faixa etária, a maior ocorrência recai no grupo de informantes do ensino superior, e na segunda faixa etária, no grupo de informantes do ensino fundamental. O grupo de informantes do ensino fundamental, tanto da faixa I, como da faixa II, teve maior *conhecimento da lexia com outra acepção (desuso)*. E o grupo de informantes do ensino primário, tanto da faixa I como da faixa II, teve maior índice de *não conhecimento da lexia* investigada.

Comparando o resultado da porcentagem entre as duas faixas etárias, observa-se que os informantes da segunda faixa etária ainda preservam traços linguísticos próximos de seus antecedentes, conforme evidenciam os dados das respostas desses informantes. Parece que a

rememoração do passado faz parte de seu discurso, tecido por alusão e comparação de alguns itens lexicais utilizados no passado e no presente momento. Por outro lado, os informantes da primeira faixa etária apontam para um provável desaparecimento da lexia e/ou da acepção buscada neste trabalho. Tal fator pode ser em decorrência da influência da escola e dos avanços dos meios de comunicação, que possibilitam a ampliação dos conhecimentos gerais da população.

Com base no que foi apresentado, conclui-se, de modo geral, que os itens lexicais e as acepções investigadas neste trabalho tendem ao desuso com o tempo. Na medida em que pesquisas de natureza geolinguísticas vêm se desenvolvendo no campo da linguagem, constata-se o registro de diferentes designações para um único referente, e isso prova que, em uma dada comunidade linguística, mesmo havendo fatores que possam contribuir para a cristalização da linguagem, estão sujeitos a mudanças, resultando no processo de desuso ou inovação de algumas lexias em contexto de fala.

Em suma, os dados apresentados e analisados durante todo trabalho cumpre com seu objetivo maior, que foi realizar o estudo do léxico no município de Paranaguá-PR, propondo uma discussão sobre manutenção, tendência à manutenção, desuso e tendência ao desuso de lexias extraídas de fontes manuscritas setecentistas, datadas da mesma localidade. Dessa forma, espera-se que os resultados da análise possam contribuir e, ao mesmo tempo, fornecer dados confiáveis aos estudos linguísticos sobre o estado de língua no período setecentista produzidos no Paraná.

Referências

REFERÊNCIAS⁴¹

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 5. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil Colônia**: um guia para a leitura de documentos manuscritos. Recife: UFPE: Massangana, 1994.

AGUILERA, Vanderci Andrade; VASCONCELOS, Celciane Alves. Para uma abordagem histórico-social da fala rural de Castro-PR: a presença de tupinismos. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 6, n. 1, p. 11-42, dez. 2003.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; FIGUEIREDO, Maria Beatriz Tozetti. A composição de um questionário sobre o léxico do gado. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 5, p. 9-50, dez. 2002.

ALI, Manuel Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

ARAÚJO, Emanuel. **Publicação de documentos históricos**. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça: Arquivo Nacional, 1985.

AZEVEDO, Aroldo de. Vilas e cidades do Brasil Colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**, São Paulo, n. 208, Geografia, n. 11, p. 1-96, 1956.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. v. 8. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

BICALHO, Maria Fernanda. As Câmaras municipais no Império Português: o exemplo do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n. 36, p. 251-280, 1998.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da Lexicografia. **Alfa**, São Paulo, n. 28, p. 1-26, 1984. Suplemento.

⁴¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas, NBR 6023 (apud UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2009)

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística**: teoria lexical e lingüística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLANCO, Ricardo Román. **Estudos paleográficos**. São Paulo: Laserprint, 1987.

BLUTEAU, Padre Raphael. **Vocabulário portuguez e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v.

BORGES NUNES, Eduardo A. **Abreviaturas paleográficas portuguesas**. 3. ed. Lisboa: Faculdade de Letras, 1981.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Problemas de comunicação interdialeto. In: **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 78/79, p. 9-31, jul./dez. 1984.

BOTELHO, Angela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário histórico Brasil**: Colônia e Império. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOUTIN, Leônidas. Os jesuítas históricos em Paranaguá. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná**, Curitiba, v. 1-LVI, p. 187-190, 2005.

BRAGA, Alencar S. O poder político do município no Brasil Colônia. **Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC**, n. 12, p. 169-232, jul./dez. 2008. Disponível em: <[http://www.esdc.com.br/RBDC/RBDC-12/RBDC-12-169-Alencar_Santana_Braga_\(municipio\).pdf](http://www.esdc.com.br/RBDC/RBDC-12/RBDC-12-169-Alencar_Santana_Braga_(municipio).pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2011.

CAGLIARI, Luiz Carlos. O que é a ortografia? **Estudos Lingüísticos XXIII – Anais de Seminários do GEL**, São Paulo, v. 1, p. 552-559, 1994.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1948.

CALLOU, Dinah; SERRA, Carolina. Norma e escolarização no Rio de Janeiro: a nova realidade social como reflexo de antigos problemas. In: LOBO, Tânia et al. (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: Edufba, 2006. v. 6. t. 1-2. p. 675-687.

CALMON, Pedro. **História do Brasil**. v. I-VII. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARDOSO, Jayme Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas Histórico do Paraná**. 2. ed. rev. ampl. Curitiba: Livraria do Chain, 1986.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB). Questionário 2001. Londrina: Eduel, 2001.

CORREA, Hugo Pereira. Fundação de Paranaguá. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense** – Gente e fatos de Paranaguá: comemorativo ao Sesquicentenário da Independência do Brasil, Curitiba, v. XVII, p. 219-222, 1972.

CÔRTEZ, Saboya. Paranaguá, berço da civilização paranaense. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense** – Gente e fatos de Paranaguá: comemorativo ao Sesquicentenário da Independência do Brasil, Curitiba, v. XVII, p. 235-246, 1972.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, Antônio Geraldo da; CAMBRAIA, César Nardelli; MEGALE, Heitor. **A carta de Pero Vaz de Caminha**: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear. 2. ed. v. 1. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 2001. (Série Diachronica).

CUNHA, Celso. Conservação e inovação no português do Brasil. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 5, p. 199-230, nov. 1986.

DIAS, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. 1.^a Parte – Paleografia para o período colonial. In: SAMARA, Eni de Mesquita; DIAS, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. **Paleografia e fontes do período colonial brasileiro**. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 1986. p. 11-38. (Estudos CEDHAL, Nova Série, n. 11).

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba: Livraria do Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Versão 5.0, rev. e atual. do Aurélio Século XXI. Rio de Janeiro: Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

FERREIRA, Carlota da Silveira; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Dialektologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas**: manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 2. ed. aum. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

FREITAS, Waldomiro Ferreira de. **História de Paranaguá**: das origens à atualidade. Paranaguá: IHGP, 1999.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.

GONÇALVES, Janice. **Como classificar e ordenar documentos de arquivo**. v. 2. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

GOULART, José Alípio. **O cavalo na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 2.0.a. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 1 CD-ROM.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. v. I. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro: MEC, 1967.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Vários acessos.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional: análise de algumas “marcas” de conservadorismo lingüístico. **Estudos Lingüísticos**, Taubaté, n. 25, p. 568-574, 1996.

KRAEMER, Marília. **Malhas da pobreza**: exploração do trabalho de pescadores artesanais na Baía de Paranaguá. Curitiba: Littero-Técnica, 1983. (Série Estante Paranista, v. 22).

KUBO, Mari Elvira. **A legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª Comarca da Província de São Paulo**. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. (Coleção Paraná Memória Momento).

LADEIRA, Maria Inês. YY PAh ou YVA PAh “Espaço Mbya entre as águas ou o caminho aos céus” – os índios guarani e as ilhas do Paraná. In: **Centro de Trabalho Indigenista**, nov. 1990. Disponível em: <http://bd.trabalhoindigenista.org.br/sites/default/files/LaderiaMI_Mbya-aguas-ceus_b.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2011.

LEÃO, Ermelino Agostinho. **Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná**. v. III. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1926.

LEITE, Marli Quadros. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. In: PRETI, Dino (Org.). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 2003. p. 17-45.

MAACK, Reinhard. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba: Banco de Desenvolvimento do Paraná: UFPR: Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, 1968.

MAACK, Reinhard. **Geografia física do Estado do Paraná**. 2. ed. São Paulo: José Olympio, 1981.

MACEDO, Rafael Greca. A Justiça no Paraná na Colônia e no Império. **Boletim Trimestral**, Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, v. IV, p. 6-23, abr./jun. 1999.

MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral**. Tradução de Jorge Barbosa. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MASSANI-CAGLIARI, Gladis. Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica? **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 159-178, 1998.

Disponível em:

<<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/site/images/arquivos/FLP2/MassiniCagliari1998.pdf>>.

Acesso em: 2 jun. 2012.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

MIRANDA, Lílian Lisboa. Embates sociais cotidianos na São Paulo setecentistas: o papel da Câmara Municipal e dos homens livres pobres. **Revista História**, São Paulo, n. 147, p. 53-69, 2002.

MORAIS SILVA, Antônio de. **Diccionario da língua portuguesa** – recompilado dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

MORAIS SILVA, Antônio de. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1945.

NASCIMENTO JUNIOR, Vicente. I Parte – História: o nosso litoral. **História, Crônicas e Lendas**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1980a. p. 35-39.

NASCIMENTO JUNIOR, Vicente. II Parte – Crônicas e Lendas. O despotismo dum Ouvidor. **História, Crônicas e Lendas**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1980b. p. 266-268.

NASCIMENTO JUNIOR, Vicente. Os jesuítas em Paranaguá. **O Itiberê**. Arquivos do Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá, Paranaguá, a. 11, n. 127, [s.p.], nov. 1929.

NASCIMENTO JUNIOR, Vicente. Paranaguá no Continente. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense** – Gente e fatos de Paranaguá: comemorativo ao Sesquicentenário da Independência do Brasil, Curitiba, v. XVII, p. 167-174, 1972.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia paranaense**. v. I. Curitiba: Imprensa Oficial Estado do Paraná, 1926.

NEGRÃO, Francisco. **Memória histórica paranaense**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1934.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.

PAIVA, Dulce de Faria. **História da língua portuguesa**. Século XV e meados do século XVI. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos, 2).

PARANÁ. **Documentos**. A que se refere o relatório oficial do presidente da Província do Paraná, na abertura da Assembléa Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854. Curitiba. 1854. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/614/000003.html>>. Acesso em: 1 maio 2012.

PINTO, Rolando Morel. **História da língua portuguesa**. Século XVIII. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos, 4).

PREFEITURA DE PARANAGUÁ. Disponível em: <www.paranagua.pr.gov.br/>. Vários acessos.

RIBEIRO FILHO, Anibal. **Paranaguá na história de Portugal: suas relações com a monarquia portuguesa, 1648-1822**. Paranaguá: Marinho, 1967.

SAMARA, Eni de Mesquita. 2ª Parte – Fontes coloniais. In: SAMARA, Eni de Mesquita; DIAS, Madalena Marques; BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. **Paleografia e fontes do período colonial brasileiro**. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 1986. p. 39-85. (Estudos CEDHAL, Nova Série, n. 11).

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Manuscrito do séc. XVIII para estudo lingüístico. **Polifonia**, Cuiabá, v. 4, p. 1-14, 2002.

SANTOS, Antonio Vieira dos. **Memória histórica da cidade de Paranaguá e seu município**. v. I. Curitiba: Vicentina, 2001 [1850].

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Técnicas de transcrição grafemática para o ALIB. In: **Workshop de preparação de inquiridores para o Atlas Lingüístico do Brasil**, 3., Londrina, 11 a 15 nov. 2002. Palestra.

SÃO VICENTE. s.d. Disponível em: <<http://www2.crb.ucp.pt/Historia/abced%C3%A1rio/As%20Capitanias%20Heredit%C3%A1rias%20do%20Brasil/saovicente.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2012.

SILVA NETO, Serafim da. **Textos medievais portugueses e seus problemas**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: CNPq, 1957.

SIMONSEN, Roberto Cochrane. **História Econômica do Brasil: 1500/1820**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: crítica textual**. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa**. Segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Ática, 1987. (Série Fundamentos, 3).

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina: Ed. UEL, 2002.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 6. ed. Tradução Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

TONIOLO, Ênio J. **Manuscritos da Vila Nova de Castro: um estudo filológico de documentos dos séculos XVIII e XIX**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2007.

TRINDADE, Etelvina Maria de C.; ANDREAZZA, Maria L. Paraná no século XIX: cultura e sociedade. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná**, Curitiba, v. LIV, p. 401-427, 2003. Edição comemorativa do Sesquicentenário do Paraná.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT)**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009. (Cadernos de Estudos, 9).

VASCONCELOS, Celciane Alves; AGUILERA, Vanderci de Andrade. As variantes lexicais para a montaria feminina: um estudo semântico-lexical em *corpora* geolinguísticos. **Revista do GELNE**. p. 347-365, número especial 2012.

VIANA, Gonçalves. **Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas**. Lisboa: Livraria, 1904.

VIANA, Manoel. **Paranaguá na história e na tradição**. Paranaguá: Conselho Municipal de Cultura, 1976.

WACHOWICZ, Ruy Christovan. **História do Paraná**. Curitiba: Editora dos Professores, 1967.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Alfaias e jóias do antigo Colégio dos Jesuítas em Paranaguá. **Boletim da Universidade do Paraná – História Moderna e Contemporânea**, Curitiba, n. 1, jun. 1902.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

*Bibliografia
Consultada*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. (Org.). **Estudos em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia**. Fortaleza: UFC, 2009.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP: CITRAT, 2001. p. 23-45. (Cadernos de Terminologia 1).

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico, testemunha de uma cultura. In: LORENZO, Ramón. **II Lexicología e Metalexicografia**. Acta do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filología Románicas. Universidade de Santiago de Compostela, 1989. p. 397-405.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensão da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Araraquara, n. 2, p. 81-118, 1998.

CARNEIRO, David. Algumas considerações em torno da história e da origem do colégio dos Jesuítas de Paranaguá. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense – Gente e fatos de Paranaguá: comemorativo ao Sesquicentenário da Independência do Brasil**, Curitiba, v. XVII, p. 277-298, 1972.

CIGOLINI, Adilar; MELLO, Laércio de; LOPES, Nelci. **Paraná: quadro natural, transformações territoriais e economia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FERREIRA, Tito Lívio. **História da educação lusobrasileira**. São Paulo: Saraiva, 1966.
HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

LEITE, Pe. Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2004. 10 v.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. **A Teoria da Variação Linguística**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MORGENSTERN, Algacyr. **Porto de Paranaguá: Contribuição à História**. Período: 1648/1935. Paranaguá: Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina, 1985.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia paranaense**. v. II. Curitiba: Imprensa Oficial Estado do Paraná, 1927.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia paranaense**. v. III. Curitiba: Imprensa Oficial Estado do Paraná, 1928.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia paranaense**. v. IV. Curitiba: Imprensa Oficial Estado do Paraná, 1929.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia paranaense**. v. V. Curitiba: Imprensa Oficial Estado do Paraná, 1946.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia paranaense**. v. VI. Curitiba: Imprensa Oficial Estado do Paraná, 1950.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. I. Campo Campo Grande: UFMS, 2000.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **O Léxico em Estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG: 2006.

SILVA NETO, Serafim. **Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília, INL/MEC, 1976.

SOARES, Carlos Roberto; LANA, Paulo da Cunha. **Baía de Paranaguá: mapas e história**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1994.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sócio-lingüística**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985. VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução Marcos Bagno. Revisão Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

Spêndices

APÊNDICE A – Listagem completa de vocábulos

A	acordo	alegadas	andre	apresentaraõ
a	acreçimo	alegria	anechos	apresente
á	acrescimo	aleluyas	anexo	aprezentou
abaixo	acrescimos	alem	anexos	aprezenttado
abaixo	acteuidade	alentarce	animais	aproueitado
abastados	acto	aleva	animal	aprouidença
aberta	actuais	alferes	animamos	aprovaçaõ
abertas	actual	algua	anjos	aprovados
abertos	actuaraõ	alguã	anno	aprovar
abertura	ad	alguãs	annos	aproveitar
abilegível	ademoestandonos	algum	annoz	apuraçaõ
abitadores	adjunto	algúm	ano	aquela
abrangem	adjuntos	alguma	anos	aquelas
abrigo	admite	algumas	ante	aqueles
abril	admitido	alguns	anteçeor	aquella
abrio	adverte	alguns~	antepasados	aquellas
abrir	advertidos	alias	antes	aquelle
abrirem	afastar	almas	anteseçores	aqui
absurdo	afecto	almeida	antesesores	araujo
absurdos	afetuosas	almeida	antiga	arbitra
abundancias	afim	almoxarife	antigas	arbitracem
acabada	afirma	alqueire	antigo	arbitramento
acabe	afliçam	alqueres	antipaçados	arbitrar
acabou	afonço	alta	antonio	arbitraraõ
acautelar	agente	alteza	anttes	ardentes
aceitala	agiar	alto	anttonio	ardil
aceite	agoardente	alugadores	antunina	arecadaçaõ
acenos	agoardente	aluguel	anuais	arecadasaõ
acentaraõ	agoas	aluguem	anualmente	arecadassam
acentavam	agora	alvara	ao	arombada
acha	agostinho	alvará	aodiante	arombar
acham	agosto	alvarâ	aos	aroz
achandoce	agradavel	alvares	aoz	arranxar
achaõ	agradece	amabellicima	apanhou	arremataçaõ
achar	agrado	amado	apareçe	arrematar
acharem	agregar	amaro	apenar	arrimaõ
achassem	aguardente	ambos	apenas	arrobas
achava	aguas	ameasar	aplaudimos	arros
achem	aguiar	amor	aplica	artes
achou	ahi	amparar	aplicados	as
acistencia	ainda	amparo	aplicar	ás
acodem	ajnda	ampla	apoçar	âs
acomodados	ajudante	anastacio	apontados	asegurando
acompanhamento	ajustes	ancehar	apostolicum	asenhoreavaõ
acompanhava	albertim	anda	appareceo	asentado
aconselhando	albitrarce	andaçem	applicada	asignada
acontesa	alcaide	andam	apresentamos	asignado
acordaõ	alcança	andar	apresente	asignados
acordão	alcanssem	andauaõ	apresentou	asignalladoz
acordaram	alega	andrade	aprezenciar	asignam

asignar	aumento	benemeritas	cananeya	centos
asignaram	aumentou	benignidade	cancellas	cerca
asignaraõ	autoridade	bens	canha	cercar
asignei	auxiliares	bento	canoas	cercarem
asigney	auxiliados	bernardo	capas	certa
asigno	auxiliar	bestas	capazes	certamente
asignou	auxiliares	bignidade	capella	certeficamos
asilo	auxilio	boa	capitais~	certefico
asim	auzencia	bobadella	capital	certeza
asima	avançado	bondade	capitam	certidam
asinada	aver	bordo	capitania	çertidam
asistem	avermos	botandose	capitaniá	certidao
asobrados	avia	botelho	capitanias	certidaõ
assestidas	aviam	botem	capitans	certidão
assignada	avistado	botica	capitaó	certifico
assignei	avizo	braçame	capitaõ	certo
assim	avocar	braças	capitullos	cessenta
assinada	âvulssam	braga	capitulo	cetera
assinado	axaõ	branco	cappitam	chamou
assino	az	bras	cappitania	chaons
assistencia	áz	brasas	cappitulos	chaons~
associacoins	azamor	brejos	carecese	chaons'
atalhar	Azeite	breuidade	caregada	chaves
atalharem		breve	carga	chegada
ate	B	brevidade	cargas	chegando
atenção	bahia	briozos	cargo	chegou
atendendo	bahyas	brotaria	carneiro	chegue
atendivel	bairro		carnes	chrissostomo
atensaõ	bairros	C	caro	christo
atento	ballandra	cá	carregar	christovaõ
atentos	baltezar	câ	carta	chryzostomo
athe	balthazar	cabais	cartas	cidade
atolarem	bando	cabeça	carvalho	cinaõ
atraueçe	baptizados	cabeças	casanova	cinco
atrazados	barbosa	cabo	casas	circuito
atenção	barboza	cada	case	circunstancia
attender	barcos	cadeya	caso	circunstancias
attendido	barra	caetano	castigou	clamaraõ
attentas	barras	caldeyra	castro	clareza
attentos	barrete	camara	catharina	coadra
atraveçadores	barrette	camaras	catolico	coais
atual	bastante	camargo	causa	coando
aubzença	bebidas	camaristas	cauza	coanto
augusto	begnino	camera	caza	coatro
auia	beija	cameras	cazamentos	coaze
auiamos	beijaõ	caminho	cazo	cobrada
auisou	bejaõ	caminhos	cede	cobradas
aulistas	bem	campo	cegue	cobrador
aumentando	beneficio	cana	cegundo	cobrança
aumentar	benefício	canaes	cento	cobransa

coedando	complimento	conhecemos	copia	cujo
cofre	compra	conhecer	copiados	cujos
cohibido	compraçem	conheci	copias	cultura
cohibir	comprados	conhecimento	copie	cumprimento
coitinho	comprar	conjuntura	copiei	cumprindo
colegio	comprarem	conselho	coraje	cunha
colheitas	compre	consentir	corea	curbas
colhetas	compreende	consequencia	coritiba	curitiba
colleção	compreendidos	consequencias	coroa	custa
colleção	comprimento	conserva	coronel	custando
collegio	comprimentto	conservação	corpo	custodio
collejo	comprometemos	conservandose	corporasaõ	custtuma
collocamos	comseda	considerasaõ	corpos	custuma
collonia	comservando	consignace	corram	custumado
com	comtemplão	consta	corre	custumaõ
comarca	comum	coñsta	correa	custume
comarcas	comveniente	constante	corregedor	cuyas
comarqu	comvocado	constantes	correia	
combinados	comvocemos	constantez	correição	D
comciderada	con	constar	correição	da
comercio	conçeder	consternação	corrente	dado
comércio	conceguinte	cónstetuhiam	corresponder	dahi
comércio	concelho	constetuindo	correycaõ	dalos
comesam	concertado	conta	cortar	dando
cómettidos	concerto	contador	corte	dandoçe
comferi	conceruarlhe	contadores	cortes	daõ
comferido	concervam	contaraõ	costa	daqueles
comfiri	conçervar	contas	costumes	daquella
comfirmados	concervara	contentamento	cousa	daquelle
comforme	concervaram	contento	cousas	daquelles
comformes	concetido	contesto	coutinho	dar
commarca	concideração	conteves	couverem	dár
commarcas	concluir	contheudo	couza	dará
commizeraçõins	concordou	continha	couzas	darem
commizerar	concorra	continua	creaçam	darlhes
commu'	concorrer	continuando	creação	das
commum	conde	continue	creador	data
communicar	conduçam	contra	creador	datada
commúns	conduzir	contraria	creção	dava
como	conferência	contrario	crecimento	davam
comô	conferido	contrato	criado	de
comos	confiado	contribuicam	criados	debaicho
compadecersse	confirmação	contribuir	criarem	debaixo
companhauaõ	confirmada	contribuisaõ	criou	debalde
companheiro	confirmar	contribuissaõ	cruzados	decadencia
companheiros	conforme	contribuissão	cuidado	decisaõ
companhia	conformidade	contta	cuidados	declarados
companhias	confraternidades	convenha	cuidavam	declarar
compito	conheça	convenientes	cuja	decorozo
completala	conheção	copear	cujas	decreto

deduzir	derrama	determinação	diminuto	doze
defender	derrubarem	determinaçãoens	dinheiro	duarte
defenssam	des	determinaraõ	dinis	duas
deferio	desacete	determinou	diogo	dum
defesa	desanimados	detreminaçam	direita	duma
defeza	descarga	detreminamos	direitos	duuida
degradâdo	desconcertadas	detrimento	direyto	duvida
deixa	desconcolacam	detriminado	dis	duvidas
deixamos	descuido	detriminará	disculpará	duvidosa
deixando	desde	dettreminação	disimulaçam	duvidosas
deixar	dese	dettreminado	dispeza	duvidozas
deixaraõ	desempenha	deu	disposto	duzentos
deixaremos	desemteresado	deuiamos	distança	
deixo	deseseis	deuida	disto	E
deixou	desfalques	deus	distrito	e
deliberar	desipolos	devassa	dita	edefficios
deligencia	desizaõ	deve	ditas	editaes
deligência	desmembrasam	devem	dito	editais
deligencias	desmerece	devemos	ditos	edital
della	desnecessariamente	dever	ditto	edraulicos
dellas	desneçessario	deviamos	dittos	eexselença
delle	despacho	deviaõ	diverços	efeijtos
delles	despachos	devo	diversoz	efeito
dem	despedido	dez	diviaõ	efeitos
demais	despejado	dezaçais	divinã	efeittos
demazia	despeza	dezacete	divisão	effeitem
demetir	despezas	dezamparem	diz	effeito
deminuta	despois	dezanove	dizem	effeittos
demónstrasoins	despoticamente	dezarranxo	dizemos	efficacia
demora	despozição	dezaseis	dizendo	egricultores
demorar	desprezos	dezasete	dizimos	egriculturas
demos	dessa	dezassete	do	eleição
demulir	desta	dezayamos	doãçaõ	ella
denisimo	désta	dezejamos	doarte	ellas
denominados	destante	dezejar	dobrado	elle
dentro	destas	dezembargador	doce	ellegendo
deo	deste	dezembro	dois	elleger
deos	destes	dezempenho	dom	ellegerão
deploraveis	destinado	dezenbro	dominante	elles
deplorável	destinaria	deznignios	domingos	elleyçaõ
depois	destinguiram	dezistirem	dominios	elogios
depor	destinos	dezpacho	donde	em
depostos	destribuicaõ	dia	doo	embarcaçam
derama	destricto	diant	doô	embarcacoins
deraõ	destrictos	dias	dôo	embarcasons
deregida	destrito	diferença	dos	embarcassonins
deregidas	destruidas	difficuldade	dou	embargo
derige	destruido	digne	dous	embrenados
derigio	destta	digo	doutor	emclinaram
derogado	determina	dilatados	douttor	emclusas

emcómodo	en	escrivão	estymado	expresey
emcomodos	enbargo	escrivão	et	expressada
emcontrarmos	encarregaõ	especialmentte	eu	expulso
emcuulcam	encidente	esperam	europa	exselco
emfermidades	encompativel	esperamos	europêos	exselencia
emformado	enformanos	esperamosnos	euzébio	exselência
emformar	engenheiros	esperando	evangelhos	exselensia
emgeitaçe	enginheiros	espero	evitar	exselenssia
emgenhoz	enquanto	espírito	exactamente	exselentissimo
emparo	ensoportavel	esquivo	examinar	exselinssia
empedimento	entaõ	essa	excelenca	existe
empenho	enteiramente	essas	excelencia	extabelecese
empidido	enteressado	esse	excelência	extabelecidas
empor	anterior	esses	excelenctissimo	extabelecido
emporçe	enterros	esta	excelentissima	extençam
emportar	entes	está	excelentissimmo	extrahido
emposebelitado	enteyro	está	excelentissimo	extraordinarios
emposiuel	entrace	estado	excelenttissimo	extrasam
empósta	entrada	estam	excellencia	extraviada
emposto	entram	estamos	excellência	extrucoins
empostos	entraõ	estando	excellentissimo	exzecutar
empozição	entrar	estaõ	excessivo	eztaõ
empregarmos	entrarem	estão	excilencia	eztes
empregarnos	entre	estar	exclusam	
emprego	entregar	estarem	excuzar	F
empregou	entregava	estas	execução	faça
empulço	entregue	estaua	execusam	factos
empuzição	entridoziem	estauaõ	executado	faculdades
empuzisaõ	enviado	estava	executamos	facultár
empuzissaõ	enviarmos	estavam	executar	faiscar
emquanto	era	este	exelencia	faisqueiras
emquantto	erario	esterelidade	exelentissimo	falescido
emsino	eregio	estes	exenta	fallar
emsinuarnos	errar	esteues	exentos	fallavaõ
emtanto	esa	estevaõ	exercer	falta
emteiro	escolher	esteve	exercia	faltando
emtento	escravas	estilo	exercicio	faltaõ
emtercenção	escretos	estilos	exercissio	faltar
emtradas	escreuam	estimaveiz	exercitar	faltara
emtrado	escreueo	estipulando	exersendo	faltas
emtram	escreuer	estiueçem	exêrsendo	faltavaõ
emtega	escreui	estiver	expecializa	falto
emtegar	escreuy	estou	expedisam	fara
emtreseder	escrevi	estrada	expendido	faremos
emullumento	escrevy	estradas	experamos	faria
emventario	escrita	estrangeiros	experauamos	fariamos
emviandolhe	escrito	estranharâ	experiença	fariaõ
emviar	escriuam	estta	experimentado	farinha
emviassemos	escriuaõ	esttá	expoem	farinhas
emvolumentos	escrivam	esttes	exposto	fartos

fartto	fevereiro	fome	genio	havera
fas	fevereiro de	fomentar	gente	haviaõ
fás	feyta	fomos	geral	havido
fasa	feyto	for	gerbazio	he
fasiaõ	fez	fora	girava	hé
fassa	ffazendo	foram	giro	hê
fassão	ffizer	foraõ	gloria	hiaõ
fauor	ffizeraõ	força	goardaçe	hido
fauoreçer	fica	forem	goarniçaõ	hidraulicos
favoráveis	ficam	forma	goarnição	hir
faz	ficamos	formalidade	golpe	hironimo
fazem	ficando	formando	gomes	hoitto
fazemos	ficar	formarce	gonçalves	hoje
fazenda	ficara	foros	gonçalvez	homenins
fazendas	ficarâ	fortaleza	gonsalves	homens
fazendo	ficaremos	forte	gora	homéns
fazer	ficava	fortificaçam	gosto	homens~
fazermos	fico	fortificaçaõ	gostosos	homes
fazia	ficou	fortuna	gouernador	homes~
faziam	fidalgia	foy	gouerno	homildes
fé	fidelidade	franca	governador	honra
fê	fidillissima	frança	governança	honrra
fedelidade	fiel	francisco	governo'	horroroso
fedellissimo	fielmente	françasco	governo	hú
fedilissima	fies	freguesia	graça	hu~
fee	filhos	freguesias	graces	hua
feijaõ	fim	freguezia	grande	huá
feita	findo	freire	grandes	huã
feito	finta	frequentam	grandeza	huas
feito	fintas	frivolo	grapuaba	hum
feittos	fique	froixamente	grãtuoza	huma
feitura	fiquemos	frota	grave	humas
feixadas	firmeza	fumos	grosseira	humildade
felecite	fis	fundação	guarda	humilde
felescidade	fixado	fundado	guardando	humildemente
felescite	fixar	fundamento	garde	humildes
felicidade	fiz	fundaõ	guimarans	humildez
felicidades	fizemos	futuro		hun~s
felicitado	fizeram		H	huns
felicite	fizeraõ	G	ha	
felis	fizesemos	gado	há	I
felix	foce	gamito	hâ	i
fellisbento	foçe	gamitto	habeis	ida
fernandes	fogem	gaspar	habitantes	iesu
ferreira	fogidos	gastaõ	habitasons	iesus
ferruge	fogo	generais	haja	igalmente
fes	fogos	general	hajaõ	igínjo
festejo	foi	genero	haõ	ignacio
festividades	folha	generos	havendo	ignorauamos
feureiro	folhas	gêneros	haver	igreja

igualmente	inquieta	josé	leite	logar
igualmente	inquietação	joseph	lemitada	logo
iguape	inquietaçoens	joze	lemitadas	lograr
ilha	inquieto	jozé	lemitado	longes
illustre	instante	jozê	lemos	lopes
illustrissima	instituto	jozeph	lenha	lorena
illustrissimmo	instruídos	judicial	letra	lugar
illustrissimo	instruir	juis	leuaçem	luis
ilostrisimo	instruirce	juiz	leuantar	luiz
ilustre	inteiramente	juizes	leuar	luminarias
ilustrisimo	inteirarem	julho	leva	lutasonz
ilustrissima	inteiro	junho	levado	luzes
imbarasem	intencam	junta	levantaram	luzido
imcumbência	intençam	juntamente	levantarem	
imitando	intenção	juntamos	levar	M
imminentes	intendente	juntas	levarem	machado
impedimentto	intenta	junto	levava	maciel
impedir	intentaõ	juntta	ley	madeiras
impeto	intentavaõ	jurado	leyte	magestade
impidimento	intento	juramento	lhe	maior
imposição	intereces	justa	lhes	mais
impostta	interessez	justiça	lhez	majo
impreça	interino	justissa	liais	manda
incerto	intersençaõ	justo	liberdade	mandado
incertos	intervensaõ	justto	libro	mandados
incidente	intiedade		licenca	mandamos
inçinua	intteiro	L	licença	mandando
inclusa	inviada	la	licensa	mandanos
incluza	iresolutos	lâ	licensas	mandar
incluzo	irracionais	ladino	lida	mandara
inconciderados	isso	laguna	lido	mandará
inconuinientes	isto	laines	lima	mandaraõ
incorrer	istto	lamentavel	limitado	mandarem
inda	izentando	lanceadas	limitados	mandarnos
indecorozas	izentto	lanoya	limpa	mandaros
individuos		largura	limpo	mande
individuos	J	lastimavel	linha	mandemos
indo	ja	lauouras	liquido	mandeoca
infadonha	já	lauraçe	lissenca	mandioca
infante	jamais	laurando	lista	mandiocas
infermo	janeiro	lavouras	listou	mando
informamos	jente	lavradores	literal	mandou
informar	jesus	lavar	literario	manefestar
informemos	jguape	lavras	literarios	maneira
injustissa	joam	laynes	liuro	manifestaõ
innovar	joao	leaes	livra	manoel
inoramos	joaõ	leais	livro	mantimentos
inposiuel	joão	leal	livros	manttimenttos
inpoziçam	joaquim	lealdade	lo	manuel
inpusibilidad	jose	legoas	lobo	maõ

mão	mendes	molestia	nam	ninhum
maons	mendez	molhados	naó	ninhuma
maos	mendonca	monarquia	naõ	no
maõs	mendonça	monopollio	não	nobre
mapa	menezes	mor	naos	nome
maquinas	menistra	morador	naquele	nomeação
marchar	menores	moradores	naquilo	nomeadas
marco	menos	moraes	nas	nomeado
março	menoz	morais	nascido	nomeados
marinha	mente	moraiz	natural	nomeasam
marinho	meo	moral	natureza	nomeação
marso	merce	moreira	nauios	nomeassam
martins	merces	morrendo	navios	nomeassoens
martinz	mereçer	morretes	nececidade	nomes
mas	meresamos	mostra	necessario	norte
más	mereseram	mostrar	necessidade	nos
mascarenhas	meresser	mostremos	necessitando	nós
masedo	meritissimo	motiuo	neçिता	nôs
massedo	merse	motivo	negado	nõs
materia	mersses	motivos	negocio	nosas
maternal	mes	mottivos	negocios	nosos
matheus	mês	mourão	negócios	nossa
matos	meses	movel	negossios	nossas
matozo	mesma	moyor	negra	nossaz
matris	mesmo	mudace	nella	nosso
mattos	mesmos	mudada	nelle	nossos
mattoso	mestre	mudala	nelles	nota
maxa	mestres	mudanca	nem	notesiarnos
maxado	metamaticos	mudão	nemhuma	noticia
maximas	metodo	mudar	nenhum	notisia
mayo	meya	mudarem	nescecidade	notisias
mayor	meyor	mui	nesceidades	notoria
mayores	meyos	muita	nescessario	nottas
me	meyrinho	muitas	nesesario	noua
mediando	mez	muito	nesesidade	nouos
medico	mezes	muitos	nessa	nova
medicos	miguel	multiplicação	nessas	nove
mejo	mil	multiplicação	nesse	novembro
melecianna	milhor	munhons	nesseçario	noventa
melecianno	mim	munido	nessecidades	noventta
meleciarnos	minas	muntas	nesta	novidade
melhor	minha	munto	nestas	novidades
melhores	ministerios	muy	neste	novo
melitares	ministro	muyto	nestes	nullo
mello	ministtro	muytoz	nestta	numca
membro	miranda		néstta	numero
membros	mizeraveis	N	neto	nunca
menção	mizeravel	na	neves	nunes
mencionada	modico	nascimento	ninguem	
mencionados	modo	nada	ninhua	O

o	ofertas	ordinaria	pagarem	passos
ô	offeciaes	ordinariamente	pago	pasose
obedecer	offeçiais	ordinario	pagos	passa
obedeçer	offeçial	orffans~	pagou	passada
obedecermos	offecio	orffons	pague	passado
obedeçido	offerece	orphaos	pais	passados
obedeser	offereçe	os	panagoá	passagens
obediencia	offerecem	oservar	papel	passar
obedientes	offesiais	ostante	para	passei
objecto	officiaes	otra	paragrafo	passo
obra	officiaez	otras	paraje	passos
obramos	officiais	otro	paranagoa	passou
obrar	offiçiais	otrossim	paranagoá	pasto
obrará	officio	ou	paranagua	patente
obras	officios	ouro	pardinho	patentea
obreptício	offiçios	outra	parece	patenteamos
õbrigaçam	offrece	outras	pareçe	paternal
obrigaçãõ	ofonço	outro	parecer	paula
obrigação	oie	outros	pareceres	paullo
obrigado	oitenta	outrosim	pareseo	paulo
obrigados	oito	outtros	paridade	paus
obrigaõ	oitocentos	outubro	parnagoa	paxcaria
obrigaram	oje	ouueçe	parnagoá	pé
obrigarãõ	ojtoçentos	ouuidor	parnagoâ	peçoa
obrigarem	olhos	ouuidos	parnagua	peçuhiaõ
obrigasoens	oliueira	ouve	parnaguá	peçuido
obrigou	oliveira	ouuer	parnaguâ	pede
obsequioso	oliveyra	ouvidas	paroquos	pedem
observado	omildade	ouvido	parroquial	pedimos
observancia	omildes	ouvidor	parte	pedindo
observanssia	onde	ouvidoria	partes	pedir
observar	onus	ouzadia	partesipantes	pedro
observaremos	opreçam		particular	pela
observarmos	opulência	P	particulares	pelas
observe	ordem	pacheco	partida	pella
obstaculo	ordena	pacifica	partido	pellas
obuiarmos	ordenaçam	pacificada	partindo	pelles
ocaseois	ordenaçaõ	padecer	partio	pelllo
ocaziaõ	ordenado	padeciaõ	partir	pello
ocasião	ordenança	padecido	pas	pellos
occaziaõ	ordenanças	padre	pasa	pelo
occazião	ordenansas	padres	pasada	pelos
occurrentez	ordenar	paga	pasado	pelouro
oculta	ordenassaõ	pagace	pasagens	pelouros
ocupados	ordenaua	pagaçe	pasam	pencam
ocuparnos	ordene	pagacem	pasamos	pençam
occupação	ordens	pagando	pasar	pencionado
occupasaõ	ordeñs	pagaõ	pasarem	pencionados
ofeçina	ordens~	pagao'	pascendi	pendem
oferese	ordinaremos	pagar	pascua	penna

pennas	peessoa	ponho	precizo	procedemos
pensam	peessoas	ponta	preço	procederaõ
pensamos	peessuicem	ponto	preços	procedermos
pensar	peste	pontual	predicto	procurador
penuria	petiçam	por	predita	procurando
penurias	petição	porcoanto	preditas	procuravam
pequena	petiçoens	porem	prefassa	produzem
pequeno	petiçonins	porhebirse	prefazer	profeçor
pequenos	pettiçaõ	porlhe	prejuizo	proferião
per	pettição	pormos	prejuizos	proferido
pera	pettisaõ	pornos	premio	proficoins
perante	pez	porquanto	prende	profitentes
percionada	pezado	porque	prender	profundo
perciza	pezar	porsam	prenderaõ	prohibe
percizam	piadozo	portanto	presença	prohibiçam
percizarem	pillar	portaria	presensa	prohibicaõ
percizas	pillares	porteiro	presente	prohibisam
percizava	pimentel	portendem	presisa	prohibisão
percizo	pingos	porto	preso	prohiuimos
perda	pinheiro	portos	presteza	prohiuiram
perdendo	pinixe	pos	preterito	projecto
perder	pinto	pôs	pretexto	projectos
pereira	pipa	poses	prettexo	projetos
perejra	pires	posibilidades	prevenciados	prometem
pereyra	pirez	posivel	prezenca	prometer
perfeita	planta	possa	prezença	promette
perfeyta	plantaçam	póssa	prezensa	prometteo
perjuiso	plantas	posse	prezente	promptidaõ
perjuizo	plantasaõ	posseçaõ	prezentemente	promptos
pernagoa	pobo	possivel	prezentes	promta
pernagua	pobres	posta	prezenttes	pronpta
pernaguá	pobrezas	posto	prezidencia	pronptos
pernaguâ	poçe	pouca	prezidente	prontidam
pernaguã	poçes	poucas	prezumivel	prontos
perniciosos	pocibillidade	pouco	primeira	propençaõ
persuadir	pocibillidades	poucos	primeiro	propias
pertence	poçiucl	pouoaçaõ	princepe	propina
pertencer	pocivel	povo	princepez	propinas
pertenciaõ	pode	povos	principais	propio
pertende	podem	povoz	principalmente	propostos
pertendem	podemos	praça	principe	proprio
pertenderaõ	poder	praças	principiado	proprios
pertendia	podera	pragmatica	principiar	prosesarem
pertendo	poderam	prassa	princípio	proximo
perterito	poderem	praticado	princípios	prosperere
perturbaçaõ	poderemos	praticando	princiou	prospére
perverteo	poderençe	praticarem	prinssipiou	prossedimento
pes	poderes	preciza	priuança	proteçaõ
pés	poderia	precizada	privados	protestando
pesoa	podermos	precizava	pro	prouedor

prouençial	queira	recorre	remeter	respeito
proueo	queixas	recorrer	remeternos	respetivas
prouizam	quem	recorrido	remetemos	respetivo
prouizaõ	quen	recurço	remetter	responder
prouizoins	quer	redditos	rendem	resulluçaõ
providencia	querem	redito	renderá	resurreiçaõ
providente	queremos	reduzido	rendidos	reteficados
provido	querer	refazer	rendimento	retemos
provimento	questaõ	refere	rendimentos	retirada
provimentos	quinhentos	referida	reparaçaõ	retirados
provinssial	quinze	referido	reparar	retirandoçe
provisam		referidos	reperar	retirar
provisaõ	R	refferido	repitidas	reverendo
provizão	rabula	reflexoens	replica	reverendos
provoca	rainha	reformado	reporto	reverente
proximamente	rainno	reformem	reposta	reverentes
proximo	ramo	refutar	reprehendido	reverentez
prudente	rangel	regente	representado	revestidos
publicaçãõ	rapaz	reges	representamos	revi
publicace	raphael	registado	representante	revisto
publicado	razoéns	regia	representar	reyno
publicar	reais	regias	reprezentado	rezaõ
publicas	real	regimento	reprezentamos	reznagnados
publicei	reays	regio	reprezentantes	rezistar
publico	rebates	registada	reprezentar	rezois
publicos	rebello	registar	reprezentou	rezoluçam
puçuir	recadasaõ	registro	reprezentta	rezoluçaõ
pudece	recadassam	registos	reprezentalllos	rezolução
puderia	recebe	registouçe	reprezsentar	rezolupsão
punidos	recebem	registrada	republica	rezulupsaõ
pustturas	recebemos	registro	republicanos	ribançeyra
puzeraõ	reçebemos	reino	reputarão	ribas
	reçebemosnos	reis	requeremos	ribeiro
Q	reçebendo	réis	requerente	ricardo
quais	recebeo	reiz	requereo	rigistado
qual	reçeber	rej	requereraõ	rio
qualquer	recebera	relaçãõ	requerido	ripas
quando	receberâ	relassam	requerimento	ripitidas
quantia	receberam	relauadas	requerimentos	riscos
quanto	receberaõ	religiosos	requerimenttos	rocha
quarenta	receberia	rellaçãõ	residencia	rocio
quarta	recebidas	rellaçãõ	resoluçam	rodigues
quarto	reçebido	relligioins~	resoluçaõ	rodrigo
quase	recessão	rematada	resoluemonos	rodrigues
quatorze	recibida	rematados	resolupsam	rogamos
quatro	recibo	rematassaõ	respectivas	rogando
quatrocentos	reçibo	remeça	respectivo	rogar
quatroçentoz	recolhaõ	remedio	respeita	roiz
quaze	reconcavo	remessa	respeitar	rosario
que	reconhecemos	remetemos	respeitavel	rozairo

rozario	sego	séria	silva	sua
ruas	segueira	serie	sim	suas
rubricados	seguinte	sermos	simons	subaõ
ruina	seguintes	serra	sinal	subcidio
	seguio	serranos	sinaõ	subcidios
S	seguirem	serteza	sinco	subdito
sabem	segunda	certificamos	sinos	subditos
sabemos	segundo	serto	sintimentoz	subditoz
saber	segura	seruiaõ	siqueira	subescrevy
sabermos	segurança	seruiço	siqujra	subgeito
sabias	segurando	seruido	sircumvezinhas	subitar
sabio	segurar	seruimos	sircunstancia	submissos
sacerdotes	seguraraõ	seruir	sircunstancias	subscrevido
sachristons	seifa	seruirmos	sirra	subscrito
sacristaõ	seis	seruissso	sirvo	subssidios
sae	seja	seruos	sitado	substituto
sahe	sejaõ	serurgiam	sitio	suçedeçe
sahem	sem	serurgiaõ	situassam	suçedendo
sahida	semblea	serurgiãõ	so	suceder
sahio	semelhantes	serurgiõns	só	sucedidos
sahirem	sempre	seruus	sô	sucego
saida	sena	serve	soares	suçesivos
saira	senado	servem	soberana	suçesores
sal	senaõ	servia	soberanos	successaõ
salarios	senão	servico	sobral	sucessor
salgado	sencivel	serviço	sobre	sucidios
saluo	sendo	serviços	sobredita	suditos
sam	senhor	servido	sobreditos	sufficientes
sange	senhor'	servidores	sobrescrito	suficiente
sangue	senhora	servidos	socede	sugeita
santa	senhores	servisso	soçedia	sugeitas
santos	senhoria	servos	socego	sugeitos
santtos	sennado	sesado	sócorreo	sumaca
saõ	sentido	sessa	socorriaõ	super
são	sentimento	sessenta	socôrro	superior
sao'	seo	sete	sogeçam	suplicamos
sardinha	seos	setecentos	soldados	suplicante
sargento	septembro	sette	soldos	suplicantes
sarzedas	sequeira	settecentos	soma	suplicantte
satisfazendo	ser	settecenttos	somente	suplicar
satisfeito	sera	setuada	somentes	suplicas
satisfeitos	será	seu	somos	suposto
saude	serâ	seuiram	sorte	supplicants
sauemos	seram	seus	sortte	supplicaz
sauermos	serão	sezar	sousa	supposto
se	serca	si	souza	supra
searas	serconuezinhas	siencias	ssilua	supremo
secando	serem	significado	ssilueira	suprio
secretaria	serenissimo	significava	ssilva	suscestença
secretario	seria	silua	ssua	suspençaõ

suspender	tenhaõ	topograficos	um	veneradores
sussistencia	tenho	toques	unanime	veneramos
sussistença	ter	tornamos	uniaõ	veneranda
sustava	tera	total	unica	venha
suste	terca	toucinho	unido	ver
sustentação	terça	trabalhar	uniformemente	vera
sy	terce	trabalharem	uniformes	verá
sylua	terço	trabalho	urgencias	verâ
sylva	terem	transporte	usos	verança
	termo	trato	usque	veras
T	termos	traxesse	utilidade	verdade
tã	terra	trebutos	uzo	verdadeira
tabeliam	terras	tres		vereador
tabeliaõ	terreno	treseiro	V	vereadores
taboado	terretorio	trez	vacantes	vereança
tabularia	territorios	treze	vacas	vereanças
tais	testamentos	trezentos	vacuos	vereansa
tal	testemunhos	tributamos	vai	vereansas
talentos	teue	tributar	vaj	veriditos
talves	the	tributo	valendome	verissimo
tam	thé	tributos	valentim	verso
tambem	thê	trienio	valernomos	ves
tanbem	theor	trieno	valle	veyo
tantas	thesoureiro	trigo	valor	vezes
tanto	thimotio	trimestre	vam	VI
tantos	thomas	trinta	vamos	vi
tantoz	thome	trioraçam	vaõ	via
taõ	tibagi	tropa	vão	vianna
tão	tido	ttem	vara	viaõ
tao'bem	tinha	tteor	varios	vias
taõbem	tinham	tter	vas	vicente
tara	tinhamos	ttodo	vasalos	vida
tauora	tinhaõ	ttodos	vassallos	vieira
tavares	tipograficos	tudo	vasta	viér
taxa	tiradas		vay	vieria
taxas	tiralla	U	ve	vieyra
te	tirar	ueiga	vê	vigario
té	tire	ueigua	veiga	vigarios
teixeira	tirem	uejga	velas	vigor
teixera	tiueçem	uejgua	velha	vigorosa
tem	tiveraõ	uer	velhas	vila
temem	tivesse	uerdade	velho	villa
temos	toda	uida	vella	villas
tempo	todas	uiga	vem	vimos
tempos	todo	uindo	vemos	vinagre
tendo	todos	uinte	venda	vinculado
tenente	tomado	ujga	vender	vinda
tenentte	tomamos	ultima	venderce	vindas
tenha	tomar	ultimo	vendo	vindo
tenhao	tomas	ultramarinos	veneração	vinha

vinhaõ	virlhe	vizivel	voto	Y
vinho	virtude	vmildes	votos	ya
vinta	vise	vnico	votto	
vinte	vista	voça	vozes	Z
Vintém	visto	volumptaria	vsado	zelar
vintillasem	viuendo	voluntario		zello
vintte	vive	vontade	X	zellozo
violência	viver	vosa	xavier	
vir	viveram	vossa	xega	
virem	viviam	vossas	xoravão	

APÊNDICE B – Listagem resumida de vocábulos

A	aleluia	arrimar	barra	casamento
abastado	alentar	arroba	barrete	caso
aberto	alferes	arrombada	batizado	castigar
abertura	alma	arrombar	bebida	católico
abranger	almoxarife	arroz	beijar	causa
abrigo	alqueire	arte	benefício	cego
abrir	alta	asilo	benemérito	cegueira
absurdo	alteza	assegurar	benignidade	ceifa
abundância	alto	assembleia	benigno	cento
acabar	alugador	assenhorear	besta	cerca
acautelar	alugar	assentado	bondade	cercar
aceitar	aluguel	asestido	bordo	certidão
aceite	alvará	assinado	botar	certificar
aceno	amabilíssimo	assinar	botica	cessado
achar	amado	assistência	braça	cessar
acometido	ameaçar	assistir	braçame	cetera
acomodado	amparar	associação	brejo	chamar
acompanhamento	amparo	assombrado	brioso	chão
acompanhar	andar	atalhar	brotar	chave
aconselhar	anexo	atenção		chegada
acontecer	animal	atender	C	chegar
acordar	animar	atendível	cabal	chorar
acordo	ano	atento	cabeça	cidade
acréscimo	ansiar	atividade	caber	ciência
acudir	antecessor	ato	cabo	circuito
adjunto	antepassado	atolar	cadeia	circunstância
admitir	antigo	atrasado	câmara	circunvizinhança
admoestar	anual	atravessador	camarista	cirurgião
advertir	apanhar	atravessar	câmera	clamar
afastar	aparecer	atual	caminho	clareza
afeto	apenar	atuar	campo	cobrador
afetuoso	aplaudir	aulista	cana	cobrança
aflição	aplicado	aumentar	canal	cobrar
agente	aplicar	aumento	cancela	coedando
agradável	apontado	ausência	canoa	cofre
agradecer	apossar	autoridade	capaz	coibir
agrado	apostolicum	auxiliar	capela	coisa
agregar	apresentar	auxílio	capital	coleção
agricultor	aprovação	avançado	capitania	colégio
agricultura	aprovado	avisar	capitão	colheita
água	aprovar	avistado	capítulo	colocar
aguardente	aproveitar	avocar	carecer	colônia
ajudante	apuração	avulsar	carga	comarca
ajuste	arbitramento	azeite	cargo	combinado
alancear	arbitrar		carne	começar
alcaide	ardil	B	carneiro	comércio
alcançar	arranchar	bairro	caro	comiseração
alegado	arrecadação	balandra	carregado	comiserar
alegar	arrematação	bando	carregar	compadecer
alegria	arrematar	barco	carta	companheiro

companhia	conteúdo	declarado	despreso	embarcação
cômpito	continuar	declarar	destinado	embargo
completa	contrariar	decoroso	destinar	embrenhado
compra	contrário	decreto	destino	emolumento
comprar	contrato	deduzir	destruído	empenho
compreender	contribuição	defender	determinação	empregar
compreendido	contribuir	defensão	determinar	emprego
comprometer	conveniente	deferir	detrimento	encarregar
comunicar	convir	defesa	Deus	encontrar
conceder	convocado	degradado	devassa	enfadonho
concetido	cópia	deixar	dever	enfermidade
concluir	copiado	deliberar	diferença	enfermo
concordar	copiar	demasia	dificuldade	engenheiro
concorrer	coragem	demitir	dignar	engenho
condução	coroa	demolir	digníssimo	enjeitar
conduzir	coronel	dissimulação	dilatado	ensino
conferência	corpo	demonstração	diligência	enterro
conferir	corporação	demora	diminuto	entrada
conferir	corregedor	demorar	dinheiro	entrar
confiar	correição	denominar	dirigido	entrega
confirmação	corrente	deplorável	dirigir	entregar
confirmar	correr	depor	discípulo	enviar
conformidade	corresponder	deposto	disposição	erário
confraternidade	cortar	derrama	disposto	erigir
conhecer	corte	derrogar	distância	errar
conhecimento	costa	derrubar	distante	escolher
conjuntura	costumado	desamparar	distinguir	escrava
conselho	costumar	desanimado	distribuição	escrever
consentir	costume	desarranjo	distrito	escrita
consequência	crescer	descarga	dito	escrito
consertar	crescimento	desconcertado	divisão	escrivão
conserto	criação	desconsolação	dizer	escusar
conserva	criado	descuido	dízimo	especializar
conservação	criador	desculpar	doação	esperar
conservar	criar	desejar	dobrado	espero
consideração	cruzado	desembargador	doce	espírito
considerado	cuidado	desempenhar	dominante	esquivar
consignar	cuidar	desempenho	doutor	estabelecer
consta	cultura	desfalque	dúvida	estado
constar	cumprimento	desígnio		esterilidade
consternação	curbas	desinteressado	E	estilo
constituir	custa	desistir	edifício	estimável
conta	custar	desmembração	edital	estipular
contador		desmerecer	efeito	estrada
contar	D	desnecessário	eficácia	estrangeiro
contemplar	dado	despacho	eleger	estranhar
contentamento	data	despedido	eleição	européu
contento	datado	despejado	eleva	evangelho
conter	decadência	despesa	elogio	evitar
contestar	decisão	despotismo	embaraçar	examinar

excelência	fidelidade	governança	incompatível	lanceada
excessivo	fidelíssimo	governar	inconsiderado	lastimável
exclusão	fiel	governo	inconveniente	lavoura
excreto	filho	graça	incorrer	lavrador
execução	fim	gratuito	inculcar	lavar
executado	findo	grave	incumbência	leal
executar	finta	grosseira	indecoroso	lealdade
exercer	firmeza	guarda	indivíduo	légoa
exercício	fixado	guardar	infante	lei
exercitar	fixar	guarnição	informado	leite
existir	fogo		informar	lenha
expedição	folha	H	injustiça	letra
expende	fome	habitador	inovar	levantar
experiência	fomentar	habitação	inquietação	levar
experimentado	força	habitantes	inquieta	liberdade
expor	formalidade	haver	insinuar	libra
exposto	formando	hidráulico	instituto	licença
expressado	formar	hoje	instruído	limitado
expressar	foro	homem	instruir	limpo
expulso	fortaleza	honra	insuportável	linha
	fortificação	horroroso	inteirar	líquido
F	fortuna	humildade	intendente	lista
faculdade	freguesia	humilde	intentar	listar
facultar	frequentar		interceder	literal
faiscar	frívolo	I	interessado	literário
faisqueira	frota	ignorar	interino	livro
falar	frouxar	igreja	intervensãõ	lograr
falecido	fugido	ilha	intiedade	lugar
falta	fugir	ilustre	introduzir	luminária
faltar	fumo	iminente	inventário	lotação
falto	fundação	imitar	irracional	luz
farinha	fundado	impedimento	irresoluto	luzido
farto	fundamento	impedir	isento	
fato	fundar	ímpeto		M
favorável	futuro	impor	J	madeira
favorecer		importar	Jesus	majestade
fazenda	G	imposição	judicial	mandado
fé	gado	impossibilidade	juiz	mandar
fechar	gastar	impossibilitar	junta	mandioca
feijão	general	impossível	juntamos	manifestar
feito	gênero	imposta	junto	mantimento
feitura	gênio	imposto	jurar	mão
felicidade	gente	impresso	juramento	mapa
felicitar	geral	impulso	justa	máquinas
feliz	girar	incerto	justiça	marchar
ferrugem	giro	incidente	justo	marinha
festejo	golpe	inclinat		matemático
festividade	gosto	inclusa	L	matéria
ficar	gostoso	incluzo	ladino	maternal
fidalgia	governador	incômodo	lamentável	matriz

máximo	notícia	pacífico	peste	presidente
mediando	noticiar	padecer	petição	preso
médico	notório	padecido	piedoso	presteza
meirinho	novidade	padre	pilar	presumível
membro	nulo	pagar	pingo	pretender
menção	número	país	pipa	pretérito
mencionar		papel	planta	pretexto
mente	O	paragem	plantação	principal
mercê	obedecer	parecer	pobre	príncipe
meritíssimo	obediência	paridade	pobresa	princiado
mestre	obediente	pároco	poder	principiar
método	objeto	paroquial	poderoso	princípio
miliciano	obra	participante	polícia	privado
militar	obrar	particular	ponderado	privaça
minas	ob-reptício	partida	ponderar	proceder
ministério	obrigação	partido	ponta	procedimento
ministro	obrigado	partir	ponto	processar
miserável	obrigar	pascendi	pontual	procurador
módico	obsequioso	páscoa	pôr	procurar
moléstia	observância	passada	porção	produzir
molhados	observar	passado	portaria	proferir
monarquia	obviar	passagem	porteiro	professor
monopólio	ocasião	passar	porto	profissão
morador	ocorrente	passos	posse	profitente
mostrar	ocupação	pasto	posseção	profundo
motivo	ocupado	patente	possibilidade	proibição
móvel	ocupar	patentear	possível	proibir
mudança	oferecer	paternal	possuído	projeto
mudar	oferta	pau	possuir	prometer
multiplicação	oficial	paz	posta	prontidão
multiplicar	oficina	pé	posto	propensão
munido	ofício	pedir	postura	propina
	olho	pelouro	povo	prosperar
N	ônus	pena	povoação	proteção
nascido	opressão	pender	praça	protestar
nascimento	opulência	pensão	pragmática	provedor
natural	ordem	pensionado	praticado	provençal
natureza	ordenação	penúria	praticar	prover
navio	ordenado	perda	precionado	providência
necessário	ordenança	perder	precisar	providente
necessidade	ordenar	perfeito	preço	provido
necessitar	ordinário	pernicioso	predito	provimento
negado	órfão	persuadir	prefazer	provincial
negócio	ouro	pertencer	prejuízo	provisão
negra	ousadia	perturbação	prêmio	provocar
nobre	ouvir	pervencido	prender	prudente
nome	ouvidor	perverter	presença	publicação
nomeação	ouvidoria	pesado	presenciar	publicar
nomeado		pesar	presente	público
nota	P	pessoa	presidência	punido

	reparar	sair	submisso	topográfico
Q	repetir	sal	subscrever	toque
quadra	réplica	salário	subscrevido	tornar
queixa	reportar	salgado	subscrito	total
querer	reposta	salvo	subsídio	toucinho
questão	repreender	sangue	substituto	trabalhar
	representado	sardinha	suceder	trabalho
R	representante	sargento	sucedido	transporte
rábula	representar	satisfazer	sucego	trato
rainha	república	satisfeito	sucessão	traxesse
razão	republicano	saúde	sucessor	tributar
real	reputar	seara	súdito	tributo
rebate	requerente	secar	suficiente	triênio
receber	requerer	secretaria	sujeição	trigo
recessão	requerido	secretário	sujeito	trimestre
recibo	requerimento	seguir	sumaca	trioraçam
recolher	residência	segurança	súplica	tropa
recôncavo	resignado	segurar	suplicamos	
reconhecer	resolução	semelhante	suplicante	U
recorrer	resolver	senado	suplicar	unânime
recurso	respectivo	sensível	suposto	união
redito	respeitar	sentido	supremo	unido
reduzido	respeitável	sentimento	suprir	uniforme
refazer	respeito	ser	suspensão	urgência
referir	responder	sereníssimo	suspender	utilidade
reflexão	resurreição	série	sustar	único
reformar	reter	sério	sustentação	usado
refutar	retificar	serra		ultramarino
regente	retirar	serrano	T	
reges	rever	serviço	tabelião	V
régia	reverendo	servidor	taboado	vaca
regimento	reverente	servir	tabularia	vacante
régio	revestido	servo	talento	vácuo
registar	revisto	significado	tara	valor
registo	ribanceira	significar	taxa	vara
rei	rio	sinal	temer	vassalo
reino	ripa	sino	temos	vela
réis	risco	sítio	tenente	venda
relação	rócio	situação	teor	vender
relavada	rogar	situado	ter	veneração
religião	rua	soberano	terço	venerador
religioso	rubricado	socorrer	termo	venerar
rematado	ruína	socorro	terra	ventilar
rematar		soldado	terreno	veras
remédio	S	soldo	terretorio	verdade
remessa	saber	sorte	tesoureiro	verdadeira
remeter	sábio	sossego	testamento	vereador
render	sacerdote	subdito	testemunho	vereança
rendimento	sacristão	subir	tipográfico	veredicto
reparação	saída	subitar	tomar	veríssimo

verso	vila	violência	voluntário	Z
via	vinagre	virtude	vontade	zelar
vida	vincular	visível	voto	zelo
vigário	vinda	vista	voz	zeloso
vigor	vindo	visto		
vigoroso	vinho	viver		

APÊNDICE C – Questionário Semântico-Lexical

I. VERBOS

1. ACAUTELAR (Acepção: *Prevenir, precaver*)

Você conhece a palavra **ACAUTELAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

2. ACOMPANHAR (Acepção: *Seguir, observar*)

Você conhece a palavra **ACOMPANHAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

3. ACORDAR (Acepção: *Decidir conjuntamente*)

Você conhece a palavra **ACORDAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

4. ACUDIR (Acepção: *Socorrer, ajudar*)

Você conhece a palavra **ACUDIR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

5. ADMOESTAR (Acepção: *Avisar, Sugerir*)

Você conhece a palavra **ADMOESTAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

6. ALENTAR (Acepção: *Dar ânimo, encorajar*)

Você conhece a palavra **ALENTAR**? Dar alento.

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

7. ANSIAR (Acepção: *Oprimir, afligir*)

Você conhece a palavra **ANSIAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

8. APANHAR (Acepção: *Capturar, pegar*)

Você conhece a palavra **APANHAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

9. APENAR (Acepção: *Obrigar, impor pena*)

Você conhece a palavra **APENAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

10. APOSSAR (Acepção: *Tomar posse, apoderar*)

Você conhece a palavra **APOSSAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

11. ARRANCHAR (Acepção: *Conseguir*)

Você conhece a palavra **ARRANCHAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

12. ARROMBAR (Acepção: *Derrubar, romper*)

Você conhece a palavra **ARROMBAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

13. ASSENHOREAR-SE (Acepção: *Apossar-se, dominar*)

Você conhece a palavra **ASSENHOREAR-SE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

14. ASSISTIR (Acepção: *Residir, permanecer*)

Você conhece a palavra **ASSISTIR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

15. ATALHAR (Acepção: *Impedir, estorvar*)

Você conhece a palavra **ATALHAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

16. AVANÇAR A DINHEIRO (Acepção: *Conceder, dispor*)

Você conhece a expressão **AVANÇAR A DINHEIRO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

17. AVOCAR (Acepção: *Chamar, invocar*)

Você conhece a palavra **AVOCAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

18. BOTAR (Acepção: *Pôr, colocar*)

Você conhece a palavra **BOTAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

19. BOTAR PINGOS (Acepção: *Impedir que receba chuva densa*)

Você conhece a expressão **BOTAR PINGOS**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

20. BROTAR (Acepção: *Resultar, ter como consequência*)

Você conhece a palavra **BROTAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

21. CESSAR (Acepção: *Acabar, parar*)

Você conhece a palavra **CESSAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

22. COIBIR (Acepção: *Reprimir, impedir*)

Você conhece a palavra **COIBIR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

23. COMISERAR-SE (Acepção: *Ter compaixão, piedade*)

Você conhece a palavra **COMISERAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

24. DELIBERAR (Acepção: *Determinar, resolver*)

Você conhece a palavra **DELIBERAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

25. DEDITIR (Acepção: *Deixar, abandonar*)

Você conhece a palavra **DEDITIR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

26. DEPOR (Acepção: *Destituir de função, demitir*)

Você conhece a palavra **DEPOR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

27. DESPEJAR (Acepção: *Desocupar, evacuar*)

Você conhece a palavra **DESPEJAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

28. EMBARAÇAR (Acepção: *Atrapalhar, estorvar*)

Você conhece a palavra **EMBARAÇAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

29. EMPREGAR-SE (Acepção: *Servir a alguém, dedicar-se*)

Você conhece a palavra **EMPREGAR-SE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

30. ENJEITAR (Acepção: *Rejeitar, recusar, não aceitar*)

Você conhece a palavra **ENJEITAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

31. ERIGIR-SE (Acepção: *Fundar, elevar*)

Você conhece a palavra **ERIGIR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

32. ESCUSAR (Acepção: *Recusar, dispensar*)

Você conhece a palavra **ESCUSAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

33. EXPENDER (Acepção: *Ter despesas, gastar*)

Você conhece a palavra **EXPENDER**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

34. FACULTAR (Acepção: *Permitir, conceder*)

Você conhece a palavra **FACULTAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

35. FAISCAR (Acepção: *Garimpar, procurar minerais preciosos em terras anteriormente lavradas*)

Você conhece a palavra **FAISCAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

36. FELICITAR (Acepção: *Desejar felicidades*)

Você conhece a palavra **FELICITAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

37. FOMENTAR (Acepção: *Causar, provocar*)

Você conhece a palavra **FOMENTAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

38. INCORRER (Acepção: *Causar, ter como consequência*)

Você conhece a palavra **INCORRER**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

39. INTEIRAR-SE (Acepção: *Juntar o que falta, completar*)

Você conhece a palavra **INTEIRAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

40. INTENTAR (Acepção: *Pretender fazer algo*)

Você conhece a palavra **INTENTAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

41. LANCEAR (Acepção: *Arrancar, retirar*)

Você conhece a palavra **LANCEAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

42. LAVRAR (Acepção: *Explorar, trabalhar nas minas*)

Você conhece a palavra **LAVRAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

43. LOGRAR (Acepção: *Estar de posse, conseguir*)

Você conhece a palavra **LOGRAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

44. MEDIANDO (Acepção: *Estar próximo, entre*)

Você conhece a palavra **MEDIANDO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

45. OBRAR (Acepção: *Executar, realizar, produzir*)

Você conhece a palavra **OBRAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

46. OBVIAR (Acepção: *Opor, contrapor, obstar*)

Você conhece a palavra **OBVIAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

47. PATENTEAR (Acepção: *Manifestar, evidenciar*)

Você conhece a palavra **PATENTEAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

48. PENDER (Acepção: *Depender, estar sujeito*)

Você conhece a palavra **PENDER**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

49. PERVERTER-SE (Acepção: *Efetuar alteração, mudança*)

Você conhece a palavra **PERVERTER**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

50. PÔR OS OLHOS (Acepção: *Cuidar*)

Você conhece a expressão **PÔR OS OLHOS**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

51. SUBITAR (Acepção: *Ir a baixo, derrubar*)

Você conhece a palavra **SUBITAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

52. SUBSCREVER (Acepção: *Aprovado, aceito*)

Você conhece a palavra **SUBSCREVER**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

53. SUSTAR-SE (Acepção: *Parar, interromper*)

Você conhece a palavra **SUSTAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

54. VENTILAR (Acepção: *Discutir, debater um assunto, levantar hipóteses*)

Você conhece a palavra **VENTILAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

II. SUBSTANTIVOS

55. ACENO (Acepção: *Sinal*)

Você conhece a palavra **ACENO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

56. AGUARDENTE (Acepção: *Bebida de teor alcoólico*)

Você conhece a palavra **AGUARDENTE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

57. ALQUEIRE (Acepção: *Unidade de medida agrária*)

Você conhece a palavra **ALQUEIRE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

58. ALUGADOR (Acepção: *Pessoa que aluga, locatário*)

Você conhece a palavra **ALUGADOR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

59. ARBITRAMENTO (Acepção: *Decisão, julgamento*)

Você conhece a palavra **ARBITRAMENTO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

60. ARDIL (Acepção: *Astúcia, cilada, visa iludir*)

Você conhece a palavra **ARDIL**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

61. ARREMATAÇÃO (Acepção: *Finalização, conclusão*)

Você conhece a palavra **ARREMATAÇÃO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

62. ARROBA (Acepção: *Unidade de medida de peso*)

Você conhece a palavra **ARROBA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

63. ASILO (Acepção: *Proteção, amparo*)

Você conhece a palavra **ASILO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

64. ATRAVESSADOR (Acepção: *Pessoa que compra e revende com grande margem de lucro*)

Você conhece a palavra **ATRAVESSADOR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

65. AULISTA (Acepção: *Professor, aquele que ministra aulas*)

Você conhece a palavra **AULISTA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

66. AVULSÃO/EVULSÃO (Acepção: *Arrancar de forma violenta*)

Você conhece as palavras **AVULSÃO/EVULSÃO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

67. BALANDRA (Acepção: *Tipo de embarcação antiga*)

Você conhece a palavra **BALANDRA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

68. BANDO (Acepção: *Pregão, divulgação, proclamação pública*)

Você conhece a palavra **BANDO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

69. BARRA (Acepção: *Entrada estreita de porto*)

Você conhece a palavra **BARRA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

70. BOTICA (Acepção: *Antiga loja de produtos farmacêuticos*)

Você conhece a palavra **BOTICA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

71. BRAÇA (Acepção: *Medida antiga de extensão*)

Você conhece a palavra **BRAÇA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

72. BRAÇAME (Acepção: *Tipo de madeira para construção de embarcação*)

Você conhece a palavra **BRAÇAME**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

73. CAMARISTA (Acepção: *Membro de uma câmara legislativa municipal, função de vereador*)

Você conhece a palavra **CAMARISTA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

74. CEIFA (Acepção: *Ato de cortar, colher*)

Você conhece a palavra **CEIFA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

75. CIRCUITO (Acepção: *Ao redor, periferia*)

Você conhece a palavra **CIRCUITO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

76. CIRCUNVIZINHANÇA (Acepção: *Arredores de uma povoação*)

Você conhece a palavra **CIRCUNVIZINHANÇA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

77. CÔMPUTO (Acepção: *Soma, conta, resultado*)

Você conhece a palavra **CÔMPUTO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

78. CONJUNTURA (Acepção: *Circunstância, situação*)

Você conhece a palavra **CONJUNTURA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

79. CONSTERNAÇÃO (Acepção: *Abatimento, desolação*)

Você conhece a palavra **CONSTERNAÇÃO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

80. CULTURA (Acepção: *Plantação, cultivo*)

Você conhece a palavra **CULTURA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

81. DATA (Acepção: *Pedaço de terra, faixa de terreno*)

Você conhece a palavra **DATA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

82. DEMASIA (Acepção: *Falta de respeito, abuso*)

Você conhece a palavra **DEMASIA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

83. DESARRANJO (Acepção: *Desordem, confusão*)

Você conhece a palavra **DESARRANJO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

84. DESCONSOLAÇÃO (Acepção: *Tristeza, frustração*)

Você conhece a palavra **DESCONSOLAÇÃO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

85. DESMEMBRAÇÃO (Acepção: *Separação, desagregação*)

Você conhece a palavra **DESMEMBRAÇÃO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

86. DETRIMENTO (Acepção: *Prejuízo, dano*)

Você conhece a palavra **DETRIMENTO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

87. DILIGÊNCIA (Acepção: *Providência, zelo, presteza*)

Você conhece a palavra **DILIGÊNCIA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

88. DISCÍPULO (Acepção: *Aluno, aquele que aprende*)

Você conhece a palavra **DISCÍPULO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

89. DITO (Acepção: *Referido, mencionado*)

Você conhece a palavra **DITO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

90. EMBARGO (Acepção: *Impedimento, obstáculo, empecilho*)

Você conhece a palavra **EMBARGO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

91. EMOLUMENTO (Acepção: *Lucro, proveito, gratificação*)

Você conhece a palavra **EMOLUMENTO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

92. ENFERMO (Acepção: *Doente, sem saúde*)

Você conhece a palavra **ENFERMO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

93. ENGENHO (Acepção: *Propriedade/estabelecimento destinado a cultura da cana e a fabricação do açúcar*)

Você conhece a palavra **ENGENHO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

94. ESTERILIDADE (Acepção: *Escassez, penúria*)

Você conhece a palavra **ESTERILIDADE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

95. EXCRETO (Acepção: *Dejeto, excremento*)

Você conhece a palavra **EXCRETO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

96. EXPEDIÇÃO (Acepção: *Despacho, remessa*)

Você conhece a palavra **EXPEDIÇÃO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

97. FAISQUEIRA (Acepção: *Lugar onde se encontrava faísca de ouro*)

Você conhece a palavra **FAISQUEIRA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

98. FIEL (Acepção: *Pessoa provida em cargo público responsável em cobrar, guardar e receber dinheiro*)

Você conhece a palavra **FIEL**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

99. FINTA (Acepção: *Tributo, imposto extraordinário*)

Você conhece a palavra **FINTA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

100. FOGO (Acepção: *Casa, residência, família*)

Você conhece a palavra **FOGO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

101. FORTUNA (Acepção: *Sorte, fado*)

Você conhece a palavra **FORTUNA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

102. HABITADOR (Acepção: *Habitante, morador*)

Você conhece a palavra **HABITADOR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

103. IMINENTE (Acepção: *Preste a acontecer*)

Você conhece a palavra **IMINENTE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

104. INCONVENIENTE (Acepção: *Dificuldade em executar algo*)

Você conhece a palavra **INCONVENIENTE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

105. INCUMBÊNCIA (Acepção: *Obrigação imposta*)

Você conhece a palavra **INCUMBÊNCIA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

106. LAVRA (Acepção: *Terreno de mineração*)

Você conhece a palavra **LAVRA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

107. LÉGUA (Acepção: *Antiga unidade brasileira de medida itinerária*)

Você conhece a palavra **LÉGUA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

108. LETRA (Acepção: *Documento, carta*)

Você conhece a palavra **LETRA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

109. LIBRA (Acepção: *Antiga medida de peso*)

Você conhece a palavra **LIBRA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

110. LONGES (Acepção: *Grande distância*)

Você conhece a palavra **LONGES**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

111. MANTIMENTO (Acepção: *Alimento para sustento próprio*)

Você conhece a palavra **MANTIMENTO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

112. MEIRINHO (Acepção: *Antigo funcionário judicial, o mesmo que oficial da justiça*)

Você conhece a palavra **MEIRINHO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

113. MERCÊ / FAZER MERCÊ (Acepção: *Conceder benefício*)

Você conhece a palavra **MERCÊ**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

114. MESTRE (Acepção: *Comandante de embarcação*)

Você conhece a palavra **MESTRE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

115. MILICIANO (Acepção: *O mesmo que soldado militar*)

Você conhece a palavra **MILICIANO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

116. MOLÉSTIA (Acepção: *Doença, enfermidade*)

Você conhece a palavra **MOLÉSTIA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

117. MOLHADO (Acepção: *Gênero alimentício líquido*)

Você conhece a palavra **MOLHADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

118. NAU (Acepção: *Navio de porte grande*)

Você conhece a palavra **NAU**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

119. OBSERVÂNCIA (Acepção: *Observação, execução fiel*)

Você conhece a palavra **OBSERVÂNCIA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

120. OPULÊNCIA (Acepção: *Abundância, acúmulo de bens*)

Você conhece a palavra **OPULÊNCIA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

121. ORDENAÇÃO (Acepção: *Ato ou efeito de ordenar, mandado*)

Você conhece a palavra **ORDENAÇÃO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

122. ORDENADO (Acepção: *Salário, remuneração*)

Você conhece a palavra **ORDENADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

123. PARAGEM (Acepção: *Ponto, lugar de parada*)

Você conhece a palavra **PARAGEM**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

124. PARIDADE (Acepção: *Igualdade, analogia, semelhança*)

Você conhece a palavra **PARIDADE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

125. PENÚRIA (Acepção: *Extrema pobreza, miséria*)

Você conhece a palavra **PENÚRIA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

126. PRIVANÇA (Acepção: *Desfavorecimento, destituição*)

Você conhece a palavra **PRIVANÇA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

127. PROPINA (Acepção: *Pagamento, gratificação em dinheiro*)

Você conhece a palavra **PROPINA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

128. RÁBULA (Acepção: *Indivíduo trapaceiro, ardiloso*)

Você conhece a palavra **RÁBULA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

129. REBATE (Acepção: *Ataque repentino, sinal de alarme, aviso*)

Você conhece a palavra **REBATE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

130. RÉDITO (Acepção: *Rendimento, ganho*)

Você conhece a palavra **RÉDITO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

131. REMÉDIO DA SUA FOME (Acepção: *Plantação*)

Você conhece a expressão **REMÉDIO DA SUA FOME**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

132. RIPA (Acepção: *Pedaco de madeira estreito e comprido*)

Você conhece a palavra **RIPA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

133. ROSSIO (Acepção: *Praça larga, espaçosa*)

Você conhece a palavra **ROSSIO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

134. SEARA (Acepção: *Plantação, terra cultivada*)

Você conhece a palavra **SEARA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

135. SOLDADO (Acepção: *Salário, remuneração de militar*)

Você conhece a palavra **SOLDADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

136. SUMACA (Acepção: *Antigo navio a vela, pequena embarcação*)

Você conhece a palavra **SUMACA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

137. SUSTENTAÇÃO (Acepção: *Abastecimento de alimento, sustento*)

Você conhece a palavra **SUSTENTAÇÃO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

138. TABUADO (Acepção: *Conjunto de tábuas*)

Você conhece a palavra **TABUADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

139. TABULARIA (Acepção: *Uma espécie de tábua*)

Você conhece a palavra **TABULARIA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

140. VERAS (Acepção: *Verdade*)

Você conhece a palavra **VERAS**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

141. VIGÁRIO (Acepção: *Padre que substitui o pároco*)

Você conhece a palavra **VIGÁRIO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

III. ADJETIVOS

142. ABASTADO (Acepção: *Rico, possuidor de bens*)

Você conhece a palavra **ABASTADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

143. ACOMETIDO (Acepção: *Entregue, confiado*)

Você conhece a palavra **ACOMEDITO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

144. ACOMODADO (Acepção: *Instalado, alojado*)

Você conhece a palavra **ACOMODADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

145. AFETO (Acepção: *Partidário, adepto*)

Você conhece a palavra **AFETO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

146. APONTADO (Acepção: *Indicados, referidos*)

Você conhece a palavra **APONTADO** ?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

147. ASSENTADO (Acepção: *Estabelecido, decidido*)

Você conhece a palavra **ASSENTAR**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

148. ASSOMBRADO (Acepção: *Coberto de sombras*)

Você conhece a expressão **ASSOMBRADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

149. BRIOSO (Acepção: *Cheio de coragem, orgulhoso*)

Você conhece a palavra **BRIOSO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

150. CABAL (Acepção: *Completo, perfeito, rigoroso*)

Você conhece a palavra **CABAL**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

151. DE BOA NOTA (Acepção: *Alguém experiente, reconhecido*)

Você conhece a expressão **BOA NOTA**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

152. DECOROSO (Acepção: *Digno, honrado, decente*)

Você conhece a palavra **DECOROSO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

153. DEPOSTO (Acepção: *Destituído do cargo, demitido*)

Você conhece a palavra **DEPOSTO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

154. DERROGADO (Acepção: *Sem validade, anulado*)

Você conhece a palavra **DERROGADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

155. DESCONCERTADO (Acepção: *Confuso, desordenado*)

Você conhece a palavra **DESCONCERTADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

156. DILATADO (Acepção: *Muito, longo, vasto*)

Você conhece a palavra **DILATADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

157. DIMINUTO (Acepção: *Insuficiente, reduzido*)

Você conhece a palavra **DIMINUTO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

158. EMBRENHADO (Acepção: *Escondido, metido dentro de matos*)

Você conhece a palavra **EMBRENHADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

159. ENFADONHO (Acepção: *Incomodado, aborrecido*)

Você conhece a palavra **ENFADONHO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

160. FALTO (Acepção: *Necessitado, desprovido*)

Você conhece a palavra **FALTO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

161. FINDO (Acepção: *Concluído, terminado*)

Você conhece a palavra **FINDO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

162. FRÍVOLO (Acepção: *Fútil, pouca ou nenhuma importância, em vão*)

Você conhece a palavra **FRÍVOLO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

163. INDECOROSO (Acepção: *Vergonhoso*)

Você conhece a palavra **INDECOROSO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

164. IRRESOLUTO (Acepção: *Indeciso, sem resolução*)

Você conhece a palavra **IRRESOLUTO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

165. LADINO (Acepção: *Indivíduo que apresentava certo grau de aculturação, intelectualmente fino*)

Você conhece a palavra **LADINO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

166. LIMITADO (Acepção: *De pouco valor, baixo*)

Você conhece a palavra **LIMITADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

167. LUZIDO (Acepção: *Brilhante, ilustre*)

Você conhece a palavra **LUZIDO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

168. MÓDICO (Acepção: *Modesto, de pouco valor*)

Você conhece a palavra **MÓDICO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

169. OB-REPTÍCIO (Acepção: *Algo obtido por meio de dissimulação, astúcia*)

Você conhece a palavra **OB-REPTÍCIO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

170. OBSEQUIOSO (Acepção: *Que presta favores, obséquios, revela ter boa vontade*)

Você conhece a palavra **OBSEQUIOSO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

171. PERNICIOSO (Acepção: *Que causa dano, nocivo*)

Você conhece a palavra **PERNICIOSO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

172. PERVENCIDO (Acepção: *Perder a validade, caducar*)

Você conhece a palavra **PERVENCIDO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

173. PRINCIPIADO (Acepção: *Iniciado, começado*)

Você conhece a palavra **PRINCIPIADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

174. PROFITENTE (Acepção: *Aquele que professa*)

Você conhece a palavra **PROFITENTE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

175. RELAVADO (Acepção: *Explorado, exaurido*)

Você conhece a palavra **RELAVADO**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

IV – ADVÉRBIO**176. DEBALDE** (Acepção: *Inutilmente, em vão*)

Você conhece a palavra **DEBALDE**?

Pode dar um exemplo desta palavra dentro de uma frase?

Apexos

ANEXO A – Localização de Paranaguá e ilhas no litoral paranaense

Fonte: Maack, 1968. Encarte.

ANEXO B – Ficha do informante

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
1. NOME:		2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: () M () F	5. IDADE:
6. ENDEREÇO:		
7. ESTADO CIVIL: () solteiro () casado () viúvo () outro		
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DE PARANAGUÁ):	
10. ESCOLARIDADE:	11. OUTROS CURSOS: () especialização () profissionalizante () outros	
12. NATURALIDADE: a. da mãe: b. do pai: c. do cônjuge:	13. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? () sim () não	
14. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO :		
15. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	16. PROFISSÃO: a. do pai: b. da mãe: c. do cônjuge:	

ANEXO C – Representação Esquemática do Macrozoneamento Municipal de Paranaguá

ANEXO I MACROZONEAMENTO MUNICIPAL

Legenda

- MR - MACROZONA RURAL
- MU - MACROZONA URBANA

- Rodovia federal
- Rodovias estaduais
- Sistema viário urbano
- Ferrovia
- Sistema viário rural
- Limite municipal

PDDI PARANAGUÁ, 2005
FONTE DE DADOS
Imagem de satélite Spot5, 2005: Cedida por PICS
(Programme International de Coopération Scientifique)
AGEPAR au CNRS, France.
BASE CARTOGRÁFICA

OUTUBRO/2006
DIREITOS RESERVADOS